Nº 1012

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

Dr. Zeferino Candido

1500

BRAZIL

1900

INSTITUTO HISTORICO

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

BRAZIL

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

POR PARTE DO INSTITUTO HISTORICO, GEOGRAPHICO
E ETHNOGRAPHICO BRAZILEIRO

BRAZIL

PELO

Dr. Antonio Zeferino Candido

SOCIO EFFECTIVO

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1900

EXPLICAÇÃO PRELIMINAR

Este livro constitue um esforço immensuravel ; a critica não lhe poderá fazer completa justiça, porque não acreditará a dóse de sacrificio que elle custou e que, bem medido, seria talvez a maior attenuante aos seus defeitos.

D'um vivo desejo de tomar parte na celebração do centenario da India, nasceu o — *Portugal.*— A critica foi generosa por demais ; não lhe notou defeitos e expraiou-se em lhe salientar merecimentos.

Um unico reparo, feito por autor de nota, referiu-se ao ardor patriotico com que foi escripto ; foi, de toda a critica, o que mais captivou o autor. O amor tem de ser quente e o da patria o mais abrazado de todos. Ai dos povos que arrefecem esse sentimento, e que não têm, de vez em quando, os estremecimentos fortes da alta temperatura.

Com essa qualidade do autor, um pouco ainda do temperamento, outro pouco da educação e, em grande parte, do seu sentir patriotico, a empreza de hontem era relativamente facil. Se nem tudo estava feito, no espaço em que escreveu, tudo estava delineado, e para tudo havia origens e documentos.

Era escasso o tempo, mas, aproveitado com as relativas facilidades, deu a obra sem sacrificios de maior.

* * *

Atraz do Gama veiu Cabral; ao centenario da obra d'um, seguia-se o da obra do outro. A obrigação moral que determinára o primeiro trabalho estava, com razões ainda aggravadas, pedindo um outro.

Escrever um livro a respeito do Brazil!

Virou-se o autor antes de tudo para a bibliografia; sentiu-se aterrado! O que se tem escripto sobre o Brazil, em todas as linguas, em toda a parte, assombra! Mais de duzentas obras, que era preciso ler e muitas que era forçoso meditar!

A maior parte dellas fóra da mão, longe das estantes caseiras, esparsas em bibliothecas.

Muitas, rarissimas e preciosas; muitas, fóra do alcance do autor!

E tudo era preciso ler, para que sahisse cousa de utilidade.

Pontos de historiografia, que estavam pedindo documentação, outros um conhecimento geografico, etnografico local.

O autor correu toda a costa do Brazil, de Santos até a extrema do norte. Fez o mais que era possivel com os seus recursos e com os que pôde agrupar-lhe, pela extrema generosidade de tantos que o auxiliaram. Lista que não póde ter cabimento n'uma explicação preliminar.

Voltou carregado de informações de valia e de actualidade.

Teve a idéa de pagar, com a coordenação dessa sua viagem, a sua divida de affectos ao Brazil, fazendo um livro leve, impressionista e de côr muito local.

* * *

A consciencia, nesse periodo de indecisão, repellia a idéa. Esse livro teria cabimento em qualquer época, que não fosse no grande jubileu.

Para este, alguma cousa de mais grave e de maior consistencia.

Trabalhou com affinco e com a confiança, que sempre teve, no grande poder da perseverança.

Leu o que era possivel ler e o que era mais necessario; leu e meditou.

Veiu novo periodo de indecisão, que, por vezes, ia levando ao repudio do fim desejado.

Por toda a parte, a necessidade de destruir; em poucas partes, possibilidade de edificar. Posição por demais desagradavel era essa ; e, no entretanto, a unica justa e a mais necessaria.

Quasi em desanimo final, houve quem se acercasse do autor, incutindo-lhe uma força moral e uma fé que se tinha de todo perdido.

Foi neste momento critico que o autor appellou para o publico, em fórma que elle mesmo não suspeitava. Foi elle, esse publico, essa opinião sempre justa, que sentenciou, em ultima instancia.

Este livro tem, desde o principio, essa felicidade, poucas vezes realizada : é filho do publico, a que, em grande parte, se destina.

Tomou o autor de entre as muitas construcções de historia brazileira que, no seu entender, careciam de total reconstrucção, uma das mais suggestivas, a obra de Villegagnon. Applicou-lhe em publico a sua fórma e vestiu-lhe a nova roupagem da verdade, que a torna total e absolutamente diversa.

Fel-o em conferencias publicas e deu ao seu modo de ver a maxima publicidade na imprensa. Era o seu balão de ensaio.

Não podia ser mais completo nem mais lisongeiro o resultado. De toda a parte vieram palavras de concordancia e de animação.

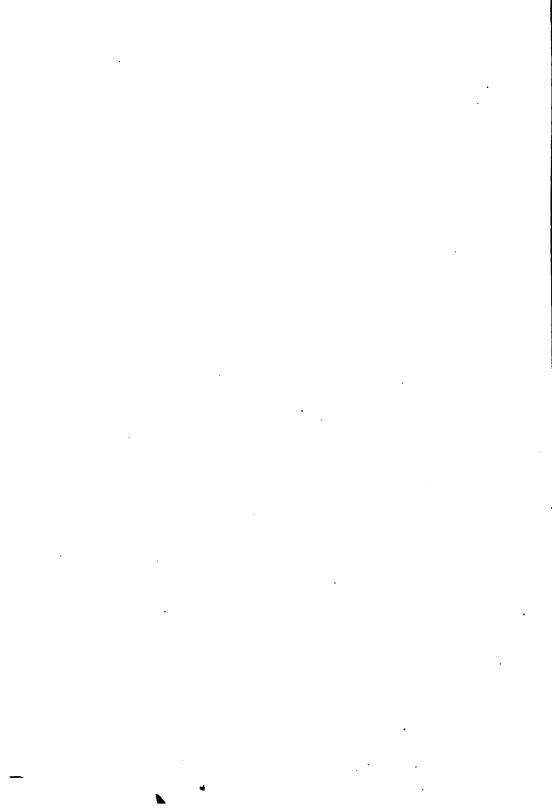
Eis a razão suprema, que encorajou o autor, para dar ao seu trabalho a unica feição possivel com a opinião que formou.

* * *

Falta uma parte final e essencialissima a esta necessaria explicação.

Ao mesmo tempo que o livro ia sahindo, todo destructivo, pela critica, deixando abertos vazios enormes e quasi continuos, em que a luz da verdade ainda não entrou, o autor ia tomando comsigo o compromisso de dar o melhor da sua vida ao estudo e á indagação, com o fim de descobrir materiaes para essa necessaria construcção. Se o conseguir, julgar-se-ha então feliz, por ter pago na melhor moeda que possue a sua grande divida de amizade, de veneração pelo Brazil, a nova patria a que devotou a quadra mais forte e mais productiva da sua existencia.

INTRODUCÇÃO

I

GRANDES NAVEGAÇÕES

As grandes navegações; Colombo, Gama, Magalhães. — A descoberta do Brazil; seu logar no quadro da navegação e conquista. — Determinação exacta da origem desta época; influencia de Portugal, influencia de Hespanha; comparações. — O Infante e o Principe Perfeito; o estimulo e a orientação. — Os grandes descobrimentos, as maiores conquistas. — Caracterisações geraes.

Colombo tocou as terras de loeste, em 1492; Vasco da Gama balisou o caminho do oriente, pelo sul da Africa, em 1498; Magalhães, ou quem lhe ultimou a empreza, completou o abraço do mundo, pelo sul da America, em 1522.

São os tres grandes factos que caracterisam magestosamente a época dos descobrimentos e da conquista. Formam os tres eixos principaes deste systema crystallino, em que se corporifica a civilisação occidental; reclamam e justificam, pela sua fructificação, o respeito que merece esse trabalho elaborativo que os produziu; subordinam e orientam, por evolução facil, logica, natural, necessaria, o movimento posterior, tão fecundo, tão cheio de realidade e de generalidade.

Estes trinta annos que decorrem, allumiados predominantemente por estes tres astros de primacial grandeza, formam como que a reducção convencional do problema

dos tres corpos de Laplace e Lagrange, em que uma abundante lista de factos subordinados inscreve a sua influencia no trama, na plastica, na estructura da grande e porventura da maior epopéa da historia da vida humana.

E' onde vem ter, onde se acha inscripta e collocada a descoberta do Brazil.

Por um lado, exorna de grande brilho o quadro da viagem do oriente, fecundando a obra do Gama, donde immediatamente deriva; por outro, abre horisontes novos á conquista, suggestiona a procura do sul deste novo continente, formula o problema da montagem e da travessia, aponta a Fernando de Magalhães uma gloria egual á que D. João 2º talhára aos seus navegadores.

E' onde o facto, que enche de renome Pedro Alvares Cabral, recebe uma nova luz, toda de verdade, de logica e de justiça, que a critica até hoje lhe deve; é onde esse facto, um dos mais ricos em consequencias de todas as ordens, se eleva da sua esteira, de primeiro aspecto secundario, á sua real posição em que se emparelha com o de Colombo, do Gama e de Magalhães.

* * *

Portugal é o centro onde, pelo decurso de todo o seculo XV, se preparam as forças impulsionaes deste extraordinario movimento; onde se accumulam todos os materiaes para tão assombrosa missão; onde se definem e caracterisam as resoluções audazes para tão altos commetimentos.

Se, na historia das realizações, a fama e a gloria se repartem e Hespanha se emparelha, chega mesmo, pelos resultados immediatos, a anteceder Portugal, não se esqueça que nada pertence a Hespanha no que a obra tem de mais amargo, de mais trabalhoso, de mais difficil e desanimador; na quadra rigorosa da elaboração, no periodo ingrato das preparações instruccionaes.

Se não quizermos induzir de especiosas aptidões ethnicas, de colorações diversas de ideaes que ás vezes levam a distinguir directrizes muito distinctas em povos de origem commum, hemos de derivar determinantemente o facto da diversa constructura politica dos dous paizes.

No principio do seculo XV, a luz da Renascença batia na extrema peninsular, n'um reino substancialmente feito e preparado para lhe absorver fecundamente todos os raios. Reinava a paz e a confiança em todas as camadas, fundiam-se todas as energias n'uma identidade de aspirações remansosas.

O respeito, conquistado nas lutas da integridade do solo e das instituições, garantia contra assaltos externos; a sujeição voluntaria do povo a uma fórma politica que nascera do intimo abraço de todas as classes; a leal e digna administração d'um principe que, no exercicio do poder, jámais esquecera a origem excepcionalmente democratica e caracteristicamente nacional que lh'o outorgára; tudo isto dava a este povo essa feição asada aos mais altos emprehendimentos.

Era, porém, bem outro o estado de Hespanha na mesma época. As lutas com Portugal deviam trazer á alma desse povo uma feição tão diversa, como diversos haviam sido os resultados dellas para os dous reinos vizinhos; a fórma heterogenea da constituição ethnica creava embaraços invenciveis á circulação nacional de ideaes que não se prendessem á intima elaboração organica da sua unidade. A visinhança da civilisação arabe era uma ameaça permanente, um pesadelo atroz, que não permittia pensamentos estranhos ao da guarda do territorio.

Este estado mantem-se, com intensidade maior ou menor, por todo o seculo XV, isolando Hespanha dessa acção maritima que Portugal tórna effectiva e efficaz, desde 1415, com a tomada de Ceuta.

* * *

Em 1492, Hespanha tem obtido uma unidade politica, que, embora não seja acompanhada da fusão ethnica, nunca realmente obtida, foi sufficiente para, nas mãos do governo firme e poderoso d'uma mulher extraordinaria, expulsar definitivamente da peninsula a dominação arabe, restaurando a uma raça e a uma civilisação o territorio que lhes fora invadido e por sete seculos occupado. As lutas civis, as lutas internacionaes que conduziram a este logar historico de Hespanha, têm, é certo, todas as virtudes e energias patrioticas que deviam encaminhar este povo pelas mesmas derrotas em que viajára a patria lusa. Tóro é, neste sentido, a Aljubarrota de Hespanha. A differença é apenas chronologica ; Tóro vem quasi um seculo depois de Aljubarrota; por ahi se tem de medir a differença dos dous povos para a obra da civilisação, juntando a importancia dessa differença chronologica, quando ella se dá n'um periodo de profundas transformações, como era aquelle.

E' nesta data, memoravel para Hespanha e para o mundo, que este paiz, agora armado de todas as principaes condições para a conquista do ideal, atira para o outro lado do mediterraneo o invasor e terrivel inimigo de seculos ; leva á riba desse mar a sua fronteira e reconhece, pela primeira vez, a necessidade, agora indeclinavel, de se defender, além dessa fronteira, das possiveis e mesmo provaveis invasões. A Hespanha assenta ahi a sua origem maritima, a sua comparticipação nos descobrimentos e conquistas de que a sua vida colonial é uma natural illação.

Não se perca, porém, de vista que, a este tempo, Portugal tinha prestado a Hespanha o grande serviço de enfraquecer o poder dos mouros na costa africana, facilitando a conquista de Granada e ainda formando com as suas praças de Africa a antemural ás futuras invasões.

Portugal tinha costeado toda a riba occidental da Africa, descoberto e colonisado as ilhas principaes do Atlantico que se relacionam á sua rota tradicional, tinha resolvido todos os problemas essenciaes da navegação. Em menos d'um

seculo, este paiz de algumas leguas de terra e de alguns milhares de homens, tinha, por si só, isoladamente, ainda, por vezes, no repudio e na contrariedade de casa e de fóra, armado o braço e o cerebro da civilisação para a conquista universal do mundo. Ahi surgiu a primeira haste á arvore da Humanidade ; ahi se forjaram os braços de luz e de amor que deviam mais tarde enlaçar a especie na mais bella e na mais digna das palavras até hoje creadas pela civilisação — a Fraternidade.

* * *

E era pequeno e era só, nesta acção deslumbrante de iniciativa e de resoluções ! Que de coragem, de energia, de tenacidade e de persuasão é indispensavel conceder a esta raça, ao contemplar-lhe serenamente as acções e os recursos !

Que consoladoras emanações de respeito devem ainda hoje de inflammar seus filhos, ao reverem-se nesses quadros de generosidade, de abnegação sem limites, que formam a mais honrosa das glorificações do lidar deste povo !

Era só ! Se de Italia e principalmente das duas grandes republicas mediterraneas lhe vieram elementos de valor, corrija-se o facto, reconhecendo-se que era uma collaboração mercenaria e inconsciente, toda vasia de ideal. D'outra fórma, não seria a Italia e muito menos Veneza e Genova, as duas rainhas do mediterraneo, monopolisadoras de todo o commercio levantino, que viessem concorrer para a sua propria ruina, que outro não era o destino da obra de Portugal. O eixo desse commercio, desviado do mediterraneo para o caminho do sul africano, traria, como trouxe, a Lisboa o senhorio, que todo pertencia ao Egypto e ás ricas cidades em questão.

* * *

Duas palavras mais de quem deseja justificar plenamente a sua effusiva veneração pelo passado da sua raça. Hespanha surge, no fim deste grande seculo, marinheira e conquistadora de terras ignotas, com uma decisão e um triunfo que lhe criam immorredora gloria. Eu amo, com esse respeito que impoem os grandes momentos historicos, um povo que tem epopéas como esta. Uma necessidade politica, obrigou, porém, Hespanha a essa feição.

Portugal é, desde o inicio da sua epopéa maritima, o sacerdote e o soldado d'um messianismo inato, desinteressado e voluntario.

Granada e Ceuta ! eis os dous marcos. Pois bem ; tirai-lhes a infinita desegualdade que lhes vem da chronologia ; tomai-os por cœvos, esses dous marcos.

Analysai-lhes a estructura intima ; lêde-lhes as inscripções da historia que elles relembram.

Tereis fatalmente caracterisado, em differenciações que se não illudem nem apagam, o que ha de diverso na vida épica destes dous povos.

Granada é um interesse ; Ceuta uma abnegação.

Esta, um artigo de fé ; aquella, um preceito da patria.

Uma, circumscreve um egoismo ; outra, abre horisontes de humanidade.

* * *

Dous vultos se alevantam, neste periodo preparador ; directores, grandes responsaveis, causas principaes, forças determinantes do movimento — o infante D. Henrique, o *navegador*, D. João 2º, o *grande rei da Renascença*. Caracterisemos.

O infante é o iniciador que chama para o mar a nação de seu pai, de seus irmãos e de seu sobrinho, apontando-lhe, com uma persuasão invencivel, que chega a ser feroz, um novo destino, um novo ideal, por entre as brumas do *Tenebroso*. E' heroica, chega a parecer incomparavel, esta tena-

cidade, que não quebrantam os revezes, que não reduzem os prejuizos, que não intibiam as murmurações.

Embora bafejado por seu pai, favorecido por seus irmãos, tolerado por seu sobrinho, ao infante faltou essa grande força moral e material que só o throno possuia e que este inutilmente podia transferir, pensando que lhe transferia tambem a sua virtude essencial. A sua obra, por mais que a abriguem prerogativas e concessões, fica sempre, no fundo, com a feição particular e individual. Os tres reinados e uma regencia, que ella atravessa, não quizeram fundil-a em moldes que lhe dessem essa côr e essa luz de autoridade, com que ella teria ganho em todos os sentidos.

No principio, quando as viagens, por todos os lados aventurosas, se não podem subordinar a outro movel que não seja o fanatismo religioso, quando o lucro material não póde suspeitar-se e a previsão geografica e a educação scientifica se não podem localisar em Portugal, o infante lutou contra todas as difficuldades, forte e austero como um illuminado ! E' quando a sua gloria é limpida, e as mais bellas qualidades do seu caracter se manifestam ; é quando se sente alli a alma e o sangue de Aviz e a educação irreductivel de Nuno Alvares Pereira ; é quando elle, só por si, resume e representa o ideal d'um povo e d'uma patria !

Não tinha, além dos seus haveres como donatario, recursos que não viessem das esmolas do pai e da obediencia e estima de seus criados. E com isso dobrou o Cabo, donde se voltava ou não, e com isso descobriu e povoou algumas ilhas do Atlantico.

Vieram as rendas e os braços da Ordem de Christo, vieram as concessões de Roma e da corôa, veiu a renda das novas terras. A obra do infante, fartamente lubrificada pelo interesse material, delle como chefe, de todos como obreiros, despe as bellas roupagens em que se alindava, até essa feição depravante do assalto, da rapina, na fórma apparente, mas assim mesmo repellente, do resgate ; caça e mercancía do negro, do infeliz e misero ser, que tinha de atravessar

quatro seculos de desventuras sem par. E' essa a mancha terrivel, que a civilisação occidental, com o brilho de todas as suas jactanciosas conquistas, nunca conseguirá dissipar.

* * *

A passagem do Cabo Bojador, em 1433, marca o apogeu glorioso da obra do infante, no que ella tem de valor real para a geografia, de suggestivo para outras e maiores emprezas; no que ella affirma de tenacidade e de abnegação a quem a executou.

Dahi em diante, fundam-se as companhias de Lagos, com fins gananciosos e deshumanos; fervilham os aventureiros, que vêm negociar com o infante, o grande emprezario, e o ideal e a aspiração nobre e generosa trocam-se por mercantilismo insaciavel, revestido dessa fórma depravada da perseguição, caça e traficancia do natural.

Cae de molde a renovação e fortalecimento do juizo sobre a pretendida e nomeada — *escóla de Sagres.*

Conduzida nas azas leves de uma litteratura que se alimenta de phantasias, totalmente abandonada da critica severa, que esmerilha origens e disseca as correntes, até pôr o pé firme nos alveos, a lenda foi engrossando, até circumscrever a Sagres uma academia, um observatorio e um arsenal de construcção!

Quando, em meiados deste seculo, foi publicada a legitima e unica fonte de documentos do tempo [1], a lenda já estava feita e augmentada, sem elles; a rotina já tinha produzido os seus naturaes effeitos.

Azurara, o chronista-biografo, relata apenas que o mestre de Christo passava noites inteiras na vigilia e na meditação; foi quanto bastou para confirmar o desconchavo.

Da importancia material da *Villa do Infante*, dá ideia completa o mesmo chronista, affirmando que, até a data

[1] Azurara — Chronica do descobrimento da Guiné.

em que escreve, quando a obra do *solitario de Sagres* já de todo empalidece, a povoação se reduz a algumas poucas casas e aos muros que lhe circumdam a área.

Verifica-se a vinda a Sagres de mestre Jaime, um majorquino cosmografo, porventura a consubstanciação de toda a sciencia nautica do tempo, na chamada escóla catalã. Mandado vir pelo infante ou atrahido pelo interesse, o facto da estada de Jaime em Sagres colloca-se em 1438.

Seria esta a data da fundação da escóla, incompativel com a vida do infante em tal occasião. Em 1437 fôra o desastre de Tanger, que sombreára fortemente a alma do seu principal factor.

D. Duarte morre justamente em 1438 e D. Henrique anda pela côrte, desde a morte do irmão, absorvido nas tristes scenas de familia e da regencia, em que toma parte principal [1].

Volve á conquista em 1440. Antão Gonçalves traz ao reino o primeiro negro e a primeira carga de azeite de peixe, em 1441. Requereu-se ao Papa a bula do monopolio e á Regencia a decretal que abria mão dos direitos da coróa, e foi-se para os syndicatos de Lagos.

Daqui em diante, o centro de todas as expedições maritimas é esta bella e notavel villa de pescadores e lobos do mar, viveiro de homens audazes, praticos, rudes e ignorantes, donde sahiram os navegadores e descobridores do infante. Onde, pois, collocar a escóla de mestre Jaime majorquino?

Mas, em 1439, Valseca, cartografo, patricio de mestre Jaime, desenha a notavel carta, onde se acham todos os exactos contornos da costa africana, percorrida pelos navega-

[1] Té o anno de trinta e nove não achamos cousa notavel, que se fisesse neste descubrimento, porque em este meio tempo faleceu el-rey D. Duarte irmão do infante D. Henrique, e leixou o principe dom Affonso seu filho, que reinou em edade de seis annos; e por causa das suas tutorias houve tantas dissensões, e differenças no reino, que cessaram todalas cousas deste descubrimento té o anno de quarenta, em que o infante mandou duas caravellas etc.— *João de Barros;* Década 1, Liv. 1, Cap. VI.

dores do infante, com os mesmos nomes que aos logares haviam sido dados por seus legitimos descobridores.

Por completa mystificação e manifesto roubo, Valseca inculca ter conhecido os elementos da sua carta pela viagem que aos logares fizera um seu patricio Ferrer, viagem tão fantasiosa, que, para evitar exames mais rigorosos, se affirma que Ferrer não voltára della; nem elle, nem o barco! Se não voltou a expedição, por onde viriam ás mãos de Valseca os preciosos apontamentos?!

A viagem, por onde se construiu a celebre carta, foi a de Jaime a Sagres, em 1438; a escóla que este fundou ahi, foi de certo a que o infante teria prohibido e evitado, se o animasse um sentimento de legitimo orgulho patrio.

* * *

Com D. João 2º, a empreza assume as suas grandiosas proporções, revestindo-se, desde logo, de todas as condições e garantias precisas para attingir o seu grande fim.

O pai enfeudára-a na corôa, ainda em vida do infante; depreciára-a moralmente, alugando-a como reguengo. Fôra o Principe Perfeito que, de vida do pai, fizera assignalados esforços para a dignificar, imprimindo ao costeio da Africa essa feição dupla — de povoamento civilisador em todos os logares percorridos, de elemento preparatorio, de directriz para a India, pólo de convergencia de todos os esforços.

Preparava, na sua mente resoluta e forte, um futuro de gloria e de riqueza para o reino e para o throno, emquanto o pai esboroava throno e reino em desatinadas conquistas, em servis e torpes bajulações, em liberalidades descomedidas e prejudiciaes.

Vencidas as primeiras, mais urgentes necessidades do reino, D. João 2º lança mão de mestre á grande obra, revestindo-a e acompanhando-a de todas as condições moraes e materiaes de que ella carecia. Vem de fóra Martin Behaim, o melhor cosmografo conhecido, e, com elle, com dous judeus

entendidos e alguns bispos viajados, funda, no proprio paço, essa tão celebre academia de nautica que dirige, inventa, aperfeiçôa e organisa. O rei preside a todos os trabalhos, estuda, discute, aprende e dirige a seu turno, tornando-se o verdadeiro mentor espiritual desta agremiação scientifica.

Por um erro de projecção, envolvendo outro erro de chronologia, não raro se encontra reportado a Sagres e á obra do infante o reflexo luminoso desta Junta de Mathematicos de D. João 2º. A maior densidade da lendaria escóla de Sagres tem sido construida com este erro.

As expedições de terra e mar de D. João 2º annunciam, a quem as profunda, a superioridade da época e do rei que as organisou. Ha nellas uma homogeneidade, uma convergencia de fim, uma previdencia e uma feição nacional, desconhecidas nas expedições anteriores. Todas as partes desta empreza concorrem essencialmente para um fim e de tal fórma, que a suppressão de qualquer destróe a necessaria integridade.

Diogo de Azambuja, Diogo Cão e Bartolomeu Dias são tres figuras perfeitamente equivalentes e da mesma necessidade á caracterisação da obra de D. João 2º.

São tres homens, entre muitos, entre dezenas de outros, que podemos destacar como discipulos desta escóla, autenticada e fecunda, com o direito de pedir da escóla de Sagres alguem que se lhes possa comparar; em sciencia nautica e harmonia de mentalidade, em identidade de processos, em valor moral e material da sua obra. Colombo era e confessava-se filho desta escóla; aos marinheiros de D. João 2º tinha por mestres ou por eguaes. Cadamosto considerava-se um mentor, um sabio, um mestre dos primeiros navegadores do infante, com quem trabalhou. Este facto não abona Cadamosto em superioridade a Colombo; seria uma insania. Este facto abona a escóla e a época de D. João 2º sobre a época e a escóla do infante.

Dá-se geralmente como motivo das navegações e da conquista o fanatismo religioso e a desmesurada ambição de fortuna. E' outro erro de projecção de uma época sobre outra,

agora em sentido contrario. E' como, por este duplo erro accumulado, se construiu por fim uma apreciação duplamente desfavoravel, porque é duplamente injusta e falsa.

Os marinheiros do Principe Perfeito, quer revestidos da responsabilidade do commando, quer obscuros milicianos desta cruzada gloriosa, adquiriram, no meio moral que a todos influenciava, essa constructura nobre e digna, que facilmente se reconhece em toda a obra e em todos os detalhes.

Em todos corria esse mesmo sentimento do amor da patria, do amor da gloria, que os cavalleiros do mar guardavam em cadinho da alma, onde não chega a sordida avareza.

Era esse sentimento poderoso e egoista que creava em todos a preferencia intransigente pelas cousas e pelas glorias da patria, uma systematica repulsão ás interferencias estranhas, consideradas sacrilegas, impuras, na celebração do culto nacional. Era um jacobinismo real, no sentido em que esse sentimento constituia para a época uma virtude essencial e fecundante e que hoje, não raro, se considera uma aberração conducente a erros e a injustiças. Cada época com suas tendencias e com os seus julgamentos.

Propaga-se hoje uma doutrina com grandes convergencias humanitarias, philosophicas e dizem até que altruistas — suppressão de barreiras internacionaes, de patria, de classes e de raças. Desconfio muito de uma doutrina, que vem dos poderosos para os fracos, pelo inconsciente vehiculo do sentimentalismo.

Vi proclamar-se a liberdade dos africanos, acobertando-se com essa generosa couraça o monopolio da escravidão.

Vejo propagar a doutrina da independencia das colonias, para por esse meio se augmentar o poder territorial. Esticado, semelhante principio já chegou a dar a definição da nacionalidade pela condição imprescindivel de ser poderosa ou morrer!

Pergunto, então, se não será o jacobinismo a final garantia do sagrado direito de existir?

* * *

Não é só porque descobriu terras do novo continente, que a primeira viagem de Colombo, de Palos ás Antilhas, tem a suprema importancia que lhe pertence; mas porque, sendo o primeiro a atirar com as prôas dos seus barcos para o pégo, que até ahi era apenas ladeado em viagens costeiras, Colombo pulverisou, de modo definitivo, a lenda do mar tenebroso.

Como o viajante intrépido que rompesse por meio de selva, densa e escura, supposta impenetravel, povoada de fantasmas, gigantes e anões; havia quem lhe beirasse os contornos e que tinha a mesma decisão para atravessal-a; mas o encanto, quem definitivamente o quebrou, foi elle, o que largou, machado em punho, por dentro da espessura.

A America seria achada, na sequencia das navegações portuguezas, se Colombo se não antecedesse. Talvez mesmo pelo norte, antes que Cabral a tocasse no sul. No estado a que chegára o problema da navegação, pelo influxo de D. João 2º, a India tinha de ser descoberta e a viagem do Gama viria a valer a de Colombo, quanto aos receios do largo mar, porque a travessia do golfão indiano dava do problema a mesma solução pratica e definitiva. Se as viagens dos Cortereaes ou d'outros se não interpozessem, em directriz diversa, viria Cabral, como veiu, atraz do Gama, amarando-se systematicamente; tocaria a costa do Brazil e por ahi viria o continente todo.

E' tambem certo que, no facto de Colombo, Hespanha entra mais como jogador feliz, do que como factor systematico da conquista. Colombo não era hespanhol, nem de sangue, nem de educação. Problema algum, conducente á grande solução, fôra solvido em Hespanha. Ainda; não havia lá tendencias sequer para semelhantes emprezas, quanto mais ideaes patrioticos para executal-as. Ahi sim, que o *mero acaso* tem para si uma parte de valor.

Entretanto, é força reconhecer que foi a viagem de Colombo que soterrou a lenda do tenebroso e abriu de par em par as portas do oceano na pratica effectiva da grande

navegação. Collocados neste ponto de vista justo e insuspeito, é claro que repellimos a doutrina, falsa e illogica, de que aquella lenda já se achava destruida pelas viagens anteriores dos portuguezes.

Não tinha ella já, é certo, a infinita floração da lenda medieval, rendilhada nos mil recortes das ficções hellenicas e arabes; estava-se apparelhado de todo o preciso para a sua total destruição; havia abundancia de animo para a decisiva batalha. Mas esta, foi dada e vencida por Colombo.

Vêde-o na arena, o touro bravio, espumante de raiva, olhar feroz, atirando ao ar nuvens de terra. Em volta, o grupo dos que lhe espreitam todos os movimentos, se dobram ao mais leve signal de decisão. Juraram domal-o, vencel-o, e cada qual aguarda a sua vez, o momento propicio de lhe cahir na cabeça. Na contemplação da raiva da fera bebem-se haustos de alegria selvagem, porque essa raiva augmenta a gloria, augmentando a luta que vai travar-se.

Coube por fim a sorte a um. Bateu-lhe palmas, chamou-o a si; cahiu-lhe entre as azas; domou-o.

Era tão bom como qualquer; sabia o mesmo que todos; tinha para a luta uma decisão egual á de muitos. Mas foi elle quem pegou o touro.

* * *

Vasco da Gama, batendo na costa do Malabar, em 20 de maio de 1498, completava a resolução desse problema tradicional, atraz do qual vinham tenazmente batalhando gerações, a cuja execução se circumscrevera o mais ambicionado ideal d'um povo.

Esse ideal e essa luta abrem os umbraes desta grande época.

No sentido geral, no valor chronologico da iniciativa para total descoberta do planeta, com todas as fecundas consequencias que se lhe derivam, a viagem do Gama perdeu de valor, porque Colombo se lhe antepoz de cinco annos.

Geograficamente, contrapõe-se a qualquer, com valor notavel, se não com vantagem. Fechou o magno problema da discriminação do continente africano, corrigindo a classica geographia dos arabes, fornecida por Ptolomeu; evidenciou o isolamento das terras no sul e converteu o supposto golfo indico em mar exterior.

Scientificamente, abriu campos não menos extensos á exploração e forneceu noções, não menos fecundas e numerosas, do céu, da terra e dos mares.

No céu, divisou gemas de brilho e de côres que não haviam sido ainda vistas por olhos occidentaes; adiantou a noção do isolamento do planeta pela provada continuidade da constante distancia da abobada, em tão diversas latitudes e longitudes.

Na terra, observou fórmas e ondulações continentaes muito variadas, climas de muito diversas naturezas, raças, especies vegetaes e animaes, nunca vistas, tribus humanas e fusões ethnicas muito mais variadas do que as vira Colombo.

No mar, presenciou todos os grandes factos da sua accidentada natureza; muitos, não percebidos por Colombo; muitos, que grandemente preparavam para as futuras navegações e em especial para a de Magalhães. Os ventos regulares e irregulares, as correntes maritimas do Cabo e do mar indico, as calmarias da Guiné; os monsões, poderosos auxiliares da navegação do oriente; os alisados, não menos importantes para a navegação do Atlantico austral:

Socialmente porém, no seu reflexo sobre a civilisação, a viagem do Gama tem uma importancia incomparavel e toma o seu logar de eixo principal, como lhe assegurámos, no sentido de que completa o systema geral, trazendo-lhe uma directriz originaria.

O commercio oriental, que era e havia sido, desde muitos seculos, a grande e principal fonte de riqueza da Europa, fazia-se, por terra e por mar, até o Egypto, primeiro entreposto, e dahi, pelo mediterraneo, vinha ás cidades de Genova

e Veneza. Estas sahiam com elle nos seus barcos, a mascatear pela costa occidental até a Flandres.

Uma repugnancia indestructivel, baseada n'um antagonismo religioso e n'uma repulsa correllativa de duas civilisações irreconciliaveis, tornava odioso este commercio, quebrando-lhe a necessaria homogeneidade e harmonia.

Lutára seculos a civilisação occidental, abraçada á ideia christã, com a familia mahometana, em que se haviam fundido muitas raças, de muito diversos estados de cultura.

As armas haviam dado triunfos definidos aos cavalleiros da Cruz e as fronteiras do velho imperio dos Cesares, depois de muito movimentadas, firmaram-se, pelo oriente, numa posição, que chegou a ter-se por inexpugnavel.

Mas o turco, monopolisando as riquezas orientaes, oppunha uma supremacia material, que se convertia em permanente ameaça de invasão avassalladora. Em mais perigoso contraste, os costumes romanos tinham-se diluido em banhos de prazeres refinados, que adelgaçavam a força deste povo, abrindo brechas ao turco, pelas quaes em breve este tomaria posse definitiva de toda a Europa christã.

Constantinopla era sua; Roma estava ameaçada da mesma sorte; o mediterraneo era franca estrada do commercio turco. Este abraço de ferro quebraria em pouco as ultimas resistencias do occidente.

E' neste momento, um dos mais caracterisados e dos mais bellos que se contemplam na historia, que Vasco da Gama abre, pelo sul, o novo caminho commercial á civilisação, de que elle foi, em resumo, o grande e definitivo salvador.

A' abertura da estrada, segue-se a concurrencia commercial, que se firma pela força e se dilata pela persuasão, em fórma de propaganda; por todos os meios, chega-se ao monopolio e á destruição do competidor.

O Egypto, todo o mediterraneo, com as suas bellas e altivas cidades, cahem na miseria; Lisbôa, em natural suc-

cessão, converte-se rapidamente na primeira cidade da Europa, pela opulencia e pelo movimento do commercio.

A civilisação occidental assenta a sua hegemonia n'uma base indestructivel: governa o mundo, encaminhando-o por uma senda de progresso scientifico, que lhe garantirá eternamente a sua gloria e o respeito de todas as edades.

Parallelamente, veiu o triunfo final da ideia christã e Roma impunha-se como arbitro supremo do mundo. O Legado de Christo e o Legado de Cesar, o altar e o throno, formam esse diumvirato director da humanidade.

Eis, a largos traços, a obra do Gama.

Depois, Cesar cedeu e o Legado de Christo abusou. Veiu a Inquisição e a Reforma. O mundo soffreu e a religião tambem.

No profano, quebraram-se os laços de solidariedade, e as correntes sociaes, guiadas por diversos e até antagonicos principios, abriram sulcos profundos na mesma familia. O mundo moderno vem dahi.

A obra do Gama, nem lhe absorve a gloria, se ella existe, nem lhe carrega a responsabilidade. Novas causas se interpozeram, quebrando a continuidade obtida.

* * *

Fernando de Magalhães, atravessando do Atlantico ao Pacifico, pelo sul da America, abrindo a passagem que conserva o seu nome, resolvia geograficamente o problema da descoberta do Novo Mundo, cortando de vez esse cordão umbilical por onde todos os marinheiros antes delle o ligavam á Asia. Colombo tocára na India occidental e tal nome se dera e se conservára ás terras que elle foi o primeiro a ver. Na sua segunda viagem, ao deixar Cuba, em 1494, escrevia elle — « queria continuar para poente e voltar a Hespanha por mar, tocando em Ceylão e rodeando toda a terra dos negros; ou por terra, atravessando Jerusalem e Jaffa »; que não o fez por falta de aviamentos. Morreu nesse engano de alma.

Cabral, no dizer de Caminha, tivera a mesma illusão. Pero Vaz data o seu precioso documento da Ilha de Vera Cruz. Indios se chamaram os homens que se encontraram na terra, certamente porque na India se suppunham os que os viram e denominaram.

Tem com a do Gama notaveis semelhanças, esta viagem de Magalhães, para quem de perto as confronta.

Influe, muito mais valiosamente que a de Colombo, para dignificar Hespanha, não tanto pelo que esta viagem tem de valor para a conquista civilisadora, como pelo que ella tem de affirmante d'um ideal patriotico e d'uma orientação systematica da influencia hespanhola nas resoluções geograficas.

Como a India fôra por muitos annos o ideal portuguez, o pólo de convergencia de todas as lides maritimas deste povo, Malaca fôra, em periodo muito mais curto, mas de muito mais intenso lidar, o ideal hespanhol, o pólo de convergencia da melhor parcella dos seus esforços.

A uns, deve-se a decifração da sphynge do sul africano e a derrota de meia esphera, a outros, o não menos importante devassamento do sul da America, com a travessia da outra metade.

Nesse sentido, o Gama e o Magalhães abraçam o mundo nos vinculos da sua obra ; levantam-se como sacerdotes da religião egoista de dous povos ; legalisam suasoriamente a sentença de Alexandre VI ; tomam na historia fórmas superiores a outras quaesquer.

No rigoroso sentido dos termos, Magalhães não propunha a Hespanha o problema da circumnavegação ; dizia que ia a Malaca pelo occidente.

Nós é que lhe engrandecemos a obra, duplicando-lhe a extensão. No rigoroso sentido, devemos dizer que Magalhães completou esse problema, sommando-se ao Gama e a Affonso de Albuquerque.

Este, o grande conquistador do oriente, entra nobremente no problema, em todas as suas faces, em todas as suas comprehensões.

Albuquerque foi de Cochim a Malaca, dobrando a ponta austral da Asia. Geograficamente, é o terceiro na partida.

Albuquerque foi o real preceptor de Magalhães; influencia suggestiva e educadora, não menos importante.

* * *

E o descobrimento do Brazil, trazendo em si o conhecimento de toda a costa austral, torna-se condição indispensavel para a procura occidental de Malaca. E a procura de Malaca, em doze annos consecutivos, ao passo que constitue a melhor pagina da historia geografica de Hespanha, abre, para a boa comprehensão da importancia do descobrimento do Brazil, um ponto de vista novo, mas de indispensavel consideração.

Esse problema, que inflammava por egual os dous paizes rivaes, um pelo interesse de ir ao pólo procurado, outro pelo de impedir a viagem, é que chamam para esta região uma solicitude e uma frequencia, por onde, em grande parte, tem de explicar-se a superioridade dos conhecimentos que se adquirem no sul, emquanto o norte se mantém por muitos annos n'um atrazo muito consideravel.

E' neste ponto tambem que o facto da descoberta do Brazil assume, na ordem dos grandes acontecimentos geograficos, uma importancia excepcional, que o colloca em elevada posição.

A viagem de Magalhães, além da sua importancia geografica e politica, que desde logo lhe justifica o logar que lhe assignámos, tem para a sciencia franquias extraordinarias e excepcionaes, que podem, nesse sentido, convertel-a na mais importante, porque a mais util das tres.

Neste periodo de trinta annos, excepcional e incomparavel, o mar é percorrido em todas as direcções, a terra conhecida e conquistada em diversas zonas, o céu observado em latitudes novas.

O mundo das antigas ficções vae sendo substituido pelo das realidades e a ideia exacta do Cosmos vai-se definindo nas suas linhas geraes.

A natureza nova, variada e immensa, impõe-se á imaginação; o seu influxo sobre a alma é irresistivel e a educação scientifica do homem começa a equiparar-se com a qualidade dos problemas que se lhe apresentam á solução.

Leonardo de Vinci deve ser tomado como o typo desse homem novo, desse homem renascido e preparado de feição para a nova época de positividade real e objectiva que se inicia com a descoberta e a conquista. « Dobbiamo cominciare dall' esperienza, e per mezzo di questa scoprirne la ragione », são palavras suas de 1498, que o fazem, juntamente com os desdobramentos fartos que deu a este principio, que o fazem, com justiça, o creador do methodo scientifico, a que o mundo moderno deve toda a sua abundancia de saber.

Desde que se costeou toda a Africa até o Cabo, se atravessou até a America e até a India, e se ia vendo, na bella phrase de Garcilaso de la Vega, mudar, ao mesmo tempo, a terra e os astros, o céu com a sua pintura brilhante e variada de constellações, de nebulosas e de sombras, devia naturalmente chamar a uma educação diversa e mais real do que a que era possivel no tempo de Hiram, dos Ptolomeus, dos gregos, romanos e arabes, que apenas poderam ver a immensidade, de pontos, limitados pelas columnas de Hercules e pela costa occidental da India.

Não deve esquecer-se a parte essencial que teve nesta educação contemplativa, tão extraordinariamente fecunda, a bella e incomparavel região celeste do sul, principalmente a que se mostra entre 50° e 80°. Este céu tão esbatido de nebulosas, tão semeado de constellações, figurando tantas e tão variadas modalidades, as regiões escuras intercaladas ás regiões brilhantes, até a formação dessas trevas profundas, manchas negras, desde então chamadas *saccos de carvão*, este céu lindo, poetico e amoroso, tem um logar

indiscutivel na epopéa da navegação. Nesse céu de fundo anilado, mas de um azul mysterioso, indecifravel, escrinio e exposição de quantas joias existem variadas na cor e no brilho, reina, como sultana em povoado harem, essa região da *Cruz do Sul*, a mais bella de todas as regiões do céu. Ahi se balança mollemente a constellação que, desde antigas edades, parece ser o guia das raças e das familias que se espalham pelas regiões do baixo hemispherio. Ainda no seculo IV, os anachoretas, da sua Thebaida, viam a Cruz do Sul na sua culminação por 10º de altura, porque o Dante a celebra no Purgatorio, com os tres versos:

Io mi volsi a man destra, e posi mente
All'altro polo, e vidi quattro stelle
Non viste mai fuor ch'alla prima gente.

O seu nome, todo revelador da sua importancia (croce maravigliosa), acha-se em Andréa Corsali, florentino, por 1517, em Pigafetta por 1520. Acosta relata que os primeiros marinheiros hespanhóes se serviam da Cruz como de relogio celeste, medindo a sua inclinação.

Mas o seu nome, suggestivo e feliz, foi-lhe dado certamente porque ella, além do rumo que segurava ao marinheiro descobridor, impunha o respeito aos cavalleiros christãos, trazendo-lhes sempre a alma inclinada para a sua nobre missão moral. Esse influxo salutar muitas vezes se apagou na mente dos guerreiros e dos aventurosos, quando elles fechavam os olhos da fé para abrir os da cubiça e dos odios ferozes. São essas, infelizmente, as grandes manchas que maream o brilho da grande época.

* * *

No mar, viram-se todos os seus phenomenos, todos de caracter e origem dynamicos como a sua natureza. Os rios que o atravessam em todos os sentidos, as correntes pela-

gicas regulares, mais frias e mais quentes, seguindo a lei physica que essencialmente as produz, se não foram explicadas e reduzidas, como na época das grandes reflexões, foram entretanto vistas, apreciadas e aproveitadas. Os navegadores da Guiné e do Cabo da Boa-Esperança as experimentaram nos seus effeitos, que não sabiam utilisar.

Colombo, um desses navegadores, nos tempos da sua educação, as viu ahi, as viu depois desde a segunda viagem. Viu-as no largo curso e viu-as na formação circular dos mares dos Sargaços.

O Gama viu-as do Cabo até o Malabar e de então em diante passaram a ser factor importante em todas as navegações. Não póde contestar-se que as recommendações do Gama a Cabral para que se afastasse da Guiné eram, consciente ou inconscientemente, filhas, em parte, da sua sciencia pratica sobre as correntes.

Colombo, desde a sua primeira viagem, conheceu a variação magnetica em declinação; affirma que, cem milhas marinhas a oeste dos Açores, mudava profundamente o movimento dos corpos celestes, a temperatura e o estado do mar. Que as agulhas de marear marcavam noroeste, tendo até ahi indicado nordeste; que, dobrando aquella raia, como que se sentia a impressão de se ter dobrado a espinha de alta cordilheira, cujas vertentes fossem, a todos os respeitos, muito diversas. Que, além dessa longitude, o mar ficava bonançoso, em quasi calmaria, e o clima, aspero e excessivamente quente até ahi, se adoçava e a temperatura era fresca e agradavel.

Colombo exaggerava visivelmente a realidade, com os fins politicos de construir em causas physicas a divisão da esphera entre Portugal e Hespanha. O arbitro assim a decretou, mas a sagaz politica de D. João 2º conseguiu illudir tão combinadas e urdidas maquinações. E' preciso porém convir, como com felicidade o affirma Humboldt, que — « Alexandre VI, arrogando-se o direito de dividir um hemispherio entre dous poderosos imperios, prestou, sem o

saber, serviços assignalados á astronomia nautica e á theoria physica do magnetismo terrestre». E' a quantidade grande de estudos e trabalhos que foram emprehendidos pelas duas partes, com o fim de demarcarem os seus dominios, que trouxe para a sciencia conhecimentos de muito maior importancia do que a causa politica que os subordinava. Procurava-se com avidez o traçado do meridiano divisorio, ardor que fazia caminhar de parallelo o problema da determinação das longitudes e, como seu associado, o da declinação magnetica da agulha, já mencionada por Colombo.

A meteorologia estendia as suas provincias, os ventos eram estudados com decisão, e a distribuição do calor com as influencias das tres coordenadas recebia uma illucidação definitiva. Aponta-se a diminuição das chuvas pela devastação florestal; as neves são vistas e apreciadas nas regiões tropicaes, ligando racionalmente a sua producção ás influencias thermicas das altitudes e dos climas locaes.

Repitamos Humboldt: — « Onde a historia dos povos póde mostrar-nos uma época comparavel áquella em que acontecimentos tão fartos de consequencias como a descoberta da America, a travessia para as Indias orientaes pelo Cabo da Boa-Esperança e a primeira viagem de circumnavegação de Magalhães, se abraçam com o desenvolvimento da arte, o triunfo seguro da liberdade intellectual e religiosa e o progresso imprevisto do conhecimento do céu e da terra ? » [1]

[1] Cosmos, tom. 2º, pag. 359.

II

POVOAMENTO DA AMERICA

Difficuldade do problema. — Origens provaveis ; norte, occidente, oriente.— Factos e analogias ; relações da China e Japão.— Migrações scandinavas. — Residuos europeus asselvajados.— Resumo e classificação.— Monogenia e polygenia ; autochthone americano.— Problema brazileiro ; Tapuias e Tupis ; Roteiro Geral e outros ; Aymorés.— Existencia e procedencia relativa dos Tapuias.

O problema do primitivo povoamento da America, apezar do muito trabalho a que tem sido causa, não está resolvido, e, muito naturalmente, se não resolverá. Tem-se como certo que o continente foi invadido, em tempos relativamente modernos, mas anteriores ao periodo das navegações, por povos habitantes de outros continentes.

O periodo historico, em que a conquista scientifica do mundo se realiza pelas tres forças concordantes — *nautica, imprensa e liberdade*, foi precedido de outros, amorfos, discontinuos, sujeitos e determinados apenas pelas imperiosas leis da natureza. São permanentes e irrefutaveis os vestigios das grandes correntes migratorias que, por direcções diversas e de pontos diversos, trouxeram á America o homem de outros continentes.

O estreito de Behring, com as ilhas de S. Diomedes intercaladas, a especie de ponte que ainda se desenha do

Kamtchatka á Alaska pelas ilhas Aleutianas, a relativa identidade das raças que se estendem nas duas bandas continentaes, os Tchuktchis, provam a relação geografica, ethnografica e sociologica da Asia e da America, desde tempos infixaveis, mas certamente remotissimos. O facto ethnografico e sociologico tem naturalmente por coevo o facto geografico que os tornou possiveis.

Makensie encontrou, em todas as populações da raça chipawane, tradições communs e contestes da migração asiatica do norte da Asia.

Wels, que passou muitos annos entre estas tribus, fazendo a todas a pergunta da sua origem, obteve de todas esta resposta uniforme:

« Nossos pais chegaram ao paiz do bufalo e do castor atravessando a agua solida (mar de gelo) que se encontra lá ».

E apontavam com o dedo na direcção do estreito de Behring. [1]

Nas costas da California, batem hoje e bateram sempre corpos carregados pelo mar, das bandas occidentaes. E' a corrente maritima do *Tessan*, o *Kuro-Sivo*, o *Rio-Negro* japonez, a indicar outra migração.

Nas costas dos Açores, batem e bateram corpos fluctuantes, vindos do occidente. Sabe-se mesmo que a esse facto se relacionam causas suggestivas das viagens do seculo XV, que patentearam a America á civilisação occidental da Europa. O mesmo facto, muito presumptivamente, se tinha dado em épocas anteriores, abrindo no Atlantico caminhos analogos aos do Pacifico.

Em 1731 e 1764, pequenos barcos, que navegavam dentro das Canarias, desviados pelo temporal, cahiram nas correntes e nos alisados e foram atirados á costa da America. De 1782 para meados do seculo actual, conhecem-se quarenta e nove naufragios de barcas japonezas, nas costas orientaes

[1] Jaccoliot — Les Traditions Indo-Asiatiques, pag. 125.

americanas, motivados por causas perfeitamente eguaes, que existem no Pacifico como no Atlantico.

Essas causas existiram sempre, e por isso sempre devem ter existido factos eguaes a estes de nossos dias. A differença está apenas em que no nosso tempo se guarda e registra o que, em épocas antigas, era da natureza, mas se perdia para a historia.

O facto devia mesmo ser mais frequente então do que hoje, porque, devido á força dos elementos, eram muito inferiores os meios de lhe resistir.

* * *

A's condições geograficas, que, naturalmente, relacionam o continente americano com todos os outros e presumem o seu permanente e mutuo consorcio em todas as épocas, juntam-se, comprobatoriamente, todos os factos ethnograficos.

Nas Guyanas, encontraram-se todos os traços da população das Canarias, os anthropologicos e os sociologicos; até o emprego, pelos guyanos, de uma arma de privativo uso dos canarios.

Fernando Colombo relata a mesma semelhança nos habitantes de Guanahani ; a mesma nos Charazanis do Perú.

O abbade Brasseur de Bourburg imaginava-se no meio dos arabes, quando estava entre os seus indios de Rabinal ; Quatrefages ouviu, da boca de Castelnau: — « quando me via cercado pelos meus criados siameses, imaginava-me na America» ; e a Vavasseur, vendo uma embaixada de Siam : — « olha os meus Botucudos ! ».

As migrações da China e do Japão para a California foram affirmadas de modo altamente persuasivo.

A ligação natural das costas pelo Kuro-Sivo dá a razão geografica ; a identidade ethnografica é mais profunda e mais lata do que algures, e, por ultimo, a tradição autentica e verificada dá-lhes uma existencia historica que as outras em geral não têm.

Deve-se ao distincto orientalista Guignes essa bella averiguação. Encontrou nos livros chinezes a descripção muito antiga de um paiz Fu-Sang, muito a leste da China, onde antigos aventureiros iam ao resgate. Guignes inclinou-se a que esse paiz era a America.

Contestou-se-lhe com frenesi a opinião. Klaproth sustentou que esse paiz não demorava além do Japão.

Que os chinezes não possuiam naquellas épocas meios de determinar direcções no mar e que as distancias marcadas nos velhos livros discordavam das pretendidas viagens chinezas á America.

Klaproth foi convencido do erro em que estava. Os livros diziam que o paiz em questão tinha cobre, prata e ouro, mas não tinha ferro; não podia ser o Japão. Quanto ás direcções, sabe-se que elles conheceram a bussola, muito antes dos europeus e possuiram cartas geograficas, antes da civilisação occidental. Na correspondencia, das distancias marcadas, com a America, foi Pothier quem se encarregou da demonstração, de accordo com Paravey. Este, ensinando, pelos livros chinezes, que o Fu-Sang estava nelles collocado a vinte mil Li de distancia, aquelle, demonstrando que o Li chinez equivale a $444^m,5$. Os dous elementos combinados dão-nos, na corrente do Kuro-Sivo, exactamente a costa da California.

* * *

As relações ethnograficas da America com a Europa, em periodos anteriores ao das grandes navegações, não são menos comprovadas.

As migrações scandinavas são irrefutaveis, pelos trabalhos modernos, á frente dos quaes se collocou Rafn.

A Groelandia foi conhecida dos scandinavos no seculo VIII ou IX, o mais tardar. Gunnbjorn aportou lá em 770, segundo Lacroix, em 877, segundo Gravier.

Erik, o ruivo, dobrou o cabo Farewel, em 986 e edificou Brattahilda, cujas ruinas se encontraram no nosso seculo.

Um filho delle, por nome Leif, fundou, no anno 1000, a primeira colonia no paiz do vinho, Vinlandia, assim denominado, porque lá encontraram a vinha em abundancia, ao ponto de fazerem a carga do seu navio com uvas que acharam maduras. A primeira povoação da Rhode-Island foi chamada Leifsbudir (casas de Leif). Devia ficar perto da actual cidade da Providencia, a 41º 24' 10" de latitude norte, onde, além de todas as concordancias geograficas, se dá mais uma: Leif deixou a observação de que o dia em Leifsbudir era de 9 horas, das 7 1/2 ás 4 1/2; tal é o dia da Providencia.

Um outro filho de Erik, Thorvald, vai com trinta companheiros á Vinlandia, em 1003; desceu até Long-Island. Em 1004, dirige-se para o norte; vai até o cabo Alderton e é morto ás mãos dos indigenas esquimós. Na ilha de Rainsford, perto daquelle cabo, achou-se, no fim do seculo passado, um tumulo, que se suppõe ser o seu.

Seguiu-se a expedição de Thorfinn, em 1007, que levava todas as condições requeridas á fundação de uma colonia regular. Em tres navios iam 160 pessoas, homens e mulheres. Thorfinn levava sua mulher Gudrida, que na Vinlandia lhe deu um filho, Snorre, o primeiro americano scandinavo. Desintelligencias com os naturaes obrigaram Thorfinn a abandonar a nascente colonia, voltando ao seu paiz, mas deixando no logar um monumento celebre — o *Dighton Writing Rock*, grande bloco de gneiss, na margem direita do Tauto-River, com uma inscripção, gravada na profundidade de oito millimetros.

Desceram sempre as colonias scandinavas, nas duas costas este e oeste, tendo por centros respectivos Osterbygd e Vesterbygd.

Lacroix provou que Osterbygd teve uma cathedral, onze egrejas, tres ou quatro conventos e duas cidades — Garda e Alba, 190 aldeias; Vesterbygd teve quatro egrejas e 110 aldeias. Erik-Upsi foi o primeiro bispo da Groelandia, tendo a Vinlandia por sufraganea. Esta diocese

figura de modo importante nos dinheiros de S. Pedro, no seculo XIV.

Osterbygd, ainda em 1418, pagava o seu tributo a Roma.

Veiu-lhe a decadencia, produzida por muitas causas.

A rainha Margarida, senhora dos reinos scandinavos, prohibiu formalmente a emigração para a Groelandia; os piratas devastaram a região; o clima tornou-se cada dia mais inclemente.

Em conclusão: em 1721, quando a primeira colonia moderna chegava a estas terras, conduzida pelo padre norueguez Hans Eggede, a colonisação patricia, iniciada oito seculos antes, tinha desapparecido. Ruinas e monumentos envelhecidos, era tudo que ainda restava; preciosos documentos, por onde a moderna sciencia archeologica tem chegado a reconstrucções, mais ou menos fieis e autenticas, do passado.

A magnifica collecção — « Antiquitates Americanæ, sive scriptores septentrionales rerum ante-columbianarum in America », publicada em 1837 pela sociedade real dos antiquarios do norte, autorisa, documentadamente, a rapida resenha que deixamos feita.

* * *

As causas e agentes, que chegaram para a destruição das colonias scandinavas na America, não extinguiram de certo a nova raça européa. Factos e documentos, directos e indirectos, comprovam o asserto, que, *á priori*, é justificado pela lei das analogias. Em parte alguma, em tempo e em espaço, consta que desapparecesse de todo a raça que algures se fixou reproductivamente, sejam quaes forem os elementos que convirjam para a destruir.

Lacroix publicou uma carta, dirigida ao papa Nicolau V, em 1448, em que se conta que, 30 annos antes, as colonias, já decadentes, tinham sido invadidas por gente vinda das costas americanas, que matára, saqueára e escravisára a maior

parte dos habitantes; *que os que conseguiram escapar se refugiaram no interior*.

Este *resto de maior quantia*, batido por todas as adversidades, privado de recursos para se repatriar ou mesmo ir em busca de região mais hospitaleira, tinha de resignar-se, pela força que conserva a existencia, a viver com os naturaes, os esquimós.

Dahi, seguramente, a dóse de sangue branco, aryano, encontrado em diversos pontos da região, por outra fórma inexplicavel.

O capitão Graa encontrou, na costa oriental da Groelandia, gente branca, de fórmas e estatura européas, cabellos louros e fallando a linguagem dos esquimós.

« Não hesito, diz Quatrefages, em referir a esta origem os esquimós brancos de Charlevoix, os homens de cabellos louros de Pedro Martyr, os individuos louros de que fallam algumas tradições mexicanas, o chefe selvagem branco encontrado pelos hespanhóes na expedição de Cibola, etc.»

* * *

Com semelhantes dados, obtidos pela geografia physica e historica e ainda pela archeologia do continente americano, pela interpretação de todos os monumentos encontrados, facil é explicar o povoamento por migrações asiaticas, européas e mesmo africanas, em épocas muito anteriores ao periodo das descobertas.

Com todo o acerto dizia Lyell: — « se o genero humano desapparecesse da face da terra, ficando apenas uma familia n'um qualquer ponto, ilhota que fosse, podemos convencer-nos de que, com o correr das edades, o mundo voltaria a ser povoado ». Não ha duvida ; e, nesse ponto, a genése de Moysés, repovoando a terra, apoz o diluvio, pela familia privilegiada, não encontra a minima contestação de possibilidade pelo lado da sciencia. A peregrinação, quer ella seja provocada pelas necessidades naturaes, quer por curio-

sidades ou aventuras, a peregrinação da especie dá-se em todas as latitudes e longitudes e em parte alguma existiram jámais barreiras de isolamento real.

Esta noção, que a dynamica do grande periodo das descobertas apenas define em termos mais simples e mais precisos, dilata-se a todas ás épocas, mais e menos civilisadas e verifica-se, em tempos muito recuados e antigos, por documentos e provas de outra ordem, não de certo tão impressionistas nem tão suggestivos, mas da mesma fórma reaes e persuasivos.

E assim guiados, estamos, pela analyse que antecede, autorisados a concluir :

1º, que o continente americano foi descoberto, conhecido e povoado, por migrações estranhas, exigenas, muitos seculos antes do periodo inaugurado por Colombo ;

2º, que esse povoamento trouxe ao novo continente povos diversos, de diversas regiões e de civilisação muito diversa, podendo reduzir-se a quatro as ligações geograficas e ethnograficas principaes:

a) noroeste, estreito de Behring, ligação asiatica do norte;

b) centro occidental, corrente maritima do Tessan, ligação asiatica occidental com a China, Japão e Polynesia ;

c) nordeste, Islandia e Groelandia, ligação européa septentrional ; colonias scandinavas ;

d) centro oriental, correntes pelagicas do Atlantico, ligações européa e africana; canarios, semitas, porventura phenicios e carthaginezes.

* * *

Teremos, porém, com semelhantes affirmações, resolvido o problema do povoamento originario da America ? Serão esses factos, rigorosamente verdadeiros, uma das provas persuasivas da homogenia, da unidade da especie humana, e poderemos com elles asseverar que foi este o primitivo povoamento, por familias vindas de fóra, a uma região

totalmente deserta, ficando assim a America com uma edade sociologica e ethnologica posterior á dos outros tres continentes ?

De certo que não, pela logica e, o que é mais cabal, pela paleontologia biologica, pela anthropologia prehistorica da America.

Além e muito para traz de todas as explorações geograficas, historicas e archeologicas mesmo, que nos inculcam vetustas migrações, que as comprovam por factos irrefutaveis, achamos os vestigios da existencia americana de um homem muito mais antigo, de um homem, no fim de contas, tão velho, como os mais velhos que existiram algures.

A America teve o seu *homem quaternario*, contemporaneo do mastodonte; esse, segundo uma das mais acceitas leis — a persistencia atravez de todas as revoluções geologicas, esse homem assistiria ás primeiras migrações historicas, de muitas centenas de annos posteriores.

Teremos nelle o *autochthone americano* de Agassiz e da sua escóla, ou esse mesmo seria importação ou extracção asiatica, ao paladar de Humboldt, Tschudi, Prescott, Wilson e outros?

Agassiz foi o chefe e o mais communicativo defensor da polygenia, admittindo para a especie humana diversos centros de creação ; elle, um dos mais notaveis e autorisados viajantes da America, neste continente collocou um desses centros genesicos.

Hypothese scientifica, é o maior valor que podemos conceder a est'outra opinião, que os factos conhecidos e adduzidos não chegam para demonstrar.

Fôra preciso eliminar de todo do homem fossil, do quaternario, do terciario mesmo, a possibilidade de emigrar. Para tanto, fôra preciso um conhecimento exacto da fórma de existir desse homem e das condições physicas da terra que elle habitou. Esses conhecimentos não se têm hoje e, provavelmente, não se terão nunca. Entra-se n'um mundo conjectural, azado para as construcções imaginativas e esthe-

ticas; a metaphysica póde refestelar-se nelle; mas a sciencia positiva não póde tirar illações seguras e probatorias.

E' a confirmação da grande e suprema lei da relatividade de todo o conhecimento e da correllata impossibilidade da determinação scientifica das causas originarias e finaes.

O problema ethnografico brazileiro no fim do seculo XV não está tambem resolvido, e, tambem muito provavelmente, o não virá a ser.

Ha nelle uma grande dóse de miragem que illude os que lhe não analysam a estructura intima, nem o relacionam com os principios geraes e legitimos.

Nenhum dos caracteres essenciaes para a determinação certa das raças e da sua distribuição geografica se verifica, com solidez, no estudo analytico da população americana e, restrictamente, na do Brazil, de fórma a concluir-se scientificamente.

Na época da descoberta pelos europeus, além de que existi ajá uma promiscuidade de caracteres entre as diversas tribus encontradas, que difficultava o estabelecimento de leis seguras, a sciencia ethnografica não existia e os homens que abordavam o novo continente não primavam pela educação ou quéda para semelhantes estudos.

Possuimos alguns roteiros, noticias geraes e locaes desse tempo, que têm hoje, e cada vez mais terão, um alto interesse, á falta de melhores informações. Consultados todos e postos em confronto, attestam, ao lado de uma pobreza lamentavel de conhecimentos, uma extrema confusão envolvida em lendas e imaginosas creações mysticas e milagreiras, que lhes roubam a indispensavel autoridade.

Quando a sciencia moderna penetrou no novo mundo, trazida por um grande numero de sabios, intemeratos viajeiros e missionarios da mais nobre de todas as religiões, a do saber, as invasões das tribus já tinham fundido mais os

seus caracteres, a lei da distribuição geografica não podia corresponder ás épocas antigas, mas a causas sobrevenientes com a conquista ; os cruzamentos existiam já em grande gráo. Do facto biologico deduzia-se o facto social. Nem caracteres physicos, nem a linguagem, nem os costumes, nem a moral, nem a religião, nada podia guiar com segurança para a reconstrucção do passado.

Os monumentos, contemporaneos dessas edades antigas, as tradições escriptas, essas que trazem vestigios chronologicos, mais ou menos exactos, seriam os indispensaveis testemunhos das coevas civilisações. Mas as raças habitantes do Brazil não possuiam nem estas nem aquelles.

E' evidente que toda a construcção feita em taes condições, por maior somma de factos que chame em seu abono, desde que se reduz ao estudo d'uma época muito recente, faltando-lhe aquelles meios de referencia e confronto, ha de ser instavel e hypothetica. Accresce que a sciencia ethnografica é muito recente, as suas leis muito discutiveis ; os seus productos, quando tirados de meios adequados, ainda incertos e fallazes.

* * *

Entre as informações do seculo XVI, merecem attenção particular para o assumpto — O Tratado da Terra do Brazil e a Historia da Provincia de Santa Cruz, de Pero de Magalhães Gandavo, e o — Roteiro Geral, publicado, segundo Varnhagen, em 1587. São noticias de caracter geral, occupando-se de todas as cousas que interessam o conhecimento da terra ; são escritos por homens a quem não guiava um motivo de interesse particular ou especialista. [1]

[1] O Tratado da Terra do Brazil, anterior á Historia da Provincia de Santa Cruz, presume-se que seja de 1570.

Foi publicado na Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações ultramarinas, 1826, tom. IV, n. IV pag. 181.

A Historia da Provincia de Santa Cruz, foi publicada na Revista do Instituto Historico Brazileiro, tom. 21 pag. 366.

Um facto ethnografico se tira de ambos, o qual se encontra confirmado por todos os outros escritos da época e ainda pelos viajantes dos tres seculos seguintes. Esse facto, fundamental a todo o trabalho ethnografico, é a occupação de toda a costa brazileira, com raizes pelo sertão até limites indefinidos, d'uma grande familia com a denominação generica de Tapuias, muitos annos antes da descoberta portugueza, e a invasão dessa familia por outra com a denominação generica de Tupis. Este facto, que o Roteiro Geral desenvolve em diversos logares, que affirma ter colhido nas informações dos indios velhos, [1] recebe no mesmo Roteiro toda a luz precisa para uma differenciação ethnica e correspondente distincção chronologica.

« ..... é necessario que não fique por declarar a vida e costumes dos Tapuias, primeiros possuidores desta provincia da Bahia, de quem começamos a dizer o que se póde alcançar delles [2] . »

Fique entendido que não concedemos ao Roteiro autoridade para inculcar os Tapuias por *primeiros* possuidores; contentemo-nos em que fossem anteriores aos Tupis.

Fica tambem assente a autenticidade da informação que, nos dous logares citados, se define e resume na *tradição oral*. Dissemos já que não ha outras fontes historicas e esta, como se sabe, não autorisa conclusões a épocas muito recuadas. Está bem longe a possibilidade de se construir por este meio o primeiro povoamento.

Mas deduz-se, com clareza, que os Tapuias precederam os Tupis na costa e que estas duas familias têm sufficientes caracteres que lhes assignam origens diversas; que formam duas raças distinctas.

O Roteiro teve informações bastantes para definir o facto da existencia brazileira dos Tapuias, em tres periodos que completam a sua historia. Que existia por toda a terra,

[1] Revista do Instituto Historico Brazileiro, tomo XIV, pags. 277 e 278.
[2] Idem, pag. 315.

soube-o da tradição oral; que foram expulsos da costa pelos Tupis, soube-o da mesma fonte e do facto, contemporaneo da descoberta, de não se encontrarem já nos seus antigos logares; que viviam em todas as latitudes brazileiras, do Rio da Prata até o das Amazonas.

« Tapuias, que é o mais antigo gentio que vive nesta costa, do qual ella foi toda senhoreada desde a bocca do Rio da Prata até a do Rio das Amazonas, como se vê do que está hoje povoado e senhoreado delles; porque da banda do Rio da Prata senhoream ao longo da costa mais de cento e cincoenta leguas, e da parte do Rio das Amazonas senhoream para contra o sul mais de duzentas leguas, e pelo sertão vêm povoando por uma corda de terra por cima de todas as nações do gentio nomeadas [1]. »

As distincções entre as duas raças são profundas e sufficientes; o Roteiro define, como typo que o auctor conheceu directamente na Bahia, — os Maracás: — « São homens robustos e bem acondicionados, trazem o cabello crescido até as orelhas e copado e as mulheres os cabellos compridos atados detraz, o qual gentio falla sempre de papo tremendo com a falla e não se entende com outro nenhum gentio que não seja Tapuia ».

« Quando estes Tapuias cantam, não pronunciam nada, por ser tudo garganteado, mas a seu modo. »

« ..... grandes homens de pelejarem em campo descoberto, mas pouco amigos de abalroar cercas. »

« Estes Tapuias não comem carne humana, e, se tomam na guerra alguns contrarios, não os matam, mas servem-se delles como de seus escravos, e por taes os vendem agora aos portuguezes, que com elles tratam e communicam. »

« São estes Tapuias muito folgazãos e não trabalham nas roças nem plantam mandioca, nem comem senão legumes, que lhe as mulheres plantam, e grangeam em terras sem

[1] Idem, pag. 316.

matto grande a que poem o fogo para fazerem suas sementeiras; os homens occupam-se em caçar, a que são muito affeiçoados. »

« Costuma este gentio não matar a ninguem dentro em suas casas, e, se seus contrarios fugindo-lhe da briga, se colhem a ellas, não os hão de matar dentro, nem fazer-lhes nenhum aggravo, por mais irados que estejam; e esperam que saiam para fóra ou se lhe passa a ira, acceitam-nos por escravos, ao que são mais affeiçoados que a matal-os, *como lhe fazem a elles.* » [1]

Falla de outros da mesma nação, com caracteres fundamentalmente eguaes: — « todos fallam, cantam e bailam de uma mesma feição e têm os mesmos costumes no proceder da sua vida e gentilidades, com muito pouca differença. » [2]

* * *

Esta mesma raça tapuia se encontra descrita com caracteres eguaes em outros roteiros e informações, dando-os como existentes em logares muito diversos.

Pero Lopes de Souza, no seu «Roteiro», [3] os menciona na sua viagem ao sul em 1531: — « Foram logo commigo todos; traziam arcos e frechas e azagaias de páo tostado, e elles com muitos pennachos, todos pintados de mil côres; e chegaram logo sem mostrar que haviam medo; senão com muito prazer abraçando-nos a todos: a falla sua não entendiamos, nem era como a do Brazil; fallavam do papo, como mouros. »

Assigna-se a esta nação uma antiguidade relativa que os faz os habitantes mais remotamente conhecidos no Brazil; averigua-se-lhe uma existencia, embora já em fórma de vencida e expoliada, na época do descobrimento portuguez, com uma distribuição geografica determinada; conhece-se uma das suas tribus, os Maracás, na Bahia, com

[1] Idem, pag. 317.
[2] Idem, pag. 318.
[3] Revista do Instituto Historico Brazileiro, tomo XXIV, pag. 48.

um conjuncto de caracteres que induzem que esta tribu fosse a mais pura e a Bahia uma especie de metropole da raça.

Em épocas posteriores, todos os viajantes relatam o encontro destas tribus, com os seus caracteres essenciaes, fórma physica, linguagem, religião e costumes sociaes.

Encontra-se nas serras confinantes da Bahia e do Espirito Santo uma tribu que, por esses caracteres, pertenceu á raça, mas que suppõe mudanças e retrocessos selvagens e ferozes, muito accentuados; são os Aymorés.

Esta tribu é um producto degenerado pela invasão da raça que os desalojou e dispersou. Gandavo affirma:— [1] «que veiu do sertão ha cinco ou seis annos e dizem que outros indios contrarios destes vieram sobre elles a suas terras e os destruiram todos e os que fugiram são estes que andam pelas costas.»

Esta tribu, a que se attribuem sentimentos e costumes os mais ferozes, em contraste com as descripções geraes da nação a que pertencem, tem de ser apreciada pelas causas geraes que a construiram. Ella era uma fragmentação da grande familia invadida e perseguida, tornada vagabunda e esparsa pela invasão.

A sua fórma de existencia já se afasta muito da normalidade da sua nação, no tempo em que esta dominava sem competencia. As raças vencidas e esmagadas por outras, ou se fundem nas que as venceram, ou, fugidas e perseguidas, retrocedem e rebaixam a sua civilisação.

O Roteiro Geral tambem dá uma longa descripção dos Aymorés, no Cap. XXXII (Revista do Instituto, Tomo XIV, pag. 47).

* * *

Varnhagen, de cima da sua autoridade, affirma categoricamente, para contrariar Abreu Lima, [2] que nunca houve

[1] Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, logar citado, cap. V.

[2] Revista do Instituto Historico, tomo VI, pag. 70.

tal no Brazil uma grande nação de indios tapuias; e, cobrindo-se com outras autoridades, mais ou menos mutiladas, generalisa: — «Sentimos que se não siga no Compendio a opinião recebida pelos criticos e historiadores modernos e pelo celebre viajante allemão Martius»; a mesma, de que nunca houve Tapuias.

Esta opinião, que não podemos fugir a taxar de extravagante, teria logo a contradicta de escriptores muito mais modernos do que Martius, de não inferior valia, pelo que viajaram e pelo que sabiam, os quaes tomariam para si o apôdo dirigido a Abreu Lima.

A classificação feita pelos historiadores modernos, se é baseada sómente em informações modernas, como a de Martius, que de facto póde tomar-se por typo, não é uma classificação historica, nem natural; é um systema, não é um methodo.

Martius tomou um caracter como essencial e predominante e por elle classificou; esse caracter é a linguagem, e elle é, antes de tudo, um linguista. E' claro que a sua classificação tem muito de artificial.

As linguas agglutinantes dos indios brazileiros, para me restringir ao ponto em questão, não podem, pelo seu estudo actual, levar-se com affirmação ao que foram outr'ora, ao que eram no tempo da colonisação, ao que eram antes do seculo XVI.

Nem ellas, nem muito menos as raças correspondentes.

Sim; as linguas constituem um poderoso elemento ethnografico, não o primeiro, como entendia Frederico Müller e com elle tantos espiritos exclusivistas que caem inconscientemente na metaphysica. Como muito bem diz Carlos Vogt:—[1] « este estudo nos fornece muitos conhecimentos ácerca da distribuição das differentes raças humanas sobre o globo. E', porém, preciso usar delle com muito discernimento, porque seria ir muito longe querer dar uma origem

[1] Lettres Physiologiques, pag. 469.

commum aos negros e aos caucasios, pela semelhança fortuita de alguns sons das suas diversas linguas. »

Eis o pégo em que cahiram os que modernamente foram, pela lingua dos indios brazileiros, buscar-lhes a origem ethnografica no baixo Eufrates, origem imaginativa das linguas agglutinantes.

Chrismaram estas linguas em turanianas, e envolveram debaixo d'um mesmo nome, presumindo-lhes uma filiação natural, povos e raças que seria de todo o ponto impossivel ligar geograficamente, hoje ou n'alguma edade.

Linguistas de imaginação, lhes chama um bello escriptor moderno; neo-metaphysicos, modificamos nós.

Se o nome lhes veiu de Turan, considerado o berço desta enorme familia, qne envolve japonezes, papuas, polynesios, australianos, africanos, peules, nubios, cafres, bascos, tamuls, finnezes, antigos chaldeus, e ainda muitos mais, com a quasi infinita variedade de tribus americanas, de norte e sul, saiba-se, como attesta Jaccoliot, que este paiz Turan era nomeado pelos antigos Medas como situado a leste do mar Caspio. O Zend-Avesta considera-o um paiz arido, desolado, habitual pousada do espirito do mal. Seria a Tartaria de hoje.

Renan atirou á nova escóla, que, de um traço e com um nome, passa por cima de difficuldades insondaveis, com um dardo hervado de fina ironia e de logica indestructivel. Refere-se á antiga civilisação da Babylonia, anterior ao dominio semita e aryano. Não póde duvidar-se que foi uma civilisação notavel e completa, senhora e talvez inventora da escripta cuneiforme. Foi turaniana, dizem os linguistas em questão. Renan objecta: — « Se aqui, a palavra turaniana quer dizer o que não é nem semitico nem aryano, fica a classificação egual á que dividisse os animaes em peixes, mamiferos e o que nem é peixe nem mamifero. » Esta classificação, diz Renan, seria verdadeira, mas não teria grande emprego em sciencia...

E o simile é perfeitamente exacto, se compararmos a pluralidade de animaes que não são peixes nem mamiferos,

com as linguas, raças e civilisações que não são semitas nem aryanas.

Se turaniano, prosegue Renan, se toma aqui em sentido restricto, e se attribue ou relaciona esta civilisação sabia da Babylonia ás raças turca, finneza, hungara, a raças, n'uma palavra, que apenas souberam destruir e que nunca crearam uma civilisação, propria, então quedamo-nos de bocca aberta !

Abel Hovelacque corta mais rente no credito da nova escóla :

« Turanismo e turanistas não podem tomar-se a serio ; uma grande dóse de pedantismo os creou, um pouco de critica os arruinou ao nascer. »

« E' lamentavel, entretanto, que certos autores concedam a este nome fantasista de linguas turanianas a honra de o considerar como um facto consummado; isto os que o condemnam ! »

« Por uma condescendencia tal, elle póde ainda vir a fazer carreira. O melhor meio de o combater seria não fallar n'elle. »

« O nome de turaniano ao povo e turanianas ás linguas creou-se para perpetuar os mais graves erros. »

* * *

Martius classificou pela linguagem, e por ella concluiu para a ethnografia dos indios brazileiros. Commetteu os graves erros de que falla Hovelacque, sem ser turaniano ainda. Com elle proprio refutamos a sua classificação. No seu — *Glossaria Linguarum Braziliensium*, lê-se, a pag. 17 : « Estes homens incultos têm girado, ha alguns milenios, em pequena sociedade de uma parte do vasto continente a outra, misturando sangue e mudando lingua... » *Misturando sangue e mudando lingua*, já mesmo nos seus tempos anti-europeus, entre tribus mais ou menos proximas ; quanto mais apoz o seu contacto com a civilisação

occidental, em que as misturas e mudanças tinham de ser mais profundas, attenta a maior distancia dos elementos que se approximaram ! Martius a pag. 11 da mesma obra o confessa: — « Um exemplo mui saliente deste phenomeno offerecem as hordas da nação Ges, nas margens do rio Tocantins, as quaes a alguns decenios, entrando em trafico com os brancos, já não usam um só puro dos dialectos da sua propria linguagem, antes sim fallam uma geringonça corrompida. »

Se nos interessasse aqui o valor da resposta, perguntariamos por que meio Martius poude fazer linguistica comparada entre os indios que visitou, ao ponto de reconhecer transformações operadas nos seus puros dialectos ?

Mas não. Concedamos que póde hoje, ao cabo de largos annos de convivencia com as diversas tribus que ainda povoam o sertão brazileiro, um só viajante como Martius, que teve 40 annos deste lidar scientifico e humanitario, chegar a construir uma classificação dialectal e fazer-lhe corresponder uma classificação parallela ethnologica e ethnografica.

Concedemos, é claro, muito mais do que permitte a difficuldade inextricavel do problema e a exigencia da mesma sciencia da linguistica comparada.

Sabe-se que, infelizmente, sem sahirmos do territorio brazileiro, ha ainda extensas regiões em que o indio mantém illesa a sua liberdade e autonomia selvagem e onde nem Martius nem alguem ainda conseguiu entrar.

Bastará citar essa região referida pelo pranteado general Couto de Magalhães, na sua « Setima conferencia », pag. 11: sertão de S. Paulo confinante com os rios Paraná e Parapanema.

Região comprehendida entre 5° e 10° de longitude O G., e 20° e 23° de latitude sul; uma área de quatro mil leguas quadradas, que póde receber 20 milhões de habitantes, quasi o dobro da população do Brazil.

Nesta extensa região sabe-se que ha indios. Quantos ? Quaes ? Que linguas ou dialectos fallam ? A introducção

dos dados colhidos nesta e em analogas regiões não viria alterar a classificação de Martius?

Concedamos, porém, que não; que Martius adivinhou a natureza, pegando-lhe por um pequeno canto, e a sua classificação abrange toda a materia classificavel no momento em que foi feita.

Poderá affirmar-se que essa classificação se ajusta, com egual verdade, a todas as épocas pregressas? Subsiste, real e objectivamente, atravez de todas as edades, de fórma a destruir qualquer outra que a tenha precedido?

Esperemos a demonstração, comtanto que não seja, como de costume, a petição de principios dos Aristoteles contemporaneos.

* * *

O indio, pela força irresistivel das influencias que actuaram sobre elle, tanto nos tempos em que as suas familias repartiam entre si o territorio, como, e ainda mais fortemente, nos tempos da descoberta e do povoamento pelas familias estrangeiras; o indio, pela inconsistencia da sua fórma social de viver, por isso mais sujeito a transformações, accusa, com o correr das edades, mudanças tão variadas e profundas, que difficilmente, por meio scientifico, se poderá ajustar á sua vida historica uma classificação exacta, ainda que para uma das suas épocas.

O indio teve, dentro das suas proprias interferencias ethnicas, transformações profundas e incontestaveis, já physicas, já sociaes, já geograficas. As diversas tribus, as diversas raças, invadiam-se de continuo; a guerra intratribus era um estado permanente e, por assim o dizermos, profissional. Servia de motivo utilitario a posse do territorio, de motivo esthetico a demonstração do poder. E essas guerras eram, umas vezes, não raro, de exterminio; muitas outras de mudança completa e radical de fórma civil de existir; quasi sempre conduziam a grandes deslocações geograficas, tanto dos vencidos como mesmo dos vencedores.

Mas o indio teve uma outra e mais poderosa causa de sua transformação, que, intercalando-se entre a actualidade e a sua existencia historica, accusa uma ainda maior impossibilidade de aceitar áquella época a classificação tirada do exame actual.

A civilisação occidental da Europa, viesse da Hespanha, de Portugal, da França, da Inglaterra, da Hollanda mesmo, invadiu-lhe o territorio, por meios e processos novos e originaes, que a historia do mundo não menciona em épocas anteriores. Foi uma invasão geografica, foi uma invasão commercial; mas de essencial, de subordinante, de permanente, de real, foi apenas revestida deste caracter duplo.

Não houve invasão por expansibilidade ethnica, como na dos barbaros do norte sobre o imperio romano; aqui, os povos invasores, pelo contrario, não possuiam população sufficiente para as suas metropoles.

Não houve invasão politica, scientifica ou religiosa, como era o caracter da dissiminação da familia de Mahomet, que abraçou a Europa pelo sul, oriente e occidente.

A insignificancia dos resultados, a injustiça e variabilidade dos meios, estão affirmando á saciedade que, embora essa triplice fórma de invasão se enflorasse como apanagio e virtude da conquista, nunca passou realmente de um pretexto com que se cobriam pensamentos e fins muito diversos.

Se os conquistadores traziam codigos, evangelhos e saber chefes e dirigidos, sacerdotes e crentes, mestres e discipulos, tudo vinha com elles.

Não me façam valer a catechese dos societarios de Jesus, dos respeitaveis padres christãos, porque hei de sempre repontar, com abundancia de consciencia e de razão, que tudo que se fez foi mal e abusivamente feito e assim mesmo tão pouco, que não tem direito a entrar em equação, com mais valor do que um symbolo desvanecente.

O indio, emquanto era um elemento essencial para o resgate, e este se fazia, em competencia, por diversas nações

rivaes, trazia-se nas palminhas, com a bocca assucarada, com a lisonja de todos os seus rudes prazeres e inclinações.

Desde que se passou ao povoamento e foi preciso laborar a terra, roubou-se esta ao seu dono legitimo, com a mais escandalosa violencia e o mais cynico ultraje a todo o direito fundamental de propriedade, e, por cumulo das inqualificaveis destruições das leis da natureza, obrigou-se o espoliado, o roubado, a sustentar o ladrão, sujeitando-o, na fórma de escravo, ao trabalho que elle nunca precisára, nem conhecera, nem podia supportar, na fórma por que se lhe impunha.

E' duro, é forte, é violento, mas é a verdade meridiana o que fica ahi.

Então, as tribus, outr'ora inimigas e guerreiras por capricho, por arte, por distracção, por necessidade seja, cahiram de roldão umas sobre as outras, fugitivas e perseguidas, consociadas agora pela mesma desventura, pelo flagello commum.

Confundiram-se, transformaram-se, fusionaram-se. Uma nova lei preside á sua existencia collectiva, geografica, biologica, social. Martius e todos os que vieram depois e muitos qne vieram antes, podem ter perfeita e completamente encontrado, conhecido e determinado as leis que regem estas novas aggremiações ethnicas; com certeza lhes escaparam, se apenas legislaram o que viram, as leis que regiam as aggremiações desse povo, nos tempos precedentes á conquista.

Estas, queira ou não queira o douto historiografo a que me venho referindo, hão de ir buscar-se á tradição oral, unica existente, na sua fórma mais antiga, ás descripções mais proximas dos acontecimentos, que transfiguraram a maneira real de existir dos povos em questão.

*
* *

Que nunca houve Tapuias no Brazil ? ! Martius, citado na sua classificação por Varnhagen, que venha com ella dar-lhe o formal desmentido.

« Ges e Crans, occupando uma grande região central do Brazil, junto aos affluentes do Tocantis e Araguaya, que os Tupis chamaram Tapuirama ou Patria dos Tapuias. »

Von den Steinen, sim, foi muito mais puritano do que Martius, e logico ao envez de Varnhagen. Accusou aquelle de contradictorio e negou a existencia dos Ges e Crans. Collocou-se muito mais intransigentemente dentro da miragem philologica. Cabem-lhe por inteiro os motivos que ficam mencionados.

Varnhagen, ao publicar o Roteiro Geral, encontrando nelle a contrariedade á sua formada opinião, defende-se no prefacio, por coherencia natural, com uma infelicidade lamentavel.

« Não havia, e insistimos ainda nesta ideia, no Brazil nação tapuia. Esta palavra quer dizer contrario e os indigenas a applicavam até aos Francezes, contrarios dos nossos, chamando-lhes Tapuy-Tinga, isto é, *Tapuia branco.* » E mais adeante: — « Quando os Tupis invadiram o Brazil do norte para o sul, chamaram Tapuias ás raças que elles expulsaram ».

Ora, estes dous periodos encarregam-se, melhor do que longas dissertações, de destruir a estranha opinião que o autor da Historia Geral concebeu, em momento de esterilidade cerebral e de repudio das boas fontes de informação.

De parte a affirmativa, improvada e improvavel, de que os Tupis invadissem de norte para sul, é doutrina certa para Varnhagen que já havia uma raça povoadora e senhoreante do territorio. Eis o facto essencial, que deve servir de base a toda a construcção de ethnografia brazileira, a toda a classificação com pretenções de natural. Essa raça, predecessora da dominação tupi, foi denominada *tapuia*; segundo ponto de accordo.

Varnhagen achou em lingua tupi que a palavra *tapuia* significa *contrario* e ahi, deixou caprichosamente todas as analogias historicas, para, erradamente ou illogicamente,

querer persuadir que o nome fôra de creação tupi, sómente nesta raça existiu; que o nome fôra creado predicativamente pela apropriação nominal do odio e não viera, ao contrario, de gentilico, que era na raça invadida, para predicado ou qualificativo do odio que a raça inspirava. Eis o ponto em que Varnhagen não foi historiador, não foi logico e muito menos linguista e muito menos ethnografo.

Uma das rigorosas obrigações suas, ao afastar-se assim do facto natural, seria affirmar que essa raça invadida tinha realmente outro nome.

Porque é indispensavel que tivesse um, por onde se conhecesse, pelo qual se appellidasse a si propria e pelo qual muito usualmente seria conhecida entre as outras raças. Era logico e era indispensavel que esse nome gentilico fosse conhecido dos Tupis e na sua lingua mencionado.

A questão ficava reduzida a uma futilidade, porque o facto essencial da existencia d'uma nação distincta dos Tupis e anterior a estes na posse do territorio, ficava sempre de pé.

Além do esquecimento desse dever de critico, Varnhagen fugiu a todas as persuasões do facto immanante.

Os brazileiros, que ha 30 annos lavavam com o sangue de uma nação vizinha a offensa que lhes viera da desmesurada cubiça de um dictador, tiveram sobejas razões para pôr em synonimia as palavras — *paraguaio* e *contrario*.

Se essa equivalencia se não tornou perduravel e não chegou a ganhar consistencia na lexicografia, é porque uma grande differença moral nos separa da civilisação dos indios povoadores do Brazil; os odios nacionaes, que vencem as valvulas de segurança por questões occasionaes e singulares, amortecem ou extinguem-se, quasi sempre, no dia em que se assignam os tratados de paz.

A palavra — *os mouros! os arabes!* era em toda a terra christã, em grande parte da edade média, a synthese de todos os odios, de todos os pavores.

Os francezes! no principio deste seculo, era, em toda a Iberia, o annuncio da desgraça, da morte, da desolação, de tudo que trazem os inimigos.

Concluiriamos com Varnhagen — que nunca houve nação paraguaia, moura, arabe, franceza ? !

E, dado que essa nação, predecessora dos Tupis, fosse por tal fórma singular, que, ou nunca houvesse tido nome, ou este realmente se perdesse, por que recusar-lhe o appellido com que ella, á falta de outro, se acha denominada entre os Tupis ?

Ferdinand Denis, porventura o mais amado e popular de todos os historiadores estrangeiros em Portugal e no Brazil, pelo zelo e pela isenção, até mesmo patriotica, com que tratou de ambos os paizes, instruiu-se, sabia e profundamente, com as relações de viagens e os juizos dos primeiros europeus povoadores do Brazil. Elle proprio viveu entre os selvagens e conheceu os seus caracteres. Entre os viajantes de maior autoridade, porque viveu muitos annos e intimamente com os Tapuias no seculo XVII, Ferdinand Denis guia-se no ponto por Rouloux Baro.

E delle extrae, para caracterisar essa raça, já não sómente os caracteres tirados dos costumes, da distribuição geografica e da linguagem, estes que citam todos os escriptores ; mas os caracteres physicos, que ainda em ethnografia obrigam essencialmente ás distincções : — « Ainda que exista uma analogia notavel entre todas as tribus do littoral e do interior, os Tapuias, *mais do que nenhuma outra nação americana talvez*, parece terem conservado o traço selvagem do typo mongol. As maçãs do rosto salientes, o angulo do olho subindo para as fontes ; a robustez, etc. [1].

Paul Marcroy [2] relata, em nota á palavra *tapuia* : — « Esta palavra, de que nos servimos como todo o mundo, no principio do seculo XVII applicava-se exclusivamente á nação

[1] Le Brésil — pag. 7.
[2] Voyage atravers l'Amerique du Sud — Paris, 1869. 2º vol., pag. 342.

dos indios tapuias ou tapuiassú, que habitam as vizinhanças do Pará e os canaes da direita do baixo Amazonas. Esta nação foi uma das primeiras que desappareceu ao sopro da conquista portugueza. Nos nossos dias, o nome de tapuia não é no Amazonas mais do que um termo generico com que se designa todo o individuo da raça india».

E' isto exacto e accresce no juizo enunciado de que temos necessidade de distinguir com muito criterio entre o que vemos e observamos hoje e o que existiu e se perdeu ou transformou, pela dynamica deste povo, naturalmente muito vario.

* * *

Na summa das indagações, esta da successiva occupação do territorio pelas duas raças, antes da descoberta, é o que póde ter-se por melhor estabelecido. Tapuias antes de Tupis.

No estabelecimento das leis referentes ao estado de civilisação relativa das duas raças, já são grandes as hesitações e inconsistentes as affirmações que se encontram nos diversos escriptores.

Predomina a ideia de que a invasão foi de raça mais civilisada para menos. Entretanto, não se conclue assim do estudo serio das fontes mais autorisadas. Antes parece subsistir aqui o erro chronologico que temos apontado insistentemente.

Os restos actuaes e dos tres seculos posteriores á conquista da raça tapuia accusam, de facto, uma consideravel inferioridade, mesmo em relação aos Tupis, invasores de outras éras. Os Aymorés, Botucudos no Espirito Santo e Bugres no Paraná, são, como é testemunhado pelos escriptos do seculo XVI, degenerações enraivecidas, retrocessos de civilisação, perfeitamente explicaveis e explicados. Os restos, que refluiram em ondas de perseguição para o norte e se acham em condições degradantes junto dos grandes rios e pelo sertão que esses rios atravessam, embora guardando

costumes menos duros, attestam ainda a lei geral da desgraça que os arrastou a esse estado de decadencia e retrocesso. Erro, julgar por estes restos o estado de civilisação da raça antiga, no tempo recuado da sua existencia normal, antes da invasão pelos Tupis.

Os caracteres de todas as ordens, procurados nessa época, parecem, muito ao contrario, inculcar-lhes uma civilisação relativamente superior á da raça invasora.

Basta referir o que de melhor se apura sobre a anthropophagia, a pedra de toque que tem servido geralmente para rebaixar o estado moral das raças brazileiras, anteriores á conquista.

Penso que, por maior que seja a inclinação scientifica e humanitaria que se nutra para estas infelizes raças, não se póde, inteira e radicalmente, eliminar a existencia nellas deste depravado e repugnante uso. Mas ha profundas restricções a fazer-lhe.

A antropophagia, cruamente considerada como um prazer de preferencia, por appetite brutal, ninguem, com fundamento, a attribuirá ao indio brazileiro, nem tupy, nem, ainda menos, tapuia.

A estes, o autor do — Roteiro Geral, que com elles conviveu, pelo menos com os Maracás, na Bahia, explicitamente lhes nega tal e tão degradante costume.

As tribus tupis, geralmente e com caracter uniforme, tinham essa pratica, e as familias dos Tapuias degradados, Aymorés, Bugres e outros, tambem ; estes, provalmente, por convivencia ou aprendizagem. Mas como ultima demão de vinganças e de odios satisfeitos.

Os prisioneiros de guerra eram immolados em espectaculosas solemnidades, que têm muito de repugnante, é certo, na essencia, mas que tambem manifestam uma excepcional grandeza; selvagem, mas imponente.

O inimigo immolado aos odios da tribu vencedora affrontava o sacrificio, até o ultimo momento, com uma coragem e uma alegria que roubam ao facto grande parte

da sua feição repellente. O que para nós tem côres sinistras e repugnantes, tinha para elles, victimas ou executores, uma magestade e uma grandeza sublimes.

E nessa essencia se diluia a quasi totalidade do uso. Como depravação de gostos, no restricto sentido do canibalismo, a pratica fica vazia de valor, desde que o corpo da victima era fragmentado em parcellas minimas, que não podiam satisfazer o appetite da voracidade. A parte que pertencia a cada individuo, mesmo a cada familia da tribu, reduzia-se, por assim dizermos, a um symbolo, a um amuleto.

Reuniam-se, ás vezes, duas mil pessoas para o banquete de um homem!

O estado religioso no Tapuia não affecta gráo sensivel de inferioridade ao Tupy. O maracá é, em ambas as raças, o mesmo instrumento de veneração.

Os Tapúias guardavam-no mysteriosamente n'um logar reservado, aonde iam ritualmente fazer os seus sacrificios e invocações. Os Tupis converteram o maracá em instrumento movel de incitação á guerra, que ia na frente das phalanges, conduzido e tocado por dignitarios escolhidos.

Posteriormente á conquista, e ainda hoje, encontra-se o maracá na prôa dos *maracatins*, as canôas dos indios da foz do Amazonas, e que estes tocam, puxando por uma corda, como se fôra sino.

Quem póde ver nesta evolução de fórma religiosa a inferioridade dos Tapuias?

O *tembetismo* ou o costume de furar o beiço para lhe metter pedaços de páo, osso ou pedra; a *tatuagem* ou pintura no corpo com côres diversas e feitios variados, são communs ás duas raças.

* * *

Vamos concluir as nossas summarias considerações.

A America foi habitada por um homem, tão antigo como os que mais antigos se conhecem nos outros conti-

nentes. A raça de Constadt, da época quaternaria, pelo menos, encontra-se na Europa, na Australia, na Asia e na America.

Lund esse incansavel trabalhador da prehistoria brazileira encontrou na Lagôa Santa, o termo final das suas porfiadas excavações, um especimen de grande valor, actualmente na posse e guarda do Instituto Historico Brazileiro. Os sabios naturalistas brazileiros o Dr. Lacerda e Rodrigues Peixoto provaram a sua existencia n'outros logares do Brazil, nomeadamente no Ceará.

Ora, este mesmo craneo especifico, com variações que lhe não alteram a fórma typica, tem sido encontrado em logares e em condições que indicam a sua permanencia desde a edade quaternaria até os tempos modernos.

Atavismo ou *acaso,* como diz Quatrefages, o facto é que este craneo tem sido encontrado em todos os continentes e em todas as épocas, desde a primeira em que existiu o homem até a actual.

Quatrefages, que infelizmente ou estranhamente, apenas conheceu os trabalhos ethnograficos brazileiros pelos extractos dos dous distinctos anthropologistas atraz referidos, mostra, no seu livro « A Especie humana », uma indecisão e uma lacuna lamentaveis.

« O homem da época quaternaria deixou aqui e além algumas das suas ossadas reunidas ás dos animaes seus contemporaneos. Essas ossadas, porém, pertencem quasi exclusivamente á Europa. O homem fossil das outras partes do mundo é-nos ainda quasi desconhecido. Lund encontrou-o em certas cavernas do Brazil. Mas não se tem sobre esta descoberta outros detalhes, senão uma curta nota e dous desenhos de pequena dimensão publicados muito recentemente pelos Drs. *Lacerta* e *R. Peixó* ».

« Emfim, a raça de Constadt teve tambem representantes na America. Um dos desenhos, publicados pelos Drs.

[1] L' Espèce humainé — Paris, 1877, pag. 218.

Lacerda e Peixoto não deixa duvidas a respeito. Representa quasi toda a parte superior de uma abobada craneana achada na provincia do Ceará e cuja semelhança com a de Eguisheim é visivel.

« Infelizmente, os sabios brazileiros nada dizem das condições em que este precioso fragmento se achava no momento da descoberta, ficando-se assim na ignorancia sobre tratar-se de um fossil ou de um craneo da época actual [1].

Como comprehender a ignorancia de Quatrefages a respeito dos trabalhos de Lund, no fim de contas e pelo menos tão serios, tão completos e tão provatorios como os de qualquer outro sabio, europeu ou não, na Europa ou algures?

Quando esses trabalhos datam de 1825, da época em que a attenção dos sabios naturalistas se dirigia para a America e esta e em especial o Brazil eram visitados e percorridos pelos primeiros homens da sciencia?!

Quando Lund trabalhou no Brazil, em caracter um pouco official, commissionado pela Sociedade dos Antiquarios do Norte, subsidiado pelo seu governo; se correspondia com associações scientificas da Europa e frequentemente com Rafn, o incansavel secretario daquella notavel sociedade?!

Quando sobre o assumpto, além de excellentes e minuciosas memorias publicadas na *Revista do Instituto Historico do Rio de Janeiro*, Lund publicou os seus trabalhos em obra separada, sob o titulo « Blik paa Braziliens Dyreverden, etc.», que quer dizer: — « Breve noticia sobre a creação animal que habitava o Brazil na época geologica immediatamente precedente á actual ordem de cousas?! ».

* * *

As duvidas de Quatrefages sobre a antiguidade do homem brazileiro estão sobejamente resolvidas por Lund, desde 1843.

O facto de maior importancia para o conhecimento do homem fossil, do homem primitivo, do homem quaterna-

[1] Logar citado, pag. 230.

rio ou porventura terciario, foi a verificação constante em diversos pontos da terra de restos de animaes extinctos, que não têm semelhança com os da fauna historica. Eram ossos de tamanho desconhecido, enormes, affirmando existencia de animaes gigantes, totalmente desapparecidos — o *mammuth* (elephas primigenius), o *rhinoceronte* de narinas separadas (rhinoceros tichorhinus), o *urso das cavernas* (ursus spelæus), a *hyena das cavernas* (hyena spelæa), o *tigre das cavernas* (felis spelæa), o *cavallo das cavernas* (equus caballus), etc.

Estes estranhos animaes, depois de terem vivido de sociedade por milhares de annos, desappareceram por completo no principio da época actual.

O cavallo, a hyena rajada e o urso pardo actuaes não podem, sem grandes abusos de analogias, ser considerados descendentes dos animaes quaternarios.

O homem existiu tambem ao lado desses animaes fosseis; factos positivos o comprovam. Mas esse homem quaternario, primitivo, não seguiu a mesma lei da extincção dos grandes mamiferos seus contemporaneos. No meio das raças humanas historicas, aperfeiçoadas e superiores, o homem que vem da época quaternaria subsiste com todos os traços caracteristicos, principalmente deduzidos do craneo.

Dahi a grande difficuldade na determinação do homem prehistorico. E' indispensavel deduzir a sua existencia desse conjuncto de factos certos e averiguados que convençam realmente da sua existencia naquella remota época com a exclusão de toda a possibilidade de ser moderna ou historica ou actual a sua collocação.

O Dr. Lund em 1842, depois de ter examinado perto de duzentas cavernas, encontrado nellas restos de 115 especies de animaes, confessava: — [1] «No meio dessas numerosas testemunhas de uma ordem de cousas differente

[1] *Revista do Instituto Historico*— tom. IV, pag. 81.

da actual, nunca tenho encontrado nem o mais leve vestigio da existencia do homem ».

Desanimava o sabio dinamarquez e pendia para a solução negativa, para a negação do homem brazileiro fossil, quaternario, quando:— « teve a fortuna de encontrar *com* os primeiros restos de individuos da especie humana, debaixo de circumstancias que, ao menos, admittiam a possibilidade de uma solução contraria da questão [1] ».

Deve notar-se que a redacção do Dr. Lund tem de ser apreciada como de um dinamarquez que se vê forçado a explicar-se em portuguez.

E segue o nosso sabio, indicando as condições da sua descoberta, que infelizmente, repetimos, Quatrefages não conheceu : — « Achei estes restos humanos em uma caverna, que continha, misturados com elles, ossos de varios animaes, de especies decididamente extinctas (Platyonix, Buchlandii, Chlamydotherium Humboldtii, C. majus, Dasypus sulcatus, Hydrochærus sulcideus e. a.), circumstancia que devia chamar toda a attenção para estas intereressantes reliquias. Demais, apresentavam elles todos os caracteres physicos de ossos realmente fosseis [2] ».

E, para não poder existir duvida quanto á lealdade do seu caracter scientifico, á probidade das suas informações, diz a seguir: — « Sobre a immensa edade delles *(ossos humanos)* não podia pois haver duvida alguma ; porém, emquanto á questão de saber se os individuos de que elles derivavam tinham sido coevos com os animaes em cuja companhia se achavam, não se póde infelizmente tirar conclusão alguma decisiva, visto a caverna que os continha achar-se na margem de uma lagôa, cujas aguas annualmente, no tempo das grandes chuvas, entravam nella. Em consequencia desta circumstancia podia não só ter havido logar uma introducção successiva de restos de animaes, na

[1] Idem, idem, pag. 82.

[2] Idem idem idem.

caverna, como tambem os introduzidos posteriormente podiam misturar-se com os já depositados. Esta possibilidade mostrou-se effectivamente realizada, pois que, no meio dos ossos pertencentes a especies dicididamente extinctas, *achou-se* outros de especies ainda existentes [1] ».

Da sua meticulosa observação dá ainda outras provas, nãomenos valiosas, nesta mesma communicação ao Instituto. Recordando que, segundo as indagações e conclusões dos naturalistas europeus, nenhuma das grandes especies de mamiferos, cujos ossos se encontram no estado fossil, têm existido na edade historica, julgava-se Lund no direito de concluir do mesmo modo para as especies de que encontrou vestigios em estado analogo.

Mas não quer, dando ahi um bello exemplo de rigor scientifico, que, infelizmente, não é commum, nem mesmo nos sabios europeus : — « Como porém o processo de petrificação é um dos que têm sido menos bem estudados, principalmente em relação ao tempo exigido para a sua consummação, e constando mesmo que este tempo varia, segundo as circumstancias mais ou menos favoraveis, não se póde arriscar uma estimação delle senão com uma approximação bastantemente vaga ».

E assim, guiado pela mais severa e segura critica, limita-se a concluir : — « sempre fica para estes ossos uma antiguidade muito consideravel, que os faz remontar não só muito além da época do descobrimento desta parte do mundo, como talvez além de todos os documentos immediatos que possuimos da existencia do homem, visto não se ter ainda achado em outra alguma parte ossos humanos em estado de petrificação.

« Fica, portanto, provado por estes documentos, em primeiro logar — que a povoação do Brazil deriva de tempos mui remotos, e indubitavelmente anteriores aos tempos historicos [2] ».

[1] Idem idem, pag. 83.
[2] Idem idem, pag. 84.

Dous annos depois, em 1844, Lund, insistindo sempre nas suas indagações, volta ao Instituto com outra communicação, em que o problema, atraz do qual se esforçava com tanto zelo, fica finalmente resolvido, agora de modo irrefutavel. Uma, se não a melhor prova, dessa solução real e definitiva, está na maneira completa como ella satisfaz espirito tão meticuloso como o do Dr. Lund.

« Por esta breve exposição vê-se a importancia *de se achar* os restos mortaes humanos, de que se quer determinar a edade, acompanhados de ossos de outros animaes. Infelizmente esta coincidencia vem mui raras vezes a se verificar nas cavernas do Brazil, de sorte que não foi senão no anno passado (1843, posteriormente á communicação atraz referida, de 1842) que se me apresentou o primeiro exemplo de uma tal associação, sendo os ossos humanos, na localidade em que fallo, misturados com um grande numero de ossos de varios animaes, todos exactamente no mesmo estado de conservação, e mostrando terem sido depositados approximativamente na mesma época [1] ».

Depois d'uma exposição circumstanciada das condições physico-chimicas dos ossos encontrados e da determinação das especies a que pertenceram, Lund conclue com uma persuasão communicativa : — « A' vista dos factos que acabo de referir, não póde pois restar duvida alguma de que a existencia do homem neste continente data de tempos anteriores á época em que acabaram de existir as ultimas raças dos animaes gigantescos, cujos restos abundam nas cavernas deste paiz, ou, em outros termos, anteriores aos tempos historicos [2] ».

* * *

Outra deducção ethnografica de valor para o estudo do povoamento enunciou o Dr. Lund na sua communicação de 1842. Levado pelo conjuncto de analogias physicas, resume-a

[1] Idem, idem, pag. 83.
[2] Idem, idem, pags. 337 e 338.

nas seguintes palavras: — « Fica pois provado que os povos, que em tempos remotissimos habitaram nesta parte do novo mundo, eram da mesma raça dos que no tempo da conquista occupavam este paiz [1] ».

Existiu no continente americano uma raça tão antiga como as que se têm por mais antigas; esta se distendeu pelo Brazil e nessa região existia ao tempo da descoberta européa e nessa região existe ainda hoje.

Não induzamos dahi, como abusivamente o pretendem Nott e Gliddon (Types of Mankind) e, com tanto enthusiasmo, o apoiou o Dr. Sylvio Romero (Ethnografia Brazileira), o *autochtonismo* americano e, derivativamente, o *brazileiro*.

A analyse é, em geral, contraproducente, as conclusões são preconcebidas e não deduzidas, o methodo é abundantemente metaphysico e, por fim, as contradicções, como final confissão de verdades averiguadas, são frequentes.

« . . . não é necessaria a descendencia dos selvagens patrios das nações indo-européas, nem tão pouco um cruzamento qualquer com ellas [2] ».

Estas duas fórmas de identidade só serão desnecessarias a quem pozer de parte a questão do primitivo povoamento e se contentar com a idéa preconcebida de que tal identidade se não deu.

Uma vez verificado apenas que tal descendencia e semelhantes cruzamentos foram possiveis, houve desde logo para o ethnografo a necessidade de verificar ou procurar saber se esses factos se deram ou não.

Impossivel construir a negação sobre as differenças psychologicas e ainda menos anatomicas e physiologicas; factos de ordem analytica, que todos são justamente pela affirmativa. O homem physico americano, fossil, quaternario, possivelmente autochton, apezar das modificações differenciaes que se lhe observaram, é o mesmo encontrado nos outros continentes. Esse facto não soffre contestação.

[1] Idem, tomo IV, pag. 84.
[2] Sylvio Romero — Obra citada, pag. 20.

O desconhecimento dos metaes é um facto muito restricto, até mesmo local. Ninguem ainda o comprovou como existente simultaneamente em toda a raça americana. E, se elle, mesmo generalisado a toda a raça, viesse a ter algum valor, seria para comprovar que a migração para a America se não deu depois que os metaes eram conhecidos nas raças estrangeiras.

Da mesma fórma para os animaes domesticos e para tudo.

Por que esses motivos possam concluir contra uma migração n'uma época, póde deduzir-se que essa migração se não deu em época anterior em que as condições eram diversas ?

Succedeu que os selvagens patrios, aqui ou além, ignoram ou não possuem condições que, na mesma época, se divisam nas raças d'onde se presume que descenderam. Significa isso ou póde apenas patentear que a civilisação de uns e de outros não seguiu a mesma lei e a mesma intensidade.

Se, como a pag. 24 o illustre professor affirma « que as raças indigenas da America não poderão jámais ter uma historia », como quer affirmar-lhes por primeira pagina da sua historia a condição de não terem vindo de fóra ?

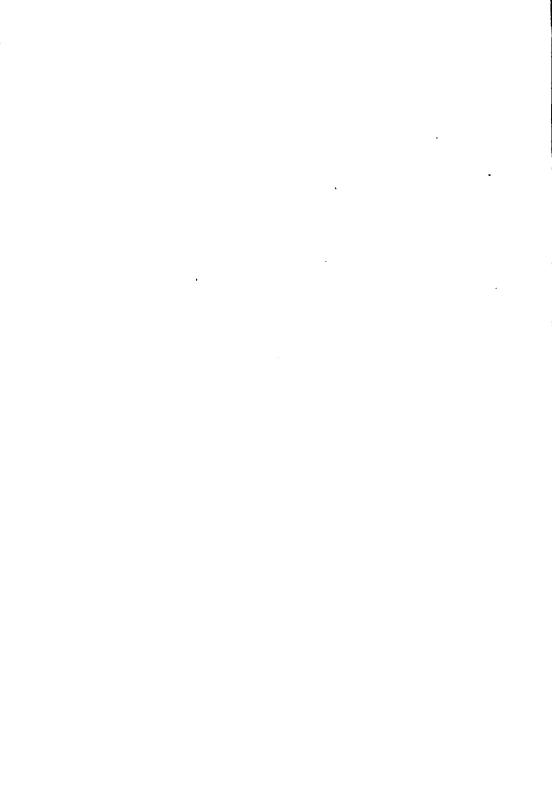
Se, como a pag. 25, « os poucos monumentos do Perú, do Mexico e de Guatemala são insufficientes para tal *desideratum* », seremos obrigados a aceitar uma outra explicação que não tem outras melhores ?

E' como o — « semina limus habet virides generantia ranes » de Aristoteles a impôr a geração espontanea, porque a fórma da genése não era conhecida para as rãs.

Os estudos scientificos sobre as raças americanas não são modernos. No mesmo tempo, na mesma época em que a prehistoria apparecia na Europa, era ella cultivada na America e aqui no Brazil, com tanto zelo e resultado, como no velho mundo.

Pelo mesmo tempo em que Eduardo Lartet, com razão considerado o fundador da paleonthologia humana, ia para

as cavernas desenterrar argumentos contra a chronologia de Moisés, e fazia a historia da raça de Cro-Magnon, uma numerosa phalange de sabios corria para a America em procura de factos de egual valor. A prehistoria nascia ao mesmo tempo no velho e no novo continente. Lund, um homem que não tem menos valor do que Lartet, este no valle de Vézère, aquelle na Lagôa Santa; Lund assentava em alicerces da mesma consistencia a historia da raça americana.

E' pouco justa, pouco douta e pouco patriotica a affirmação, como a pag. 89 — que os estudos scientificos sobre as raças americanas começam apenas no Brazil.

III

OS PRECURSORES DE CABRAL

Pretenções francezas; Cousin. — Pretenções portuguezas; João Ramalho; Duarte Pacheco. — Pretenções hespanholas; refutação pelos proprios documentos — Um caso de critica monstruosa. — Conclusões naturaes e comprovadas

Pretendem ter conhecido o Brazil antes de Pedro Alvares Cabral — a França por Jean Cousin e outros marinheiros, normandos e bretões; Portugal por João Ramalho, que frei Gaspar da Madre de Deus inculca em S. Vicente desde 1490, e Duarte Pacheco Pereira, consoante illações do seu — Esmeraldo de *situ orbis*; a Hespanha por Vicente Yañes Pinzon, Diego de Lepe e outros.

Demos uma passagem por estas tres pretenções.

1 — Prioridade franceza — Escriptores locaes, affirmando desde logo a pecha do bairrismo, pretenderam acreditar um tal Jean Cousin em viagem para a Africa e tocando de passagem em terras do Novo Mundo, hoje brazileiras, em 1488, doze annos antes de Cabral, mas ainda quatro annos antes da primeira viagem de Colombo.

Se vingasse a pretenção, ella daria á França mais do que a prioridade do descobrimento do Brazil; dava-lhe a do descobrimento da America.

A lenda, explorada até as nascentes, encontra-se, por meados do seculo XVII, nas tradições anonymas do povo normando e bretão, desenhada em fórma suggestiva, mas sempre vaga e indeterminada, n'um baixo relevo da egreja de S. Thiago de Dieppe. Esta construcção tem todas as fantasias das atoardas populares, atravessada por eixos imaginarios de anachronismos palpaveis; serve-lhe de trama uma dóse enorme de contos fantasticos, como os sabe forjar a imaginação que a cidra tradicionalmente aquece.

O monumento é uma mistura de allegorias americanas, africanas e indianas, que, no rigor chronologico, lhe fixam uma data posterior á viagem de Vasco da Gama. A critica franceza suppõe-no do seculo XVI e Vitet dá-lhe a autoria do celebre corsario João Ango [1]. Seja, porém, qual fôr a data do relevo, d'elle, por uma já ampla concessão, nunca se poderia tirar mais do que a probabilidade de que navegadores normandos andassem pela America antes desta data. Para, pois, attestar uma prioridade a Colombo, carecia o monumento de ter uma existencia anterior a 1492. Essa affirmação ainda até hoje nenhum escriptor, normando ou não, pensou em fazer.

Podemos remetter o baixo relevo da egreja dieppense ao seu logar de admiração contemplativa dos forasteiros, depois do seu depoimento por negação no tribunal da historia.

Em 1643, o padre Fournier deu á lenda popular a sua primeira feição litteraria, convidativa para excavações dos escriptores bairristas, nulla para lhe encostar, quanto mais construir-lhe em cima, uma edificação historica.

— « Os normandos e bretões sustentam ter achado o Brazil antes de Americo Vespucio e de Capral. » Esta nota

[1] Pierre Margry — Les navigations françaises et la révolution maritime du XIV au XVI siècle; Vitet — Histoire de Dieppe.

Apud. J. Lucio de Azevedo — Estudos de Historia Paranaense *(a)*, pag. 183.

(a) Leem-se com particular interesse os trabalhos deste distincto cultor das boas lettras, com quéda accentuada para excavações e criticas historicas.

Trazem uma fórma simples, mas correctissima, e uma sinceridade de analyse e de conclusões que os tornam muito appetecidos.

do bom padre, que elle não teve a coragem de collocar acima da esteira em que a encontrou, recebe pouco depois um complemento especifico que lhe restringe todo o seu supposto valor, levando a lenda para uma época indifferente á questão e reduzindo-a a um facto meramente accidental.

— «Pelo anno de 1524, dizem os de Dieppe, Guerard e Russel de Dieppe foram á America e descobriram o Maranhão antes que algum portuguez ahi tivesse estado.»

Reduzidas a estas proporções, assignadas pelo padre Fournier, as descobertas dos normandos, ellas não empanam o brilho da obra de Cabral, que presumimos ser o Capral do texto normando. Nem seria facil negar aos normandos em 1524, que por muitos annos já pirateavam pelo Brazil, a honra de terem descoberto logares onde antes delles nenhum europeu tivesse estado. O Brazil é tão grande, que o facto ainda hoje é possivel e se repete ahi a nossos olhos, sem que os actuaes descobridores tenham a lembrança de avocar primazias para os seus respectivos paizes. Os ratos visitam n'uma casa logares onde o dono nunca foi; nem por isso os ratos se arrogariam por ahi o direito de posse dos sitios que elles frequentam.

* * *

Em 1785, mais de um seculo depois do somno desta lenda encabeçada por Fournier, outro normando, Desmarquets, grudou-a nas suas «Memorias Chronologicas», com uma nova feição, que já propendia para uma urdidura historica.

— «Cousin (a quem os armadores de Dieppe tinham dado o commando de um dos seus maiores navios, com ordem de se estender pelas costas da Africa seguintes ás de Adra e do Congo, para as quaes a sua carga era destinada), partiu do porto de Dieppe, no começo do anno de 1488.

«Este capitão é o primeiro do universo (passe a hyperbole para não baralharmos questões), que soube, pelas lições de Descaliers, tomar altura no alto mar; assim não ia á vista das costas, como os seus predecessores.

«Logo que sahiu da Mancha, atirou-se ao oceano e achou-se, ao cabo de dous mezes, em frente de uma terra desconhecida, onde deu com a embocadura de um grande rio, que elle chamou Maranhão e que depois chamaram das Amazonas.

«Cousin, pela altura que tomou, comprehendeu que era preciso, para ganhar o alto da costa de Adra, fazer caminho para o pólo sul, correndo para léste; por este meio foi o primeiro que fez a descoberta da ponta de Africa; deu o nome —das Agulhas, a um banco que alli observou.

«Este joven capitão tinha tomado nota dos logares e da sua posição; voltou ás costas do Congo e de Adra, onde trocou as suas mercadorias e chegou a Dieppe no correr de 1489.

«Cousin, no seu relatorio, queixava-se dos trabalhos e difficuldades que lhe creára o seu immediato, por nome Pinzon, no correr da viagem. Este homem, duro e ciumento de caracter era, na verdade, mais antigo marinheiro que Cousin, mas ignorava, como os do seu tempo, a Hydrografia, sciencia que Descaliers acabava de formar e que Cousin praticava. Vicente [1] Pinzon, enciumado por esta superioridade, tratou de sublevar a guarnição contra o chefe.

«A municipalidade de Dieppe procedeu, pela queixa de Cousin, a um inquerito, tomando os depoimentos dos officiaes e marinheiros, e, convencida das allegações contra Pinzon, condemnou-o a não poder mais embarcar em Dieppe como official de marinha.

«Pinzon, furioso, expatriou-se para Genova. E' provavel que ahi seduzisse Colombo para a sua empreza, visto vir a fazer parte da esquadra do almirante.»

Esta extraordinaria narrativa, se viesse acompanhada de documentos, a que Desmarquets se não cansa de alludir, mas de que fez lamentavel monopolio, se ao menos trouxesse appensado o processo da municipalidade, instruido da

[1] Não deve passar desapercebido este nome, que rouba toda a ulterior relacionação do immediato de Cousin com Martin Alonso Pinzon, o mais velho dos tres irmãos companheiros de Colombo.

queixa de Cousin e da sentença condemnatoria contra Pinzon, teria feito uma completa revolução. A cartografia teria sido emendada, a historia geografica, a chronologica e a historia monografica teriam soffrido profundas modificações, os hymnarios repeteriam diversas toadas laudatorias e, nos dous seculos decorridos para cá de Desmarquets, o mundo inteiro se teria embasbacado genuflexo perante a patria da cidra e das baladas!

Este veio suggestivo e creador, d'um Pinzon dieppense, e logo um Pinzon chefe, o mesmo Vicente, o companheiro de Colombo em 1492, o commandante e emprezario de uma pretensa descoberta do Cabo de Santo Agostinho e depois de mundos e fundos pelo sul e pelo norte americano; este veiu, se fosse alimentado por um bocadinho de documentação, teria poupado leguas de discussões e de trabalhos á cavoucagem historica.

Esta genése da Hydrografia, feita normanda por Descaliers, pelas immediações de 1488, reduzida a medições da altura, naturalmente pelo astrolabio, unico instrumento conhecido na época, lançaria por terra a gloria da escóla nautica de D. João 2º de Portugal, fundada em Lisboa em 1481, e eclipsaria totalmente a nomeada de Martin Behain, de Regiomontano, seu mestre, e da sciencia da Bohemia, onde o Principe Perfeito foi buscar os ensinamentos; sombrearia a fama de Toscanelli, que desde bastantes annos cultivava a cartografia com universal respeito, ganhando a fama de oraculo em assumptos geograficos.

Os que ainda hoje, maravilhados pela magnitude do facto de Colombo em 1492, do de Cabral em 1500, se entretêm em conceder a acasos e a condições fortuitas de occasião aquellas viagens, aliáz premeditadas na sua directriz e largamente suggestionadas por outras, em parte de trajectoria commum, não irão facilmente acceitar ao joven marinheiro de Dieppe, em 1488, em missão expressa para a costa africana, com fins meramente commerciaes, a inspiração de *atirar-se ao oceano*, logo á sahida da Mancha,

apenas porque levava na sua bagagem a portentosa arma da medida das alturas, fornecida por Descaliers.

Estancelin, outro normando, reproduziu a lenda patricia em 1826 e 1832; mas, como já escrevia em tempos de analyses criticas, ao lado de Navarrete e de Muños, viu-se forçado, por um certo pudor de louvavel simplicidade, a confessar que andára em cata de documentos apregoados por Desmarquets, e... os não achára.

D'Avezac abusou da sua autoridade e sahiu do molde da sua severidade critica, dando curso á lenda, ainda sem um unico documento provatorio.

Foi esse extranho processo que tirou á profunda analyse de J. Caetano da Silva a exclamação de justa susceptibilidade — *isto é historia?*

* * *

Mais modernamente, boiou de novo a questão, agora com fórmas que procuravam os modernos moldes do criticismo historico. Paulo Gaffarel, notavel professor e decano de Dijon, de grande quéda pelas cousas do Brazil, resuscitou a lenda normanda, vestindo-lhe uma roupagem apparentemente persuasiva.

Toda a sua erudição mira a acreditar a narrativa de Desmarquets ; por documentos não, mas por plausibilidade.

Em referencia a documentos, que Desmarquets inculca ter visto, que Estancelin confessa procurar e não ver, Gaffarel arma uma explicação infeliz : que os documentos, que Desmarquets viu, se perderam no incendio que devorou todo o archivo do almirantado de Dieppe, quando esta cidade foi bombardeada pelos inglezes.

Ora este facto deu-se em 1694 e Desmarquets escreveu em 1785; medeiam entre os dous factos 91 annos, que viram para Gaffarel as duas pontas deste dilemma: ou Desmarquets fallou dos documentos, 91 annos depois de os ver, ou teve a magica felicidade de os ver, 91 annos depois de queimados!

Pela primeira ponta, temos que admirar a longa vida deste normando, que em 1694 já precisava de ter a capacidade e a educação para andar a colligir e estudar documentos pelos archivos, uns vinte annos, pelo menos, para sobre elles construir uma obra 91 annos mais tarde, na edade de 111 annos ou mais!

Pela segunda ponta, achamo-nos em presença de sciencias occultas, que por emquanto não têm curso em indagações historicas.

Afóra isso, toda a reconstrucção de Gaffarel se reduz á exploração combinada de um Pinzon, inculcado immediato de Cousin em 1488, com os Pinzões de Palos da Andaluzia, que tão alto papel representam nas navegações hespanholas, desde a primeira viagem de Colombo em 1492.

Essa habil urdidura do prestigioso professor de Dijon foi contrariada por escriptores brazileiros de nomeada e de pulso, que se esqueceram, entretanto, do ponto essencial em que se tem de combater Gaffarel.

Gaffarel, para a sua especiosa construcção, carece que seja Martin Alonso Pinzon o immediato de Cousin, concessão que não póde fazer-se-lhe, porque Desmarquets, clara e terminantemente, diz que se chamava Vicente Pinzon. Nessa reparação se vai toda a imaginosa inculca de que Martin, na primeira viagem de Colombo, o puxava para o sul pela reminiscencia da sua viagem de quatro annos antes, como modo *a inversis* de comprobar esta ; ainda se perde o aproveitamento da supposta rebellião de Martin na mesma primeira viagem de Colombo, como modo de verificar a identidade por qualidades eguaes de caracter.

A insistencia de Gaffarel, por uma tradição da viagem de Cousin na familia Pinzon em Palos, é uma facecia. Além de não ficar um só dos motivos que a comprove, é comica uma tradição de quatro annos ! Chega-se a querer explicar a vinda de Vicente Yañes Pinzon, ao Cabo Santo Agostinho, em razão dessa tradição de familia e, para não ser do mesmo ao mesmo, creou-se um Alonso tio e um Vicente

sobrinho [1]. Perfeita creação, porque o pretenso descobridor do Cabo de Santo Agostinho é o mesmo Vicente, irmão de Martin Alonso, ambos companheiros de Colombo.

E, como, na mesma época e na mesma esteira da tradição, se diz que viera Diego de Lepe, dilata-se a tradição de Dieppe a Palos, na familia e na roda dos Pinzons [2].

« Geograficamente fallando, não ha razões para negar a sua possibilidade (viagem de Cousin); o que em 1500 veiu succeder a Pedro Alvares Cabral, doze annos antes bem podera ter succedido a João Cousin [3].»

Não póde conceder-se mais do que se pede.

Desmarquets explicitamente persuade que Cousin sahiu da Mancha, de fito feito e rota batida, para a America — *atirou-se ao oceano*, é a sua phrase. Não nos cabe diminuir o valor da façanha pela vontade de a tornar possivel.

Além de que, os doze annos que decorrem de 1488 a 1500, são por tal fórma fecundos em ensinamentos e progressos geograficos, que não permittem por caso algum construir condições eguaes aos dous navegadores.

Cabral veiu na esteira do Gama, desassombrada por Colombo; Cousin *atirou-se* ao pégo do desconhecido sem precedencias, nem luzes, além da contestada alavanca da medida das alturas do padre Descaliers.

A este reverendo, mestre de Cousin, o Toscanelli do navegador de Dieppe, faz-se uma depuração que arromba esvasivamente o tonel de Desmarquets.

Desmarquets dá Descaliers nascido em 1440; ha um Descaliers que fazia portulanos de 1550 a 1553. Se fosse o mesmo, teria 110 a 113 annos de edade!

Gaffarel pretendeu tapar os rombos, forjando outro Descaliers, mas ficou com o vaso vazio na mão; vazio e quebrado!

[1] Fz. Pinheiro — *Revista do Instituto*, tomo 27, 2ª, pag. 76.

[2] Capistrano de Abreu — Descobrimento do Brazil, etc., pag. 7.

[3] Dr. Ramiz Galvão — *Revista Brazileira*, tomo 1º.

Major (Vida do infante D. Henrique) convence de que houve um só Descaliers; Malte Brun provou que esse um viveu em 1550, construindo cartas originaes. O hydrografo de 1488, mestre de Cousin fica para a lenda. O Descaliers real, cartografo em 1550 ajusta-se á ultima demão que se deu ao assumpto.

No *Journal des Americanistes* de Paris, appareceu ultimamente um novo estudo deste episodio, com a mira de firmar Cousin na galeria dos navegadores normandos e Desmarquets, seu cantor, na fila dos historiadores sisudos. Que de facto existiu Cousin e fez a decantada viagem, mas em fins do seculo XVI. Tomaria tempo infructifero esta nova reparação, que já, quando acceitada, em nada interessava á questão da prioridade, que o proprio autor do artigo repelle. Diremos apenas que, se a insistencia foi para justificar Desmarquets, não o conseguiu. Descaliers já póde ser instructor de Cousin, sem empanar a gloria de Toscanelli e de Martin Behaim; Desmarquets é que fica na mesma esteira de *maranhoso* contador. Não, porque desandou de um seculo o viajante patricio, mas porque lhe grudou um Vicente Pinzon que ninguem conhece no fim do seculo XVI. E essa fundição é que trazia no bojo a maior parte da verosimilhança da patranha que seduziu Paulo Gaffarel.

* * *

A lenda do Pinzon dieppense, indispensavel ao contexto da prioridade de Cousin, essa não é susceptivel de concertos.

Desmarquets persuade no navegador patricio dous baptismos unicos e singularissimos — o de Maranhão, com que denominou o grande rio americano, o das Agulhas, com que appellidou a ponta meridional africana. O primeiro nome fica a quadrar para envolvente generico de toda a empreza de Cousin, no sentido figurado da palavra [1]; o segundo,

[1] Maranhão, em giria popular, é synonymo de *mentira*.

pretendeu aproveital-o Gaffarel para serzir no monstro uma banda de verosimilhança. Por melhor que seja o alfaiate, a banda fica sempre em despego.

Um Pinzon, que em 1489 ou depois, conferencia suggestivamente com Colombo em Genova, não tem entrada no templo; põe-se na rua, da sala dos paços perdidos. Colombo, desde muito antes da supposta viagem de Cousin, que estava de todo suggestionado; em 1489, o que elle procurava eram navios e gente para o acompanhar, não eram conselhos nem mestres. Em 1489, Colombo passava a sua maior crise de desanimo, despachado negativamente pela côrte de Hespanha, ao cabo de cinco annos de porfiada luta de pretendente. Volvia os olhos annuviados para Inglaterra e para França, mas não sahira de Hespanha até a reconsideração dos reis catholicos. Fôra preciso ubicuidade para se encontrar com Pinzon em Genova.

* * *

Archivemos o processo da prioridade de Cousin, juntando-lhe a sentença corrida em julgado em tribunaes francezes, proferida por juiz insuspeito, dous annos depois da reclamação de Gaffarel.

Gabriel Gravier, tendo dito em 1870, no prefacio do seu livro « Descobertas e estabelecimentos de Cavelier de la Salle » : — *os normandos repartem com os bretões a honra de ter tocado antes de alguem no Novo Mundo*, diz em 1880, no opusculo « Os normandos no caminho das Indias » : —*Pensamos ter demonstrado que os normandos frequentavam as costas do Brazil em 1497 ou 1498, o mais tardar; é permittido esperar que um dia se fará a prova da expedição de 1488.*

E esta autorisada opinião, que desterra a pretenção do joven Cousin para umas kalendas possiveis, mas vindouras, para onde a boa critica a tinha já enviado, fecha com chave de ouro a abdicação formal das pretenções francezas, até no

futuro, pelas seguintes palavras :— « Resolvido este ultimo ponto (a expedição de 1488), não poderemos ainda lisongear-nos de ser os descobridores da America ; esta honra pertencerá sempre a Christovão Colombo. Seria, porém, glorioso para a nossa marinha normanda ter achado duas vezes o novo continente, no seculo X por uma das mais audaciosas navegações ; em 1488, quatro annos antes de Christovão Colombo, por seus conhecimentos nauticos».

Glorioso era, em verdade, mas não é, porque a tentativa foi malograda, pelos embaraços á ligeireza.

Junte-se e archive-se o processo de Cousin. A gloria de Colombo, da mancha que lhe vinha de Dieppe, está totalmente lavada. Resta fazer a mesma operação de limpeza á de Pedro Alvares Cabral.

* * *

Vejamos como Gabriel Gravier pensou ter demonstrado a vadiagem dos seus patricios normandos pelas costas do Brazil, em 1497 ou 1498 *o mais tardar*, dous annos, pelo menos, antes da ancoragem de Cabral em Vera Cruz.

E' d'uma simplicidade e d'uma evidencia miraculosa a tal demonstração !

Na Bibliotheca Americana Vetustissima, de Henri Harrisse, New-York, publicou-se um celebre documento allemão, que possue a bibliotheca real de Dresde.

Tem por titulo — *Cópia Der Newen Zeytung auss Presillig Landt ;* não tem data, nome de autor, nem logar de publicação ; falla d'uma navegação portugueza armada por Christovai de Haro de sociedade com um tal Nuno.

Gravier, por um trabalho muito de sua lavra, mas muito mal lavrado, como em seu opportuno logar teremos de convencer, admitte tres armadas portuguezas pelo Brazil—a de 1500, commandada por Cabral, uma de 1501, commandada por D. Nuno Manuel e Vespucio, outra de 1503 ao commando de Gonçalo Coelho, tambem acompanhado de Vespucio.

Em seguida, com um olho nestas armadas e outro na *Cópia*, conclue que foi a de 1501 a que é descripta pelo folheto allemão.

Aceitemos, por agora, tão extravagante concordancia, para apreciarmos as conclusões de Gravier.

D. Nuno Manuel toca nas alturas do Cabo de S. Roque e os habitantes desta costa contam-lhe que, de vez em quando, batem ahi outros navios dirigidos por homens vestidos como os de Nuno, mas que têm em geral a barba ruiva; os portuguezes concluem que devem ser francezes.

Até aqui a *Cópia*. Agora Gravier: — « Nesta época longiqua, quando se evitava com cuidado despertar a attenção dos rivaes, ir, de vez em quando, dos portos da Normandia ao Brazil, exige evidentemente alguns annos. Ora, alguns annos antes de 1501 levam, ao fim do seculo XV, a 1497 ou 1498, as primeiras viagens dos nossos marinheiros ás costas da America do Sul ».

Depois de logica tão extravagante, haverá ainda quem accuse frei Gaspar da Madre de Deus pela sua serafica persuasão de um João Ramalho em S. Vicente, por 1490 ? !

Esta inculca, tirada da *Cópia*, d'uma armada portugueza pelo Brazil, em 1501, ao commando de D. Nuno Manuel, ha de ser por nós assignalada no seu mais proprio logar. Lá mostraremos quanto Gravier se illudiu nas suas conclusões.

* * *

II. — **Prioridade portugueza : (a) João Ramalho** — Frei Gaspar da Madre de Deus, erudito benedictino, natural de Santos, no seculo conhecido por Gaspar Teixeira de Azevedo, acabou, por 1784, uma chronica muito afamada, com o titulo de « Memorias para a historia da capitania de S. Vicente ».

Esta obra ficou inedita e porventura esquecida nos archivos da ordem em S. Paulo, até 1841, em que appareceu publicada na « Revista do Instituto Historico do Brazil », segundo cópia obtida pelo socio Dr. M. J. do Amaral Gurgel.

Descobre-se desde o começo da obra uma má vontade de benedictino á gloria de Colombo; a lenda do incitamento do Affonso Sanches, revelador, á hora da morte, nos braços de Colombo, de terras que visitára, é explorada com más tenções; o tiro de graça dispara nas seguintes formaes palavras:

« Daqui veiu crer-se como artigo de fé historica que Colon e seus companheiros foram os primeiros europeus que entraram na America; o contrario porém se infere do testamento de João Ramalho, um portuguez, natural de Broucella, na provincia da Beira, a quem o illustre Martim Affonso de Souza, conquistador e primeiro donatario da capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo, deveu a facilidade com que fez o seu estabelecimento nesta provincia, sendo nella recebido amigavelmente pelo senhor da terra Tibereçá, regulo Guayanaz e senhor das aldeias de Piratininga. »

Segue o desdobramento desse bello conto do portuguez João Ramalho, aportado áquellas regiões, enamorado da formosa princeza Bartira, baptisada em Izabel, com ella christãmente casado e, não menos christãmente, fabricando uma numerosa e distincta próle, a quem se emprestam altas façanhas.

Martim Affonso de Souza aporta a S. Vicente, em 1532, entrando pela barra da Bertioga e tem a felicidade de cahir nos braços patricios de Ramalho, que lhe presta serviços inestimaveis.

Basta dizer que os caciques de Itú, ao terem noticia do esbulho da expedição portugueza, marcham, á frente das multidões de indios que lhes obedecem, a fazer respeitar o seu direito; mas encontram na sua frente o mais poderoso Tibereçá, que Ramalho conquistára em beneficio de Martim Affonso.

Aplacam-se os odios, e indios e portuguezes confraternisam, em festivas e duradouras amizades.

Até aqui apenas se desenha a necessidade de um João Ramalho, em S. Vicente, antes de 1532; vejamos como frei

Gaspar, por considerações de outra ordem e pretença documentação, recúa para 1490 a estadía de Ramalho.

« Eu tenho uma cópia do testamento original de João Ramalho, escripto nas notas da villa de S. Paulo pelo tabellião Lourenço Vaz, aos 3 de maio de 1580. A' factura do dito testamento, além do referido tabellião, assistiram o juiz ordinario Pedro Dias e quatro testemunhas, os quaes todos ouviram as disposições do testador.

« Elle duas vezes repetiu que tinha alguns noventa annos de assistencia nesta terra, sem que algum dos circumstantes lhe advertisse que se enganava, o que certamente fariam, se o velho por caduco errasse a conta; porque bem sabiam todos que em 1580 ainda não chegava a 50 annos a assistencia dos portuguezes na capitania de S. Vicente, aonde entrava Martim Affonso de Souza com sua armada em dia de S. Vicente, 22 de janeiro de 1532; e este facto tão notavel não podia ignorar morador algum de S. Paulo, por ainda existirem nesse tempo alguns povoadores, que vieram na armada com suas mulheres e seus filhos.

« Eu podera numerar alguns dos primeiros que viviam e fizeram testamento no anno de 1601.

Se, pois, na éra de 1580, contava João Ramalho alguns noventa annos de residencia no Brazil, segue-se que aqui entrou em 1490, pouco mais ou menos; e, como a America pela parte do norte foi descoberta em 1492, resulta que no Brazil assistiram portuguezes oito annos, pouco mais ou menos, antes de se saber na Europa que existia o Mundo Novo: digo portuguezes no plural, porque das Memorias do padre Jorge Moreira, escriptas no meio do seculo passado, consta que, com João Ramalho, veiu Antonio Rodrigues, o qual, diz o autor, casára com uma filha de Piquirobi, cacique da aldeia de Hururay».

O erudito historiografo Candido Mendes de Almeida passa pelo pulverisador da lenda de frei Gaspar; com injustiça, pensamos.

O illustre e pranteado escriptor reduziu a sua longa dissertação a negar autenticidade á cópia que o benedictino affirma que possuia, e averbar de imaginario o testamento, formulando uma e outra severa accusação, ao frade como agente, nas seguintes palavras: — « Testamento, adrede publico, com caracter e physionomia suspeitos, revelando bem a mão culposa que concebeu-o, levando a estranha data de 3 de maio de 1580, em que se entroncam com João Ramalho e seu desembarque em Santos, a patria do chronista benedictino, em 1490, as recordações do dia auspicioso da descoberta de Cabral, e o milesimo da entrada da ordem benedictina no Brazil [1] ».

« . . . testamento, ad hoc creado para rodear de certa aureola um paiz e duas individualidades, o imaginado protogonista, João Ramalho, e o excavador do testamento, o pithagorico Colombo da descoberta santina [2].»

« Esse testamento não passa de uma creação da fantasia do chronista benedictino...»

« Foi uma pia fraude contra a verdade historica, creada pela imaginação do celebrado benedictino santense...»

São, entre muitos, as armas que o illustre historiografo virou contra o chronista.

Não podemos acompanhar o critico no seu processo, nem o louvor que tantos lhe têm fabricado.

A accusação ao frade não passa de presumptiva e póde cahir em calumniosa; contraproduz, no *adrede publico*, visto que o mesmo critico relata logo no principio que a pobre chronica ficou sepulta no archivo da ordem, de 1784 a 1841, e, se viu a luz, a um benemerito socio do Instituto, que não ao frade, devemos esse serviço; porque não faltam,

[1] *Revista do Instituto Historico Brazileiro* — tom. 40, 2ª parte, pag. 357.
[2] Idem idem.

pelo extenso trabalho do critico, provas de que a lenda tinha existencia muito anterior a frei Gaspar e que este apenas a corporisou.

Depois, são futilissimas as razões allegadas, sempre presumptivamente, que podiam ter levado um sacerdote de nome e de gravidade a expor a sua reputação a um ataque tão rude — um bairrismo verdadeiramente pueril.

Temos por melhor, sufficiente e provatoria, a opinião de que frei Gaspar se fez echo de uma lenda, que não soube, não poude ou não quiz averiguar melhor. A época em que escreveu, a mesma de Rocha Pitta, era perfeitamente asada para lendas, e, tanto mais impressionistas eram ellas, tanto maior reputação carregavam ao seu autor. Frei Gaspar, ou porque o seu cultismo não subia acima do meio em que se criou, ou porque tinha a preoccupação de lisonjear o publico, tomou a lenda como a encontrou e fortificou-a com o reforço das suas informações, falsas ou verdadeiras, mas que elle tinha por boas. A cópia do testamento, que elle diz que possuia, devemos acreditar que a possuisse mesmo, desde que com nenhuma especie de prova real podemos desmentil-o, e desde que cópia e testamento não acreditam a lenda. Ella desfaz-se por ordem de razões, todas compativeis com a existencia do papel.

E' o que devera ter feito o critico, em vez de explorar, com pouca generosidade, uma accusação descabida.

* * *

Aceitemos, com frei Gaspar, que João Ramalho dissesse, em 1580, perante seis pessoas, que — « tinha alguns noventa annos de assistencia nesta terra » ; mas não concedamos ao benedictino que isso seja prova de que Ramalho andasse por Santos desde 1490.

Em primeiro logar, o indefinido *alguns* não equivale a *pouco mais ou menos*, nem essa indefinição, que, para o caso, carece de não passar de dous annos, póde isoladamente

provar uma precedencia a Colombo. Alguns 90 annos, perto de 90 annos, quasi 90 annos, são phrases equivalentes que se satisfazem com todos os numeros de 81 a 89; de fórma que, no rigor, Ramalho poderia ter sido exacto e ter vindo a Santos por 1491 ou qualquer outro até 1499.

O problema é indeterminado e servem-lhe soluções que não satisfazem a these de frei Gaspar.

Depois, o facto de não ser contestado pelos circumstantes não tem o minimo valor. Podiam todos saber que o testador estava em erro, que nem por isso o iam contrariar. Elles não estavam alli para comprovar a exactidão do affirmado, mas sim a existencia da affirmação. As testemunhas completam a prova de que João Ramalho disse, mas não têm valor algum para certificar que elle disse a verdade.

E' de presumir que este testamento fosse feito em artigo de morte, o que afasta ainda mais a possibilidade de uma contestação dos presentes; o que diz um moribundo, ouve-se, não se lhe discute.

* * *

Uma carta do irmão Antonio de Sá, da Companhia de Jesus, que se encontra na collecção manuscripta da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, escripta de S. Paulo para a Bahia, com data de 13 de junho de 1559, prova que João Ramalho era morto nesta data.

Este argumento, que, para Candido Mendes, augmenta a prova da mentira de frei Gaspar, deve ser interpretado com outra orientação.

O livro das vereanças da Camara de S. Paulo, que serviu de 1562 a 1566, affirma que, na sessão de 15 de fevereiro de 1564, João Ramalho declarára :—« não poder aceitar o cargo de vereador, para que fôra eleito, por ser homem velho, que passava de 70 annos [1] »; affirma mais o mesmo livro que, em

[1] Azevedo Marques — Apontamentos da Provincia de S. Paulo, 2º, pag. 27.

1562, foi João Ramalho nomeado pela Camara e pelo povo de S. Paulo para capitanear a gente que sahiu ao sertão a fazer frente aos Indios do Parahyba, que vieram contra a villa.

Estes documentos cotejados exigem dous homens com o mesmo nome, um morto em 1559, outro ainda capitaneando bandeiras em 1562 e tendo mais de 70 annos em 1564.

Não infirmam a asseveração de frei Gaspar, como suppõe Candido Mendes.

Quem reflecte nos documentos, vindos das noticias de viajantes e das cartas dos jesuitas, que se referem a João Ramalho, não póde deixar de induzir que houve dous homens, muito diversos e com este nome.

Um, muito provavelmente, o mesmo notavel Bacharel da Cananéa, homem valente, atrevido, pratico em cousas do mar e do sertão, com quem se entendiam vantajosamente todos os viajantes que por alli passavam. Era inimigo dos jesuitas, que o tratam sempre com predicados injuriosos.

Schmidel [1] diz na descripção da sua viagem do Paraguay a S. Vicente, em 1553 :—« Ramalho pretende ter feito a guerra durante 40 annos nas Indias, etc. ». Refere-se ao Brazil; passagem que assignala a existencia deste Ramalho em S. Vicente, desde 1510, mais ou menos.

Schmidel dá deste João Ramalho uma descripção concordante com a dos jesuitas — um ladrão, libertino, degradado, etc.

Outro é muito considerado pelos padres da companhia e pelo povo paulista, que o eleva aos primeiros cargos.

Com esses dous homonymos tudo se explica, até a existencia de um em 1580, como quer frei Gaspar.

O que fica sempre lenda é que um ou outro ou alguem aportasse a S. Vicente em 1490.

[1] Ulrico Schmidel, de Straubing — Historia verdadeira de uma viagem curiosa, na America ou Novo Mundo, pelo Brazil e Rio da Prata, desde o anno de 1534 até 1554, 1a edição, Francfort sobre o Mena, 1567.

Não se apura um predecessor a Cabral, quanto mais a Colombo, como timidamente affirmou frei Gaspar da Madre de Deus.

Para convencer da inconsistencia da affirmação do chronista benedictino, bastará repetir uma phrase sua:

« A assistencia de João Ramalho no Brazil, antes de chegarem a S. Vicente os primeiros povoadores, deve ser inculcada em uma dissertação que o persuada.»

O frade moderou o seu enthusiasmo, baixando d'um precursor de Colombo para um problematico antecessor dos primeiros povoadores da capitania; cousa que elle ainda confessa que não deixa liquidada e appella para alguem que o demonstre persuasivamente.

E acaba:—« eu o faria, se houvesse tempo para isso ». Um frade benedictino, empurrando o panal para outro, *por lhe faltar o tempo,* convence claramente de que nem a esta modesta affirmação elle via furo.

Entretanto, a magra dissertação do simples frade, desde que o benemerito Instituto Historico lhe deu curso na sua *Revista,* deu aso ás mais extravagantes apreciações.

Paulo Gaffarel, a quem nos referimos na prioridade franceza, tirou da escudella de frei Gaspar, atravez da transposição do Dr. Lund, esta singularissima affirmação [1]:

« A mais curiosa e ao mesmo tempo a mais autentica dessas expedições secretas é a d'um certo João Ramalho, de quem o Dr. Lund descobriu o testamento. »

Duas suggestivas illações:—1ª, a confissão do proprio Gaffarel da pouca autenticidade da sua viagem Cousin em 1488; 2ª, a attribuição a um sabio e paciente descobridor de craneos e restos paleontologicos, da descoberta do testamento de João Ramalho.

Pobre frei Gaspar da Madre de Deus, que nem esta gloriola te respeitaram!

[1] Étude sur les rapports de l'Amerique et de l'ancien continent avant Christophe Colombe.

b) **Duarte Pacheco Pereira** — Antigas noticias bibliograficas fallavam de um precioso manuscripto, cheio de informações contemporaneas sobre as primeiras grandes viagens portuguezas, attribuido ao grande *Achiles Lusitano*, o horóe de Cambalão, Duarte Pacheco Pereira. Dava-se-lhe o titulo — *Esmeraldo de situ orbis* e a data fixava-se em 1505.

O conselheiro Cunha Rivára conseguiu ver a cópia desse codice e deu della alguns extractos no Panorama que, desde logo, produziram grande impressão. Ferdinand Denis deu-lhe importancia consideravel, ajustando, em grande parte, a descripção do feito do Gama por esta informação, que explicitamente inculca por preferivel.

Corvo, no roteiro de D. João de Castro, augmenta a curiosidade, transcrevendo trechos que modificam persuasivamente as ideias geraes sobre os conhecimentos nauticos dos marinheiros portuguezes da época.

Realmente o *Esmeraldo* estabelece, em tabellas, dados geograficos que ainda hoje se não conhecem mais proximos da verdade, quer quanto á determinação de coordenadas geograficas, quer quanto ás descripções physicas locaes.

Com vistas a quem ainda por ahi anda dizendo e publicando que todos os instrumentos d'aquella época eram imperfeitissimos para toda e qualquer observação de latitudes.

Mouchez, sem contestação considerado a maior autoridade em hydrografia da costa do Brazil, faz repetidas vezes a comparação da sciencia hydografica do seculo XVI com a do nosso tempo, ou daquelle em que levantou a sua preciosa carta. Por esses parallelos é que se póde fazer a justiça devida aos marinheiros portuguezes daquella época.

Em nota á pag. 5 da 2ª secção do seu bello trabalho « Les Côtes du Brésil », Mouchez refere-se a duas cartas que encontrou na bibliotheca imperial : — uma do seculo XVII, que representa, « com uma exactidão extremamente notavel

para a época », todas as costas do Brazil. O banco de S. Thomé ahi se acha « *muito exactamente figurado como fórma e posição* ». Difficilmente se explica, diz Mouchez, que o banco de S. Thomé, tão bem conhecido e figurado nas cartas ha mais de 200 annos, tenha sido por tal fórma esquecido depois desta época, apezar da sua importancia, que se tenha chegado a negar a sua existencia como fez Roussin, ou a dar-lhe tão exageradas proporções, como fez a fragata brazileira *Principe Imperial*, em 1834.

Na mesma nota, Mouchez faz referencia á celebre carta de Gaspar Viegas, que viu no mesmo logar; carta esta de 1534.

No ponto de vista da historia da geografia maritima, diz Mouchez, esta carta me parece um dos mais preciosos monumentos que existem, pela notavel exactidão com que se acha figurada nella a costa do Brazil, 30 annos apenas depois da descoberta. As latitudes não têm erros superiores a 1 gráo e as longitudes a 2 ou 3.

Ora, o *Esmeraldo de situ orbis*, que Mouchez infelizmente não conheceu, não é inferior em exactidão ás duas cartas acima referidas, mas com a differença de preceder de 29 annos a mais antiga.

O distincto actual conservador da Torre do Tombo, o senhor Raphael Eduardo de Azevedo Basto, a quem tanto deve a historiografia, brindou o centenario de Colombo, em 1892, com uma bella edição do *Esmeraldo*.

* * *

Mas, não é pela notavel affirmação dos grandes conhecimentos nauticos do tempo, que aqui apreciamos o bello codice.

Deixando de parte outras e importantes construcções a que este documento serve de forte escudo, apreciemol-o aqui tão sómente pela inculca que elle suggere a uma descoberta do Brazil anterior a Cabral.

O periodo suggestivo de que já tinhamos conhecimento desde 1882 por Andrade Corvo, é o seguinte [1]:

«e além do que dito é a experiencia, que é a madre das cousas, nos desengana, e de toda a duvida nos tira, e portanto, bem aventurado Principe temos sabido e visto como no terceiro anno do vosso reinado no anno de Nosso Senhor de 1498, donde nos Vossa Alteza mandou descobrir a parte occidental passando além a grandeza do mar oceano onde ha achada e navegada uma tão grande terra firme, com muitas e grandes ilhas adjacentes a ella, que se estende a 70 gráos de ladeza da linha equinocial contra o pólo arctico, e posto que seja assas fóra é grandemente povoada, e do mesmo circulo equinocial torna outra vez e vai além de 28 gráos e meio de ladeza contra o pólo antarctico, e tanto se dilata sua grandeza, corre com muita longura que duma parte nem da outra não foi visto nem sabido o fim e cabo della, pelo qual segundo a ordem que leva é certo que vai em circuito por toda a redondeza, assim que temos sabido que das praias e costas do mar destes reinos de Portugal e do promontorio de Finisterra, e de qualquer outro logar da Europa, de Africa e de Asia, atravessando além todo o oceano direitamente a occidente ou a loeste segundo ordem de marinharia por 36 gráos de longura que serão 648 leguas de caminho, contando a 18 leguas por gráo e a logares algum tanto mais longe é achada esta terra navegada pelos navios de Vossa Alteza e por vosso mandado e licença os dos vossos vassalos e naturaes, e findo por esta costa sobredita do mesmo circulo equinocial em diante por 28 gráos de ladeza contra o polo antarctico é achado nella muito e fino brazil com outras muitas cousas de que os navios nestes reinos vem grandemente carregados [1].»

[1] Esmeraldo de situ orbis — liv. I, cap. X, fl. 6; Andrade Corvo, Roteiro de Lisboa a Gôa por D. João de Castro, 1882, nota; Chagas H. de P. 2ª edição, vol. 4º, pag. 402.

Este trecho, realmente seductor, se tivesse cahido nas mãos de um frei Gaspar e melhor ainda de um Gravier, teria originado uma lenda muito mais captivante do que a dos Cousins e outros normandos e do que a dos Ramalhos e outros paulistas. Com uma affirmação em 1505, de viagens transatlanticas por 1498 e com os dizeres vagos de que os navios portuguezes do rei e dos vassallos andavam por lá, tiravam-se facilmente *alguns* annos antes; e ahi tinhamos uma demonstração *certa* de que navios officiaes e particulares andavam pela America *toda*, muitos annos antes de Colombo, muitos mais antes de Cabral.

Mas a questão é que o *Esmeraldo* veiu a lume, muito modernamente, em época já muito descrente e um pouco exigente, e em Portugal, onde, depois da lição de Herculano, poucos se têm aventurado a este gráo de estudos e esses com uma cautela muito especial que não falta quem qualifique de desidia pelas glorias nacionaes.

Não temos assim que destruir castellos de Hespanha, mas apenas de dar á passagem uma breve critica que a illucide.

Pacheco, segundo se averigua, escreveu o seu *Esmeraldo* em 1505. Pela amplitude das suas descripções, não póde fixar-se-lhe época anterior e não seria descabida uma ainda posterior. Descreve emprezas muito variadas; faz a resenha de todas as viagens portuguezas da época.

E' claro que a sua descripção da America é tirada das viagens já feitas e conhecidas até 1505, na época em que escreve.

A referencia a 1498, em que diz que D. Manuel mandára á descoberta para occidente, apenas inculca que já por esse anno o rei venturoso trazia navios amarados da costa occidental, o que por outro lado se sabe: caçavam-se corsarios e defendia-se a empreza da India; o mesmo Duarte Pacheco foi bem celebre nessa arte.

Que o rei mandou descobrir a parte occidental, inculca que em 1498 se presumia já a existencia dessa terra e

que D. Manuel tinha formado a tenção de a mandar conhecer; affirmação essa de muita valia, para caracterisar persuasivamente a intencionalidade da viagem de 1500, em que effectivamente a tenção do rei teve a sua realidade.

Vasco da Gama, a 22 de agosto de 1497, passára bem perto dessa terra, pois que, segundo resa a Roteiro da sua viagem :— « achára muitas aves feitas como garções que á noitinha tiravam contra o susoeste, muito rijas como aves que iam para terra ». O que augmentou em 1499 a opinião já formada e aggrava a persuasão da intencionalidade da descoberta de Cabral.

Nada mais. Fosse porque fosse, da intenção, formada já em 1498, não se passou á realidade, senão dous annos mais tarde.

Onde ha achada e navegada uma tão grande terra firme, já é uma referencia a um facto conhecido e detalhado em 1505, mas não o autorisa realizado em 1498.

A descripção, larga e minuciosa até, dessa terra, inculca claramente que Duarte Pacheco está descrevendo factos e conhecimentos mesmo posteriores ou extranhos a Cabral, porque a descoberta deste em 1500, relatada ao rei pela náo que voltou de Vera Cruz, contada mais minuciosamente na volta da India, não dava evidentemente alimento a tão larga descripção.

Pacheco, em 1505, possuia para a narrativa materiaes colhidos n'uma ou mais viagens posteriores á de Cabral, feitas com fim mais directo e especial; possuia tantos ou mais ou melhores materiaes como os tinha Vespucio em 1504, para fabricar as suas cartas.

Em 1498, porém, é que Pacheco não podia possuir tão latos conhecimentos, sob pena de tomarmos por futil a surpreza de Cabral, a sua alegria e a importancia dada ao achado, ao ponto de perder uma náo da sua frota para avisar o rei.

A fórma de enunciar a vontade e a ordem real — *donde nos Vossa Alteza mandou descobrir*, junta e confrontada

com a época e com a sua indole, dá-nos determinantemente a illucidação do texto.

Sabia-se que existia a terra occidental e sabia-se desde 1492, pelo menos. D. Manuel, ao passo que mandava para a India a expedição de Vasco da Gama, trazia no mar outras e muitas embarcações de variados fins. Eram as escutas dos caminhos e a espionagem dos rivaes que obrigavam a essa milicia.

Então era logico, era natural, que a todos esses capitães, que largavam da barra, se recommendasse que fizessem diligencias por descobrir essa terra presentida. *Donde,* quer dizer *desde*; nem outra interpretação lhe daria sentido.

Desde 1498 que D. Manuel instava com os seus marinheiros por que lhe descobrissem a terra.

E dahi, o plural — *nos mandou,* significando uma ordem reiterada, repetida a cada desfraldar de velas. Incoherencia, tirar da fórma a ordem singular d'uma expedição, que não ia, de certo, empregar todos os capitães d'uma vez.

Dous annos se passaram nesta insistencia de desejos e aspirações sem fructo; até que um capitão, mais feliz e mais orientado, depoz aos pés do rei a realização do desejo, a resolução do problema. Esse foi Pedro Alvares, a quem escusadamente se procuram antecessores em Portugal.

* * *

III — **Prioridade hespanhola** — São d'outra valia, não pela autenticidade, mas pela fórma em que as recebeu a critica, as pretenções vindas de Hespanha.

« Queda referido lo que en el año de 1499 y en este presente, descobrieron los castellanos en la Tierra-firme: y los portugueses, acaso, i mui despues de los castellanos.»

Diz isto Antonio de Herrera y Tordesillas, o famoso historiador das façanhas hespanholas nas Indias occidentaes. Esta tirada, que muito perderia da sua tonicidade, se fosse vertida da propria lingua, não é, no seu alicerce logico, mais

verdadeira ou consistente do que a de Gabriel Gravier, quanto ás suas revindicações normandas por 1497 ou 1498, *o mais tardar*. Refere-se a duas viagens feitas, uma atraz e na esteira da outra, por Vicente Yañes Pinzon e Diego de Lepe, no anno de 1499, que os inculcam a ambos tocando no Cabo de Santo Agostinho ou ainda mais ao sul, e das quaes, por felicidade da justiça, Hespanha guarda os roteiros nos seus numerosos archivos.

Na fecundissima historia brazileira engendrou-se, como precursora a Cabral, mais uma viagem hespanhola; a de Alonso de Hojeda, que trazia por piloto o celebre Juan de la Cosa e como explorador, e quem sabe se aprendiz, Americo Vespucio.

A monomania vespuciana que se apossou de Varnhagen conseguiu o notavel excesso da sua teimosia em trazer Americo ao Brazil, naquella expedição, contra o formal protesto de Hojeda e Cosa, empresario e piloto. Não gastemos o tempo na analyse de criticas manifestamente enfermas; deixemos em paz pretenções espurias. Tanto mais que a esta expedição Hojeda teremos de nos referir em logar mais accommodado.

E' singular, que a critica, tão assodada em repellir as pretenções francezas e portuguezas, acceitasse, com tanta uniformidade e complacencia, as hespanholas, que não têm melhores fundamentos.

Ainda mais singular, que nenhuma das dezenas de reproducções, publicadas modernamente, das viagens de Pinzon e Lepe, se julgasse obrigada a dar uma olhada pelos respectivos roteiros, olhada que logo poria em evidencia a impossibilidade de taes viagens como foram inculcadas. Ainda, e muito mais singular, que ficasse letra morta o protesto e a rectificação de Ayres Casal, o venerando pai da chorografia brazileira, o unico que viu, analysou e concluiu sem se deixar avassallar pela lenda!

Com os retoques, com os esmiuçares de factos accessorios, com a preconcebida intenção de lhe quebrar as mais salientes asperezas, fez-se da lenda um monstro quasi

informe, quasi inaccessivel e inabordavel pela critica. Ensaiemos-lhe a autopsia, entretanto, mostrando antes o asserto da qualificação *monstruosa*.

Essa feição encarregou-se de lh'a dar um, aliaz membro premiado do Instituto Historico e Geografico do Brazil, em memoria que na sua *Revista* publicou em 1855, tomo XVIII, pag. 293.

Levantou-se por esta época, na sabia e benemerita instituição, polemica fogosa, demonstrante de grandes e encontradas forças que, como se haviam avolumado em largo periodo de concentração, acharam ensejo para explodir, na these que lhes atirou o Instituto, como canal de escapamento : — « O descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso ou teve elle alguns indicios para isso ? »

Por contraste com a força maior que era e formava a phalange dos paladinos do acaso, foi o thema distribuido a um douto socio do Instituto, que, embora com manifesta timidez, se inclinou para o proposito e intencionalidade do feito de Cabral.

A opinião do relator offendeu a inercia que a rotina accumula nos espiritos, mórmente quando, como no caso vertente, a construcção rotineira se procurava originariamente em escriptores de pouca valia para o caso ; que tinham, entretanto, o infeliz mas suggestivo merito de serem em grande parte portuguezes. De facto, o problema ainda não tinha sahido da sua fôrma metaphysica, e o celebre debate a que nos estamos referindo, já hoje esteril, não lhe levantou a feição, apezar dos esforços muito louvaveis de Joaquim Norberto de Souza e Silva, o relator da these, manifestado em memoria lida nas sessões do Instituto de 6 e 20 de dezembro de 1850 [1].

* * *

[1] Revista do Instituto Historico e Geografico — tom. XV, pag. 125 e seguintes.

Não é este o logar proprio para analysar, embora passageiramente, esse periodo da questão do descobrimento. Para aqui vem de molde a opinião expressada, a proposito do debate, pelo socio de merito J. J. Machado de Oliveira, escripta em S. Paulo, em 7 de setembro do mesmo anno de 1850, enviada ao Instituto, em 24 de maio de 1854, e por esta corporação considerada digna de publicidade, que lhe deu no logar citado [1]. Vem de molde a parte que se refere á descoberta de Pinzon e seu confronto com a de Cabral.

O monstro, como qualificámos o desenho que a critica chegou a dar á lenda do Pinzon predecessor de Cabral, achase, nessa curta memoria, com todas as informidades vindas de um espirito, inculto em todas as provincias do saber, que, por uma audacia definida em proverbio, se arroja a devassar o facto sem nenhuma luz, nem mesmo a do trivial conhecimento da lingua em que se exprime.

Em descabido preludio, falla das Cruzadas, com a mais manifesta ignorancia da sua interferencia na obra da edade media, para pôr esse facto em contraste com a obra epica do povo portuguez. E' monstruosa esta suppressão de tres seculos na vida historica e evolutiva de Portugal, insistindo, ainda n'outro logar, em querer ligar a época da descoberta portugueza, que só toma a fórma irreductivel d'um ideal epico para o povo lusitano, no principio do seculo XV, ao periodo da luta desse mesmo povo com o elemento sarraceno, na conquista do territorio metropolita, fechado para Portugal, já no tempo de D. Diniz!

Em não menos descabido, mas ainda mais monstruoso e desalinhado largueto, busca as origens da expedição de Cabral em 1500, na necessidade que tinha a dominação portugueza na India de auxilios incessantemente reclamados de lá!

O meritoso socio encarrega-se, por sua conta e lançando-a totalmente a seu credito, de nos pintar uma dominação

[1] Idem, tomo XVIII, pag. 293 e seguintes.

portugueza no oriente, que devia ter muitos annos, muitas décadas, antes de 1500, para ter tempo de — *levar a cabo tão portentoso feito, donde renome infindo sobejára aos portuguezes, se o não eclypsasse, fazendo-o decahir do fastigio da gloria a que subira, esse longo encadeamento de inauditos attentados e cruezas, que assaz o desvirtuaram, abatendo-o da elevação a que se abalançára ;*

Para dar tempo a — *esses audaciosos aventureiros se apoderarem d'uma região da Asia, arrancando-a á viva força ao dominio originario das castas indianas, das quaes já haviam em somenos computado o poderio, com o fim de mudar suas riquezas e opulencia para o paiz seu natalicio, que tão dependente era de levantar-se do abatimento a que o lançára a luta sarracena, de que no correr de muitos annos fôra theatro a peninsula iberica ;*

Para dar tempo a esses povos — *de resistirem á dura e estranha oppressão dos que expoliavam suas terras, ou as tomavam com violencia para apanagio d'um senhor que nem por imaginação lhe podiam dar vulto !*

Para dar tempo a que — *o brado da insurreição e resistencia compacta aos portuguezes echoasse por fim naquellas regiões desoladas e poluidas por mão de conquistador, que esse brado atroasse toda a India, que fôra por elles subjugada ; calasse na consciencia de seus habitantes ; se decidissem estes emfim a romper peleja vigorosa e a todo transe por suas crenças religiosas, e em defensa extreme de seu paiz, de seus penates, de suas riquezas ;*

Para dar tempo a que esses povos opprimidos — *affrontando os conquistadores a esta desesperada reacção, a esta quasi simultanea leva de broqueis, em breve se sentissem (os portuguezes) attenuados e enfraquecidos de tamanho lidar ; que suas falanges, que, á medida que se faziam menos densas, ostentavam maior intensidade de aggressão, de prompto precisassem de reforços, que só do proprio paiz podiam ter valiosos e de confiança.*

Chegados, por extracto summario, a este ponto, demos na integra o ultimo pedaço, que abriu ao mundo embasbacado a causa immediata da expedição de Cabral:

« Houve-se pois de mister mandar para a India reiterados auxilios de guerra, que apenas serviram para que não fosse completo e instantaneo o aniquilamento dos invasores sob a pressão reaccionaria que elles mesmos haviam suggerido desses povos por sua conquista, pela depredação de suas riquezas, pelas atrocidades do seu dominio, e rompendo essa gente do entorpecimento a que fôra lançada a impulso do primeiro accommettimento ergueu-se como um só homem, insurgiu-se em massa, repelliu o que a conquista tinha de mais violento e feroz, e por fim foram os portuguezes obrigados a recuarem de suas atrozes animosidades, e apenas a se fazerem defesos, e a sustentarem atravez de muralhas alguns dos pontos do litoral da peninsula indiana, onde poderam deparar com a sua salvaguarda.

« No intuito de soccorrer no oriente aos conquistadores lusitanos, que reclamavam [1] incessantemente auxilios do seu paiz, aprontou-se ahi, no anno de 1500, uma forte armada, que zarpou de Lisboa a 9 de março deste anno, tendo por chefe a Pedro Alvares Cabral, de alta prosapia portugueza, e de um nome prestigioso para as lides do oriente.»

Vê-se bem por aqui que para este notavel escriptor, em 1850, a historia geral do mundo e a historia de Portugal eram prendas, enfeites, atavios de que se podia fazer uso á vontade, em qualidade e quantidade, consoante a ideia preconcebida que cada um tivesse desejo de expôr aos simples!

Cabral, com todas as monstruosidades, moraes, psychologicas e chronologicas do escriptor, viria a ser um *trovatore* que corria a salvar a *matre infelice* de uma dominação

[1] Por quem, por que meio de communicação se teria feito esta reclamação incessante, em 1500? Por mar? Por terra? Pelo ar? Pelo barco? Pela caravana? Pelo balão? Seria pelo correio? Pelo telegrafo?

Quem a faria? Um ou outro degradado que o Gama tivesse largado n'alguma praia africana?

indiana coeva ou posterior a Nuno da Cunha, muito para cá de D. Francisco de Almeida, de Affonso de Albuquerque, vultos predominantes na multidão de tantos capitães do oriente. Poderia orçar pelo tempo posterior a um João de Castro, d'onde os simples começam a contar o periodo de decadencia moral do imperio de Albuquerque, do magestoso conquistador de Gôa, Malaca e Ormuz.

Este Cabral, desenhado pelo illustre burilista, em 1850, no Brazil, nada tem de commum com o outro, o que veiu depois do primeiro navegador que bateu na India pela volta do cabo africano; do Gama, que fôra e voltára, sem outro resultado mais, do que o achado do caminho, as boas relações com Melinde, a suspeitosa difficuldade de as estabelecer boas em outra estação da estrada, incluindo Calicut, cujo soberbo rajá tão falso se lhe mostrára.

* * *

Do estado mental deste espirito do escriptor, tenebrosa e inconscientemente acorrentado a um odio implacavel e cego com que fabricou a tinta de que se serve, dá ideia a monstruosidade da sua obra, no conjuncto e no detalhe.

Diz-nos que — *a monção em que velejou para o oriente a frota de Cabral não era de bom lance para tal navegação*. Monstruosidade, contra que protesta a ordem sempre seguida na época fixada a todas as armadas subsequentes; a sciencia pratica da primeira, a do Gama, que, por ir fóra do tempo, lutára contra os elementos; os sabios dizeres da sciencia nautica, ainda hoje de pleno accordo com a proficiencia dos marinheiros portuguezes da época.

E' tão extraordinario o premeditado desconchavo, que elle mesmo se responde rudemente. Cabral, *não tinha sequer a ousadia do seu illustre conterraneo* (refere-se, por grande e especial graça, ao Gama) *e desviou a navegação para o alto mar, dando-lhe largas singraduras, e engolfando a armada para o oeste, e por mares que lhe eram desconhe-*

cidos! E' o cumulo da contradicção esta, de negar audacia ao que deixa a costa e se atira ao alto mar, que lhe era desconhecido!

Verifica-se que a contradicção nasce do repudio, que effusivamente se sente pela acção de Cabral, pela infelicidade que ahi vai filiar um meticuloso nativista; pelo amor-proprio offendido a um patriota exaltado, que se dóe de que Cabral, por este erro e por esta covardia, — *désse o Brazil á corôa de Portugal, atando-o com vinculos de ferro, sujeitando-o pelo terror e desolação a um dos mais pequenos Estados da Europa, envolvendo-o só em suas vicissitudes e decadencia; tendo-o em commum só em seus revezes; subtrahindo-o por mais de tres seculos áquella preeminencia a que dava-lhe jus sua posição no globo, a perenne sanidade do seu clima, e seus grandes elementos de riqueza e opulencia; postergando-o, emfim, um seculo na carreira da civilisação comparativamente com outras regiões da America, que eram coevas em seu descobrimento, e que couberam em partilha a nações que lhes souberam dar preponderancia e illustração.*

E' a unica parte do trabalho que, com verdade ou sem ella, porque não tem aqui cabimento, nem tinha onde se acha, discussão sobre essa these, tem o raro merito de ser clara e escripta em linguagem corrente.

Presente-se que essa outra these, de longa data preparada, na doutrina e na fórma, procurava avidamente logar onde coubesse e apparece, como cunha, como corpo estranho, fazendo estragos e suppurando no corpo do facto historico, onde se intrometteu.

* * *

E, uma vez obtido o logar, seguem-se as consequencias gangrenosas e putridas, na final estructura do monstro, no disforme relate da lenda de Pinzon:

« E pois que esta gloria é mal cabida ao almirante, que partira da Luzitania com o exclusivo intuito e só em de-

manda das regiões do oriente, reporta-se toda ella a Vicente Yañes Pinzon, um dos intrepidos e dedicados companheiros de Colombo, etc.»

E agora o vereis, o nosso chronista do feito, ainda mais ousado do que o herôe, muito mais do que os historiadores patricios, explicar-nos todo elle, sem uma citação, sem um documento, com a força immensa da sua imaginação, desanuviada dos trambôlhos que nos escravisam a nós.

« Preparadas as cousas, e reunidô o pessoal, Pinzon fez zarpar do porto de Palos uma frotinha, de quatro caravellas, no principio de dezembro de 1499; e depois de um trajecto do 700 leguas, e de haver cortado o equador em longitude que não pôde determinar, foi a navegação inteiramente desvairada do rumo primordial, por um impetuoso temporal do septentrião, que aturou por muitos dias, arrojando os navegantes a mares desconhecidos, e sob uma constellação ainda não observada.

« Sobranceiro e amestrado em taes lances e revezes, tão estranha situação não trepidou Pinzon em dominal-a; e tirando partido da propria força, que, por dias consecutivos e atravez de descommuns perigos, o compellira a vogar ao acaso, mandou á frotinha dar pôpa ao vento, e dest'arte deixou-a ir para oeste, correndo o parallelo austral de oito gráos; e a esse rumo, depois de haver-se percorrido mais 240 leguas, affrontou-se terra alta, e della deu-se fé em 28 [1] de janeiro de 1500, oitenta e seis dias antes que Cabral houvesse vista de terra no hemispherio que, sem que fosse buscado, patenteou-se imprevisto. E a essa terra deu Pinzon o nome de *Santa Maria da Consolação*, conhecida ao depois com o de *Cabo de Santo Agostinho*, a ponta de maior projecção de littoral do Brazil no Oceano Atlantico.»

E segue, com a affirmativa de que Pinzon — « *determinára a posição astronomica do ponto do littoral que havia*

[1] Mais uma variante para a data da arribada de Pinzon ao Brazil, tirada, talvez, da versão de W. Irving — Voyages et découvertes etc., Henri Lebrun, 1839.

tocado ; e que emfim restabelecera ahi a derrota primitiva, reatando o fio que tomára ao iniciar sua navegação, e aproveitando-se da reacção da corrente equinocial para a dirigir para o norte ».

Estou ou não estou justificado do nome de monstro, com que appellidei a fórma que chegou a tomar a lenda da viagem de Pinzon ao Cabo de Santo Agostinho ? !

Haverá quem se opponha á classificação, depois da transcripção precedente, tirada ao acaso da monstruosa Memoria ? !

Pinzon atravessou a linha, a 700 leguas de distancia de Palos ; mais de 700 leguas teria elle de fazer, vindo e descendo na mais curta distancia, a meridiana, atravez dos desertos africanos !

Desviou-se do rumo por um temporal do septentrião ; é a primeira vez que se encontra a definição da directriz do famoso temporal, que, para em tudo ser famoso, vem do norte, impelle a *frotinha* (o termo mais mimoso da narrativa) até 8º, e, pegando-lhe pela mão, a mette no rumo do parallelo.

Ou melhor : Pinzon, intrepidamente, mandou a frotinha dar pôpa ao vento e deixou-a ir para oeste, correndo o parallelo austral de 8º ! Toda a gente imaginava que, soprando-lhe do septentrião, Pinzon, dando ordem á frotinha para virar a pôpa a esse vento, esta iria para o sul ; pois não, senhor : a frotinha, nesse ponto mal educada, largou para oeste e correu perpendicularmente ao vento que a impellia !

E Pinzon a determinar as coordenadas astronomicas de Santa Maria da Consolação ? !...

Elle, que nem a posição geografica consta algures que determinasse ? !

E esse Cabo de Santo Agostinho — *a ponta de maior projecção do littoral ? !* O que será o Cabo Branco ? !

Conhecimentos geograficos em parelha com os nauticos, e, todos, em apropriado pedestal para a columna de odios contra o enorme crime de Portugal, iniciado por Pedro Alvares !

E Pinzon, perdido e vogando ao acaso e á mercê do septentrião, desde o ponto desconhecido onde cortou a linha, até a costa brazileira, restabelecendo ahi a derrota primitiva, reatando o fio que tomára em Palos ? !

Com effeito! tinha braços compridos este homem, que poude, de Santo Agostinho pelo menos, apanhar um fio quebrado, pelo menos, a 240 leguas de lá !

E' lamentavel que a preciosa *Revista* do benemerito Instituto chegasse a permittir em seu bôjo tamanhas monstruosidades !

* * *

Tomemos a descripção de Herrera. Se ha outras anteriores, podemos firmemente assegurar que não são menos absurdas e que não trazem maior valía nos seus autores. Herrera é o chronista official de Hespanha nas cousas americanas; a sua terra tem-lhe a veneração que Portugal consagra a João de Barros; tiveram todos os pontos de semelhança ; têm as differenças que são essenciaes na vida dos factos que descrevem. Com effeito, a proporção é perfeita — Herrera para Hespanha, como Barros para Portugal.

Herrera teve á sua disposição, porque escreveu depois e porque foi senhor de todos os archivos, todas as narrativas para poder tomar o melhor e o mais suasorio.

Das duas viagens, analysaremos apenas a de Pinzon. Além da prioridade desta, da identidade das duas, basêa-se a que escolhemos em mais e melhores documentos.

Ouçamos, pois, Herrera, vertendo fielmente em portuguez [1].

« . . . no mez de dezembro de 1499, Vicente Yañes Pinzon, que acompanhou o almirante (Colombo) no primeiro descobrimento, com quatro navios, armados á sua custa, por-

[1] Antonio Herrera — Década 1ª, tomo 1º, pag. 107.

que era homem rico [1], sahiu do porto de Palos, e, tomando o caminho das Canarias, e depois o de Cabo Verde, largou da Ilha de Santiago, uma destas, a 13 de janeiro de 1500.

« Tomou a rota do sul e depois a levante [2]; e, tendo navegado 700 leguas, perdeu o norte, e passou a linha equinocial, sendo o primeiro subdito da corôa de Castella e Leão que a atravessou.»

A' extremada gentileza do distincto professor da Escóla Naval, o Exm. Sr. Capitão de Fragata Manuel de Albuquerque Lima, poderosa autoridade que consultámos, devemos o mappa que publicamos aqui, como devemos firmes e persuasivas respostas de que temos de fazer uso desde já. E' perfeitamente impossivel *perder o norte e passar a linha*, na rota indicada do sul, ou mesmo n'outra que encaminhe da ilha de Santiago para a costa da America meridional, para envolver os rumos d'outras origens, ssudoeste ou sudoeste. A polar só se perde completamente de vista a 2° ao sul do equador. Pinzon só podia ter perdido o norte, depois de ter passado a linha, e nunca passado a linha depois de perder o norte.

Dista a ilha de partida 15° da linha equinocial. Demos, por abundancia de concessões, que a legua de Herrera seja das mais pequenas da época, de 20 ao grão. Impossivel, a não se seguir uma curva de fantasticas ondulações, intercalar, da ilha á linha, uma rota de 700 leguas, ou no minimo 35°.

Se *ad instar* d'outras descripções, se emendar de 700 para 300 leguas [3], fica a emenda ainda mais esvasiada de

[1] Não nos fallece o direito de perguntar aqui a Gaffarel como este Vicente, expulso quatro annos antes de Dieppe, e refugiado em Genova, alcançou este qualificativo de Herrera ?!

[2] Deve ser lapso, entendendo-se *loeste*.

[3] A descripção de Pedro Martyr de Anghiera—De rebus oceanicis etc., a que se encostam de preferencia alguns historiadores, sob o motivo de ser o chronista contemporaneo, é muito mais contra-producente. Impossivel computar uma viagem de Santiago ao equador em 300 leguas. Pedro Martyr affirma que

possibilidade. Agora, que demos á legua outra bitola mais favoravel á affirmação, estendendo-a e augmentando-a para 18 ou mesmo 17 ao grão, ficam-nos 15, 16, 17 grãos de percurso, que exigiriam uma rota sensivelmente rectilinea e meridiana e dariam um córte no equador em longitudes de inacreditavel navegação, sendo, como dissemos, a distancia meridiana da ilha á linha de 15°.

Além de que, tornaria impossivel a navegação desse ponto á costa, na distancia em que todas as narrativas estão de accordo. Como se vê, continuando:

« Passada a linha, surgiu tão terrivel tormenta, que pensaram todos morrer; andou para caminho de Levante 240 leguas e a 26 de janeiro descobriu terra, o cabo que agora

o rio Maranhão de Vicente Añes era o mesmo rio Orinoco da terceira viagem de Colombo *(a)*. A « Relação italiana », dá a chegada a Santa Maria de la Consolacion, no dia 20 de janeiro, ou uma viagem de 7 dias, de Santiago a Santo Agostinho ! Muños seguiu nessa parte P. Martyr ; Navarrete acompanha A Relação.

A discrepancia entre os historiadores, não havendo dois contestes, e a discrepancia das testemunhas no processo entre o fisco e Diogo Colombo, são as primeiras provas contra a supposta viagem de Pinzon ao Brazil.

O sabio professor Capistrano de Abreu (Descobrimento do Brazil, etc.) dá a 1ª edição das Décadas de Pedro Martyr em 1501. Não temos noticia de tal edição, antes a temos por não existente.

Navarrete marca-lhe a data de 1511, Sevilha (Coleccion de los viages y descubrimientos, etc., Noticia Historica, tom. 3º, pag. 13)—*Mártyr adquirió sin duda estos pormenores cuando estuvo en Sevilla el año 1511, donde hizo la primera edicion de sus tres décadas, aunque tuvo presente la relacion italiana, pues copió hasta sus errores de imprenta, como indicaremos alguna vez.*

Esta affirmação rouba a Martyr a maior parte da sua presumida autoridade, como pessoa que se achava em contacto com os chefes das expedições. Transfere-se essa autenticidade para a Relação italiana, que Navarrete inculca, no logar citado, ter sido impressa, a primeira vez, em Milan (nota a pag. 12) em 1508, e a segunda em 1519. Diz que essa relação foi traduzida do hespanhol e escripta originalmente *por algum dos que fizeram a viagem* ; affirmação esta que rouba a autoridade a essa mesma fonte originaria.

Accrescem razões para contestar o valor das informações de Martyr. Em 1501, andava viajando muito longe do theatro dos acontecimentos ;

(a) Sophus Ruge — Storia della Epoca delle scoperte ; Prima versione italiana de Diego Valbusa, Milano 1886, pag. 412.

chamam de Santo Agostinho e ao qual chamou Vicente Yañes, *cabo de consolacion,* e os portuguezes dizem — a Terra de Santa Cruz e agora do Brazil.»

Na hypothese mais favoravel á possibilidade desta segunda affirmação, para fazer 240 leguas da linha ao Cabo de Santo Agostinho, é preciso suppôr uma rota rectilinea e o córte do equador a 26 ° e meio de longitude O. G., córte este inteiramente inconcordavel com o que se possa ajustar á rota da ilha á linha, nas duas hypotheses de 700 leguas ou de 300. As duas partes da viagem são geograficamente insoldaveis, mais difficeis de ajustar do que as duas metades da maçã de Platão.

Tomando a viagem toda de 940 leguas, de Santiago a Santo Agostinho, o distincto professor Albuquerque Lima dá-lhe o logar geometrico nos dous raios vectores da ellipse figurada na carta junta, cujos focos sejam os dous pontos extremos da mesma viagem e o eixo maior tenha essas 940 leguas.

estava em Veneza; foi de lá para o Egypto, onde se demorou (Santarém — Notas addicionaes á Carta a Navarrete — Boletim da Sociedade de Geografia de Pariz, fevereiro de 1837).

A opinião de Las Casas, a respeito de P. Martyr, deve ter-se por segura. Diz que o autor das Décadas só teve informações directas no que publicou sobre Colombo; que, no resto, ha falsidades. Tem-no na conta, pouco recommendavel para um historiador, de escriptor leviano.

Navarrete pensa do mesmo modo, lamentando o pouco zelo que elle tinha na revisão dos seus trabalhos.

Muñoz aconselha toda a prudencia na leitura de Pedro Martyr, para evitar erros e equivocos a que o arrasta a sua leviandade.

A carta geografica da primeira edição das Décadas de P. Martyr figura o supposto cabo descoberto por Pinzon com o nome — «Caput Sanctæ Crucis».

Este nome é desconhecido em 1501, e prova, sendo de origem portugueza, a pouca fé que tinha Pedro Martyr em 1511 de que o logar tivesse sido descoberto por Pinzon. Por que lhe não deu as duas denominações hespanholas — Santa Maria de la Consolacion, ou Rostro Hermoso?

Por ultimo, Antonio Herrera, se não é contemporaneo, tem qualidades de maior valia para a critica historica. Teve nas mãos todos os documentos; estava fóra das suggestões apaixonadas da época; tinha grandes responsabilidades como chronista official.

Não póde caber-lhe o apôdo de copista; mas o titulo de critico.

A sua historia foi declarada official por uma decisão do Conselho de Estado.

O problema ficava, geometricamente, com uma infinidade de soluções, que se excluem, porém, todas, na discussão do mesmo problema, por incompativeis com as condições geograficas, que não foram postas em equação. Só podiam servir dous raios vectores conduzidos para os pontos em que a ellipse corta o equador e tendo um 700 leguas e outro 240. Impossivel, sempre e em todas as descripções, semelhante viagem, pelo cotejo geografico.

Mas o impossivel reproduz-se, quando passamos ao exame summario das velocidades. De Santiago a Santo Agostinho andaram-se 940 leguas ou seja, no minimo, 2.820 milhas, em 13 dias, que tantos se contam de 13 a 26 de janeiro. Daria uma marcha de 216 milhas por dia ou 9 por hora, andando todas as 24, que tem o dia !

Mas concedamos um absurdo, que a viagem se fizesse em linha recta. De Santiago a Santo Agostinho são 518 leguas, ou 1.554 milhas; daria, ainda assim, uma velocidade média de 5 milhas por hora; velocidade inacreditavel no tempo, em mares totalmente desconhecidos, em que as sondagens continuas impediam a marcha, e os perigos da noite obrigavam a repousos relativos [1].

Por todos os lados, eliminada semelhante navegação, mesmo que os dous santos das estações extremas a quizessem tornar possivel !

Isto, pelo que respeita e interessa á arte de navegar. Continuemos, porém, com Herrera :

« Acharam o mar turvo e esbranquiçado ; como se fôra rio ; sondaram e acharam 16 braças. »

Nenhuma destas condições convém ao logar supposto.

[1] Pedro de Medina, sevilhano, na sua Arte de navegar, 1545, diz (Liv. 3º, caps. 11 e 12) : — « Para conhecer a velocidade d'um navio pelo espaço que elle percorre, o piloto deve marcar de hora em hora no seu livro, servindo-se da ampulheta, a distancia andada pelo barco. Para isso deve saber que a maior distancia que um navio póde percorrer n'uma hora é de *quatro milhas*, e que, se o vento é fraco, não poderá fazer mais de tres, ou mesm de duas ».

A agua é limpida, o fundo de 16 braças só se acha junto de terra, no Cabo de Santo Agostinho.

Não foi ao pé de terra que sondaram ; mas no logar donde a viram.

« Saltaram em terra, não viram gente, mas decobriram rasto de homens, que fugiram, ao ver os navios.

« Alli tomou Vicente Yañes possessão daquella terra para a corôa de Castella e de Leão, fazendo todos os autos juridicos para esse fim requeridos; de noite avistaram por alli muitos fogos. »

« No outro dia, depois do sol nado, desembarcaram 40 castelhanos bem armados; foram aonde tinham visto os fogos, porque reconheceram que havia gente. Appareceram-lhes 36 indios com arcos e flechas, com ares guerreiros, vindo outros muitos atraz.

« Os castelhanos tentaram abordal-os e amansal-os com signaes de brandura e paz, mostrando-lhes cascaveis, espelhos, contas e outras cousas; mas elles, não fazendo caso, ainda se mostravam mais ferozes. Eram, segundo affirmaram, maiores do corpo do que os castelhanos, e, sem largar as armas das mãos, se apartaram uns dos outros. »

Indios maiores no corpo do que os castelhanos, só podiam ser os Caraíbas, que foram senhores das Pequenas Antilhas e de grande extensão continental, mas que nunca ninguem viu ao sul e perto do equador. Encontram-se ainda hoje em Maturin e Orenoque, na Columbia e nas Guyanas [1]. E' Humboldt que affirma que elles, depois dos Patagões, são os homens mais robustos e maiores do globo.

« Até a noite não appareceu mais por aquella terra indio algum, pelo que, levantando velas, passaram mais adiante e surgiram perto da bocca d'um rio que, por ser baixo, não poderam entrar com os navios. Foi gente por elle acima, em barcas, a fazer lenha. Surgiu sobre um morro muita gente nua, á qual enviaram um homem bem armado.

[1] Balbi, pag. 957.

Este, com accenos e afagos procurou persuadir a gente que se acercasse. Atirou-lhes um cascavel e elles de lá atiraram uma vara de dous palmos, dourada, e, como o homem se abaixou para a tomar, cahiram sobre elle e cercaram-no ».

« O castelhano, com sua espada e rodela, de tal maneira os atacou, com tanta furia e destreza, com tal sangue frio, que os conteve, sem que nenhum conseguisse chegar-lhe. Feriu alguns que de mais perto se lhe ageitaram, admirando-se todos da bravura deste homem, de quem pouco se esperava. Foi soccorrido pelos companheiros das barcas. Os indios dispararam sobre elles tal poder de flechas, que mataram 8 ou 10 e feriram muitos. Perseguiram-nos até as barcas e ainda dentro d'agua quizeram segurar-lhes os remos. Conseguiram apossar-se de uma barca e despediam frechadas a todos, apezar de serem infinitos desbarrigados com as espadas e lanças castelhanas.»

Este trecho convence ainda da impossibilidade de localisar esta viagem nas costas da Parahyba ou Pernambuco.

Indios nesta região, assim ferozes e astuciosos, ao ponto de trazerem, como isca, barras douradas para caçar europeus, fôra preciso invental-os ! Estavamos ainda em perfeita e completa selvageria, virgem de contacto europeu ; o ouro existia na região e era conhecido dos indios, como attesta Caminha, quando os dous primeiros indigenas chegaram ao pé de Cabral. Mas, attesta-o tambem Caminha e sabe-se por narrativas posteriores, os indios brazileiros não tinham por esse metal a minima consideração ou apreço. E sabiam que o tinham os europeus, nunca delles vistos, quanto mais conhecidos ? ! Se admittissemos entre elles uma arte de trabalhar o metal em varas de dous palmos, era preciso ainda admittir entre elles uma grande cubiça em possuil-as, para que usassem essa astucia, por analogia, com estranhos.

O que do trecho derivamos, com força persuasiva a convencer da differença entre o processo hespanhol e o processo portuguez, é a carnificina com que a gente hespanhola

entrava pela America, fosse aqui ou mais além. Esse processo era de facto geral, vinha desde 1492, da primeira viagem hespanhola ao Novo Mundo, e contrasta frisantemente com a doçura de Cabral, com as ordens terminantes do governo portuguez, com a regra seguida, emfim, no primeiro periodo da invasão, em territorio brazileiro. Diga-se e saliente-se, em honra das tradições da civilisação portugueza.

« Emfim se retiraram os indios, e os castelhanos, muito tristes por tantos companheiros que perderam, foram-se pela costa abaixo, 40 leguas a poente e pela muita abundancia de agua doce que acharam no mar, encheram as suas vasilhas, e, segundo Vicente Yañes o affirmou, a agua doce chegava a 40 leguas dentro do mar ».

« Querendo conhecer este segredo, chegaram-se a terra e acharam muitas ilhas graciosas e frescas, com muitas gentes pintadas que acudiam aos navios, com tanto amor, como se toda a sua vida tivessem convivido com elles. Sahia esta agua daquelle nomeado rio Maranhão, que tem 30 leguas de bocca e mais, segundo alguns. »

« E, estando os navios surtos no rio, com grande impeto e força da agua doce e a do mar que lhe resistia, ouvia-se um terrivel ruido e levantava os navios quatro estadios ao alto, com grande perigo, quasi como succedeu ao almirante quando entrou pela bocca da Serpe e sahiu pela do Dragão ».

Aqui a descripção assume proporções comicas! Andar, do cabo de S. Agostinho ou de perto, 40 leguas para poente e estar em cima do rio Maranhão, como quem diz Amazonas pelas 30 leguas de bocca, é realmente comico! Do cabo de Santo Agostinho, navegando-se ao lado da costa, com um afastamento de 40 leguas, mais ou menos, para chegar á margem direita do Amazonas, a Collares digamos, para concedermos muito, tem-se feito nunca menos de 442 leguas, mais do decuplo das que menciona o roteiro.

Admittindo que no dia 27 tivessem montado o cabo de S. Roque, 40 leguas adiante, teriam achado o Amazonas,

se elle, nesse tempo, corresse pelas alturas do Rio Grande do Norte!

Mas, estando os navios em cima do rio, foram atacados pela *pororoca*. Este fenomeno é privativo da margem esquerda, no canal do Norte e suas immediações; de sorte que, ainda somos obrigados a estender mais a viagem, em toda a largura da foz do rio-mar! Mas se, como o mesmo chronista confessa, o rio achado tem 30 leguas e mais de bocca, resulta que a viagem do cabo de S. Agostinho ao rio foi de 10 leguas e menos!

Quanto á affirmação de que os navios de Pinzon estiveram em cima da pororoca e portanto dentro dos canaes onde o fenomeno se produz, ella faria rir o mais simples indio canoeiro da foz do grande rio.

A pororoca não é fenomeno privativo da foz do Amazonas; dá-se em diversos rios, ao sul e ao norte do rio-mar. Em qualquer outra parte, Pinzon a teria observado de bórdo das suas caravellas, menos na foz do Amazonas, onde este fenomeno attinge proporções extraordinarias, não permittindo a possibilidade de se aguentar em cima della um barco do seculo XVI.

Ouçamos ainda Antonio Herrera:

«Vendo Vicente Yañes Pinzon que não se descobria coisa de substancia por aquella parte, tomou 36 homens, e foi-se na volta de Pariá, em cujo caminho achou outro rio poderoso, menor do que o Maranhão, porque tomaram agua doce a 25 ou 30 leguas de terra, razão por que lhe chamaram Rio Doce, e mais tarde se acreditou que é um braço do grande rio Iyupari, que faz o mar, ou golfo doce que está entre Pariá e a ilha da Trindade. Este rio doce se verificou que é aquelle que habitam os Aruacas.»

Entra e segue a descripção em paragens manifestamente pertencentes á America hespanhola.

Sahindo da boca do Amazonas, *foi-se na volta de Pariá*, quando do Amazonas á costa do Pariá se intercala toda a região do Amapá e Guyanas! Isto bem deixa conhecer que

Pinzon, quando despediu para o Pariá, estava muito longe do Amazonas, logar que, por toda a narração, se percebe que não visitou.

Podia, sim, ter tocado no Cabo do Norte, onde saltou no dia 27, seguir ao rio Ouassú, campo da celebrada peleja; 40 leguas dahi, achar-se nas bocas do Oyapock, que fica a 47 leguas do Cabo do Norte, segundo o roteiro de Bellin. E' uma solucção possivel.

Podia ter tocado no cabo Cassiporé e, seguir dahi á bahia de Pinzon, distancias ainda accommodaticias.

Seja como for, mas do cabo Norte para cima, mas ao norte da linha, mas além e fóra da fóz do Amazonas.

Eis as respostas do Sr. Dr. Manuel de Albuquerque Lima, que o leitor poderá confrontar com as nossas illações no texto:

1.º Navegando-se da ilha de Santiago de Cabo Verde e tomando se rota de S., a estrella polar conserva-se constantemente acima do horisonte do observador, até a latitude de 2º N., proximamente; dahi até 1º N., ella demora-se acima do horisonte apenas 18 horas durante o dia; de 1º N. até o equador, esse tempo se reduz a 12 horas; do equador até 1º S., a sua demora é apenas de 6 horas; de 1º S. até 2º S., só por instantes; e, de 2º S. para o sul, perde-se completamente de vista a dita estrella;

2.º Sendo a distancia verdadeira entre a ilha de Santiago de Cabo Verde e o Cabo de Santo Agostinho de 518 leguas e, nesta direcção, sendo a distancia de Santiago ao equador egual a 333 leguas e a do Cabo de Santo Agostinho ao equador egual á 185 leguas, é impossivel intercallar uma rota, em linha recta, entre esses dois pontos, de 940 leguas. A distancia da ilha ao equador, sendo de 300 leguas e a do Cabo de Santo Agostinho ao equador sendo de 167 leguas, é tambem impossivel marcar 700 leguas da ilha ao equador e 240 desse ponto do equador ao cabo.

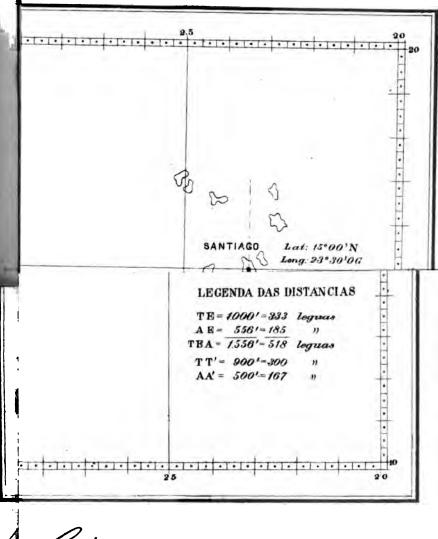
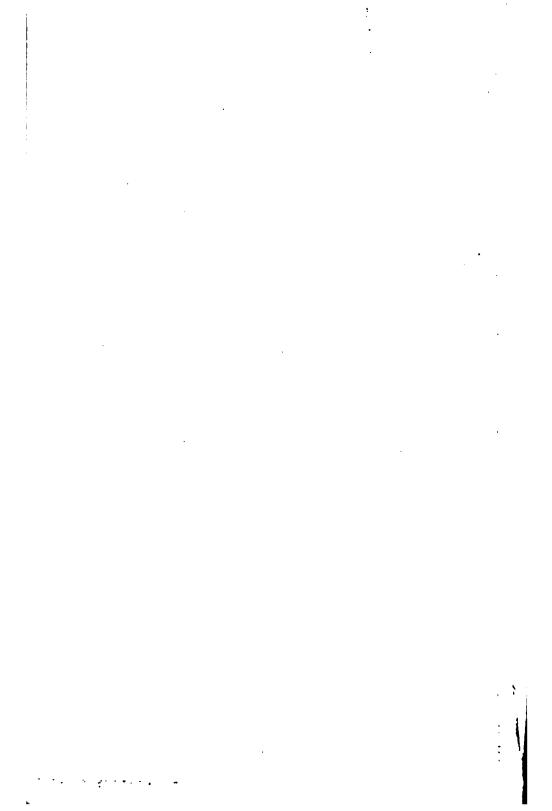
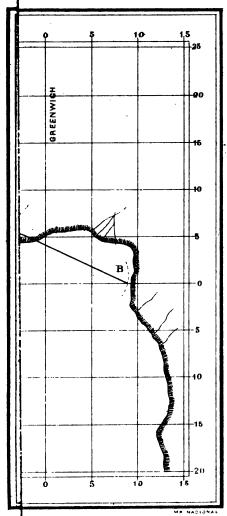
Fazendo-se centro em ilha, com um raio egual a 700 leguas, o equador será cortado em B e B', e, fazendo-se centro em cabo, com um raio egual a 240 leguas, o dito equador será cortado em D e D'.

Em dous rumos, porém, este problema é possivel e indeterminado, pois que apresenta infinitas soluções; isto é, podemos navegar da ilha para qualquer ponto da elipse traçada no mappa e desse ponto da elipse ao cabo, fazendo-se assim as 940 leguas.

Lima

cola Naval

Rio d

ue Lima

Escola Naval

Exemplos: THA = 940 leguas; TPA = 940 leguas; TVA = 940 leguas; etc.

3.° A distancia real de Santiago a Santo Agostinho sendo de 518 leguas e essa viagem sendo feita em 13 dias, dá uma velocidade media de 5 milhas por hora, o que é bem possivel; porém, admittindo-se que o percurso feito seja de 940 leguas, a velocidade média será de 9 milhas por hora, o que não é crivel, attendendo-se á epoca, especie do navio, perigos a evitar, ignorancia das paragens, cuidados á noite, etc.

4.° Navegando-se do Cabo de Santo Agostinho (A) com rumo de Fernando de Noronha (28 N. E.), encontra-se o meridiano das Roccas (F), depois de 43 leguas; dahi (F), correndo-se para o norte, encontra-se o parallelo 5° S., depois de 29 leguas; dahi (R), passando-se por entre o Cabo de S. Roque e as Roccas (55 N. O.), encontra-se o meridiano de 40° O. G., depois de 161 leguas; dahi (N), seguindo por 79 N. O., encontra-se o meridiano de Collares, depois de 171 leguas; dahi (N), descendo para o sul, encontra-se, depois de 38 leguas, Collares, pharol situado na margem direita do Amazonas.

Navegou-se assim, de Santo Agostinho á margem direita do Amazonas, sempre com um afastamento da costa egual a 40 leguas proximamente, tendo-se percorrido 442 leguas que poderiam ser feitas, no minimo, em 10 dias.

Capital Federal, abril de 1899.

MANUEL DE ALBUQUERQUE LIMA

Capitão de Fragata, Lente Cathedratico da Escóla Naval.

* * *

Pinzon, concedamos, poz á terra americana que primeiro viu o nome de *Santa Maria de la Consolacion;* os portuguezes pouco depois tocaram n'uma terra a que pozeram o nome de Santo Agostinho. Quem autorisa a identificar os dous logares geograficos?

Seriam os portuguezes que, vendo lá signaes de estadía hespanhola, e, tendo já conhecimento do nome dado por Pinzon, chrismassem por synonimia, Cabo de Santa Maria de la Consolacion, agora de Santo Agostinho? Ninguem o affirmará!

Seriam os hespanhoes que, seguros de terem os portuguezes tocado em terras de sua primeira descoberta, adoptassem o novo nome portuguez, largando o de sua criação? Quem o defenderá?

Estava o logar á disposição de uns ou outros, que as verificações da identidade fossem faceis, ou haveria entre as duas nações rivaes e seus marinheiros tamanha convivencia, que facilmente se instruissem mutuamente pela troca de conhecimentos? Outra hypothese indefensavel.

Usa-se ou abusa-se para esse fim do depoimento de Vicente Pinzon, prestado no processo entre o fisco e os herdeiros de Colombo [1]:

De facto Pinzon diz ahi, em 21 de março de 1513, que descobriu desde o cabo de Consolacion, *que pertence a Portugal e agora se chama cabo de Santo Agostinho.*

Mas de que modo podia Pinzon saber em 1513 que a terra a que aportou em 1500 era a mesma que agora se denomina pelos portuguezes Cabo de Santo Agostinho? Diz-se que Pinzon voltára ao mesmo logar em 1509, mas essa viagem parece mais um arranjo para verosimilhança, do que uma realidade comprovada por documentos [2].

Varnhagen a contestou com irrefragavel logica.

E emfim, que ainda se concedesse essa razão de ajustamento dos dous nomes a Vicente Pinzon; como concedel-a

[1] Navarrete, edição de 1829; vol. 3º, pag. 538 e seguintes.

[2] A pretendida viagem de Pinozn com Juan Diaz Solis, de Lebeija, funda-se n'uma passagem de Anghiera, no cap. X da 1ª Década, ns. 119 e 120:

« Colonus namque idem Almirantus... percurrit annus MDII terram quæ occidentum Cubæ ultimum spectat angulum... Percurrisse quoque feruntur ea littora occidentalia Vicentius Agnez de quo supra, et Joannes quidem Diaz Solisius nebrissensis, multique alii; quorum res nondum benè didici. Modo vivam, aliquando illa videre licebit. Nunc vale ».

E em Gomara, Historia de las Indias, cap. LV na — Collecção dos Historiadores primitivos, de Barcia, tom. II, pag. 44, que diz: — « Descubrió Christoval Colon 370 leguas de costa que ponen de Rio grande de Higueras al Nombre de Diós, el año de 1502; dicen empero algunos que *tres años antes* o avian andado Vicente Yañes Pinçon y Juan Diaz de Solis, que fueron grandissimos descubridores. »

ás outras testemunhas do celebre processo que affirmam a mesma concordancia de nomes?

Todos tambem voltaram com Pinzon em 1509?

Mas ainda mais. A maior parte das testemunhas asseveram que o nome posto á terra por Pinzon fôra *Rostro Hermoso*.

Com a data de 5 de setembro de 1501, faz-se uma capitulação entre os reis de Hespanha e Vicente Pinzon, sobre as terras que este vinha de descobrir.

Esse documento diz, pela bocca real: — « descobristes certas ilhas e terra firme a que pozestes os nomes seguintes — *Santa Maria de la Consolacion* e *Rostro Hermoso* e d'onde d'alli seguistes a costa que corre a noroeste até o rio grande, que chamastes Santa Maria do Mar Doce, toda a terra de Congo até o Cabo de S. Vicente ». Não se percebe nesta linguagem nem a uniformidade com a descripção de Herrera, nem relacionação de especie alguma com o cabo de Santo Agostinho.

Mais adiante declara o documento que nomeia o descobridor Vicente Pinzon capitão e governador das ditas terras, desde a dita ponta de Santa Maria de la Consolacion, seguindo a costa *Rostro Hermoso*, até o rio de *Santa Maria de la Mar Dulce* com as ilhas da sua foz.

Quem póde relacionar esta arrumação com a costa de Santo Agostinho ao Amazonas?

E, como a corôa dá a Pinzon um governo com estes limites, não mencionando e deixando sem governo toda a

Nem se tira destas fontes que Pinzon andasse junto com Solis, nem se apura para Pinzon uma segunda viagem em que podesse fazer o reconhecimento do que descobriu na primeira. Tres annos antes de 1502 é a primeira e unica viagem de Pinzon, de 1499 a 1500.

Oviedo, Historia general y natural de las Indias, falla de uma viagem de Pinzon com Solis e Pedro de Ledesma que descobrira o Golfo de Higueras, mas anterior á supposta viagem de Pinzon ao rio Maranhão: — « el Golfo de Higueras lo descubrieron los pilotos Vicente Yañes Pinzon e Johan Diaz de Solis e Pedro de Ledesma, con tres caravellas, *antes* que el Vicente Yañes descubriesse el rio Marañon, ni que el Solis descubriesse el rio de la Plata ».

região da margem esquerda do Amazonas até Pariá, governo de Colombo?

Não se está palpando que este desdobramento geografico se ajusta á costa confinante com as terras antes descobertas por Colombo e que o celebre rio, realmente denominado por Pinzon Santa Maria de la Mar Dulce se deve acreditar no limite das duas descobertas, não tendo nenhuma relação com o Amazonas?

Mas ainda mais. O documento em questão faz á capitulação as necessarias restricções, uma das quaes diz terminantemente: — « nem vades ás ilhas e terra firme que até hoje são descobertas ou se hão de descobrir por nosso mandado e com nossa licença, nem *ás ilhas e terra firme do serenissimo Rei de Portugal.* etc.».

Havia, portanto, em 1501, uma balisa que demarcava as terras hespanholas e as separava das de Portugal, aliaz aquella recommendação seria futil e romantica. Por esta data ou pouco depois, os portuguezes tocavam e denominavam o cabo de Santo Agostinho. Se este era o mesmo que descobrira Pinzon com o nome de Santa Maria de la Consolacion, a corôa de Hespanha tinha-o reconhecido seu e fizera delle doação a terceiro. Como se não oppoz á usurpação portugueza?

A celebre carta de Juan de la Cosa, feita em outubro de 1500, tem servido a oppostas affirmações.

Juan de la Cosa era piloto da expedição de Alonso Ojeda, de 1499. O chefe e o piloto affirmam que correram 200 leguas de costa, ao sul de Pariá, chegaram á latitude de 4° 1/2 norte, á bahia de Oyapock.

Antes de qualquer conclusão geografica, chronologica ou historica, que se queira tirar desta carta, precisa ella de duas correcções á sua autenticidade e autoridade.

Juan de la Cosa veiu com Hojeda e Vespucio, antes de Pinzon. Na carta acha-se desenhada a sua viagem, tão realmente como elle o podia fazer, com os elementos de que dispunha.

Enxertou, porém, a essa parte a supposta viagem de Pinzon, em continuação da sua para o sul, até o supposto cabo de Santo Agostinho. E' uma monstruosidade, donde não ha maneira de tirar affirmação alguma.

Becher classifica-a um velho documento, que nem mesmo o nome de carta merece [1].

Cosa era piloto entendido, funcção que accumulava, provavelmente com mais lucro, com a de espião em Lisboa, ao serviço de Hespanha. Foi preso em virtude dessa profissão, em Portugal, em 1503 [2].

A sua carta não tem a mais pequena indicação de coordenadas, nem longitudes, nem latitudes; as collocações relativas das posições são fantasticas e absurdas; como concluir della uma viagem ao sul da linha, se elle não determina nem podia determinar a posição do equador?

Colloca o ponto inicial da arribada de Pinzon a oeste da terra tocada por Cabral. Não queremos induzir, como teriamos o direito, se a carta tivesse valor geografico, que Pinzon não tocou em Santo Agostinho; mas tambem não aceitamos desculpas ao erro de Cosa, pelo motivo de que este não tinha, em outubro de 1500, conhecimento da descoberta de Cabral. A nau, mandada com a noticia a Lisboa, já tinha chegado, e Cosa, espião de salario, devia ter noticia della.

Esta carta não interessa a uns, nem a outros.

A verdadeira critica elimina-a.

* * *

Concluimos que a linha equinocial separa com evidencia as primeiras navegações portuguezas e hespanholas. Pinzon póde ter tocado em terras brazileiras antes de Cabral, mas com as indispensaveis restricções que não envolvem

[1] A. B. Becher — The Land fall of Columbus. Introd., pag. XII, London, apud Ruge — Storia della Epoca delle scoperte; traducção italiana de Valbusa, pag. 315.

[2] Navarrete — Coleccion de los viages etc., tom. 3o, pag. 161.

precedencia. Se terras ao norte do equador vieram a ser portuguezas, não foi por direito de conquista ou de prioridade do seu conhecimento, mas em consequencia de tratados anteriores, como o de Tordesilhas, posteriores, como tantos, e, principalmente, pelo facto politico de 1580, que destruiu as balisas coloniaes entre Portugal e Hespanha. Esta assentou com a França o limite possessorio, e depois com Portugal a cedencia e incorporação do que lhe ficava encravado entre o Brazil e a França.

Ao Brazil, no verdadeiro termo da palavra, no sentido das terras pelos portuguezes descobertas e colonisadas, não pertencia esta região; foi obtida por Portugal como annexação, pelo tratado de Utrecht [1].

* * *

Em remate, Cabral não teve predecessores na sua obra do descobrimento do Brazil.

[1] As clausulas deste tratado, que comprovam o asserto, são as seguintes:

8.ª Que, afim de prevenir toda a occasião de discordia que poderia haver entre os vassallos da corôa de França, e os da corôa de Portugal, S. M. Christianissima desistiria para sempre, como naquella occasião desistia por aquelle tratado pelos termos mais fortes e mais autenticos, e com todas as clausulas que se requeriam, como se ellas alli fossem declaradas, assim em seu nome, como de seus descendentes, successores e herdeiros, de todo e qualquer direito que podia ou poderia ter sobre a propriedade das terras chamadas do *Cabo do Norte*, e situadas entre o rio das *Amazonas* e de Japoc, ou de Vicente Pinzão, sem reservar ou reter porção alguma das ditas terras, para que ellas fossem possuidas em diante por S. M. Portugueza, seus descendentes, successores e herdeiros, com todos os direitos de soberania, poder absoluto, e inteiro dominio, como parte de seus Estados, e lhe ficassem perpetuamente, sem que S. M. Portugueza, seus descendentes, successores e herdeiros podessem jámais ser perturbados em qualquer tempo por S. M. Christianissima, seus descendentes, successores e herdeiros.

9.ª Que, em consequencia do precedente artigo, poderia S. M. Portugueza fazer reedificar os fortes de *Araguari* e Camau ou Macapá, e os mais que haviam sido demolidos em execução do tratado provisional feito em Lisboa aos 4 de março de 1700 entre S. M. Christianissima e S. M. Portugueza El-Rei D. Pedro II, o qual tratado provisional em virtude daquelle ficava nullo e de nenhum vigor. Como tambem seria livre a S. M. Portugueza

O dia 22 de abril de 1500 ficará para sempre na historia, como a aurora deste bello e gigantesco paiz, e Portugal não será jamais sombreado na grande gloria de lhe ter sido o primeiro descobridor.

E felizmente que assim é. Se o filho, por mais alto que seja o seu pedestal, ambiciona sempre juntar a sua gloria á nobreza da sua origem, o Brazil, em parte alguma, iria buscar ascendencia mais veneranda. Se o pai perpetúa a sua existencia feliz e gloriosa, revendo-se no filho ennobrecido, Portugal, em parte alguma, das infinitas terras que descobriu e civilisou, conseguiu ou virá a conseguir espelho mais bello da reflexão do seu passado.

O Brazil, por mais poderoso que venha a ser, senhor e regulador dos destinos de metade, pelo menos, do continente de que faz parte, como a natureza lh'o vaticina, volverá sempre vistas respeitosas para a sua origem e dirá com ufania que nenhum outro paiz americano póde competir com elle na grandeza do seu nascimento. Essa pagina primeira da sua historia, que Pedro Alvares Cabral lhe legou, nos dez dias de demora na sua terra, não tem outra, na historia da descoberta e da conquista, que se lhe possa equiparar.

A lingua e os costumes foram, são e continuarão a ser, forças poderosas na luta e na victoria. A cohesão, innata no

fazer levantar de novo, nas terras de que se fazia menção no artigo precedente, os mais fortes que lhe parecesse, e provel-os de todo o necessario para a defensa das ditas terras.

10.ª Que S. M. Christianissima reconhecia por aquelle tratado que as duas margens do rio das *Amazonas*, assim meridional, como septentrional, pertenciam em toda a propriedade a S. M. Portugueza, e promettia que nem ella, nem seus descendentes, successores e herdeiros fariam jámais alguma pretenção sobre a navegação, e uso do dito rio, com qualquer pretexto que fosse.

11.ª Que da mesma maneira S. M. Christianissima desistia em seu nome e de seus descendentes, successores e herdeiros de toda pretenção sobre a navegação e uso do rio das Amazonas, cedia de todo o direito que poderia ter sobre algum outro dominio de S. M. Portugueza, tanto na America, como em outra qualquer parte do mundo *(a)*.

(a) Visconde de Santarem—Quadro elementar, toms. 5º, pags. 35 e 36.

povo da sua origem, ahi se conserva por quatro seculos, como a principal, senão a unica causa deste facto portentoso e singular na historia americana, a integridade d'um territorio, por assim o dizer deshabitado, onde quatro centos milhões de creaturas podem fartamente viver e onde menos de 5 °/o dessa população, com claros immensos que difficultem a unidade, protestam ainda assim que hão de morrer e viver abraçados pelo mais forte dos symbolos — o amor da patria.

Digamos, para concluir, com Mentelle — Geografia Universal, tom. V, pag. 369: — « Cabral foi indubitavelmente o primeiro europeu que viu a costa oriental do Brazil ».

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO I

O DESCOBRIMENTO

Cabral no rumo do Gama.— O caminho estava marcado ; Cabral vinha instruido delle. — A lenda do acaso ; época de Raynal e das lendas.— Tres secções do caminho.— Bartholomeu Dias e Pero de Alemquer; nova pilotagem do Atlantico.— As ilhas de Cabo Verde, como refresco.— O vertice do angulo nautico e os alisados.— A arte de navegar portugueza, no tempo do Gama.— O erro deste almirante.— Conclusões.— Provas da orientação de Cabral; dois documentos pouco seguros ; outros melhores.— Fórma erudita e fórma monstruosa de discutir.

I

No dia 9 de março do anno de 1500, treze navios, entre grandes e pequenos, largavam as aguas do Tejo, e iam, caminho aberto pelo Gama, em demanda de Calicut. Era a mais poderosa das armadas, até então montadas em Portugal, não pelo numero das embarcações, mas pela sua qualidade, fórma e poder por que iam apparelhadas, escolha do pessoal que as tripolava, mercadorias e riquezas que carregavam em seu bôjo.

Razões valiosas determinaram esta feição da armada, que D. Manuel confiava ao commando de Pedro Alvares Cabral.

A viagem do Gama trouxera ao rei venturoso e ao povo, tradicionalmente empenhados no fecho d'uma empreza nacional, uma solução definitiva, no ponto de vista geografico, esperançosa, no tocante á nautica e á hydrografia, duvidosa e apprehensiva, no que respeitava aos fins sociaes, politicos e religiosos.

A importancia do feito resalta do modo brilhante e excepcional por que D. Manuel o celebrou, já nas honras ao heróe, nunca sahidas de suas regias mãos com tamanha liberalidade e grandeza, já nas muitas e multiformes maneiras por que elle foi recommendado á admiração do paiz e do mundo, do tempo e do porvir.

Transmittido o seu conhecimento por escripto a todas as cidades e villas importantes, *encommendava-se-lhes*, na frase de Barros, *que solemnisassem tamanha mercê, como este reino tinha recebido de Deus, com muitas procissões, e festas espirituaes em seu louvor.*

Levado, por embaixadas luzentes, ás principaes côrtes christãs, como que se lhes solicitava um reconhecimento devido a uma victoria que a todos interessava por egual, já pelo triumpho alcançado pela cruz, ja pela conquista da civilisação occidental.

Conservado eternamente na veneração das gerações, o feito ia ser gravado nas mil fórmas do monumento consagrado a Nossa Senhora de Belém, essa epopéa de marmore e de granito, de rendas e de lavores, que falla á alma, com a mesma persuasão, verdade e enthusiasmo, com que nos falla Camões, que canta a realidade épica, na mesma toada e com os mesmos quebros, com que a Batalha memora a energia patriotica. Esses tres monumentos têm uma côr de familia, uma adaptação e uma identidade por tal fórma patentes e imanantes, que nem poderiam ser d'outro povo, nem este, cuja vida elles celebram, carece de outras revelações para affirmar o seu passado de gloria.

Entretanto, a expedição do Gama, completa, definitiva, como dissemos, quanto ao fim geografico e ao problema historico, porque a India era emfim accessivel e patente, por esse novo caminho, que o argonauta real deixára balisado na vasta e movediça esteira, não lográra fecundidade egual ao problema religioso e social que se lhe confiára, de mão com o problema physico.

Afóra a cordial e esperançosa alliança de Melinde, o Gama fôra, de perfidia em perfidia, açoitado, por toda a jornada, por uma resistencia e por uma traição, que só a sua tenacidade implacavel e indomita podera vencer.

Crescera de ponto e tornára-se ameaçadora, a attitude, hostil e desbordante de traiçoeiros ardís, do poderoso rajá do Malabar, com quem principalmente convinha estabelecer proveitosas e estreitas relações diplomaticas.

As informações do Gama, sobre o pé em que deixára essas relações, aconselhavam e determinaram o poder da armada de Cabral, visto que ficava certo que em Calicut se tinha de procurar, pela força e á mão armada, uma dominação, em vez de uma alliança, uma conquista, em logar de uma catechese religiosa e commercial.

Pensava-se no conselho de D. Manuel que o dominio do oriente se devia tentar pelas cabeças e que, assim, todo o Malabar, tributario de Calicut, viria pela reducção do potente samorim. Entretanto, assim não foi; antes, pela boa entrada feita nos tributarios, se acendeu a luta entre estes e o seu despotico senhor, limitando-se a acção portugueza a explorar esse odio natural, secundando e incitando a revolta contra a escravidão e a luta, sempre valorosa, em favor da emancipação e da liberdade.

Se hoje se propuzesse a questão de comparar os dous processos de conquista e decidir qual o mais facil, se esse que ia na mente e nas ordenanças dos primeiros commandantes, se aquelle que a força das circumstancias veiu a impôr, deve suppôr-se, embora á these falte a suprema razão da analyse concreta e á posteriori, que vencesse o processo historico, como o unico que podia, de facto, conduzir a resultados definitivos.

* * *

O traçado do caminho estava feito pelo Gama. Podemos, em extremo, discutir-lhe detalhes; impossivel negar-lhe

a existencia, mesmo que, em extremo, se recorra ao argumento *ad ignoranti am*.

As informações do Gama, quanto á geographia e á nautica, foram positivamente certas, claras e determinantes. Nem a prudencia e responsabilidade do rei, nem o estado das condições materiaes do reino, nem o amor proprio da nação, lançada, aos olhos de todo o mundo, na iniciativa do tráfego pela via já percorrida, nada permittia que se fosse confiar ao acaso e ás contingencias de uma rota desconhecida ou incerta, empreza que representava o melhor esforço e a maior riqueza da corôa e do paiz.

A comparação material das duas armadas, do Gama e de Cabral, determinou, irrefutavelmente, a differença entre uma expedição que vai á descoberta e outra que marcha por trilha certa e determinada.

*
* *

A armada resume todos os recursos de que a corôa dispunha na occasião. Que esta verdade, preliminar e indispensavel, se não afaste de quem quizer julgar com segurança. Eram treze navios; levavam todos os marinheiros conhecidos e experimentados que havia no reino, em commandos, pilotagem e mestres; carregavam para fóra mil e duzentos homens válidos e escolhidos, sangria cuja força se tem de julgar por um povoamento que orçava por um milhão de habitantes, isto é, sangria que representava, numericamente, parte valiosa da população total.

Dera-se nos depositos e arsenaes um saque exhaustivo, para montar em guerra esses navios; gastaram-se grossas sommas para enchel-os de mercadorias occidentaes, que deviam de servir de permuta ás especiarias do oriente, além do que custaram esses presentes caros com que Cabral devia seduzir e deslumbrar os potentados com quem viesse a relações.

Entre as causas do insuccesso do Gama, em Calicut, aponta-se, com valor capital, o contraste da sumptuosa mas

gnificencia da côrte do poderoso rajá com a pobreza do sequito do argonauta portuguez. O Monçaíde, o fiel e devotado amigo do Gama, uma das mais bellas figuras do quadro da sua empreza, que a critica e a justiça ainda não collocaram no seu digno logar, o Monçaíde fizera sentir essa condição negativa, que o Gama verificára nos desdens e experimentára nos soffrimentos.

Cabral ia, a tal respeito, prevenido e munido abundantemente, de sorte que podesse fascinar o rico oriente e dar-lhe idéa persuasiva do poder e da riqueza do rei que para lá embaixava. Duas illações immediatas e irrefutaveis — o sacrificio material da côrôa e a reflexão das informações do Gama na empreza de seu successor.

Desse sacrificio exhaustivo, temos uma razão final no seguinte facto: D. Manuel resolvera, em trafego regular e ininterrupto da nova via aberta e balisada pelo Gama, enviar todos os annos uma armada, no mez de março, isto é, na mesma monção, determinada e aconselhada.

Esta circumstancia convence persuasivamente do estado scientifico do meio, quanto ao problema da navegação, voltando a caracterisar a decisiva iufluencia das informações de Vasco da Gama, unicas que podiam ter determinado esse definitivo conhecimento.

Barros, na sua linguagem simples e convincente, nos inculca o juizo, quando relata a expedição de João da Nova: — « El-rei D. Manuel, antes da vinda de Pedr'alvares, posto que não tivesse recado do que lhe succedeu na viagem (porque sua tenção era em cada um anno fazer uma armada, para este descobrimento, e commercio da India no mez de março, para ir tomar os temporaes, com que se naquellas partes navega) neste anno de quinhentos e um mandou armar quatro velas [1] ».

Não esperou o rei a volta de Cabral, como esperára a do Gama, para mandar nova armada; esperou a volta da mon-

[1] Decada 1ª, Liv. V, cap. X.
Responde ao apodo de J. J. Machado de Oliveira, referido atraz.

ção da viagem, que era só uma em cada anno, no mez de março. Claro que o caminho estava conhecido e determinado pelo Gama, na sua direcção geografica e nas condições favoraveis ao seu percurso.

E, do conhecimento certo e induvidoso da navegação, convence ainda Barros, quando, na preparacão da armada de Nova, nos deixa ver o estado de pobreza em que a armada de Cabral deixára a corôa e a grandeza do sacrificio que esta agora fazia, certamente porque era total e firme a sua confiança.

De facto, a armada de João da Nova era de quatro náos; o capitão-mór era gallego de nação, alcaide pequeno da cidade de Lisboa; a corôa apenas podera armar dous navios; dos outros dous, um era de D. Alvaro, irmão do Duque de Bragança, que confiára o seu commando a um seu criado Diogo Barbosa, outro era propriedade de um tal florentino Bartholomeu Marchioni, negociante rico e poderoso armador, a quem teremos de nos referir adiante, o qual dera o commando ao seu patricio Fernão Vinet.

Nada mais claro, nem mais concludente. A falta de recursos á sahida de Cabral era tamanha, que nem havia barcos e era preciso interessar estranhos e particulares, nem havia gente e era preciso assalariar estrangeiros, até para o commando geral.

Mas era tão firme o convencimento do exito, tão seguro o transito e portanto tão averiguado o caminho, que não só o rei empenha nessa base recursos superiores ás suas forças, como os particulares e, muito em especial, commerciantes egoistas, gananciosos e especuladores, não trepidam em lançar-se na empreza.

Deve notar-se, ainda em accrescimo do sacrificio da corôa, e portanto da sua completa orientação e segurança, que esta negociata com Marchioni, permittindo-lhe enviar um barco por sua conta, não podia ser senão o pagamento, que D. Manuel não podera fazer n'outra moeda, dos emprestimos de Marchioni para a montagem dos dous navios reaes.

Impossivel vir agora, ao cabo de analyses tão completas e tão reaes, apresentar-nos Pedro Alvares Cabral vogando á tôa, por mares desconhecidos, sujeito ao asar dos ventos, das calmarias, das correntes e das tempestades, batendo aqui ou além, pela força do acaso, da fortuna.

Rei, povo, navegadores e aventureiros seriam, com tal opinião, enviados para o hospicio; jámais os portadores d'ella conseguiriam, para doidos taes, um canto no pantheon da historia.

* * *

A lenda do acaso, da navegação por mares desconhecidos, vem de Raynal (Historia filosofica e politica dos estabelecimentos e commercio dos europeus nas duas Indias, Genova, 1780). Os escriptores do seculo XVI, na sua generalidade simples e ingenuos descriptores de factos que chegavam ao seu conhecimento pela tradição, despidos e separados das suas causas, não podiam illuminar as suas narrações com a luz da critica e da verdade organogenica.

A indole do chronista e em geral do escriptor d'aquelle seculo, é relatar todo o occorrido sem preoccupação pela uniformidade, nem mesmo da verosimilhança. Dos factos, toma a sua fórma mais sensivel, mais heroica, mais attrahente e atirante ao maravilhoso, procurando quanto possa desviar as causas da natureza e da contingencia humana, para enxertar a sua origem no milagre, na arvore immensa da Divina Providencia. E' a historia no seu estado theologico; Raynal veiu na época da metaphysica-historica.

A lenda era a mais depurada feição da narrativa; o espirito sente o vago desejo de coordenar e uniformisar os factos e essa necessidade, que se converte em preoccupação absorvente, induz com uma fecundidade insaciavel, quer estabelecendo relações entre termos incomparaveis e inconvertiveis, quer sobrepondo aos factos condições novas, quer imaginando explicações totalmente estranhas e in-

adaptaveis. Esta é a genése da lenda da época mataphysica de Raynal, a mesma de Rocha Pitta, do piedoso autor do Orbe Seratico e do apreciado Fr. Vicente do Salvador.

De accordo, que o historiador moderno, o unico a quem foi concedido fazer da sua obra uma sciencia exacta e natural, tenha de recorrer a esses errados constructores do passado; ha de ser mesmo pela profunda incidencia das suas vistas novas e poderosas sobre esses repositorios e monumentos, que a verdade se ha de de precipitar, como o residuo chimico pelo reagente. E' tempo, porém, de assentarmos as balisas do nosso campo e affirmarmos, franca e rigorosamente, que militamos no nosso tempo.

O traçado do caminho estava feito pelo Gama.

* * *

A estrada que ligava Lisboa ao oriente, a curva directriz das armadas reaes, por este novo rumo para onde se deslocava o eixo commercial, largando de vez o mediterraneo, essa nova trajectoria, tinha tres secções distinctas a considerar: 1ª, a navegação atlantica até a montagem do cabo africano; 2ª, o custeio do sul e do nascente do continente africano, até o ponto proprio á tomada dos monções do mar Indico; 3ª, a travessia do grande golfão da Africa ao Malabar, com os ventos proprios, de feição.

Desde o infante D. Henrique, que a rota das navegações portuguezas guardava aquella mesma direcção costeira, que, com pequenas variantes, conservou até Bartholomeu Dias. Este, marinheiro intelligente, de concerto com o seu piloto, essa figura esculptural de Pero de Alemquer, trouxera do Cabo conhecimentos novos e de grande valia. Percebera as correntes e os alisados, com direcções definidas e forças apreciaveis.

De volta a Lisboa, trouxera ao grande rei informações precisas, e D. João 2º, dando principio á missão do Gama, tivera o cuidado de escolher Bartholomeu Dias para director

desses serviços, sem duvida pela competencia especial que lhe vinha da sua viagem ao sul da Africa.

D. Manuel, tendo a meritoria preoccupação de aproveitar, neste consoante, todos os serviços começados por seu primo e cunhado, não só confiou ao mesmo Bartholomeu Dias toda a organisação da empreza, como o incumbiu de acompanhar o Gama na primeira parte da jornada, servindo-lhe de guia, de mentor, de pratico. Devia acompanhar a armada até Cabo Verde e, logo que Vasco da Gama largasse dahi no seu rumo, seguir elle para Mina, aonde o levava uma commissão especial.

Pero de Alemquer, o grande piloto do mar do sul, foi posto ao lado do argonauta, na *S. Gabriel*, como a melhor garantia da utilisação de todos os recursos profissionaes.

Eis aqui outra circumstancia que tem de ser devidamente conhecida e apreciada, por quem queira julgar a época e a preparação scientifica e profissional dos marinheiros portuguezes deste tempo.

O Gama abre uma nova fase na historia geral da arte de navegar, na historia particular da pilotagem portugueza ; fase propriamente creada por Bartholomeu Dias e Pero de Alemquer com os conhecimentos adquiridos na sua viagem ao sul ; phase que define um processo novo de navegar o Atlantico para a montagem do cabo de Boa Esperança.

As ilhas de Cabo Verde apparecem, pela primeira vez, como ponto de refresco e estação necessaria para a travessia da linha, com rota amarada, fugindo-se de terra, da costa africana. Até ahi os roteiros fallam da Madeira e das Canarias, referem aterragens em diversos pontos da costa ; o equador corta-se abaixo do cabo das Palmas, quando se está já de ha muito no bolso da Guiné.

Que o rumo combinado do Gama lhe marcava o oeste de Cabo Verde, dil-o Barros, na sua frase sempre simples e clara. Bartholomeu acompanha o seu discipulo até Santiago de Cabo Verde e dahi: « os acompanhou té se pôr no caminho da derrota pera a Mina, Vasco da Gama na sua ».

Quem se der ao trabalho de lançar os olhos pelo *mappa mundi* e por estas posições, é que tirará a illação de qual era esta derrota do Gama.

Bartholomeu Dias, indo para a Mina, não teria ido á ilha de Santiago de Cabo Verde, muito fóra da sua derrota, se não tivesse que ensinar o novo caminho a Vasco da Gama.

Da ilha de Santiago, até onde chegaram juntos, Bartholomeu tomou a sua derrota para a Mina, quer dizer que retrocedeu para leste, e Vasco da Gama, seguiu na sua, quer dizer que se apartou para oeste.

Era a primeira vez que os pilotos portuguezes perdiam de todo a vista de terra, confiados no astrolabio que, pela altura do sol, lhes dava a posição do navio, e nos ventos alisados, que, desde alguns gráos do sul da linha, são favoraveis para a reversão no rumo de leste e, portanto, para a montagem do cabo de Boa Esperança.

* * *

Cabe aqui, em fórma de nota intercallada, uma mais directa apreciação do juizo, aliaz bastante vulgarisado ainda, de que os marinheiros portuguezes do tempo de Cabral não conheciam nem possuiam recursos de alguma especie para navegações autonomas e de alto mar. Chega-se a ler, em monographias especialistas, que « os barcos de Cabral eram *caixões fluctuantes*, que os instrumentos eram imperfeitissimos para toda e qualquer observação de latitudes, e para as longitudes não existia calculo algum e apenas determinavam pela estimativa [1] ».

Ora, semelhante opinião, aliaz muito respeitavel, por ser de um provecto marinheiro, tem o pequeno defeito de ser pouco douta, pouco reflectida e porventura um tanto impertinente pelo que tem de autoritaria. Já tivemos occasião de

[1] Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, tom. XI pags. 10 e 11.

mostrar com documentos quanto anda de falso e de injusto nesta opinião, ainda com as autoridades de Mouchez e de Duarte Pacheco Pereira.

Corroboramos aqui a contestação, citando mais a seguinte passagem de Mouchez: « . . . e evitar faltas como a do *Piloto do Brazil*, por exemplo, que negava a existencia de um escôlho conhecido e marcado em certas cartas ha mais de duzentos annos, ou que punha tão desgraçadamente em pratica esta falsa manobra de cortar o equador muito a léste, entre 20° e 25°, *quando esta rota fôra já reconhecida má por Vasco da Gama* ».

« . . . este erro do almirante Roussin prevaleceu, infelizmente, durante 25 a 30 annos, até que Maury conquistou uma reputação universal, demonstrando victoriosamente *que era preciso retomar a rota dos antigos* [1] .»

Se Maury obteve tamanha gloria, chamando a attenção dos seus contemporaneos para a exactidão dos processos de navegar o Atlantico no tempo do Gama, não cremos que o provecto preleccionista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, venha a conseguir gloria parecida, pondo-se em tão opposta affirmação.

* * *

Sahindo da ilha de Santiago de Cabo Verde, em 3 de agosto, Vasco da Gama, agora separado do seu mentor, que virára para a Mina, atirou-se no rumo que lhe haviam marcado, e, no dia 22 desse mesmo mez, viu manifestos signaes de terra : — « E uma quinta feira, que eram 3 dias de agosto partimos em loeste, e indo um dia com sul quebrou a verga do capitão-mór e foi em XVIII de agosto, e seria isto CC leguas da ilha de Santiago, e pairámos com o traquete e o papafigo, dois dias e uma noite, e em XXII do dito mez indo na volta do mar ao sul e a quarta de sudoeste, achámos muitas aves feitas como garções e quando

[1] Les côtes du Brésil — 2ª secção, pag. IX do Prefacio.

veiu a noite tiravam contra o su-suoeste, muito rijas como aves que iam para terra, e neste mesmo dia vimos uma baleia, e isto bem 800 leguas em mar [1] ».

Aqui temos novos e mais explicitos argumentos, em accordo com o dizer de Barros e em affirmação da doutrina de que Vasco da Gama ia na trilha nova, recommendada e definida pelas suas instrucções, que todas lhe ordenavam que cahisse para loeste, quando a sua mira lhe ficava para leste.

Largando de Santiago de Cabo Verde, em 23° e 30′ de longitude O. G., no rumo de sudoeste, o córte da linha ha de collocar-se a mais de 25°, talvez por 30° O. G.

E é este o córte aconselhado pelos mais modernos e pelos mais competentes marinheiros, e é este o córte que, depois do Gama, foi abandonado, mas que Maury veiu de novo inculcar, aconselhando aos actuaes pilotos que voltassem a *retomar* a *rota dos antigos*.

Quer isto dizer que, quando, por força das circumstancias e da sorte, os portuguezes largaram a supremacia dos mares e outros vieram em seu logar, houve uma cousa que se perdeu, a adiantada sciencia dos pilotos portuquezes. Dahi um notavel retrocesso, e este tamanho, que se chegou á actualidade, n'um estado ainda notavelmente inferior, a certos respeitos, áquelle a que haviam chegado os marinheiros de D. Manuel.

E agora é legitimo perguntar o que fazia Vasco da Gama por taes alturas, vindo de Lisbôa a Cabo Verde, de Santiago cahindo para oeste, tomando o rumo de sudoeste ? Isto para passar no sul da Africa, em viagem para o oriente ?

Era a nova fórma de marinhar pelo atlantico, pelo emprego dos ventos alisados que no hemispherio do sul sopram para léste com diversas inclinações, segundo a latitude e ainda segundo a época do anno.

[1] Roteiro da Viagem de Vasco da Gama, por A. Herculano e Barão do Castello de Paiva, 1861, 8º, pag. 3.

Esse conhecimento, levado a Lisboa por Bartholomeu Dias, dera a Vasco da Gama as instrucções pelas quaes se devia guiar para abrir o novo caminho.

As ilhas de Cabo Verde ficam marcando a primeira estação depois de Lisboa. Dahi, com o rumo de sudoeste, tocado pelos ventos favoraveis do norte, corta-se a linha na mais propicia inclinação. Agora, está-se na região onde os ventos do norte e do sul se chocam, formando correntes irregulares, por vezes tempestuosas. Ahi, é preciso bolinar, procurando os alisados do sul, e, uma vez na sua região, voltar-lhes a pôpa e deixar-se ir á sua mercê. Ha de bater-se na costa da Africa, em ponto mais ao norte ou mais ao sul, segundo o ponto de loéste onde se fez a reversão.

Vasco da Gama, ao passar a linha, na região dos ventos irregulares, foi batido pela tempestade, que lhe partiu a verga ; andou muitos dias bolinando, com amuras a bombordo e *pairando com o traquete e o papafigo ;* foi quando andou procurando o ponto de reversão, do qual, largando a pôpa aos alisados, fosse dar no sul da Africa.

Fosse por inexperiencia, fosse por precipitação devida á tempestade que o açoitou, Vasco da Gama virou d'um ponto situado muito ao norte. Resultou dahi que, em vez de montar o Cabo, foi dar na bahia de Santa Helena, 5º proximamente do Cabo ou do ponto que procurava. E' o que podemos chamar o erro de Vasco da Gama, contra o qual elle não deixaria de prevenir Cabral, que lhe veiu na esteira e debaixo das suas instrucções.

Se não fôra esse erro, o descobridor do Brazil teria sido Vasco da Gama ; como, ainda e muito naturalmente, seria elle o descobridor, se não fôra a tempestade que o perseguiu e destroçou. Não fôra esse desassocego, seu, dos capitães e da maruja, elle teria dado a verdadeira importancia aos signaes de terra, que os garções lhe mostraram no dia 22 de agosto de 1497.

Tres grandes, tres indispensaveis conclusões é forçoso tirar da summaria analyse que fica feita, á luz dos do-

cumentos irrefragaveis, da viagem do Gama: ellas são indispensaveis tambem, como os unicos alicerces, á construcção da viagem de Cabral:

1.ª, De Bartholomeu Dias, a cúpola das navegações costeiras e de signaes terrestres, até Vasco da Gama, o inicio das navegações de mar largo, marca-se o periodo de determinação do processo nautico da pilotagem do Atlantico;

2.ª, O novo processo determinava a rota, em fórma de angulo mais ou menos obtuso, cujos lados corriam, de Cabo Verde e do cabo da Boa Esperança, a um ponto, que era preciso fixar ao sul do equador e a loeste dos dous, de fórma que se aproveitassem, no percurso do primeiro lado do angulo, os ventos ponteiros do norte até o equador e a bolinagem do equador para esse ponto, e dahi, pelo segundo lado, até o Cabo, se mettessem os alisados em pôpa franca;

3.ª, Vasco da Gama, perfeitamente instruido pelas informações de Bartholomeu Dias, verificára completamente que não attingira pela bolinagem o ponto necessario, e que esse ponto devia ser procurado mais ao sul e mais a poente.

Para remate, fique assentado que Vasco da Gama andou ao lado da terra do Brazil, justamente no mais difficil momento da sua viagem atlantica, quando procurava o seu ponto de reversão, quando se achava no encontro dos ventos dos dous hemispherios e mais exposto a perigos, que effectivamente experimentou, quebrando-se-lhe a verga do seu barco, sendo obrigado a pairar dous dias e uma noite com o traquete e o papafigo.

* * *

De volta a Lisboa, por fins de 1498, Vasco da Gama tinha que fazer ao rei, que o enviára, o relatorio minucioso da sua missão. Nesse relatorio faltaria a explicita menção de todas as occurrencias na viagem atlantica, com a manifesta confissão do seu erro na determinação do vertice do angulo nautico? Não seria essa circumstancia largamente discutida

e apreciada em conselho de presidencia real e onde, pelo menos, era indispensavel que estivessem os tres agentes reaes do novo problema nautico — Bartholomeu Dias, que o definiu, Vasco da Gama, que, ainda com erro, o executou, Pedro Alvares Cabral, que definitivamente o ia realizar?

Oppõe-se o argumento — *ad ignorantiam* — que esse relatorio do Gama não appareceu até hoje, nem as cartas, nem as actas desses conciliabulos...

Esta obstrucção de ordem material fica sem valor, quando se attende — 1º, a que a verdade deste facto se deduz de um determinismo seguro da época, dos meios e dos fins, que de outra fórma ficam vasios; 2º, que a ignorancia desses vestigios materiaes não póde levar á negação da sua existencia, pois que podiam perder-se ou estar ainda por achar; 3º, que a obrigação logica de documentar não é d'aquelle que conclue na ordem natural de todos os successos, mas do que, metaphysicamente, nega sem exame.

Foi á sombra das informações do Gama e ainda em consequencia dellas que se realizou essa expedição, que trazia em seus destinos o descobrimento do Brazil.

II

Fôra o Gama, mantendo-se sempre as bellas e sabias costumeiras, o mestre encarregado pelo rei de dirigir toda a preparação da armada de Cabral. Até a escolha deste commandante querem os historiadores do tempo que o rei lhe confiasse.

Quem, convenientemente suggestionado pela importancia do grande facto e pela completa comprehensão da época em que elle se passou, póde negar a larga, intima, minuciosa communicação entre estes dous homens e ainda adrede escolhidos amigos?! O problema era de inneguavel valor para a corôa e elles eram dous leaes servidores; mas o problema envolvia a honra, o brio, o amor proprio

dos marinheiros portuguezes em perenne confronto com as marinhas estrangeiras, mas especialmente com a hespanhola, permanente estimulo, com raizes fundas no solo do patriotismo.

Se o passado podesse reconstruir-se por inteiro, se os archivos guardassem todos os documentos, quem porá em duvida que poderiamos collocar-nos junto de memorias, relatorios, cartas, roteiros e narrativas especiaes que Pedro Alvares Cabral levava junto de si, ao largar de Lisboa?

Quem se lembra de vir intercalar, nesta deducção logica e incombativel, o sediço argumento da ignorancia desses documentos?

Faltam-nos ainda ou faltarão sempre, é certo, essas provas primordiaes, mas nem por isso, em realização da grande lei da conservação eterna da verdade, nos faltam os fartos vestigios documentaes com que essa verdade podia ser reconstruida, d'um modo physico, por assim o dizermos. E' o que vamos mostrar.

* * *

Varnhagen, o emerito cavouqueiro da historia do Brazil, presume ter achado preciosos fragmentos das instrucções nauticas dadas por Vasco da Gama ao seu preposto Pedro Alvares Cabral. Seria um desmentido formal aos pregoeiros da argumentação *ad ignorantiam* dos documentos primarios. Com a lealdade e a probidade que devem ser essenciaes ao historiador, declaramos que não faremos desse achado cabedal impermeavel á critica. Examinemos, para o concluir:

Encontrou Varnhagen (Torre do Tombo, armario 11 da Casa da Corôa, maço 1 das Leis sem data, n. 21, apud Revista do Instituto Historico do Brazil, tomo VIII, pags. 99 a 115) um documento, a que deu o titulo «Fragmentos que existem na Torre do Tombo das Instrucções dadas por El-Rei D. Manuel a Pedr'Alvares Cabral, quando

chefe da armada, que indo á India descobriu casualmente o Brazil em 1500 [1] ».

Mais tarde, o autor da Historia do Brazil diz-nos que achou n'um adêlo em Lisboa uma pasta de papeis velhos, dentro da qual e entre os quaes presume ter encontrado um precioso thesouro: inculca ser a primeira folha dos fragmentos que exhumára da Torre.

Mandou reproduzir essa folha em *fac-simile*, que intercalou na sua Historia e fez ou mandou fazer a leitura paleografica do celebre documento, que, na summa do que melhor se poude entender, é do seguinte teor:

« Esta é a maneira que parece a Vasco da Gama que deve ter Pedro d'Alvares, em sua ida, prazendo a Nosso Senhor .»

Depois de alguns trechos, uns decifrados, outros riscados e que carecem de interpretação, segue:

« E se ouverem de guinar (entende-se os navios) seja sobre a banda do sudoeste e tanto que nelles der o vento escasso devem ir na volta do mar até meterem o cabo da boa esperança em leste franco. E dahi em diante navegarem, segundo lhe servir o tempo e mais ganharem, porque como forem na dita paragem não lhe minguará tempo com ajuda de Nosso Senhor com que *cobrem* [2] o dito cabo .»

« E por esta maneira lhe parece que a navegação será mais breve e os navios mais seguros do buzano e isso mesmo os mantimentos se tem melhor e a gente irá mais sã .»

[1] Devo á gentileza do Exm. Sr. Raphael Eduardo de Azevedo Basto, muito digno e illustrado conservador da Torre do Tombo, a informação que me era muito necessaria neste logar. O titulo deste papel intrigou-me, pela frase « descobriu casualmente o Brazil ». Se este titulo se achasse realmente no documento com os caracteristicos de ter sido posto na epoca, elle forneceria uma das mais valiosas provas á lenda do acaso. As informações que me transmittiu o Sr. Basto não só desiludem quanto ao valor e á autenticidade de todo o papel, como destroem por inteiro a minha aprehensão; o titulo é postiço; nem da epoca, nem do documento.

[2] Da analyse que fizemos no *fac-simile* inclinamo-nos a que seja *dobrem* e não *cobrem*; não faremos questão, porque, no caso, as duas palavras equivalem-se.

Temos de acceitar este documento com todas as reservas, quanto á sua autenticidade; a origem é manifestamente suspeita; muito pouco provavel que o *bric-á-brac* lisboeta ignorasse o preço do que tinha dentro da pasta; que, sabendo-o, o não annunciasse, que, annunciando-o, não tivesse sido visitado pela multidão dos bibliophilos e collecionadores, nacionaes e estrangeiros. Ter-se-ia feito em volta da pasta um ruido caracteristico, que, ao menos, daria á autenticidade do achado mais valor do que a simples autoridade pessoal de Varnhagen. Custa mesmo a acreditar a imprevidencia do feliz descobridor, não se premunindo com um auto testemunhado do encontro, nem sequer nos dando o nome do adêlo, a rua, o numero da casa!

Reunindo a notoria e fecunda arte de forjar documentos, tão largamente explorada na peninsula e que na propria França, ainda em 1870, levava ao tribunal do Sena o celebrado falsificador Vrain-Lucas, propende-se muito naturalmente para duvidas. São ellas necessarias, até para os documentos que a bibliografia archiva e classifica nas mais respeitaveis bibliothecas, quanto mais para os que se topam no *péle-méle* dos adêlos.

Mas, uma nota d'outra importancia temos de fazer a Varnhagen, na sua fogosa construcção.

Dado que o documento, titulado de *Fragmentos* esteja acephalo, é positivo que a cabeça não póde ser o achado no adêlo; a enxertia não póde pegar.

O corpo, os *Fragmentos,* estão em linguagem directamente de instrucções dadas pelo rei a Cabral, sem o intermedio de pessoa alguma: é um discurso em que a primeira pessoa é D. Manuel, a segunda Pedro Alvares.

A cabeça, o *Parecer* de Vasco da Gama, falla em linguagem indirecta de relatorio, que traz esse parecer, mas feito e colligido por terceira pessoa.

O corpo occupa-se exclusivamente com instrucções e ordens, aliaz minuciosissimas, todas de natureza diplomatica, de caracter religioso e commercial; nem uma palavra,

em todo esse trabalho, aliaz longo, referente á maneira de navegar, a instrucções de ordem nautica.

A cabeça, d'outra cousa não trata, senão do modo de navegar, como se vê da transcripção que lhe fizemos.

Mas, além disso, embora com uma analyse que não podemos inculcar por definitiva, porque a fazemos apenas sobre as duas publicações de Varnhagen, sem exame directo dos documentos originarios, temol-os ambos por completos e não mutilados, para que permittam uma enxertia. O primeiro, appellidado *Fragmentos*, começa pela sacramental palavra *Jesus*, inicial nos documentos da época ; não inculca mutilações ; a segunda palavra *Item*, pela qual abre o arrazoado do rei, tão pouco inculca continuação, porque ella é empregada correntemente na época, como simples signal de divisão de partes do discurso, sem a minima idéa de continuidade.

O segundo refere-se todo e por inteiro á navegação do Atlantico, dando a summa da derrota novamente determinada para a pilotagem do cabo tormentorio. Poderia ser seguido de duas outras identicas instrucções para os outros dois trechos da viagem, como tambem póde ser uma instrucção, separada, da primeira parte.

Mas ha ainda uma razão para considerar completo o primeiro documento, impropriamente talvez chamado *Fragmentos*. D. Manuel começa instruindo Cabral da norma que deve seguir em Calicut, preparando-lhe a chegada, o primeiro effeito, e para isso mandando-lhe preparar-se em Anguediva *(angadyua)*, como se sabe, a estação de refresco antes do Malabar. E era ahi que na realidade havia precisão de instrucções de ordem politica, religiosa e commercial. Se alguma cousa houvesse a antepor, seria referente aos portos da costa de Africa tocados pelo Gama; do Brazil e no estylo do documento, é que nada havia a dizer.

* * *

Com estas observações, que careciamos de fazer ao hybridismo de Varnhagen, o documento que transcrevemos, falso ou verdadeiro que seja, não perde a importancia para nós. Verdadeiro, é a prova provada da doutrina exposta, do novo methodo de navegação do Atlantico; falso, é ainda a prova de que esse novo methodo existia definidamente algures, porque não se inventa nem se póde descobrir o intuito da criação, quando possivel.

Não nos faltam, felizmente, documentos e autoridades com que corroborar o asserto, que podemos formular nos seguintes termos: Pedro Alvares Cabral sahiu de Lisboa, em viagem para a India, com roteiro e instrucções que o trouxeram, naturalmente e na sua derrota, á costa do Brazil.

Temos de mostral-o ainda, pelo testemunho conteste de todos os documentos coevos, de defendel-o contra todos os ignaros assaltos d'uma critica vasia de senso.

Pero Vaz de Caminha, um dos escrivães da feitoria que ia nomeada para Calicut, (fixe-se esta qualificação; não era escrivão da armada, nem secretario de Cabral; a sua carta não tem caracter algum official, nem obrigatorio) resolveu escrever a D. Manuel uma longa e minuciosa e interessante carta, cujo fim principal era dar ao rei noticias detalhadas da terra descoberta.

Essa carta e outra resumida escripta tambem ao rei por mestre João, physico e astrologo da armada, são os dous unicos documentos autenticos e coevos, até hoje achados e publicados.

Os originaes existem guardados e conservados na Torre do Tombo,—o primeiro, a carta de Caminha, gaveta 8ª, maço 2º, n. 8; o segundo, a de mestre João, Corpo Chronologico, parte 3ª, maço 2, n. 2.

Damos estes documentos em appendice e por completo, porque, além de serem documentos inconcussos, o leitor carece de os conhecer minuciosamente. Servimo-nos para ambos das cópias extrahidas por Varnhagen; cotejámos a de Caminha com a da Bibliotheca Nacional do Rio de

Janeiro, garantida na fé do Sr. Basto, actual conservador da Torre do Tombo.

Esta carta foi, pela vez primeira, publicada pelo padre Ayres Casal, na sua Chorografia Brasilica, em 1817; é incorrecta e omissa essa edição. O pudor obrigou o padre a truncar-lhe os bellos periodos, que descrevem a vida e os costumes dos indios, como Rochefoucauld fazia ás estatuas, cobrindo-lhes as partes pudicas com folhas de parra. A edição da Academia das Sciencias, que se acha no tomo IV da « Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas », é tambem incorrecta. Outras que conhecemos, como a que se encontra no Tomo XI (1895) da Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, por excesso de erros, não merecem menção.

Dissemos atraz, em parenthesis, que a carta de Caminha deve ser tomada a titulo de documento particular, porque elle, como erradamente se diz, não era nem escrivão da armada, nem de Cabral. Esta nota não desmerece nem a importancia do documento, nem o primor da sua frase que suggestivamente convence da veracidade do que relata. Chamou-lhe Ferdinand Denis a primeira pagina da Historia do Brazil e nós subscrevemos a qualificação.

A nota é feita com o fim de persuadir que outros e analogos documentos, em fórma de carta ou relatorio ao rei, deviam forçosamente ter sido escriptos, na mesma data, com a fórma official que estas duas cartas não podiam substituir. Esses documentos, que devem ser procurados com todo o interesse, porque talvez se não tenham perdido todos, seriam de grande valia para o cotejo que infelizmente nos falta. Barros, Castanheda, Góes, Ozorio não viram a carta de Caminha; evidencia-se das suas descripções. Entretanto, um pelo menos, na hypothese de que os outros copiassem, havia de ter visto documentos; esses nos faltam, porque se perderam ou estão escondidos.

* * *

Ora, Caminha menciona ao rei a largada de Cabo Verde por estas palavras — « e assim seguimos nosso caminho por este mar de longo, etc ».

Quem segue no *seu caminho,* não vae ao acaso, nem se considera captivo de forças superiores e invenciveis.

Por este *mar de longo,* significa, persuasivamente, que Cabral, pela necessidade do seu rumo, tinha que atirar-se ao mar largo, e a elle não foi impellido involuntariamente por agentes superiores.

Quando Caminha relata ao rei o conselho de capitães, de 26 de abril, em que se resolve mandar a Lisbôa a nova feliz, escreve — « para melhor mandar descobrir, e saber della mais do que agora nós podiamos saber *por irmos de nossa viagem* ».

Se, tocando em terras brazileiras, iam *de sua viagem,* ninguem ousará affirmar que esse logar em que tocaram lhes estava fóra do rumo que, premeditadamente, haviam tomado.

Mestre João, relatando, por seu turno, cousas de sua arte, a sua idéa de discordancia com os pilotos na medida das distancias, remata — « porém quem diz a verdade não se póde certificar antes que *em boa hora* cheguemos ao cabo de Boa Esperança. » Como quem diz — até aqui chegámos bem ; em boa hora, ou do mesmo modo, cheguemos ao Cabo.

Um e outro, se tivessem sido arrastados fóra do seu rumo por causas superiores, imprevistas, indiscutivel que o contariam ao rei e não empregariam a linguagem apenas compativel com quem vai na sua viagem natural, sem incidente ou desvio de menção. O usual para quem descreve viagens, mórmente indo nellas por conta e em serviço de outrem, mórmente pela tendencia natural de collocar-se em posição de victima, de glorioso vencedor de perigos e difficuldades, é exaggerar os incidentes adversos, invental-os mesmo, se não se deram ; nunca, em caso algum, escondel-os, tendo-se dado.

E então, de vassallo para rei, em tempos em que os serviços se mediam em proporção com os perigos e abriam contas de credito aos que os soffriam !

No fecho da carta, diz Caminha ao rei — « e que ahi não houvesse mais que ter aqui esta pousada, para *esta* navegação de Calicut, bastaria » .

Onde achar documento ou prova melhor de que a terra descoberta estava na rota traçada á navegação do Atlantico ? Esta navegação de Calicut, *esta,* a que vamos fazendo, aquella em que nos achamos, n'um dos pontos da qual estamos ! . . . e ponto que vem de molde para estação de folego, para *pousada* (bello termo !).

Considerava-se Caminha fóra da trilha da viagem, quando se imaginava n'uma *pousada* della ? !

Esta exacta idéa conservou-se na tradição, pelo menos entre os escriptores brazileiros do seculo XVI. O celebre Roteiro Geral, attribuido por Varnhagen a Gabriel Soares, diz, em 1587, no cap. XXXIV, descrevendo a enseada de Santa Cruz: — « Neste porto de Santa Cruz esteve Pedro Alvares Cabral, *quando ia para a India* » .

Com o titulo de — « Navegação de Pedro Alvares Cabral » publicou a Academia das Sciencias no tomo II da « Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas », um supposto roteiro official da viagem de Cabral, attribuido a um piloto da armada. A seu tempo teremos de fazer a este documento uma autopsia, termo mais proprio que temos para classificar a analyse de que elle carece. Por agora, sirva-nos uma passagem desse papel que tem valor identico, sendo falso ou verdadeiro o documento, pela mesma razão já referida para o *Parecer* de Vasco da Gama.

Lê-se ahi: « achámos tres navios, que el-rei de Portugal mandára para descobrir a terra nova, que nós tinhamos achado *quando iamos para Calicut* » .

Este celebre roteiro appareceu pela vez primeira traduzido em latim, na collecção de Simão Grineo, em 1532.

Logo, nesta data, ou 32 annos depois do descobrimento, caso o documento não seja mesmo contemporaneo do facto, existia firmemente a opinião de que Cabral, quando tocou em terras brazileiras, *ia para Calicut*. De outra fórma fallaria o papel se, na costa brazileira, se achassem fóra do seu rumo, como esta — *quando, fóra do nosso rumo de Calicút*, etc.

III

A mais notavel e mais fecunda das épocas em que a questão geografica e historica do descobrimento do Brazil andou nas azas da discussão, foi, por sem duvida, aquella em que o Instituto Historico e Geografico Brazileiro a levou á barra do seu areopago respeitabilissimo. Foi tambem, podemos afoutamente affirmal-o, aquella em que, ao lado de uma erudição completamente absorvente de tudo que até ahi se sabia, se debateram sobre os factos documentados idéas e opiniões mais extravagantes. Depois e até hoje, embora com intervallos luminosos, como esse que produziu para um concurso do Collegio Pedro II, hoje Gymnasio Nacional, trabalhos de alto preço dos seus emeritos candidatos, póde dizer-se que a questão, largada da moda e da opportunidade, retrocedeu. Escriptores de nome escreveram depois e escrevem ainda hoje, em livros ou monografias, e até em conferencias de caracter scientifico, idéas que pareciam sepultas nos escombros daquella muito celebre polemica. E' que esta, guardada nos annaes do Instituto, ficou letra morta para esses escriptores.

Em sessão de 15 de dezembro de 1849, distribuiu S. Magestade D. Pedro II, ao socio correspondente Joaquim Norberto de Souza e Silva, a seguinte these — « O descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso, ou teve elle alguns indicios para isso? »

Respondeu o sabio investigador escolhido, com uma Memoria lida em duas sessões, de 6 e 20 de dezembro do anno

seguinte, de 1850. Producto de extraordinaria erudicção, rasteja pela insufficiencia da critica. Nas provas, não faz distincções, nem analyse prévia na autenticidade dos documentos. E', diga-se em seu abono e em sua honra que é grande, o primeiro escriptor que se insurge contra a lenda do feliz acaso de Raynal.

Responde-lhe, em sessão de 26 de maio de 1854, o inestimavel poeta e erudito escriptor brazileiro, Antonio Gonçalves Dias. Este parece, com as suas *reflexões*, restabelecer a lenda, circumscrevendo o acaso a desorientação; sahida do rumo, pelo effeito das correntes. E' quando a lenda perdeu a sua feição de inconsciencia dos velhos chronistas, para ficar monstruosa, vestida com as roupagens de uma critica e de uma sciencia que lhe são repugnantes! Vamos continuar a vel-o.

Gonçalves Dias inculca, como preliminar, a seguinte these — « Para que o descobrimento do Brazil por Cabral não fosse obra de mero acaso, seria preciso, que antes da sua viagem este navegante tivesse ou podesse ter tido conhecimento das terras da America [1] ».

A these tem a informidade dos monstros; o mais difficil nella é determinar-lhe o sentido que lhe quiz dar o autor. Se este conhecimento das terras da America se refere a uma prévia determinação e fixação em cartas geograficas, com suas respectivas coordenadas, este não existia para o logar onde tocou Cabral; mas então, tambem não haveria descobrimento, mas simples reconhecimento.

Se se reduz a uma suspeita da existencia de terras, pouco mais ou menos por aquelle ponto da rota de Cabral, a these fica e era já, no tempo em que o autor escreveu, um axioma. Ninguem ignorava, na época de Cabral, que havia terras a loeste banhadas pelo Atlantico. Batera nellas Colombo, percorrendo-as de longo e isso ninguem ignorava, percebera-as Vasco da Gama, pouco mais ou menos na altura em que surgiram a Cabral.

[1] Revista do Instituto Historico, tomo XVIII. pag. 305.

Gonçalves Dias conhecia o Roteiro da viagem de Vasco da Gama, cuja primeira edição é de 1838. O celebre trecho do Esmeraldo de *situ orbis*, de Duarte Pacheco Pereira fôra publicado por Cunha Rivara no vol. 5º da 1ª serie do *Panorama;* tambem o devia conhecer em 1854. Não podia, pois, Gonçalves Dias alimentar a menor duvida de que Cabral, como todos os marinheiros portuguezes do seu tempo e entre elles Duarte Pacheco Pereira, que ia na armada, tinham convicção de que existiam essas terras, que D. Manuel, *desde o terceiro anno do seu reinado, ou desde 1498, mandava procurar aos seus marinheiros.*

Verifica-se a turvação de animo de Gonçalves Dias, quando a pag. 315 do logar citado ao seu trabalho, diz — « Seja-me permittido pôr em duvida a sufficiencia dos documentos para provar que em Portugal se tinha conhecimento das terras, que Pedro Alvares descobriu, não por mero acaso, mas *demandando-as* como por proposito deliberado ».

Para nós a questão ficaria morta ou esteril, se pelo correr do trabalho não apparecesse uma outra fórma de a collocar. Contrapondo-se mero acaso a proposito deliberado, pensamos que são por egual insustentaveis tão extremas opiniões e quasi perdidas as largas paginas que para isso escreveu o autor das « Reflexões ».

A questão é se Cabral vinha ou não no seu rumo, quando bateu com os olhos no monte Paschoal; depois, se é mero acaso a achada de uma terra que se interpõe no rumo certo e premeditado d'uma viagem.

E o autor, por isso temos de o combater, acceitou essa outra collocação do problema, esforçando-se por convencer de que Cabral sahiu do seu rumo, forçado por causas superiores, que, na sua opinião, foram as correntes pelagicas.

Passo por alto anachronismos sem conta que saltam a cada passo no trabalho do primoroso escriptor, como esse de pôr a achada do *rochedo deserto de Santa Helena* no tempo de D. João 2º, ou antes de Cabral e do Gama, como se vê a pag. 317; o de attribuir a D. Manuel a distribuição do

Brazil em capitanias, como a pag.. 321; esse outro de Martin da Bohemia passar a Portugal em 1484 e entender-se com D. João 3º, como a pag. 322; Gandavo, que escreveu em 1576, a ser copiado por João de Barros, cuja primeira decada tem a data de 1551.

A opinião do autor repete-se em affirmativas como esta :— « Resta-me agora demonstrar como Cabral veiu ao Brazil arrastado pelas correntes, sem o saber », pag 337.

Não é porém a *Gulf-Stream*, essa que fez o milagre :— « Vê-se, pois, que elle não fallava da Gulf-Stream, nem é a essa que eu quero attribuir influencia alguma na derrota de Cabral », pag. 335.

A corrente milagreira define-se logo em seguida :— « Conclue-se daqui, que ha entre os tropicos uma grande corrente, que os homens da sciencia distinguem com o nome de corrente equinocial, que corre de oriente para occidente, de 4 leguas por dia, ou talvez de mais », pag. 335 *in fine*. Ora, esta corrente equinocial, que atravessa o Atlantico em facha sensivelmente regular e parallela ao equador, é justamente a Gulf-Stream, a unica corrente constante do Atlantico!

Esta corrente começa a fazer-se sentir entre 50º e 30º de longitude occidental, 65º ou 70º de latitude austral.

Corre para o sul da Africa, onde se divide em duas; uma, vai pelo sul sempre para leste, prolonga-se pelo oceano indico; outra, corre ao longo da costa occidental da Africa, do sul para norte, até o golfo da Guiné e a região equatorial. Neste ponto muda de direcção, atravessa todo o Atlantico, sempre cobrindo a linha, e vem bater no cabo de S. Roque, onde se divide em duas — a do norte e a do sul [1].

Ora, esta corrente, em cuja região navegou Cabral desde a sua sahida de cabo Verde, parallelo 15, mais ou menos, não podia ter força para arrastar a armada, como enfer-

[1] Malte-Brun — Géographie Universelle, 1875, 1 vol., pags. 169 e 170.

mamente se tem dito. E' um dislate de tal ordem, que já custa bastante a combater com serenidade !

A corrente tem uma velocidade média de 10 a 12 milhas em 24 horas, ou seja, exagerando, meia milha por hora. O proprio autor o confessa, dizendo que *corre de 4 leguas por dia*. Para que um rio desta velocidade pegasse dos *caixões fluctuantes* de Cabral e os levasse comsigo de modo irresistivel, fôra preciso que estes, nas suas condições de movimento, não se alevantassem acima das lesmas ; uma canôa de indios, esta mesmo que todos conhecemos aqui no Rio de Janeiro, de dous a tres palmos de esteira, tripolada por um homem com uma pequena pá, lhe resistia facilmente, atravessando-a em córte perpendicular á sua direcção ; um homem, fazendo barco do seu corpo e remos dos seus braços e pernas, a cortaria brincando, podendo ainda muito a seu gosto dispensar, na grande luta, um ou dous dos quatros membros !

As lesmas talvez que se vissem forçadas a obedecer-lhe, deixando-se ir com ella !

Mas, se os *caixões fluctuantes* de Cabral eram lesmas e foram arrastados irresistivelmente pela Gulf-Stream equinocial, os portadores da facecia não nos explicariam facilmente como Cabral não foi ter ao cabo de S. Roque e veiu ver terra por 17°, ao sul da linha!

Sahindo do archipelago de Cabo Verde e vindo dar na costa do Brazil pela altura do Monte Paschoal, o rumo é sensivelmente de sudoeste, e, fazendo-se esta navegação em 28 dias, mais ou menos, collige-se que a viagem foi revestida de condições favoraveis.

Diz Mouchez [1]. « Para percorrer esta distancia de 800 leguas (das ilhas de Cabo Verde a Porto Seguro), no meio da qual se tem de atravessar a zona das calmarias equatoriaes, muitos navios, ainda em nossos dias, empregam mais tempo ».

[1] Les Côtes do Brésil, 2ª secção, pag. 116, nota.

Pinzon, como quer a critica-mãe do descobrimento hespanhol, fez uma viagem muito mais admiravel, porque andou 940 leguas em 13 dias, quando, na mesma proporção de Cabral, carecia de mais de 32 dias! E teve tempestades, que Cabral não experimentou!

Talvez haja quem diga que os marinheiros de Hespanha eram mais adestrados do que os portuguezes, ou que os navios e meios de Pinzon eram superiores aos *caixões fluctuantes* de Cabral!

Note-se ainda que, com flagrante contradicção, Gonçalves Dias, que, na essencia da explicação do descobrimento, nos figura Cabral, cega e inconscientemente entregue á discrição das correntes equatoriaes, não *sabendo a quantas andava* [1], diz-nos que o mesmo Cabral, ao sahir de Cabo Verde — « tomou o rumo, que conservou durante todo o seguimento da sua viagem [2] ». Entra inconscientemente na verdadeira doutrina e lavra o mais formal desmentido á sua these monstruosa, quando diz: — « A derrota de Cabral era para a India; o seu rumo devera ser aquelle, ainda que não existisse o Brazil [3] ».

Neste intervallo de limpida lucidez, Gonçalves Dias pega de uma frase ignara do bispo de Silves — « que Cabral pozera a prôa no occidente », e contesta-a victoriosamente com esta sentença, que lavra a si proprio: — « carece de exactidão; porque essa prôa o traria de Cabo Verde ás Antilhas, e não a mais de 30 gráos afastados dellas para o sul [4] ».

Parafraseando, Gonçalves Dias está dizendo a si proprio, quando suppõe Cabral com a prôa inscientemente dada ao rio de $^1/_2$ milha de velocidade por hora: — « carece de exactidão; porque essa prôa o traria ao cabo de S. Roque, e não a mais de 12 gráos afastados delle para o sul ».

* * *

[1] Logar citado, pag. 340, *prima linea*.
[2] Idem, pag. 336.
[3] Idem, pag. 337.
[4] Idem, idem.

A corrente batia á bombórdo no costado dos navios, sob um angulo sensivelmente de 45°. Estes navios marchavam no seu rumo de sudoeste, impellidos pelos ventos ponteiros de nordeste ou de pôpa.

Bella navegação era esta! inteiramente de feição, na unica época do anno, precisamente reconhecida, em que se aproveitava a monção duplamente favoravel, á montagem do cabo tormentorio no Atlantico e á travessia do golfão indiano na quadra dos monções de sudoeste. Esta sciencia nautica ninguem ousará negal-a aos marinheiros de D. Manuel.

A corrente equinocial puxava os barcos para loeste e esse afastamento, accrescido sobre a estimativa da navegação, trouxe Cabral a um ponto mais occidental do que lhe seria determinado pela unica condição dos ventos.

Que concluir dahi para a rota ou para a qualificação do facto geografico do descobrimento?

Só seria a do *mero acaso*, se esta condicção mecanica da influencia da corrente fosse transitoria, casual, occasional, na viagem de Cabral.

Mas, sendo constante, permanente, intransformavel, é forçoso concluir que, fosse Cabral, fosse outro, portuguez ou hespanhol, então ou hoje, o marinheiro, que sahisse de Cabo Verde com a derrota com que sahiu o descobridor do Brazil, este bello paiz tinha de lhe apparecer a boréste, quando o navegador bolinasse, á cata do ponto de reversão do seu premeditado rumo.

Acaso? Talvez, no sentido de que Cabral não andaria alli procurando terra, mas ventos; insania, na inculca de que alli chegára e por alli andava perdido, ás cegas, não sabendo ás quantas andava. Insania e monstruosidade.

Dizemos *talvez*, na primeira hypothese figurada, por não querermos fazer valer, como de pouca importancia para a nossa doutrina, os muitos indicios, quasi completas averiguações, de que a existencia dessa terra occidental era conhecida em Portugal e muito naturalmente mandada pro-

curar por D. Manuel a Cabral, como a todos os seus marinheiros que se dirigiam para aquelles lados.

Dil-o a affirmativa do Esmeraldo, a que nos temos referido; dil-o o Roteiro da viagem de Vasco da Gama; dil-o a carta de mestre João, quando indicava ao rei a carta do Bisagudo, onde a terra vinha marcada.

Dil-o o proprio autor em questão, em frase persuasiva e que persuasivamente responde a si proprio: — « Que nessa carta, ou nesse tempo se tratasse da existencia de ilhas ou terra firme, não seria de admirar por ter-se propagado na Europa logo apoz as descobertas de Colombo, que era continente o que elle achára (passe a inexactidão quanto á época deste conhecimento). Era isso o que devia acontecer, quando o proprio Colombo, assim como, Vespucio, (passe o intrujão ao lado do heróe) acreditavam ter tocado na Asia, e morreram ambos nesta supposição. Não seria muito pois que os portuguezes o suspeitassem tambem [1]. »

Da sua magra escudella de razões contestantes, Gonçalves Dias apenas poude tirar, quando quiz negar as suspeitas da existencia da terra, dous pobres argumentos — a falta de clareza da carta de mestre João e o dizer de D. Manuel aos reis catholicos seus sogros, em 29 de julho de 1501: « Parece que Nosso Senhor quiz milagrosamente que se achasse esta terra ».

A carta do physico é de uma clareza meridiana; a de D. Manuel, que evidentemente não teria valor, é um documento falso, como teremos de o demonstrar adiante.

[1] Logar citado, pags. 318 e 319.

CAPITULO II

A ANCORAGEM

O ponto verdadeiro; sua indeterminação; limites dessa indeterminação.— Elimina-se a tradicção. — Indeterminações geograficas. — Recurso á carta de Caminha; modo de comprehender.— Determinação pelos dados fornecidos por este documento.

Precisemos o ponto de ancoragem e desembarque de Cabral. A erudição, porventura condimentada com algum tanto de amor-proprio ou vaidade nobiliarchica, conseguiu baralhar e confundir uma das mais simples e evidenciadas verdades. De tal sorte que, hoje, no momento em que é de justiça que se deixem apuradas todas as cousas reaes, o melhor conselho a seguir seria annullar quanto se escreveu, que é muito, e volver ao documento inicial e legitimo, á bella carta de Caminha, confrontando-a com o mappa que desenha o contorno do logar.

Temos esses dous elementos no Appendice e para elles convidamos o leitor, que pretendemos esclarecer.

* * *

Cabral viu distinctamente terras brazileiras, no dia 22 de abril de 1500, tendo-lhes já presentido os signaes, no dia 21 — « hervas a que os mareantes chamam botelho, e outras chamadas rabo de asno ».

No dia 22 de manhã toparam — «aves a que chamam fura-buchos e a horas de vespera», isto é, tres da tarde, viram — «primeiramente um grande monte mui alto, redondo, e outras serras mais baixas ao sul delle e terra chã com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão poz nome o monte Paschoal e á terra o de Vera Cruz». Accrescentemos que a carta de Caminha é datada pelo seu autor — «Deste Porto Seguro de vossa ilha de Vera Cruz, hoje sexta-feira, 1º de maio de 1500».

Cabral denominou a terra, que parece ter suspeitado ser uma ilha, *Ilha de Vera Cruz*, affirma-o Caminha. Este, o escrivão que ia para a feitoria de Calicut, denominou o local restricto da ancoragem da armada — *Porto Seguro*. E, com o baptismo da eminencia primeiro avistada, com o nome de *Monte Paschoal*, derivado da época religiosa, completa-se tudo que, na occasião, se appellidou.

Os nomes de *Santa Cruz* e *Brazil*, pelos quaes a terra passa a ser conhecida em épocas posteriores, têm outros padrinhos e filiam-se em occurrencias que não se podem collocar nesta data da estadia da armada de Cabral.

O capitão-mór, na vespera do dia em que largou para o Cabo, mandou assentar (chantar) uma cruz alta n'um ponto escolhido, ao sul do *pequeno rio* que desembocava na bahia de ancoragem. Foi esse o seu padrão, o seu titulo de posse da terra, para o rei e para a religião, de que era fervoroso crente. Junto della, disse frei Henrique de Coimbra a sua segunda missa, com o seu segundo sermão, no dia 1 de maio.

Nesse mesmo logar, ou muito perto, levantou-se a primeira povoação; chamou-se Santa Cruz, e esse nome se estendeu a toda a terra. Ainda se chrismou em Brazil, nome que lhe ficou; veiu-lhe do páo de tinta, que, desde muito, era conhecido por este nome e a terra possuia em grande quantidade.

Santa Cruz e Brazil são nomes populares e ambos de origem suggestiva, um de caracter religioso, na fórma

de tradicção, pelo symbolo deixado por Cabral, outro tambem popular, mas commercial.

Este venceu aquelle, contra a manifesta repugnancia dos sentimentaes; facto natural. O páo existia por toda a costa, em todos os portos; n'um apenas, e porventura dos menos frequentados pelos aventureiros, se guardava o nome do symbolo possessorio; este era meramente sentimental, o outro commercial e utilitario. Este matou aquelle, em cumprimento d'uma lei de selecção — *ceci tuera cela.*

Mas estes dous nomes nada têm, nem interessam, com o facto primitivo do descobrimento e com Cabral ou com alguem da sua companha.

* * *

Deu-se com o nome de Porto Seguro uma transformação d'outra especie, mas que carece, do mesmo modo, de ser caracterisada.

Pedro do Campo Tourinho, donatario da capitania que passou a ter este nome, tomou conta da doação real e aportou ás suas terras, com animo de as povoar, por 1534. Saltou em terra no rio Buranhen e ahi lançou os fundamentos da primeira povoação, se é que Santa Cruz não existia já.

A carta regia desta doação, datada de Evora, 7 de outubro de 1534, não denomina a terra; diz que faz mercê de 50 leguas de terra na dita costa do Brazil, as quaes se começarão a contar desde a parte onde acabarem as 50 leguas de que se fez mercê a Jorge de Figueiredo Corrêa, na dita costa do Brazil, da banda do sul, quanto couber nas ditas 50 leguas.

Diz-se tambem que Tourinho fundou Santa Cruz, ao norte de Porto Seguro, junto do pequeno rio que desagua na Bahia de Cabralia, muito naturalmente perto do logar onde fôra erguida a cruz.

Ou pelo symbolo que ainda encontrasse, ou pela pequena povoação que já ahi existisse, devia ter vindo a denominação de Santa Cruz.

O nome, porém, de Porto Seguro, dado por Caminha á bahia de ancoragem e, trinta e tantos annos mais tarde, a uma povoação e a uma capitania, significam cousas, origens, épocas e pessoas muito diversas; não podem ser confundidas, sem grande erro.

E' possivel, crivel, provavel mesmo, que Campo Tourinho trouxesse comsigo a noticia de que Cabral aportára por alli e o ponto fôra designado Porto Seguro; queremos mesmo admittir que o donatario tivesse conhecimento da carta de Caminha, ou de outro documento autentico que mencionasse o nome. Não se daria, porém, a serios estudos hydrograficos para precisar o logar de ancoragem, nem, e isso com evidencia, fez ajustamentos do nome com o facto geografico a que elle corresponde. Dado mesmo que Tourinho, senhor do nome e das condições do porto a que elle se refere, tivesse encontrado e determinado esse porto, nada autorisa a dizer que nas suas margens fundasse a sua primeira povoação. Esta devia ser escolhida por condições muito mais complexas, que podiam não se realisar favoraveis junto do porto que fôra denominado Seguro. O que era natural é que á primeira povoação se consagrasse seu nome tradicional, quer essa povoação correspondesse, geograficamente, quer não, ao porto assim denominado.

De que achamos mais tarde uma povoação denominada Porto Seguro, não devemos concluir que o porto, que teve de Caminha esse mesmo nome, deve achar-se junto dessa povoação. E' esse o erro de Varnhagen, quando, em contradicção com o que affirmára no—« O descobrimento do Brazil, chronica do fim do seculo XV, 2ª edição, 1840 », pretende localizar na foz do rio Buranhen, na bacia chamada hoje Porto Seguro, a ancoragem de Cabral.

Precisemos o ponto de reversão das suas idéas a respeito, na seguinte transcripção [1] — «ao qual aliaz (descobrimento de Cabral) sempre nos repugnava o animo de assignar outra

[1] Revista do Instituto Historico e Geografico Brazileiro, tomo XL, Pº 2ª, pag. 6.

paragem fóra da de Porto Seguro, porquanto a simples conservação deste nome, dada pelo mesmo Cabral, equivalia para nós a uma tradição constante ».

Quem havia de conservar, na fórma geografica, essa tradição constante? Os indios, unicos habitantes ou visitantes do logar e unicas testemunhas dos factos occorridos no tempo da descoberta? Fôra preciso que as relações entre Caminha e os indios tivessem sido mais intimas ao ponto de lhes poder explicar o nome e a razão delle!

Quando Campo Tourinho aportou a um ponto da sua capitania, onde resolveu assentar a cabeça della, como poderia elle chegar á certeza, pela tradição constante, de que estava no mesmo logar onde aportára Cabral?

Quem lh'o havia de dizer? quem lhe communicaria a constante tradição do nome deixado alli ao logar?

As areias movediças da praia, as vagas esbatidas na riba, as virações rumorejantes nas franças dos arvoredos?

Na sua superficial affirmação, Varnhagen esqueceu-se de que a tradição exige mais do que um facto dado e acontecido n'uma época, em movimento do transporte de edade a edade; carece, para esse transporte, d'um agente de transmissão. Este, ou ha de ser o monumento fixo exposto ás gerações mutaveis que se lhe abeiram e o traduzem e o comprehendem, ou ha de ser a relação verbal de pais a filhos, segredada nas conversas intimas das cousas que interessam á vida collectiva das familias e das sociedades. Esses dous meios faltavam alli para garantia da affirmação.

Carece de logica e de verdade a deducção do ponto de ancoragem pela simples analogia de nomes, creados em épocas afastadas, sem verificação de qualquer genero de identidade objectiva.

*
* *

A determinação do porto de ancoragem, pelas medidas geograficas indicadas por Caminha, tem indeterminações irreparaveis.

E' por isso que Varnhagen suppõe, por este meio, achar Porto Seguro, outros pensam determinar Santa Cruz e outros a enseada de Cabralia ou da Corôa Vermelha. E, em boa verdade, as tres deducções equivalem-se.

A indeterminação provém da falta de dados geografico-astronomicos, nauticos, que os dous unicos documentos que até hoje possuimos nos não dão.

Falta-nos o ponto inicial, aquelle donde os gageiros soltaram o primeiro grito de terra! Caminha dá-nos apenas o dia e a hora desse notavel momento — 22 de abril de 1500, ás 3 horas da tarde (hora de vespera); o physico João, em desaccordo com os pilotos, quanto ás medidas itinerarias, espera pela chegada ao cabo de Boa Esperança para fazer as suas ajustagens. Do ponto onde ancorou ainda nos dá uma coordenada, a latitude, que elle suppõe ter achado de 17° gráos sul; do ponto inicial da visão do monte, indispensavel para a determinação por distancias, nada diz.

E quem o sabe? O monte Paschoal vê-se de 48 milhas de distancia no mar. Se pois, com o centro nesse monte, traçarmos uma circumferencia com o raio de 48 milhas, temos envolvido todos os pontos donde seria possivel a visão.

Qual desses pontos foi o real? A área assim traçada fica entre 40° 56' e 41° 44' de longitude e entre 16° 15' 20" e 17° 41' 20" de latitude.

Eis os amplos limites da incerteza, da indeterminação do ponto inicial donde a armada viu o monte.

Seguem todas as outras incertezas. Caminha dá a rota subsequente até o ponto de ancoragem em leguas [1], e esta

(1) O gráo terrestre não foi exactamente conhecido, geodesicamente determinado, senão nos tempos modernos.

No tempo das descobertas, a legua era a medida certa e por ella é que se chegava á medida do gráo.

Eis uma nota que não é superflua, porque o contrario se acha frequentemente affirmado.

Pela confusão e variedade de medidas, desde os tempos mais remotos e ainda no seculo XV e XVI, se explicam, em grande parte, os erros e as contradicções da geografia mathematica desse tempo.

medida é indeterminada; não se conhece neste tempo a legua official. A legua portugueza fixou-se em 18 ao gráo, ao lado da de Castella de 20 ao gráo; mas antes e ainda depois desta época se encontra a de 17 1/2 por gráo.

Mas, dado que houvesse em Portugal, em 1500, uma legua-padrão e por ella se regulasse Caminha, ficava ainda a incerteza da medida, no processo de a determinar.

Toscanelli, cuja influencia sobre as navegações para oeste é decisiva, suggestionára D. Affonso V, por intermedio do conego Fernando Martins, em 1474; suggestionou Colombo, mais tarde, dando-lhe como certa a sua chegada á Antilia. Fez uma carta, com meridianos de cinco em cinco gráos, tendo assim 72 intervallos toda a esphera. Contava 46 destes intervallos de Lisboa para nascente até Quinsay, na China; contava ainda sete intervallos de Quinsay a Zipan-Gu (Japão); ficavam 19 intervallos de Lisboa a Zipan-Gu, para oeste e para a viagem de Colombo. Este contava o gráo por 56 2/3 milhas, quando elle tem 75 e um pouco mais, segundo a medida directa do nosso tempo. Commettia um erro de quasi 1/4 para menos. D'ahi o seu erro exagerando na medida do continente conhecido, de Lisboa a Zipan-Gu para leste, e diminuindo a distancia de Lisboa a Zipan-Gu para loeste. Abençoado erro, a que, em grande parte, devemos a grande descoberta.

Entre Portugal e Hespanha devia de assentar-se n'uma medida exacta e commum para a legua, quando se assignou o tratado de Tordesillas. Tudo leva a acreditar, á falta da explicita determinação no tratado, que essa legua-padrão era de quatro milhas romanas, de oito stadios cada uma ou hoje 1480 metros, contando o stadio por 185 metros.

Foi esta a explicita affirmação da celebre junta de pilotos de 1524 (15 de abril) e da memoria lida por Fernando Colombo, contendo a opinião de pilotos e astronomos (31 de maio de 1525).

Os marinheiros portuguezes começaram a contar o gráo por 17 leguas e meia ou 70 milhas; commettiam um erro de 5 milhas em 75 ou de 1/15 para menos.

D'ahi passou-se a 18 leguas ou 72 milhas por gráo, já muito mais perto da verdade.

Em 1505, Duarte Pacheco Pereira, no seu Esmeraldo, inculca como certa esta medida. De facto, o erro era de 3/75 = 1/25.

Hespanha, que em Colombo tinha uma medida de 14 leguas e 1/6 por gráo, passou-a para 20 ao gráo.

E' digno de nota que, ao passo que a marinharia portugueza diminuia a sua legua, em prejuizo dos seus interesses, mas em affirmação dos seus conhecimentos scientificos, porque se approximava da verdade, Hespanha, engeitando a medida do seu grande navegador, em extremo favoravel a Portugal, subia, até ultrapassar a verdade, a 20 leguas por gráo, dando a este 80 milhas, em prejuizo duplo dos interesses portuguezes e da sciencia.

O lock, meio aliás incerto, não era ainda empregado; a estimativa conduzia a erros maiores.

* * *

O monte Paschoal, visto dentro dos rumos de léste a nordeste, representa um mamelão redondo, ligeiramente conico, isolado; visto de sudeste, mostra-se acompanhado de muitos outros mamelões mais pequenos e em primeiro plano um pico cylindrico, semelhando uma torre no vertice d'uma montanha. Este pico chamou-se depois e guarda ainda o nome de — João de Leão; fica a 12 milhas sudoeste, quarta oeste, do monte Paschoal, parecendo mais alto do que este [1].

Fica evidenciado que Cabral viu o monte que baptisou, para cima da sua latitude, entre léste e nordeste, ou a 16º 53′ 20″, latitude desse monte, ou menos.

Mais para sul, que se achasse a sua armada, a 17º e mais como ha quem inculque, quando lhe surgiu a terra, seria o pico João de Leão o ponto apparentemente culminante; seria esse o denominado.

A inculca do ponto de visão, a sul da latitude do monte, pretende justificar-se no dizer de Caminha — «viram um grande monte mui alto, redondo e outras serras mais baixas ao sul delle». Para se validar a inculca, geograficamente, perdia-se a visão principal do monte Paschoal e era-se forçado a substituil-a pela do Pico de João de Leão.

Não se deve, porém, interpretar com rigor chronologico este dizer de Caminha, ponto que nos voltará a exame real.

No mesmo logar e continuando, diz o adoravel escrivão de Calicut — ... « e outras serras mais baixas ao sul delle, e *de terra chã com grandes arvoredos*». Ora, é impossivel que o Monte Paschoal, visivel, como dissemos, a 48 milhas de distancia, apparecesse ás vistas da armada de

[1] Mouchez — Les côtes du Brésil, 2ª Secção, pag. 113.

Cabral a uma proximidade tal, que se podesse distinguir a terra subjacente com a fórma *chã* e *com grandes arvoredos*. E' certo que Caminha não está reproduzindo fotograficamente a visão inicial, mas está dando um desenho de recordação, onde se agglomeram idéas e visões chronologica e geograficamente distinctas. Por este criterio seguro e indispensavel, se deve analysar toda a sua carta.

Caminha relata ao rei factos occorridos em toda a viagem, desde 9 de março, sahida de Lisboa, até 1º de maio, ultimo dia de Vera Cruz.

Falla sempre no preterito. Devemos concluir logicamente que escreveu, de cima das suas notas, diarias talvez, ou apenas reminiscencias pessoaes ou ainda mesmo informações que pediu aos companheiros; mas no dia 1º de maio, ou, pelo menos e a rigor, depois de 26 de abril, dia do conselho de capitães em que ficou resolvido mandar a nova a D. Manuel.

Caminha, chegando na sua narrativa ao dia 1º de maio, falla no presente e diz — *hoje*. Tudo inculca que a carta foi realmente escripta no dia da sua data. Nada mais natural, pois, do que encontrar, em todas as suas descripções de factos anteriores, a mistura de circumstancias occorridas posteriormente, embora referentes a esses factos e delles explicativos.

Caminha viu no dia 22 de abril e escreveu no dia 1º de maio, 9 dias depois. No dia 22 viu o monte notado; nos dias subsequentes percebeu a orografia da região e a disposição physica adjacente. Quando foi a descrever o facto inicial da visão primeira, já na sua mente esse facto se achava transformado por conhecimentos posteriores e assim descreveu. Isto indiscutivelmente. Como tambem não é de rigor, porque Caminha o diz com referencia chronologica ao dia 22 de abril, ás 3 horas da tarde, que fosse logo alli o baptismo do monte.

Essa supposição despe toda a verosimilhança, pensando-se na superior importancia do momento, na natural

commoção que elle produziu, e ainda na hora do dia em que se passou.

Tres horas da tarde, no dia 22 de abril e em latitude sul de 16° mais ou menos, é o cahir da tarde.

Cabral carecia de aproveitar minuto a minuto o que lhe restava do dia para procurar onde passar a noite junto a terra; trabalho grande de sondagem, exame minucioso da correnteza, precauções nunca excessivas na ancoragem; analyse dos arredores á procura d'algum banco ou arrecife e mesmo da costa, para o caso extremo d'uma aterragem forçada.

Pouco provavel que, com tanto que fazer e tão pouco tempo disponivel, nunca mais de 3 horas, se gastasse parte dessa preciosidade a fazer baptismos.

* * *

Julgamos ter consignado com razões de valor que a armada de Cabral avistou o Monte Paschoal a uma latitude, quando muito, egual á desse bello ponto da serra dos Aymorés, 16° 53' 20".

E vamos agora mostrar como, da melhor comprehensão dos poucos dados geografico-nauticos, fornecidos por Caminha, desta latitude, mais ou menos, se chega á ancoragem final junto da Corôa Vermelha.

Apenas viu terra, Cabral pelejou até o *sol posto*, tres horas, mais ou menos, por cautelosamente se abeirar della. Mandou lançar o prumo, acharam 25 braças; caminhou para terra emquanto poude.

Ao sol posto ancorou, como medida de inevitavel prudencia, em fundo de 19 braças, ancoragem *limpa, a seis leguas de terra.*

Contando a legua de Caminha, como é o mais provavel, por 4 milhas romanas de 8 stadios de 185 metros por stadio, determinamos, em 6 leguas de Caminha, uma distancia de 19 a 20 milhas marinhas actuaes, logar que, na latitude do

Monte Paschoal e na direcção aos arrecifes de Itacolomi, dá de facto o fundo de 19 braças mais ou menos [1].

Quinta feira, 23, pela manhã, levantaram ferros, e foram direitos a terra, parando e ancorando de novo a meia legua d'ella, em frente da bocca de um rio, ás 10 horas da manhã.

Foram achando, pelo caminho, fundo de 17, 16, 15, 14, 13, 12, 10, e 9 braças, estas no ponto da segunda ancoragem. Estavam, muito provavelmente, sobre os arrecifes de Itacolomi que têm canaes navegaveis, ou estavam um pouco a norte, talvez em frente do rio Granamuan, 16° 48', ou 5' 20'' ao norte do Monte Paschoal. Notemos que andaram 5 leguas e meia (conta de Caminha), em 4 horas, mais ou menos; sahindo de manhã, deve presumir-se 6 horas em fim de abril.

No dia 24 correram ao longo da costa á procura de porto de abrigo contra o vento sueste, que tanto ventara na noite precedente, que algumas náos e especialmente a capitania *cassaram* [2].

Sahiram ás 8 horas da manhã, mais ou menos, e chegaram perto do ancoradouro, um pouco antes do sol posto, tendo andado *obra* de 10 leguas. A velocidade mantem-se sensivelmente: 5 leguas e meia em 4 horas, *obra* de 10 leguas em 9 horas, das 8 ás 5 da tarde.

Ora, sendo, como já figurámos, mais provavel a legua de Caminha de 4 milhas romanas e esta tendo 1480 metros, 10 leguas de Caminha darão precisamente 32 milhas maritimas de 1850 metros. O termo *obra* de 10 leguas inculca um pouco menos. Temos, pois, na nossa contagem, 32' e um pouco menos, em marcha da armada em latitude para o norte. Um pouco menos, já por causa do termo *obra*, já

[1] Mouchez, logar citado, pag. 117.

[2] *Cassar*, em termos nauticos actuaes, não dá sentido ao dizer de Caminha. *Cassar*, applica-se ao panno, ás velas, na synonimia de as colher, de as apanhar.

Se a náo de Cabral soffreu com o vento, ao ponto de *cassar*, deve entender-se que a náo *garrou* ou largou a ancoragem.

porque a viagem se não faria em linha recta e muito menos ainda em meridiano.

Ora, tirando de 16° 53′ 20″, latitude do Monte Paschoal, obra de 32′, achamo-nos na latitude de 16° 21′ 20″, na Bahia de Cabralia ou da Corôa Vermelha.

Se não quizermos fazer a contagem da latitude do Monte Paschoal e collocarmos mesmo a segunda ancoragem um pouco a norte, em frente do rio Granamuan 16° 48′, a margem que nos vem da *obra* de Caminha e da rota mais longa do que na direcção meridiana, cobrirá, com toda a probabilidade, a differença de latitude de 5′ 20″ entre o Monte Pascoal e o rio Granamuan.

O que continúa a ser cada vez mais absurdo, é que a primeira ancoragem, vista de terra, e a segunda ancoragem, de resguardo nocturno, fossem a sul do Monte Paschoal. As medidas de Caminha donde se pretende forçar essa posição para, pelas 10 leguas, tocar na Corôa Vermelha, oppoem-se formalmente e a geografia physica, como vimos, comprova esta opposição.

* * *

As 10 leguas de Caminha, dando 32 milhas maritimas ou menos, resulta a possibilidade, sensivelmente egual, de ajustar a segunda ancoragem, supposta no rio Granamuan, com a bahia de Santa Cruz ou com a da Corôa Vermelha. Impossivel, porém, fazer identico ajustamento entre esse mesmo rio e a enseada de Porto Seguro e, ainda muito peior, como quiz Varnhagen, entre o rio do Frade de Ayres Casal e a enseada referida, que só conta até hoje por si uma das extravagancias do emerito autor da Historia do Brazil.

Os dous pontos distam de 15 milhas marinhas, equivalentes a pouco mais de 8 milhas romanas, ou 4 leguas e meia de Caminha; erro superior a metade que não se illude de modo algum, por mais pericia que tenha o illusionista.

Quem se der ao trabalho de ler a nova profissão de fé do autor da Historia do Brazil [1], verifica o extraordinario esforço do autor, não para convencer seus leitores, mas para se illudir a si proprio, sobre a nova e estranha opinião :

« Não ha mais logar para hesitações », exclama o illusionista, logo no principio do seu trabalho e depois de algumas citações da carta de Caminha, que interessam por egual a todas as ancoragens até hoje inculcadas. « Não ha mais logar para hesitações. Esse grande porto, muito bom e muito seguro (frase de Caminha) em que entraram é o chamado ainda hoje Porto Seguro [2]. »

A phrase suggestivamente se applica ao autor e a elle unicamente, unico que, no momento de escrevel-a, hesitava ainda sobre tão brusca e injustificada mudança de opinião.

Caminha é profunda autoridade para Varnhagen, emquanto os seus logares communs lhe podem, por isso mesmo que o são, dar algum proveito. Desde, porém, que expressamente lhe contraría a sua nova construcção, pelas 10 leguas de rota do dia 24, passa ao pobre e modestissimo escrivão uma desanda das suas, negando-lhe toda a autoridade.

« . . . e por conseguinte bastante menos de 10 leguas, que então se contavam *de 4 milhas ou 15 ao grão*, pelo que *devemos suppôr* haver o mesmo Caminha, *que aliaz não era piloto*, computado a distancia pelo tempo decorrido, não dando todo o abatimento ao espaço perdido nas singraduras, especialmente se o *vento soprasse do norte*, como *parece mais que provavel*, visto que, para vencer a distancia, os navios navegavam desde as 8 da manhã até quasi o sol posto [3] . »

Este periodo, tomado ao acaso na curta memoria, chega para persuadir da hesitação illusionista do autor ; as partes que por nossa conta grifamos são determinantes ao juizo.

[1] Revista do Instituto Historico — tomo 40, pag. 5 e seguintes.
[2] Idem, pag. 8.
[3] Idem, pag. 10.

Legua de quatro milhas ou 15 ao gráo, significa a lamentavel confusão dos tempos modernos com os de Caminha no valor da milha e no valor do gráo. Hoje o fixo é o gráo, e a milha delle deduzida equivale a 1/60 ou á extensão linear d'um minuto de gráo, computado em 111 kilometros e d'ahi a milha nautica de 1850 metros.

No tempo de Caminha, o fixo era a milha, chamada romana, equivalente hoje a 1480 metros; o gráo computava-se em 70 milhas, o que dava para a legua de quatro milhas a correspondencia de 17 1/2 por gráo e não 15. Em 1505, ou cinco annos depois de Caminha, já os marinheiros portuguezes, conservando sempre a sua legua romana, de 4 milhas romanas, computavam o gráo em 18 leguas ou seja 72 milhas, approximando-se mais da verdade e tomando uma medida mais pratica, como diz Pimentel na sua « arte de navegar [1] ».

Porque Caminha não era piloto, não devemos suppôr que errasse a conta das leguas percorridas; porque a reconhecida fidelidade e escrupulo das suas informações, que attesta toda a sua carta, a grande isenção com que escreve e a circumstancia de fallar a *El-Rei nosso senhor*, persuadem que elle, não sendo piloto, não deixaria de recorrer a elles para obter os dados numericos das suas informações.

Que o *vento soprasse do norte* nada parece menos provavel, visto que Caminha explicitamente diz que lhe ventára do sudeste, na noite de 23 para 24, muito rijo ao ponto de *cassarem* as náos e que por isso mesmo resolvera o capitão procurar abrigo. Então, surge-lhe o vento pelo norte, e Cabral procura abrigo para o norte, contra o vento e retrocedendo na sua rota, que era de norte para o sul?!

[1] Em 1505, no seu Esmeraldo, diz Duarte Pacheco Pereira... «por 36 gráos de longura, que serão 643 leguas de caminho, contando 18 leguas por gráo.

Em 1709, na sua « arte de navegar », diz Manuel Pimentel, cosmografomór, pag. 4:— « Pelo que eu sou de parecer que os pilotos attribuam a cada gráo 18 leguas (nb), assim porque este numero se desvia pouco do uso introduzido, como pela grande commodidade, que tem para as contas, por ter meio, terço, e seismo inteiros, porque o seu meio são 9, o terço 6, o seismo 3, e ficam respondendo a cada tres leguas 10 minutos justos de gráo.

Então, não ha uma petição de principio no fecho do periodo citado que, *par dessus le marché*, contradiz o conceito da ignorancia nautica de Caminha ?

A *distancia era pequena*, inferior ás computadas por Caminha, porque este a mediu pelo tempo; o vento era contrario, porque gastaram muito tempo, isto é, *porque a distancia era pequena*.

* * *

E' tempo de precisarmos o nosso juizo sobre a verdadeira ancoragem final, onde se passaram as primeiras e muito notaveis paginas da historia brazileira.

Temos como irrefragaveis, para essa determinação, como unicas certas e totalmente bastantes, as que são fornecidas pela geografia physica. Os dados de Caminha e a ajustagem delles com os diversos pontos da costa concluem, já directa, já indirectamente, por uma determinação exclusiva.

Nos tambem podemos dizer com emphase, e penso que com animo mais resoluto, mas com permissão previamente pedida para o uso do gallicismo : « Não ha mais logar para hesitações. Esse grande porto, muito bom e muito seguro, em que entraram e a que Caminha denomina tambem bahia, é o chamado ainda hoje bahia de Cabralia ».

As fartas indicações topograficas de Caminha definem, no seu conjuncto, esse porto, com exclusão de outro qualquer. A entrada, na sua largura, fundo e collocação entre arrecifes, a amplidão da bahia, o ilhéo total e minuciosamente definido como o da Corôa Vermelha e jámais outro da região, o pequeno rio que desaguava no fundo da enseada, que não póde de modo algum ser nem o Buranhen ou Cachoeira, nem o de Santa Cruz, ambos rios consideraveis ; a directriz do leito deste riacho, *a carão* da praia ; tudo conspira para eleger a bahia de Cabralia e excluir Porto Seguro e Santa Cruz.

E depois um caracter de confirmação conspirante. Caminha assegura que a noite de quinta para sexta feira, 23 para 24, fôra tempestuosa, ventando sueste com chuvaceiros. Na manhã de 24, Cabral procura abrigo para o norte, contra a sua rota e a favor do vento, que o perseguia. Achou-o ao pôr do sol e abrigou-se no dia seguinte 25, dormindo de resguardo junto da sua barra.

Não podia ser Porto Seguro nem Santa Cruz, portos totalmente expostos e desabrigados do vento reinante na occasião.

Só a bahia de Cabralia abriga de sueste; só esta podia convir a Cabral.

De Porto Seguro, são estas as palavras da maior autoridade que ainda possuimos [1]: « Esta ancoragem é bem abrigada contra os ventos de norte a léste, mas é completamente aberta aos ventos do sul e de sudeste; um navio que ahi fosse surprehendido por um golpe de vento desta direcção seria muito gravemente compromettido, porque as suas amarras não resistiriam sem duvida ao grosso mar do largo e só teria em perspectiva um leito de rochedos a sotavento ».

Seria então este o Porto Seguro de Cabral ? !

Mas Mouchez ainda quer deixar a questão mais pessoalmente liquidada na phrase [2] : — « mas a ancoragem de Porto Seguro, sendo completamente aberta de sul a léste, é tanto menos provavel que seja o ponto que Cabral assim designou (passe), que depois da tempestade que elle tinha soffrido e que não podia ser senão vinda do sul, ficaria muito mal ancorado em Porto Seguro, ao passo que ficava perfeitamente abrigado na bahia de Cabral ».

A bella e categorica affirmação « que não podia ser senão do sul » obrigaria a uma exposição dos ventos reinantes nesta região do Atlantico e na época em que por ella passava

[1] Mouchez — Obra citada, pag. 107.

[2] Idem — Idem, pag. 96 *in fine.*

Cabral. Cada vez mais sahiria a exactidão da valente phrase de Mouchez.

Não o faremos, porque a força da autoridade do autor o dispensa; intercallava um longo trabalho com indole diversa á deste livro e para o nosso fim era redundante. A ancoragem de Cabral na bahia da Corôa Vermelha é facto nitidamente averiguado.

CAPITULO III

O NOME

Vera-Cruz, primeiro nome.— As duas missas e a suggestão para o nome escolhido; frei Henrique, o padrinho.— Evolução natural do nome.— Origens antigas da palavra Brazil.— Orthographia da palavra.— A data da commemoração.

Na data da descoberta, a terra considerada uma ilha, recebeu de Cabral o nome de — *Vera-Cruz*. .

Sem directos e explicitos documentos para sustentar materialmente a affirmação, induzimos, por um complexo de motivos determinantes, que o baptismo se fez no dia 1º de maio de 1500, vespera da sahida para a India; que se fez com toda a solemnidade, muito natural na época e ainda hoje não descabida, antes natural, nas festividades publicas e em muitas particulares.

No lançamento da primeira pedra d'um edificio, é frequente, é usual, chamar a sancção religiosa; na inauguração d'um estabelecimento, publico ou não, no baptismo d'um barco que se lança á agua, na invocação do orago ou imagem levantada em egreja ou simples capella de particular, os crentes procuram, muito naturalmente, a egide do ministro da sua religião. Isto ainda hoje; accrescido, em principios do seculo XVI, em actos officiaes portuguezes, o paiz classico da devoção christã, em época de intimas allianças da corôa com a tiára, em assumptos de navegação, de descobertas, de conquista, sempre impulsionadas e no fim consagradas pela fé.

Disseram-se, ou melhor, cantaram-se duas missas, nos 10 dias da demora da armada na nova terra; de ambas foi celebrante frei Henrique, o guardião dos franciscanos, que para fins religiosos vinham na expedição e que nellas officiaram. Duas missas, com seus respectivos sermões.

A primeira, que foi tambem a primeira missa no Brazil, celebrou-se no ilheu da Corôa Vermelha, no dia 26 de abril, domingo da Paschoela; a segunda, em terra, na vespera da partida, no dia 1º de maio, uma sexta-feira.

A primeira era requerida pela desobriga sacramental dos fieis, era o preceito religioso do domingo. Não tem nada de extraordinario, nem de mencionavel, afóra a natural variante que se introduziu, indo dizel-a na ilhota, em vez, como de uso, ser celebrada a bórdo. Certamente com intenções de catechese do indigena, pelo deslumbramento, realmente impressionante, da ceremonia. Com calculada precaução — no meio do mar, mas perto de terra, ao alcance dos sentidos, principalmente da vista do gentio e a salvo de qualquer profanação da parte dos indios, cuja predisposição por esse meio se sondava.

Levantou-se o *esparavel*, especie de barraca, dentro do qual se collocou o altar, tudo adornado com o que havia de mais rico e vistoso, em tapeçarias, cortinas, alfaias e vestimentas; todos domingueira e festivamente vestidos, com suas fardas, insignias e roupas melhores.

Descrevendo essa ceremonia, lemos em Caminha: — « Alli era com o capitão a bandeira de Christo, com que sahiu de Belém, a qual esteve sempre alta da parte do Evangelho. Acabada a missa desvestiu-se o padre, e poz-se em uma cadeira alta e nós todos lançados por essa areia, e prégou uma solemne e proveitosa prégação da historia do Evangelho, e no fim della *tratou da nossa vinda e do achamento desta terra; conformando-se com o signal da cruz, sob cuja obediencia vimos, a qual veiu muito a proposito e fez muita devoção* ».

E' poderosamente suggestivo este dizer; como que ouve frei Henrique quem conhece a essencia da propaganda

christã. O frade, com a bandeira de Christo, a grande, a celebre signa, solemnemente entregue em Belém, por assim o dizer sobraçada, apontando para o largo, onde o mesmo sagrado emblema fluctuava por toda a armada, em vivissimo contraste de côres, que estampavam o symbolo rubro do martyrio, no fundo branco, attestante da candura do martyr; o frade continuava alli, em momento egualmente solemne, a these do bispo Ortiz. Este infiltrára pelas almas devotas dos cavalleiros maritimos da cruz a fagueira esperança dos resultados que sempre colhem os que confiam na sublimidade do martyrio que a cruz commemora, o frade patenteava ás mesmas almas, agora ainda melhor preparadas para o ascetismo, aquella colheita de fructos promettidos aos escolhidos ; a recompensa de tantos trabalhos, passados e soffridos com resignação e que agora se viam coroados pela descoberta da nova terra.

E, em eloquente peroração, alevantando sempre as almas até o extasi contemplativo do symbolo protector, formava de todos os corações convencidos um côro de graças e um offertorio effusivo da terra descoberta, á cruz, sob cuja obediencia todos andavam.

Desde este momento, em volta dessa intenção religiosa tinha de gravitar a denominação, e Cabral, em cuja alma podia mais a fé do que a vaidade, facilmente se rendeu á eloquente suggestão do franciscano.

A terra, ao uso vulgar do tempo e das vaidades humanas, ter-se-ia appellidado Cabralia ou Manuelia. A influencia do frade chamou-a para a sua fé.

A palavra *cruz* tinha de se prender á terra, faltando-lhe apenas o qualificativo. Por qualquer razão, que fica de todo secundaria, na ordem natural desta deducção, o explicativo foi *vera* e o nome sahiu — *Vera-Cruz*.

Esta resolução, tão firmemente gravada na alma do capitão-mór e na de todos os seus companheiros, não mais se afasta da sua mente; tirante o dia de quarta-feira, todo empregado na faina da descarga da náo dos mantimentos,

que tinha de volver com a nova, em todos os outros que se passaram alli, se rendeu culto á captivante idéa de frei Henrique. Cabral, quebrando os moldes do processo possessorio da corôa, creado por D. João 2º e sempre usado nos seguintes reinados, resolve sellar a posse da terra com o symbolo que a denomina.

Logo na segunda feira, manda abater na espessura a arvore escolhida; na terça, emprega dous carpinteiros em construir o sacro lenho, juntando-se-lhe, para representação do seu duplo fim, as armas e a divisa de D. Manuel; na quinta, é adorada pela companha, no mesmo logar onde fôra fabricada; na sexta, finalmente, é conduzida em procissão, e, com toda a pompa e solemnidade, erecta no seu escolhido local.

O ceremonial do dia 1º de maio é perfeitamente determinante e concludente. Cabral resolveu solemnisar a posse, o assentamento do seu marco, e a denominação deixada á terra, com toda a pompa e virtude religiosa. Festa completa, á antiga portugueza: — missa cantada, sermão e procissão. Sagrava-se visivelmente a posse da cousa e o seu baptismo.

Estava-se na ante-vespera da celebração da Vera-Cruz; legitimo, que essa lembrança servisse para completar o nome.

Tão legitimo, como o nome dado ao Monte Paschoal, visto tres dias depois da Paschoa.

A' falta de documentos que invertam este juizo, temos, pela inducção e pela logica, como facto certo, que as duas denominações, deixadas, por assim o dizer, officialmente — Monte Paschoal e terra de Vera-Cruz, são suggestões de frei Henrique, fervorosamente abraçadas por Cabral e por todos; suggestões do dia 26 de abril, realidades no dia 1º de maio.

O nome dado ao porto de ancoragem é todo profano e não ha razão alguma para o attribuir senão a Caminha.

Se fosse nome official e que tivesse passado pelas sagrações do dia 1º, como o physico João o não poz na sua carta?

Talvez Cabral e outros tivessem assim denominado o porto em suas palestras jornaleiras; ha quem o tenha affirmado. Sem provas, porque estas apenas autorisam a lembrança e a sua conservação, a Caminha.

* * *

Santa Cruz é nome posterior, mas muito proximo da descoberta. Mantém a palavra essencial e apenas diverge no qualificativo. Encontram-se ainda outras fórmas, todas contemporaneas, que conservam a palavra caracteristica, como *ilha da Cruz*, *terra da Cruz*. Neste oscillar do appellativo, uma fórma prevaleceu — *Santa Cruz*. E' muito provavel que a preferencia se baseie n'uma selecção religiosa. *Vera-Cruz* estabelecia de preferencia uma data, e nesse sentido envolvia um erro, ou apenas inculcava uma recordação; *ilha e terra da Cruz* tinham o desprimor de afastar da preoccupação religiosa e envolver uma questão geografica. *Santa Cruz* tinha realmente condições vigorosas para triumphar.

Além disso, introduziu-se pelo canal mais communicativo e popular — a carta geografica.

O nome de Santa Cruz apparece logo, em seguida ao monumento de Cabral, dado á ponta de Santo Agostinho, o logar saliente e predominante da costa. *Cabo de Santa Cruz* e, por extensão, *Terra de Santa Cruz*.

Todas as razões geograficas e nauticas convergiam para esta ponta oriental da costa meridional [1]. No rumo, descendo de Cabo Verde, cahia-se naturalmente lá; voltando, era ainda o natural, tomar ponto por aquella altura, para atravessar a linha, em direcção a Cabo Verde.

[1] Ainda convergem hoje estas razões, que obrigam á preponderancia commercial. A cidade de Pernambuco, a bella perola do norte do Brazil, guarda, na sua posição geografica, e uma supremacia indiscutivel. Feito o seu porto, de fórma a permittir facil, seguro e barato despejo commercial, o Recife converter-se-á, naturalmente, no entreposto principal do norte, e no primeiro ancoradouro de refresco dę toda a costa brazileira.

Sem podermos precisar a data original, o certo é que esta ponta teve este baptismo muito cedo. Seria logo a náo dos mantimentos, que, largando de Vera-Cruz, costa acima, á procura de ponto, lhe verificasse a posição saliente e lhe inscrevesse a denominação especifica, com uma variante na qualificação?

Alguns tem-no affirmado, tirando-o ou induzindo-o d'uma inculca de Gaspar Corrêa, de que Cabral ordenára ao capitão que destacou com a nova — « que fosse correndo a costa sempre emquanto podesse e trabalhasse por lhe ver o cabo, o que elle assim fez e descobriu muito d'ella, que tinha muito bons portos e rios; escrevendo tudo e as sondas e signaes, etc. [1] ».

* * *

A palavra Brazil é tambem coeva. Encontra-se cartograficamente estampada, em synonimia com Santa Cruz, desde 1504, pelo menos. E' nome de origem commercial, como dissemos; foi applicado por identificação com o producto da terra. E o conhecimento do celebre e rico páo de tinta na região, data de Cabral. Gaspar Corrêa affirma que o almirante o levou para a India; o capitão, que voltou a Lisboa, levava-o ao rei.

[1] Neste logar, Gaspar Corrêa, singularmente denomina André Gonçalves, como o mensageiro da noticia a D. Manuel, e espraia-se em informações muito afastadas das usuaes. Alguns historiadores contemporaneos, um pouco levianamente pensamos, tomaram as notas deste autor das Lendas da India, como base para suas construcções. Teremos de mostrar o por que assim classificamos.

No nosso opusculo — A Honra de Vasco da Gama—encontra-se expressa a nossa opinião sobre a autenticidade de Gaspar Corrêa. Depois d'essa publicação, tivemos confirmado o nosso juizo em mais d'um autorisado trabalho que appareceu pelo centenario do Gama. Hoje, é facto inconcusso que, deste autor, só póde fazer-se uso com a mais cautelosa reserva, accrescendo o motivo, em tudo que vem do primeiro tomo das suas Lendas, que, sobre o defeito commum a toda a obra da discutivel origem das suas informações, tem a suspeição de não ser tirado do original.

Em 1505, Duarte Pacheco Pereira inculca laudatoriamente a sua existencia na nova terra.

O facto, mencionado desde o principio, em informação da terra, tornou-se um pouco predominante na appellidação, por se verificar, commercialmente, ser a melhor fonte de riqueza do logar. Então, naturalmente — *terra de brazil*; reductivamente — *Brazil*.

O sabio professor Capistrano de Abreu dá-nos, entre outras, a suggestiva informação de uma nota, que encontrou n'um diario nautico portuguez, escripto nos annos de 1505 a 1506, apud Schmeller, onde se lê: — « Aos 6 dias de mayo foron leste-hoeste con a *terra do Brazil* 200 legoas e dhy se foron ao sul até 40 gráos, etc ».

Suggestiva informação, dizemos, porque expõe a fórma transitoria, em que a palavra principal ainda restringe e não denomina. Periodo, em que já é caracterisada a riqueza, mas ainda se não fez a definitiva selecção commercial. Quando a exploração se tornou effectiva e farta de remuneração, perdeu-se, muito naturalmente, a idéa da terra, para só se ver o producto, e a evolução seguiu sem saltos; disse-se apenas — *Brazil*.

* * *

O páo de tinta vermelha era conhecido na Europa com a denominação de brazil e suas construcções morphologicas similares, desde remota antiguidade.

O páo vinha da Asia, pelo commercio mediterraneo. Conhecia-se nas ilhas do Atlantico (Esmeraldo, de situ orbis); achou-se na America septentrional, quando descoberta por Colombo (ilhas), quando pelos navegadores hespanhóes subsequentes (terra firme).

Os mercadores que adiantaram a Pinzon, segundo contracto leonino, para a sua expedição de 1499, vendo mal parados os seus capitaes, penhoraram-lhe os seus bens; venderam-lh'os, para se pagar.

Vicente Yañes dirigiu-se aos reis, requerendo a annullação da venda e tomadía e pedindo espera até que vendesse « trezentos e cincoenta quintaes de brazil, que trouxeram da dita viagem, porque do valor delles poderão muito bem pagar as ditas mercadorias ». Encontra-se na Real Provisão passada em 5 de dezembro de 1500 [1].

Os indios davam a esta madeira o nome de *Ibipiranga* — *páo vermelho*; os europeus impuzeram-lhe o nome que já tinha e que era geral no commercio mediterraneo.

O erudito professor Capistrano de Abreu, em nota a pag. 48 da Historia de Frei Vicente do Salvador, dá-nos, por documentos, idéa dos preços correntes do páo no seculo XVI, pelas seguintes informações, que colligiu:

« Em Navarrete (III, pag. 25) lemos que um quintal de brazil valia 1865 maravedis, e sabe-se que 375 destes faziam um ducado de ouro (N. IV, 393).

De varios documentos antigos e ineditos consta o seguinte:

Em 1509 vendia-se em Anvers o brazil de Santa Cruz a 28 soldos (carta do feitor João Brandão de 8 de agosto).

Em 1512 vendia-se em Hespanha o quintal a 2000 maravedis.

Em 1515, que os generos estavam por baixo preço, pagava-se em Bruxellas, a 12 soldos (carta de Ruy Fernandes, de 6 de maio).

Em 1517 estava a 23 soldos em França.

Em 1531 vendeu-se em Portugal o que trouxe a Faro, no Algarve, João de Souza, em a náo franceza aprezada, na razão de 800 a 900 réis.

E' para sentir que os documentos que aqui extractamos não sejam explicitos ácerca da unidade de peso a que se referem; porém consta que em 1532 valia em França o quintal a 8 ducados, o que equivalia a pouco mais de quatro duros; donde se vê que os 800 a 900 réis de Faro eram o preço de cada arroba.

[1] Navarrete — Collecção de viagens, etc. T. III, pag. 82.

Entrou o uso de se effectuarem pagamentos ou darem-se esmolas em brazil, como antes se davam em pimentas. A's vezes até aos senhores donatarios se fazia mercê de algum brazil. Na Torre do Tombo existe um requerimento de Alvaro Dias, pedindo a mercê da licença para levar 4.000 quintaes de brazil da terra de Duarte Coelho.

Ainda em 1662, concedeu D. Affonso VI a seu irmão D. Pedro licença para mandar tirar do Brazil, cada anno, 1.000 quintaes de páo-brazil, sem pagar direitos (Torre do Tombo, Corpo Chronologico 1, 8-30, 9-74, e 17-120; ibidem armario XXV 9-5, apud Varnhagen, Historia Geral, 1, 433).»

* * *

O erudito J. Caetano da Silva, no tomo XXIX da *Revista do Instituto Historico Brazileiro*, publica uma curiosa serie de documentos antigos que remontam o commercio do brazil, aos seculos XII, XIII e XIV.

a) De 1151, em latim barbaro, publicado por Canale e reproduzido por Banchero; é uma ordem de pagamento passada pelo arcebispo e consules de Genova, do seguinte teor: « Mandamos que pagueis a Filippe de Lamberto Guezzi cem libras, a quarta parte em dinheiro, a quarta parte em livros, a quarta parte em pimenta, a quarta parte em *brasil (in brasilem)* ».

b) De 1194, 11 de fevereiro, tambem em latim barbaro, publicado em 1739 por Muratori, Antiguidades Italicas da Edade Média, tomo 2º, columnas 894 e 895; é o Acto explicativo de um tratado de paz concluido entre Ferrara e Bolonha, a 10 de março de 1193, do seguinte teor: « Amigavelmente ficou entendido que de cada uma das seguintes cousas devem pagar os bolonhezes por carga muar, a saber, de todos os pannos de algodão, de pedra hume, de grã, de *brasil (de brasile)* ».

c) De 21 de janeiro de 1221, latim barbaro, publicado por Capmany em 1779, Memorias historicas sobre a Marinha,

Commercio e Artes da antiga cidade de Barcelona, tomo 2º, pags. 3 a 11; é a tarifa da alfandega daquella cidade; encontra-se o artigo do seguinte teor: «Carga-muar de brasill, (carrega de brasill) paga dois soldos, quer de venda, quer de compra, e sete dinheiros e um obolo de passagem».

d) De 7 de junho de 1252, em catalão, no mesmo logar e tomo, pags. 19 a 21; artigo da tarifa da alfandega de Colibre, no Rossilhão:— « Carga muar de brazil (cargua de brazil), dois soldos ».

e) De 1271, catalão, na mesma obra, tomo 3º, pag. 168; tarifa de certa alfandega da Catalunha em que se acha a palavra — *brasil*.

f) De 1306, latim barbaro, citado por Muratori, na mesma obra, mesmo tomo 2º, columna 897; registro manuscripto da republica de Modena:— « Carga muar de açafrão e de brasil (Soma Zaffrani et Braxilis) ».

g) De 1390, em inglez, nas « Caunterbury Tales » do poeta Chaucer, inspector da alfandega de Londres, publicados em 1480 e reproduzidos nas obras completas do autor, folio XCVII da edição de 1542, verso 13 do « Manciples prologué »:

> « Era nos olhos um gavião tal qual;
> Não havia mister botar-lhes tinta
> Com *brasyl*, nem com grã de Portugal.»

h) De 1470, em portuguez; acha-se no Livro Vermelho de D. Affonso V e foi publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, tomo 3º dos Ineditos de Historia Portugueza, pags. 458 e 459, em 1793. Refere-se ao commercio da Guiné; prohibe e monopolisa, em estanco da corôa, o resgate de certas mercadorias, entre ellas — « pedras preciosas, tintas de *brazil* ou alacar ».

E dahi remata o muito erudito brazileiro: « Em presença de semelhantes provas, irrefragavelmente se conclue que não foi a nossa terra, descoberta em 1500, que deu o nome ao páo, mas sim o páo que lh'o deu a ella ».

* * *

Accrescentemos, in fide Littré — Diccionario da lingua Franceza, palavra Brésil: — « Ils ont (dans l'île de Ceylan) berzi en grant habondance, do meilhor dou monde ». Marco Polo, em de Laborde; Emaux, pag. 174.

— « Dou royaume de Jherusalem, dou royaume de Egipte, de la terre au soudant, vient poivres et toute espicerie et *bresis* » — idem, ibidem.

— « Li barillier pueent fere baris de fuz de tamarie et de brezil, *liv. de met.* 104. Nus tabletier ne puet metre avec buis nule autre maniere de fust qui ne soit plus chier que buis; c'est à savoir, cadre, benus (ébène), *bresil* et ciprès » — ibidem 177.

Isto do seculo XIII.

No mesmo logar, sob a epigrafe — *etymologie*, diz Littré: « Provençal, *brezilh*; espanhol, brazil; italiano, *brasile* ».

Segundo *du Cange*, o nome contém o mesmo radical de *braise*, brasa, pela semelhança da côr da tinta do páo com a da *brasa*.

Deve-se, porém, accrescentar que esta derivação de braza foi proposta, em 1646, antes de du Cange, por Faria e Souza; nota, como veremos, de grande valor.

Desde o seculo XIV que as cartas de marinhar marcam ilhas do Atlantico com os nomes de *Bracir*, *Berzil* e *Brazil*, assim mesmo escriptas.

No Portuslano de Pietro Coppo de Isola, 1528, acha-se a nota de que Christovão Colombo, antes de descobrir as costas da America, estivera nas ilhas Ventura, Columbo e *Brazil* [1].

A' celebre estatua da ilha do Corvo, o homem apontando a sudoeste, que se inculca como indicio de terras occidentaes suspeitadas, deram os portuguezes o nome de *Brazil*; os mappas de Purdy trazem o cachopo da ponta sul da Irlanda com o nome *Brazil* [2]. E', muito naturalmente, da mesma

[1] José Silvestre Rebello, apud. R. do Instituto, tomo 2º, pag. 624.
[2] Idem, idem.

origem d'este nome do cachopo que vêm as tradições irlandezas a que se refere o doutor Ricardo Gumbleton Daunt [1]:

« . . . pois é uma coincidencia extraordinaria que de todo o tempo houve entre os irlandezes do oeste da Irlanda uma viva crença, que mais ao poente havia uma terra, que, como a Atlantes de Platão, era outr'ora unida ou ao menos muito mais chegada ao mundo então conhecido, e a esta terra davam o nome — *Hy-Brazail*, e de — *terra dos bem-aventurados* ».

« *Hy* é simplesmente uma particula addida a muitos nomes, como tambem na lingua grega ha. »

« Brazil é tambem nome de familia, não desusual na Irlanda, e são familias que, de uma ou outra fórma, se relacionavam com esta materia das tradições populares.»

« Baseadas nesta crença, que havia esta terra de — *Hy-Brazil* ou *Brazail*, são innumeraveis as legendas e tradições do mais exquisito romance e belleza de sentimentos, que o genio poetico do povo irlandez o habilitou a conservar por tantos seculos. »

E, termina o doutor irlandez, em 1848 residente em Campinas, de onde escreve, pela seguinte frase critica :

« Ao menos este facto é prova, que a palavra *brazil* era antiguissima e que tinha uma existencia independente da palavra brazileira *braza*, da qual alguns a fazem derivar.»

* * *

Com razões mais fortes, nos convencemos nós da opinião do citado doutor; escrevemos Brazil e temos Brasil por fórma contraria á etymologia historica e geografica. Vamos dizer por que, embora seja para nós questão esteril e apenas de curiosidade.

Brazil é constructura franceza que du Cange derivou de *braise*. Ainda que nos contentassemos com essa origem,

[1] *Revista do Instituto*, tomo 47, 1, pag. 119.

pouco douta e em damasia simplificada, tinhamos uma opposição formal em que essa derivação fôra proposta por Faria e Souza, antes de du Cange e que a palavra originaria se escreve em portuguez *braza* e nunca *brasa*, tendo vindo a palavra do grego *brazein*.

Assim a derivação, pela semelhança das côres, contraproduz, porque envolve um anachronismo; obriga a seguir a derivação dentro da lingua portugueza e não franceza, e a remontar a *braza* e não a *braise*, a Brazil e não a Brasil.

Porém, as nossas derivações tocam em origens mais remotas, mais complexas e de legitimidade historico-geografica.

Fosse nome dado á região pelos hespanhóes, francezes ou portuguezes, não o crearam elles, mas apenas o applicaram. Existia formado desde a edade média e nessa origem e precedencia ninguem lhe assemelha a palavra braza, seja qual fôr a lingua em que se trabalhe e se procure.

Os Venetos, commerciantes dos mais antigos do mediterraneo, negociavam a tinta e chamavam-lhe *verzin*, corrompido vulgarmente em —*verzi*; nada tem com *brasa*, morfologicamente.

Os toscanos, como se vê no vocabulario de Crusca, diziam *Verzino* e para braza tinham e têm as palavras *brace*, *bracia*, *brascia*, *brage*, *bragia*. Impossivel derivar.

Os genovezes chamavam-lhe *brazi*, e dizem de braza *braxa*, *braxéa*.

Note-se, como o faz saber J. Caetano da Silva [1], que, pelo vocabulario de Casaccia, se verifica que os genovezes supprimem o *l* final das palavras eguaes ás nossas.

Quem relancêa a historia commercial e deriva Lisboa de Genova e Veneza, não deixará de certo de procurar brazil em verzin, verzi, e brazí, em vez de o ir caçar em França e em *braise*.

[1] Logar citado, pag. 28.

Joaquim Caetano da Silva remata o seu bello estudo pela digressão de morfologia dynamica, que resume todos os argumentos possiveis.

* * *

E agora entenderemos bem o que se passou em França.

Do veneziano verzi, disseram primeiramente berzí, como se lê na genuina redacção de Marco Polo, escripta em francez.

Depois, pelo costume de accrescentarem *l* a nomes pronunciados em *i*, escreveram *berzil*, como já em 1085 na pauta da alfandega de Saint-Omer.

Depois, pela frequente metathese de *ber* em *bre*, disseram *brezil*, como já em 1160 nos versos de Chrestiens de Troyes.

Por ultimo, a completa parecença de *brezil* com *breze*, que era como escreviam braza, causou a equivocação de attribuirem a braza o nome do páo vermelho.

« E neste errado presupposto disseram *brisil* os muitos francezes que davam á braza o nome de *brise* [1] .»

* * *

O dia commemorativo da descoberta tem-se sujeitado a discussões; a nosso ver, tambem estereis e impertinentes.

E' facto, averiguado pela carta de Caminha, que a primeira visão physica da terra foi no dia 22 de abril, embora historiadores como Barros a marquem em 24.

No dia 25 saltaram em terra Nicoláo Coelho e Bartholomeu Dias, levando para ella o seu primeiro povoador portuguez, o degradado Affonso Ribeiro, creado de D. João Tello. Pedro Vaz de Caminha, o primeiro historiador da nova terra, ia tambem.

Na tarde desse mesmo dia, saltou toda a companha no ilheu.

[1] Idem, pags. 34, 35.

No dia 1 de maio tomou-se solemnemente posse da terra.

São as tres datas essenciaes, por onde se póde fazer a escolha.

O dia 3 de maio nada tem com o facto; é apenas uma data convencional. A reforma feita no calendario pelo papa Gregorio XIII, em 1582, supprimiu 11 dias ao mez de outubro desse anno, passando-se de 4 a 15, ou formando este mez da correcção com 20 dias. Dahi, ha quem indusa que o dia da descoberta do Brazil tambem deve pular de 11 dias, passando assim de 22 de abril para 3 de maio. E' bem possivel que esta idéa tenha sido a determinante para a fixação official da data do descobrimento. Ainda, por cima e por cumulo das coincidencias, carrega-se assim o facto para o dia da Vera Cruz. Esta idéa tem apenas merito artistico; nada de real. Nem Pedro Alvares, nem frei Henrique pensavam, em 1500, que um papa, 82 annos mais tarde viria a fazer um ajustamento de que elles não cogitaram; nem Gregorio XIII, por esse motivo, realisou a sua reforma. A summa e a essencia da reforma foi augmentar 11 dias na contagem que andava feita; nada mais. Não se cogitou em fazer mudanças algumas. As festas moveis e immoveis continuaram a ajustar-se ás mesmas épocas dos mezes, unidade essencial; os mezes ficaram os mesmos e na mesma ordem a prefazer annos, estes da mesma fórma a prefazer seculos.

O descobrimento da America teve logar no dia 12 de outubro de 1492; ninguem ainda cogitou de o passar para 23 de outubro, como seria o equivalente. O Gama viu Calicut em 20 de maio de 1498 e nesse mesmo dia do mez se conserva para sempre a commemoração; ninguem cuidou de passal-a para 31 de maio.

CAPITULO IV

O INDIO

Necessidade synthetica do facto ethnologico.— Relações documentadas entre o portuguez e o indio; doçura dessas relações; confrontos edificantes.— Colonisação por degradados; justas apreciações.— Bellas resoluções acerca do indio.— Collocação da cruz; o logar; a sua importancia moral.

O facto ethnologico carece de ser addicionado ao facto geografico, para a synthese do acontecimento historico. A carta de Caminha, embora restricta ao pequeno lapso da estadía de Cabral e a uma relacionação limitadissima com parte d'uma tribu, é d'uma singeleza tão persuasiva de verdade e d'uma minudencia tão propria á caracterisação, que permitte uma construcção definitiva e real.

Os indios alli encontrados eram mansos, doceis, amorosos, simples, e, condição sobrelevante para a critica, eram confiantes, prestativos sem interesse, o que quer dizer generosos.

* * *

Cabral, e com elle todos os capitães e, por indole ou por influxo da disciplina, todos os da armada, foram escrupulosos no modo de tratar com o gentio.

O quadro deste primeiro encontro do portuguez com o indio americano é realmente bello, e deslumbra, quando é posto em comparação.

Não ha na historia da colonisação pagina de brilho egual e, nesse ponto de vista, Cabral cerca-se d'uma illuminação singular.

O primeiro momento é de Nicolau Coelho que, no dia seguinte ao da descoberta, vai no batel sondar o rio em frente do qual ancorára a armada, a ver se esta podia ahi aterrar.

Viu os primeiros naturaes, que o receberam de flecha prompta a despedir. E, a um seu aceno imperativo, os indios poisam os arcos e confabulam com os estrangeiros, trocando pequenos presentes!

Talisman de processo de catechese? Não; indole boa e pacifica e confiante do gentio.

Baixeza e covardia? Não; o indio era, foi sempre guerreiro, por costume, por feitio, por prazer e por amor.

Foi-o depois por odio, por vingança. Foi no que o converteram os processos que vieram depois. Salvemos, porém, por honra e por justiça, a curta, mas bellissima quadra de Cabral.

No dia seguinte, é Affonso Lopes, o piloto da capitanea, que, sondando a bahia, a cuja entrada ancorára a armada, encontra dous indios pescando n'uma canôa.

Convida-os por signaes a virem de visita aos navios e elles accedem promptamente e seguem no batel com os desconhecidos, com estranhos que viam pela vez primeira!

Trazidos á presença de Cabral, — « foram recebidos com muito prazer e festa »; não só em prazer e festa, mas com magestade: — « o capitão estava assentado em uma cadeira e uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido com um collar de ouro mui grande ao pescoço ».

« Deram-lhes ahi de comer pão e pescado cozido, confeitos, fartes [1], mel e figos passados; trouxeram-lhes vinho por uma taça. »

Depois de serem assim obsequiados, os dous indios: — « estiraram-se de costas na alcatifa a dormir, sem terem nenhuma maneira de cobrirem suas vergonhas ».

[1] Farte é termo antiquado; significa *bolo* de massa.

« O capitão lhes mandou pôr ás cabeças senhos [1] coxins e lançaram-lhes um manto em cima, e elles consentiram e joveram [2] e dormiram [3]. »

Não póde escapar esta occurrencia á admiração e á justiça! Fecunda revelação!

Elles, os senhores da terra, assim dignos, altivos e confiantes, ao ponto de se deitarem alli a dormir!

E, entretanto, o mesmo indio, lá dentro, na espessura, não se deita assim confiado e tranquillo, em frente da tribu inimiga ou da féra que o espreita do galho.

Por que não foi sempre assim? E, se não foi, de quem a culpa?

Diz-se e, peior, levanta-se á altura de lei sociologica, que o indio é incivilisavel; eis o erro, a injustiça, e, peior, a deshumanidade.

* * *

No dia seguinte de manhã — « mandou o capitão Nicolau Coelho e Bartholomeu Dias que fossem em terra e levassem aquelles dous homens e os deixassem ir com seu arco e setas, aos quaes mandou dar senhas camisas novas e senhas carapuças vermelhas e dous rosarios de contas brancas de osso, que elles levavam nos braços e senhos cascaveis e senhas campainhas ».

« E mandaram com elles para ficar lá um mancebo degradado, criado de D. João Tello, a que chamam Affonso Ribeiro, para andar lá com elles e saber de seu viver e maneira.»

Cabral ligava tamanha importancia a esta commissão, que, no fim de contas, consubstanciava a sua acção essencial nas relações com o gentio, que escolheu para desempenhal-a os dous capitães da armada mais experimentados e

[1] Senhos, termo antiquado, significando *a cada um*.

[2] Verbo antiquado, *jover*, significando *jazer*, *ficar quieto*.

[3] Pero Vaz de Caminha — Carta a D. Manuel.

importantes: um, fôra o commandante da *Berrio*, na expedição do Gama; outro, o grande marinheiro de D. João 2º, o descobridor do cabo da Boa Esperança.

* * *

Não tem faltado quem lance em rosto a Portugal, na critica condemnatoria do seu processo de colonisar o Brazil, a iniciação do povoamento e da relacionação com o gentio, por meio de degradados.

De facto, Affonso Ribeiro foi o primeiro colono official, e outros, degradados como este, vieram depois.

Esta accusação, seja qual fôr o lado por onde se encare, é sempre nùa de bom senso, de erudição, de critica e de justiça.

Por esse processo se colonisou em toda a America, em toda a parte, em todo o tempo.

As classes, felizes pela abastança da fortuna e pelo brilho das posições, não emigram e portanto não colonisam; são sedentarias, conservadoras e a colonisação é por essencia o producto da dynamica da população, cuja força impulsora principal é a desventura.

Toda a colonisação americana, seja a sua origem portugueza, hespanhola, ingleza ou franceza, no seu periodo inicial, tem essa feição parecida, e o degradado forma-lhe uma importante parcella na influencia official.

Com uma valiosa superioridade relativa para Portugal.

E' fazer-se uma comparação entre as leis penaes dos diversos paizes colonisadores e metropolitas.

Não ha, em toda a legislação criminal coeva, coisa que se compare ao Livro 5º das Ordenações Manuelinas. Contém a enumeração de cerca de 200 casos criminosos que obrigavam a degredo, e, para auxilio á pesca dos iniciados, appensou-se-lhe a devassa e denuncia recompensadas! Parece feito adrede este Livro 5º da Ordenação do reino, para despovoar a metropole, transferindo-a ferreteada para as colonias.

Como sabia e conceituosamente diz o emerito Sr. Barão Homem de Mello [1]: — «o que nos deve a justo titulo admirar é que a nação inteira não fosse degradada em massa».

E como poderia ser diverso o processo, neste primeiro momento, todo de ensaios, de apalpadellas ao gentio, desconhecido e com fundamento suspeitado perigoso e feroz?

Havia de atirar-se-lhe ao acaso, á aventura, com homens de qualidade, nobres de sangue, ricos de fortuna, valorosos e cobertos de feitos heroicos e de serviços á patria!

Seria insensata a pretenção!

E não se deve esquecer que a interferencia do condemnado no povoamento e colonisação do Brazil, foi sempre um recurso insubstituivel, indirecto e subordinado, debaixo de um certo aspecto.

Portugal não fez da sua colonia dilecta um presidio para onde despejasse as fezes da sua população; o Brazil foi sempre para a metropole a menina de seus olhos e nesse sentido a Africa e a India teriam boa razão de se queixar, pelo confronto.

Quando, em 1532, Portugal assenta n'um processo regular de colonisação do Brazil, pela divisão da terra em capitanías, estas são doadas a homens nobres e principaes, com a condição de serem elles proprios, ou seus representantes de gerarchia similhavel, os colonisadores dos seus senhorios.

Nenhum paiz do mundo, quanto mais americano, se fosse da nobreza de sua primeira colonisação que quizesse orgulhar-se, poderia antepôr-se ao Brazil.

* * *

Não que queiramos dahi, dessa condição excepcional, adduzir vantagens effectivas na colonisação do Brazil; muito pelo contrario. Não se extrae dessa formula de D. João 3º

[1] Integração da nacionalidade brazileira, pag. 17.

vantagem alguma da colonisação senhorial sobre a dos humildes e degradados. Ella foi revestida d'uma excessiva dóse de ambição material e de ostentação de privilegios, abusivamente exercidos e impensadamente autorisados; e dahi, em grande parte, provieram os falsos processos de convivencia com o gentio e, como natural reacção, a mudança da indole e dos costumes dessa misera raça, invadida e expoliada.

Foi sem duvida esse nefasto processo de D. João 3º, que elle foi o proprio a reconhecer como falso e prejudicial, procurando destruil-o pela absorpção no governo geral, que creou no continente americano esta organisação social á parte, que sempre caracterisou o Brazil-colonia e que, na independencia, lhe determinou a sua fórma politica, tambem excepcional. O privilegio e a profunda distincção de classes, que desde a origem se haviam implantado no paiz, repugnavam á feição democratica, que era uma realidade em todos os outros logares americanos.

E, por ultimo, se o emprego dos condemnados e da gente baixa, ralé, fezes da sociedade civilisada, merece tão acres e descaroadas accusações ao Portugal do seculo XVI, nós teriamos bons direitos de perguntar, por que razão, ainda hoje, tres seculos depois, o emprega e apregôa quem tão rijos golpes lhe descarrega.

Os Estados Unidos povoaram-se depois da independencia, abrindo de par em par o seu amplo bôjo ás levas de criminosos de todo o mundo, que elles protegiam contra o direito e contra o uso geral, não acceitando a extradição com paiz algum.

O Brazil, tão mal povoado pela ralé da sua metropole, apoz a sua independencia e até hoje, ainda não cogitou de pedir folha corrida ás levas de immigrantes com que se vai povoando.

Ao contrario, apoz uma curta residencia, todo o estrangeiro é recebido em humanitaria e fidalga communhão politica, cousa que Portugal não fazia com os degradados que mandava para cá.

Assente-se bem que, com semelhante analyse, não censuramos os processos modernamente empregados ; defendemos Portugal d'uma injusta e ingenerosa accusação.

De como seria bem outra a formula social do povoamento, se por degradados e grumetes este se fosse realizando, dá-nos Caminha amplas razões em diversas partes da sua carta.

« E naquillo foi o degradado com um homem que, logo ao sahir do batel, o agasalhou e levou até lá.»

« . . . e então se começaram de chegar muitos e entravam pela beira do mar para os bateis, até que mais não podiam, e traziam cabaços d'agua, e tomavam alguns barris, que nós levavamos, enchiam-os de agua e traziam-os aos bateis. »

« Levava Nicolau Coelho cascaveis e manilhas ; e a uns dava um cascavel e a outros uma manilha, de maneira que com aquella encarva, quasi nos queriam dar a mão ; davamnos daquelles arcos e setas por sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer coisa que lhes homem queria dar.»

* * *

Não falta quem, por lamentavel anachronismo, pretenda inculcar nos indios, já por esta occasião, sentimentos de repulsa pelos portuguezes. Tomamos essa desvirtuação á conta do pouco exame que se tenha feito da época. O quadro do distincto pintor Sr. Victor Meirelles — « A primeira missa no Brazil », é, pela sua inverdade, o espelho desse estado de irreflexão. A primeira missa foi cantada no dia 26, no ilheu. Indios não os havia lá ; estavam longe, na praia, assentados, attentos ao cantochão, que naturalmente os impressionava.

« E depois de acabada a missa, diz Caminha, assentados nós á prégação, alevantaram-se muitos delles, e tangeram corno ou bosina, e começaram a saltar e a dançar um pedaço. »

Deste « tanger de corno ou bosina » inferiu-se uma arruaça, uma manifestação de desagrado! Falsissima illação, que todos os factos anteriores e posteriores clamorosamente repellem.

Quando, finda a festa religiosa, Cabral vai com os seus nos bateis ao longo da praia, os indios, por terra, vão seguindo de perto e festivamente os seus movimentos; de tal sorte que, quando Bartholomeu Dias se avizinha mais de terra, elles— « chegam-se logo todos á agua, metendo-se nella até onde mais podiam ». Fariam isto, se momentos antes andassem tão aborrecidos com os seus hospedes ao ponto de os apupar?

« Sahiu um homem do esquife de Bartholomeu Dias, e andava entre elles, sem elles entenderem nada nelle quanto para lhe fazerem mal, senão quanto lhe davam cabaços de agua e acenavam aos do esquife, que sahissem em terra. »

Fariam isto, se antes tivesse havido a assuada?

* * *

Ainda neste dia 26, teve logar o conselho de capitães, onde se tomaram resoluções importantes.

« E tanto que comemos, vieram logo todos os capitães a esta náo (capitanea), por mandado do capitão-mór, com os quaes se elle apartou, e eu na companhia, e perguntou assim a todos, se nos parecia ser bom mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza, pelo navio dos mantimentos, para a melhor mandar descobrir, e saber della mais do que nós agora podiamos saber por irmos de nossa viagem. »

Todos ou a maior parte dos congregados disseram que sim e a volta com a noticia da náo de mantimentos ficou assentada. E' conseguintemente neste momento, apoz esta decisão, que apparece a necessidade de se fazerem exposições epistolares ao rei. Desde então só, é que Caminha podia começar a sua carta.

Neste mesmo conselho, perguntando Cabral, se conviria mandar a Lisboa um casal dos naturaes, deixando por elles em refens dous degradados, obteve essa resposta, que, só por si, constitue uma epopéa caracterisante da alta valia moral da conducta desta missão. Diz Caminha :

« A isto accordavam, que não era necessario tomar por força homens, porque geral costume era dos que assim levavam por força, por alguma parte, dizerem, que ha ahi todo o que lhe perguntam, e que melhor e muito melhor informação da terra dariam dous homens destes degradados, que aqui deixassem, do que elles dariam, se os levassem, por ser gente que ninguem entende, nem elles tão cedo aprenderiam a fallar para o saberem tão bem dizer que muito melhor estes outros não digam, quando cá Vossa Alteza mandar; e que portanto não curassem aqui de, por força, tomar ninguem, nem fazer escandalo, para os de todo mais amançar e apacificar: senão sómente deixar aqui os dous degradados, quando d'aqui partissemos. E assim por melhor parecer a todos ficou determinado. »

No incendio que devorou Portugal, de 1580 para cá, salvou-se, felizmente, este precioso documento, para garantir uma indestructivel justiça. Esta unanime resolução envolve um respeito pelo gentio, que sómente Portugal soube comprehender e tornar pratico e effectivo; o indio foi garantido na sua liberdade e nos seus direitos naturaes.

Esta opinião unanime dos capitães tem um alcance moral exquisito e nobre, tirando o facto da sua feição individualista, como os muitos, de parecida orientação, realizados por Affonso de Albuquerque, em Gôa e Malaca, para, desde o principio da colonisação, lhe dar a sua bella caracterisação da indole generosa e sabia do povo colonisador.

A noção desta conducta era immanente, ethnica, nacional; suggeria-a o povo, convinha n'ella e realizava-a o commandante. E continuou a ser assim.

Os reis que tiveram a seu cargo a direcção dos desejos e dos destinos deste povo, no pequeno periodo em que elle

se conservou autonomo e integro, nem uma só vez, por um unico acto, se afastaram deste sentimento, que tambem era seu. E' ver, entre tantos documentos, a concessão régia do carregamento da *náo bretôa*, dada por D. Manuel; é passar pelos olhos as severas recommendações de D. João 3º, de sua viuva, de seu neto. E ahi termina para a historia o que de responsavel cabe a Portugal. E' comparar com todas quantas nações andaram pela America, como legitimos conquistadores ou como piratas.

O indio americano foi sempre americano considerado por Portugal, perante a lei e perante o costume.

Se foi escravisado, se foi combatido, se foi expoliado, elementos estranhos á indole e á feição historica do povo portuguez vieram, pelo depravado fanatismo de D. João 3º, manchar-lhe a sua até ahi immaculada construcção. E, se a interferencia nefasta da Companhia de Jesus, que n'outro logar teremos de caracterisar, foi a principal das causas da tristissima decadencia na colonia, veja-se que essa influencia nefasta foi ainda maior na metropole. Abusos.

A luta intransigente e ininterrompida, que os padres da Companhia travaram contra os colonos, accusando-os de escravisadores do gentio, teve sempre uma restricção em beneficio da mesma Companhia. Tolher a liberdade do indio era um crime para o colono, mas era uma prerogativa dos jesuitas.

A restricção, base essencial de toda a architectura da Companhia, era tão lata, que se chegou a apregoar, como virtude de direito e de obrigação, ir caçar o indio á floresta, para, pela força, o trazer ao aprisco. E esse, que vinha, pela porta do baptismo, para a communhão, não tinha como regalias sociaes senão a dura lei do trabalho, censuravel e depravante nas propriedades seculares, mas moral e civilisador nos vastos dominios temporaes da Sociedade de Jesus.

Entretanto, as náos que volviam a Hespanha, desde Colombo, iam cheias de indios; as ilhas aproadas pelas caravellas de Fernando Catholico despovoavam-se de naturaes,

pela hecatombe e pela mercancía; em França, faziam-se publicas exhibições dos estalões da raça americana, e os palacios dos nobres e ricos senhores francezes enchiam-se destes novos ilotas; os navios portuguezes, nem sequer aceitavam em seu bôjo os muitos indios, que pediam com ancia passagem para essas terras de onde vinha o sol!

Isto é o que diz a historia, a quem quizer ser justo com Portugal.

* * *

Este dia 26 é todo cheio de notaveis episodios, que fortalecem a intimidade entre os portuguezes e os tupiniquins.

Foram todos das náos á terra, em alegre folgança: — « e antes que chegassemos, do ensino que dantes tinham puzeram todos os arcos, e acenavam, que sahissemos ». *Pôr os arcos*, tres dias depois de a ver, diante de gente nova e desconhecida, era para o indio, altivo e desconfiado, a absoluta prova de sujeição e de affecto.

O capitão fez-se passar, ao collo de dous homens, além do rio, onde: — « andavam muitos delles, dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos, e faziam-n'o bem ». E lá, a confiança e a camaradagem era tal, que: — « era a cousa de maneira que todos andavam misturados ».

« Passou-se então além do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavem, que é homem gracioso e de prazer, e levou comsigo um gaiteiro nosso, com sua gaita, e metteu-se com elles a dançar, tomando-os pelas mãos, e elles folgavam e riam e andavam com elle muito bem, ao som da gaita; depois de dançarem, fez-lhes alli, andando no chão, muitas voltas ligeiras e salto real, de que elles se espantavam e riam, e folgavam muito.»

Tivesse esta fecunda viagem um cantor sublime como o teve a do Gama; tivesse Caminha podido illuminar, em suggestões intensas, o estro do cantor mavioso do Caramurú,

e este episodio do travesso e comico almoxarife de Sacavem teria dado estrofes nãô menos bellas do que as deu Fernando Velloso, para quem o outeiro *foi melhor de descer que de subir*. Diogo Dias passou e repassou o ribeiro, de alma alegre e tranquilla, rubricando-nos frisantemente a differença sociologica e moral entre o indigena americano e o incola do sul da Africa.

* * *

No dia 27, segunda-feira, foram os da armada a terra, a tomar agua. Vieram logo os indios ter com elles: — « e traziam já muitos poucos arcos, e estiveram assim um pouco afastados de nós, e depois, poucos e poucos, misturavam-se comnosco, e abraçavam-nos e folgavam ».

« . . . vinte ou trinta pessoas das nosssas se foram com elles onde outros muitos delles estavam com moças e mulheres . . . e, segundo diziam elles que lá foram, folgaram com elles. »

Camaradagem communicativa á intimidade da familia; o indio abre ao estrangeiro as portas do lar e apresenta-o a suas mulheres e filhas.

Diogo Dias com dous degradados foram nessa tarde ao aldeamento; voltaram com a nova de que, a legua e meia segura, estava uma povoação de casas, umas nove ou dez, do comprimento da náo capitanea, mais ou menos: — « e eram de madeiras, e das ilhargas de taboas e cobertas de palha, de razoada altura, e todas em uma só casa sem nenhum repartimento ».

Seria hoje difficil averiguar que taboas seriam aquellas que tapavam as ilhargas da choça dos tupiniquins.

E' claro que os indios não cerravam madeiras, para as decompor em taboas . . . E' muito de suppôr que fossem pedaços de arvores lascadas ou simples cascas espalmadas.

Entretanto e, apezar da repetida recommendação de Cabral para que os hospedes que ia enviando pernoitassem

com os indios, estes nunca o consentiram : — « e, como foi tarde, fizeram-nos logo tornar, e não quizeram que lá ficasse nenhum ».

Repetiu-se, por tres noites consecutivas, a insistencia e a repulsão. Receio dos indios de serem atacados de surpreza e por traição; portanto medida de cautela? Ao contrario; receio de que alguns dos indios, mais desconfiados, se servissem da impunidade da noite para offender os hospedes?

Algum preceito religioso que prohibisse a convivencia com estranhos, de noite?

* * *

Na terça-feira, 28, os portuguezes foram a terra, lavar roupa e carregar lenha. Quando saltaram, estavam na praia: — « obra de 60 ou 70 sem arcos e sem nada ». Vieram logo mais: — « que seriam bem dusentos, todos sem arcos e misturaram-se todos tanto comnosco, que nos ajudavam delles a acarretar lenha e metter nos bateis, e tratavam com os nossos e tomavam muito prazer ».

Na quarta-feira, foi a faina na descarga da náo de mantimentos e a repartição destes pela armada. Apenas veiu a terra Sancho de Toar, a passeio, segundo parece. Quando voltou, muitos o quizeram acompanhar. Levou sempre dous : — « mancebos dispostos e homens de prole. Mandou-os essa noite muito bem pensar e curar, e comeram toda a vianda, que lhes deram, e mandou-lhes fazer cama de lençóes, segundo elle disse, e dormiram e folgaram aquella noite ».

Na quinta, 30, foi-se para terra desde manhã. Na praia estavam quatrocentos para quinhentos tindios, á espera. Já ninguem se acautelava; todos, como velhos amigos, se approximavam e todos alegremente trabalhavam. Os indios : — « acarretavam dessa lenha quanta podiam, com mui boa vontade, e levavam-na aos bateis, e andavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós andavamos entre elles ».

Estas poucas palavras valem o mais longo e eloquente discurso de quem quizesse hoje convencer da verdadeira indole e aptidão do indio; responde victoriosamente, em contradicta aos que ainda hoje, até em relatorios officiaes, affirmam que o indio é incivilisavel, incapaz de convivio, feroz e traiçoeiro por indole, indomavel ao trabalho; que é preciso exterminal-o!

Ouçamos, com attenção, Caminha: — « Quando sahimos do batel, disse o capitão, que seria bom irmos direitos á cruz, que estava encostada a uma arvore (era a que tinha sido feita pelos carpinteiros na vespera), junto com o rio, para se pôr de manhã, que é sexta-feira, e que nos puzessemos todos em giólhos e a beijassemos, para elles verem o acatamento, que lhe tinhamos; e assim o fizemos, e estes dez ou doze, que ahi estavam, acenaram-lhes que fizessem assim, e foram logo todos beijal-a ».

Não póde Caminha reter a sua intima persuasão: — « Parece-me gente de tal innocencia, que se os homens entendessem e elles a nós, que seriam logo christãos ».

E adiante: — « ... porque certo esta gente é boa e de boa simplicidade, e imprimir-se-á seguramente nelles qualquer cunho, que lhes quizerem dar ».

Toda a pagina de Caminha que se refere a este dia é cheia de conceitos de justiça, e de vasta apreciação do indio, tal como elle era no seu estado natural, pelo tempo da descoberta.

« Emquanto alli este dia andaram, sempre ao som de um tamborim nosso, dançaram e bailaram com os nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus; se lhes homem acenava se queriam vir ás náos, faziam-se logo prestes para isso, em tal maneira que, se homem todos quizera convidar, todos vieram. »

E, em troca: — « os quaes foram esta noite mui bem agasalhados, assim de vianda, como de cama, de colchões e lençóes, pelos mais amansar ».

* * *

Sexta-feira, 1º de maio, é o ultimo dia da demora e o mais fecundo para a historia. Actos finaes e definitivos de posse, de catechese, formulas de relações mutuas, especies de contractos internacionaes; definições de caracter fixo; solemnes praticas do culto em commum; troca de presentes, entrega de refens; tudo, neste dia, é praticado e ordenado por Cabral, de modo a produzir os seus naturaes e beneficos resultados.

Logo de manhã, seguiu toda a gente para terra, nos bateis, desembarcando ao sul do rio.

O capitão marcou o logar onde se devia *chantar* [1] a cruz, que resolvera deixar alli erguida, como padrão de posse, como symbolo religioso a perpetuar a boa união. A cruz, com os seus braços abertos ao sul e ao norte, com as duas faces olhando o oceano e a terra, parecia de facto estar impondo uma absoluta paz, uma completa harmonia, entre os mais extranhos elementos.

Emquanto uns abriam na terra o buraco, a massa, em solemne procissão, conduzia o sagrado lenho.

« Trouxemol-a dalli, com esses religiosos e sacerdotes diante, cantando, maneira de procissão. Eram já ahi alguns delles, obra de setenta ou oitenta; e, quando nos assim viram vir, alguns delles se foram metter debaixo della a ajudar-nos. »

« Alli, andando nisto, viriam bem cento e cincoenta ou mais. »

Num altar, levantado junto da cruz, celebrou frei Henrique a segunda missa cantada, seguida de communhão e de pregação. Foi esta segunda missa ouvida por todos, portuguezes e indios, com o mesmo gráo de devoção e respeito, vestigios certos de catechese, que se affirmava no gentio pela compostura com que repetia e imitava todos os signaes e gestos que via fazer.

« . . . assentados todos em giolhos, assim como nós; e quando veiu ao evangelho, que nos erguemos todos em pé,

[1] *Chantar*, por *collocar*.

com as mãos levantadas, elles se levantaram comnosco e alçaram as mãos, estando assim até ser acabado; e então tornaram-se a assentar, como nós; e quando levantaram a Deus, que nos puzemos de giolhos, elles se puzeram todos, assim como nós estavamos, com as mãos levantadas, e em tal maneira assocegados, que certifico a Vossa Alteza que nos fez muita devoção.»

* * *

A cruz foi erecta junto da praia.

Diz Caminha: —«fomos desembarcar acima do rio, contra o sul, onde nos pareceu que seria melhor chantar a cruz para ser melhor vista». Se desembarcaram onde resolveram collocar a cruz, esta foi arvorada junto do mar; na praia e nunca no interior. Se dois tiros de besta fosse uma medida exacta, o logar onde Cabral chantou a cruz poderia determinar-se com exactidão.

E bem de desejar seria fazel-o, porque esses poucos palmos de terra merecem de portuguezes e brazileiros, do mundo e da civilisação, um respeito sagrado. Alli reside a pedra-ara da mais bella iniciação civilisadora de que as edades guardam a lembrança.

Era ahi, nesse pequenino trato, que se deveria alevantar o monumento, mais perduravel que a tosca cruz de madeira, deixada pelo descobridor portuguez.

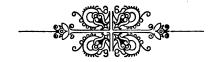
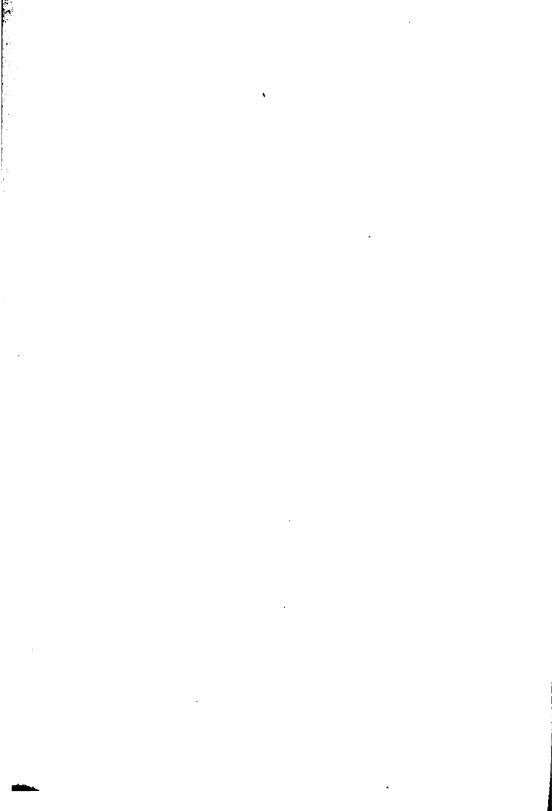
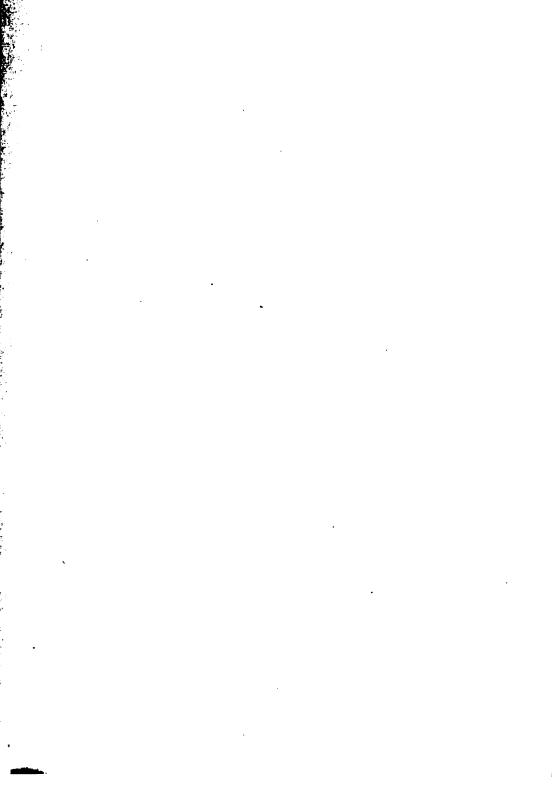
Ahi ficariam melhor do que algures as cinzas do immortal argonauta, que a patria, o rei e as gerações deixaram até hoje no olvido da ingratidão.

No mesmo marmore e com o mesmo bronze, em grupo que perpetuasse a harmonia de esforços e de pensamentos, Cabral appareceria acolytado pelo grande lume da religião e pelo não menos grande apostolo da tradição.

Frei Henrique de Coimbra e Pero Vaz de Caminha são os dous principaes collaboradores de Cabral, no que a obra tem de efficaz para a época, no que ella tem de edificante para as gerações que se vão seguindo.

E o indio? . . . Será sempre imperfeito e incompleto o quadro que relembre a suprema gloria do descobridor do Brazil, separando-o dessa figura sympathica sobre cuja alma incidiu a mais viva luz dessa gloria.

Como será imperfeito e falso o estudo que ainda hoje e sempre queira julgar o indio, na sua natureza, nas suas aptidões e no processo da sua catechese, sem ir conhecel-o e aprecial-o nas fartas illucidações que nos legou Caminha, quanto ao primeiro contacto delle com o portuguez.

SEGUNDA PARTE

CAPITULO V

O RECONHECIMENTO

Pirataria franceza; feitoria como inicio de povoamento europeu. — Primeiros combates entre francezes e portuguezes.— Armada de 1503 comprovada.— Armada de 1501 contestada.— Primeiros alicerces da contestação.— Liberdade critica.

Parece condemnado a ficar nebuloso o periodo que decorre pelo restante do reinado de D. Manuel, no que respeita ao Brazil. Sabe-se que a costa, a norte e a sul do ponto tocado por Cabral, começou a ser frequentada, logo apoz a descoberta. Apura-se por passagens intercaladas em documentos; comprova-se por cartas geograficas da época, que desenham a costa com approximação, substituindo os contornos indefinidos dos antigos mappas; collige-se ainda por varias referencias, que os roteiros de certas viagens fazem a outras precedentes.

Por muitos modos, emfim, se chega á convicção de que a Europa destacava, desde 1500, para a nova terra e para diversos pontos do seu littoral.

Por este tempo, o mar andava batido por aventureiros e por piratas. Portugal e Hespanha cursavam officialmente, em exploração e em descoberta do que tinham por seu; ao lado, porém, dessas armadas reaes, outras, de exploradores particulares, faziam o contrabando, a pirataria e o roubo.

Desta ultima especie havia abundancia ; os *condotieri* e os *janisaros* existiam tanto em terra, como no mar.

Pilotos amestrados, marinheiros praticos em viagens officiaes, desertavam do serviço do seu rei, fosse em Hespanha, fosse em Portugal, para se offerecerem, com promessas de grandes lucros, a emprezarios particulares.

Roubava-se no mar, cahindo, á mão armada, sobre os navios que voltavam carregados das conquistas; batia-se para essas terras, denunciadas nas suas riquezas pelos espertos que as tinham visitado. Esta industria aladroada explica essa abundancia de cartas particulares, que os exploradores desenhavam e conduziam junto dos emprezarios, para os seduzir.

A Italia, principalmente as poderosas e commerciantes cidades mediterraneas, que, pela descoberta do Gama, tinham cahido em ruina, destacavam, para Lisboa e para Sevilha, emprezarios, armadores, negociantes, que, por força da sua industria, se deslocavam para os novos centros de opulencia. Neste caso poderemos citar aqui Bartholomeu Marchioni, na primeira cidade, Berardi, na segunda, dous florentinos que vão apparecer salientemente nesta época e que podem servir de typo á deslocação commercial.

Em fórma mais intensa e persistente, entrava a França, neste commercio de contrabando, principalmente pelos portos da Normandia e da Bretanha. Dieppe e Honfleur ficaram, para sempre, celebrisadas na historia da pirataria. Avessa ao ramo da aventura que celebrisou os dous reinos ibericos, a França cogitou sempre, mesmo em fórma official, de tomar a sua parte nos proventos.

De facto, apenas a noticia das novas terras descobertas por Cabral correu pela Europa, que a corrente dos aventureiros francezes caminhou para ellas, á cata de riquezas.

Tem de assentar-se como certa essa prioridade explorativa, da França sobre Portugal.

Póde ser que este visitasse a costa brazileira, logo atraz de Cabral, antes ou conjuncto com as primeiras visitas

francezas; é certo que taes visitas, se existiram, não foram exploradoras, como o eram as que provinham de França.

O primeiro commercio, o primeiro resgate, a primeira convivencia com o indio, em fórma utilitaria, foram feitos pelos aventureiros francezes.

Emquanto Portugal recebia da India carregamentos de especiarias e a Hespanha procurava ouro e perolas nas suas Indias occidentaes, a França ia batendo nos portos da costa brazileira e carregando delles o páo de tinta, que não dava inferior remuneração, já pelo seu valor intrinseco, já pela insignificancia do seu custo.

A *feitoria* brazileira apparece pela primeira vez, montada pelos francezes, á semelhança da portugueza, que fôra e continuava a ser a fórma do commercio colonial.

Um ou mais navios, preparados para o resgate, armados em guerra e carregados de gente e de mercadorias baratas, apreciadas pelos naturaes — contas, cascaveis, pannos de côres brilhantes, espelhos e outras quejandas quinquilharias, aproavam a um certo ponto escolhido da costa.

Os francezes, com seus navios convenientemente apparelhados para a dupla funcção do commercio e da guerra, aportavam a um ponto escolhido do littoral. Procuravam estabelecer com o indio as mais doces relações, enchendo-o dessas bugigangas e quinquilharias, que a vaidade do natural pagava em tóros de páo de tinta, com que se voltava carregado.

Desde que as contas, cascaveis, pannos de côres brilhantes, espelhos e outros quejandos artigos de valor minimo tinham conquistado a tribu que senhoreava a região, o francez considerava-se em terreno de sua propriedade; a *feitoria* estava lançada.

Uma parte dos socios ou serviçaes ficava ahi, sempre em amistoso e seductor convivio com o indio, preparando com elle a carga seguinte, emquanto a expedição ia liquidar o que levava.

Taes devem ser as expedições normandas que Gravier pensou, erradamente, como vimos, poderiam ser anteriores a Cabral.

* * *

Ou porque a noticia desta usurpação franceza chegasse a Lisboa e fosse preciso embargal-a, ou porque a nova conquista carecia de ser reconhecida e explorada, D. Manuel, logo que as suas emprezas do oriente lhe deram folga e recursos, mandou ao Brazil uma armada.

Essa, a primeira que é certa, que consta de documentos seguros, directos e complementares, é a de 1503, ao commando de Gonçalo Coelho.

Que antes, desde 1501, neste anno e no seguinte, navios portuguezes andassem por cá, nada é mais natural. O que se fazia na França, em fórma de contrabando e pirataria, fazia-se tambem em Portugal, pelo menos com egualdade de motivos. A's escondidas, com licença real, e ainda armadas regulares e officiaes, verosimil e até certo é, que navios portuguezes andaram no Brazil, antes dos de Gonçalo Coelho.

Uma vez estabelecida a navegação do Atlantico, com estação de refresco pela costa brazileira, claro é que por ella passaram alguns, pelo menos, dos navios das frotas reaes que iam em demanda do oriente.

João da Nova, certo que nesse rumo, na ida (1501), na volta (1502), por esta região andou, e, nesse rumo e região, descobriu as duas ilhas — *Conceição* e *Santa Helena*. Vasco da Gama fez a sua segunda viagem á India, sahindo de Lisboa no 1º de abril de 1502, com vinte náos.

Affonso de Albuquerque, Francisco de Albuquerque e Antonio de Saldanha, sahiram no mesmo rumo, em 1503, com suas respectivas armadas, antes que Gonçalo Coelho largasse para o Brazil.

Natural, que alguns barcos destas cinco expedições reaes entrassem n'algum porto da costa brazileira. Natural, que, encontrando navios francêzes, em aguas do rei de Portugal

e em exploração commercial com o gentio, lhes dessem, mesmo de passagem, a correcção costumada em casos taes.

E' onde devemos ir buscar a origem dessas lutas iniciaes, entre portuguezes e francezes, em aguas brazileiras, de que achamos vestigios nos mais antigos roteiros e noticias.

* * *

Cita-se, porém, e chega a ter-se como certa, uma expedição official, mandada por D. Manuel, em 1501, apenas tivera noticia da feliz descoberta de Cabral. Temol-a por mais que duvidosa e pedimos ao leitor que julgue, com toda a isenção, a força das nossas razões, visto ser este o ponto em volta do qual anda construida a historia inicial do Brazil.

Os documentos que se apresentam para a provar são, como veremos, contradictorios, se não são falsos. Quando entram na parte descriptiva, organica, da expedição, sujeitam-se ás mais encontradas opiniões; a discordancia é fundamental, a ignorancia sobre factos essenciaes é absoluta. Vê-se que se está construindo na areia.

De modo indirecto, tudo se oppõe a semelhante expedição. Os archivos officiaes, onde todas, quantas armadas se montavam, deixavam largos e indeleveis traços, nada dizem della. Os historiadores que, ou pela leitura desses archivos, ou por documentos de outra ordem, mesmo pela tradição, deviam conhecel-a, não se occupam della, nem a mencionam. E agora, as condições do reino e do rei, que conspiram para a contestar.

D. Manuel exgotára os recursos do reino com a armada de Cabral; tudo conspira para nol-o dizer, até a difficuldade com que se aprestou a esquadrilha de João da Nova. Se para esta, fôra o rei forçado a recorrer ao parente e ao florentino Marchioni, como, com que recursos se organisaria esta outra de tres navios, para sahir dous mezes e dias depois?

Cabral trouxera da India riquezas compensadoras, apezar de todos os seus desastres.

Gente e dinheiro appareceram então, com que se poude preparar a segunda expedição do Gama ; João da Nova veiu abarrotado de carga preciosa, em fins de 1502.

Agora, sim, D. Manuel nadava em recursos, e as expedições succedem-se em 1503. Ha com que mandar tres armadas á India em busca de riquezas e de glorias, e uma ao Brazil, apparelhada de todo o preciso. Mas em 1501, atraz de João da Nova?! Documentada, fôra preciso duvidar della ; quanto mais deliquescente em razões menos que provaveis!

Teria D. Manuel tamanho assodamento, tão fervente desejo de conhecer e explorar a nova terra, que a esse fim sacrificasse de fórma tão intensa? Tudo conspira pela negação. Dado que tão ateado fogo produzisse duas armadas dentro de dous annos, perguntariamos logicamente por que, em 18 annos que o rei ainda viveu, converteu esse fogo em gelo de quasi total e criminosa indifferença, não mandando mais alguma?! Porque a terra lhe não rendia cousa que valesse? Prova de mais o argumento.

Soubera isso pela armada de 1501; não teria mandado a de 1503.

Da prova do conceito e do interesse que D. Manuel sentia pela terra achada por Cabral, dá-nos ainda idéa accrescida o seguinte facto. Na volta do descobridor, o rei, deslumbrado pelos productos do oriente, taes que, na phrase de Barros, — *com um se fez de proveito no retorno, cinco, dez, vinte e trinta até cincoenta*, distende o seu titulo com tres augmentos — *Senhor da Navegação, Conquista, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India*. A nova terra, que Cabral juntava aos seus dominios, não lhe mereceu o valor de figurar na epigrafe das suas riquezas!

* * *

Acceita-se geralmente esta armada de 1501, no unico fundamento de que é relatada por Vespucio, nas suas tão celebres cartas. Dado que essas cartas tivessem de passar

sem contestação e fossem acceitas como realmente escriptas, chegaria a affirmação de Vespucio, de que a armada existiu, para a ter por incontroversa ? !

Não seria preciso corroborar a affirmativa de Vespucio, que confessa ter ido nessa armada em posição subalterna, com outras provas e documentos, mórmente tirados dos registros officiaes ?

Ha de se affirmar e ter por indiscutivel que Roma teve uma quarta guerra punica, só porque um homem, que nem sequer é romano, diz que a houve de facto e que nella militou ? Quando nem os archivos de Roma, nem os seus historiadores, nem os documentos do tempo de Roma ou de Carthago nos fallam della ? ! Nem consta sequer em parte alguma que o delator fosse soldado romano ? !

Junta-se ás cartas de Vespucio um celebre documento, em volta do qual se fez um ruído bastante comico, como hemos de ver. Corre impresso em tres linguas, este papel que tem o titulo suggestivo — « Navegação de Pedro Alvares Cabral ; descripção do piloto ».

Diz esse papel que, quando a armada de Cabral voltava da India, aportando junto de Cabo Verde, encontrára ahi tres navios que El-Rei de Portugal mandava a descobrir a terra nova, que essa armada tinha topado, quando ia para Calicut.

Hemos de fazer o estudo deste papel e provar que elle é um documento falso ; serviço critico que devia ter sido feito, antes de se tirar qualquer illação.

O Visconde de Santarém largou a questão no meio do caminho. Analysou as cartas de Vespucio e confrontou-as com documentos que teve por sufficientes para induzir que o florentino não trabalhou por conta de Portugal, não veiu na armada de 1501 ; mas não completou a sua analyse, que o levaria a uma conclusão mais radical, de que essa armada nunca existiu.

Pelo contrario, Santarém, nessa parte com uma construcção mais do que imaginosa, affirma essa armada, ao commando de Gonçalo Coelho.

De facto, a existencia da armada de 1501 é por tal fórma hypothetica que, nem sequer no nome do capitão della, existe concordancia nos que a affirmam.

Para uns, é Gonçalo Coelho, para outros, D. Nuno Manuel, ainda Christovam Jacques e André Gonçalves e muitos outros, Pedro e João Coelho e Fernando de Noronha e ainda mais !

* * *

E' tempo de entrarmos em analyses necessarias para justificar a nossa opinião, que temos a certeza o leitor já terá por sua vez classificado de extravagante, volvendo-nos o seu sorriso, mixto de incredulidade e compaixão. O leitor está previamente perdoado, e, ainda mais, justificado. A rotina tem grandes vantagens sobre a novidade, mórmente quando, como é no caso, esta se apresenta tão despida de poder preestabelecido. Tenho, porém, perante o meu leitor um direito a defender ; aquelle que tem todo o homem que pensa a dizer a cousa como a sentiu e a averiguou. E' um direito e um dever de quem escreve. Corresponde-lhe a obrigação de se dar por vencido, desde que razões de peso lhe destruirem a sua novidade. Esperemos essa prova. E, para que ella possa vir, vamos nós fundamentar mais a nossa novidade.

CAPITULO VI

VESPUCIO DOCUMENTADO

Rapido traço biografico.— Vespucio em Hespanha; commerciante.— Digressão necessaria sobre Colombo e causas de sua perseguição.— Expedição Hojeda.—Vespucio negociante viageiro.— Suas viagens, segundo Humboldt, D'Avezac e outros.— Factos de sua vida documentados por Munoz e Navarrete.

Nasceu em Florença, a classica terra de Machiavel e dos Medicis, no dia 9 de março de 1451, em familia considerada. Tivera um tio, homem illustrado e que exercia o magisterio; que fôra o mestre do sobrinho e que este nessa escóla contára condiscipulos de alta gerarchia; dizem que Soderini, mais tarde gonfaloneiro da republica, fôra um desses. Renato, duque de Lorena, e Lorenzo de Medicis tambem gozam dessa reputação, de cursarem, ao lado de Vespucio, na escola do tio.

Logo por ahi reina a discordia entre os biografos do nosso herói, como em seu logar mostraremos.

Destinára-o o pai, desde cedo, ao commercio e, a cumprir esse destino, o remettera para Sevilha, diz-se que recommendado por Lorenzo de Medicis, diz-se que em 1492, á casa Berardi. Esta casa do seu patricio fornecia navios, armava-os de conta propria e de terceiro, fazia toda a casta de negocio referente á vida do mar, que bem se sabe quanto era importante nesta época. Vespucio entrava em Sevilha, em busca da fortuna, da riqueza material, no mesmo anno

em que Colombo andava em busca de um continente que, pela mais repugnante injustiça, as gerações iam prender ao nome do *parvenu*.

Berardi morreu em 1495, e Vespucio, com tres annos de estadía, succedeu-lhe na gerencia da casa.

De duas uma, ou a casa, que tinha grande reputação, passou para Vespucio exhaurida, porque os herdeiros de Berardi retiraram os seus fundos, ou Vespucio dava um formal desmentido á vontade do pai; porque a casa cahiu rapidamente e o novo gerente em breve se viu em situação economica pouco satisfactoria.

Fervia por este tempo a vida aventurosa dos mares, á qual exclusivamente se ligavam os interesses de Vespucio, no seu ramo de commercio.

Portugal monopolisava a Africa e caminhava para a India; Hespanha atirava-se ao Novo Mundo, ás Indias occidentaes.

Vespucio vivia no centro deste movimento, no meio e na engrenagem dos seus agentes mecanicos; era intelligente, mais instruido do que o geral, ambicioso em extremo, como os factos vieram mostrar; não era escrupuloso. Tinha, assim, todas as qualidades requeridas para explorar vantajosamente a situação; o que dá força á primeira hypothese.

O seu espirito era irrequieto de mais, a velocidade impressa aos negocios, medida pela violencia da sua ambição, não era compativel com a resistencia exigida pelo systema commercial; o que, por seu lado, imprime valor á segunda supposição.

O certo é que Vespucio, nos poucos annos em que ainda conseguiu manter-se como negociante, junta a essa condição a de emprezario e aventureiro de navegações; o que muito provavelmente completaria a sua ruina.

A *sacra fames auri* arrastou-o. As terras novamente descobertas tinham minas inesgotaveis; era o que diziam todos. Era preciso ir e voltar alagado em milhões.

* * *

Estamos em 1499. Miguel Ballester e Garcia de Barrantes trazem á corte a denuncia de Colombo contra Francisco Roldan e seus companheiros de revolta na nova colonia; traziam tambem amostras de ouro e perolas, com a noticia da sua abundancia por lá.

Juan Rodrigues da Fonseca, arcediago de Sevilha e já neste tempo bispo de Badajós, era o commissario regio, superintendente em todas as cousas das Indias occidentaes. Este famoso padre estava já de ponta com Colombo.

O grande navegador voltára a fazer a sua segunda viagem, em 1493, carregado de honras e de concessões pelos reis, até este ponto de accordo sobre os meritos do seu almirante. A inveja envesgára logo ahi os olhos e deitára de fóra as garras da aggressão covarde e traiçoeira.

Tinha de ser; Colombo levára nas duas primeiras viagens grande numero de fidalgos, arruinados, debochados e ambiciosos: ou largar redeas ás suas cubiças e desmoralisar a sua obra, ou gemer nas malhas de uma conspiração, que o ciume se encarregaria de avolumar.

Foi energico com os bandidos. Muitos voltam a Hespanha, outros escrevem, e as denuncias e as queixas enchem a côrte. O padre Boïl faz-se orgão dos descontentes; muito naturalmente João Rodrigues da Fonseca inclina-se para os accusadores.

Os reis concordam em mandar syndicar, e João de Aguado segue com poderes illimitados, em 1495. As consequencias preveem-se. Aguado, escolhido por Fonseca, foi violento e despotico.

Formaram-se ou antes explodiram os dous partidos; Colombo via-se sem a força moral de que carecia. Entrega a seu irmão Bartholomeu Colombo os seus poderes e vem a Madrid (1496).

Os reis reconhecem o erro da missão Aguado; reforçam a sua confiança a Colombo e reenviam-no, ainda com mais honras e privilegios. Mas era tarde; o erro não permittia reparações.

O ciume recrudesceu em Hespanha, nas classes mais elevadas e de maior ascendente na côrte. Fonseca faz-se chefe desse partido poderoso que repudia Colombo, o genevez, um estrangeiro, sem merecimentos, que fez o que faria qualquer hespanhol e que recebe galardões que nunca se haviam conferido a ninguem. Esta cruzada conseguiu penetrar os proprios humbraes dos paços.

Fernando-Catholico, embora mantendo uma posição reservada ao lado da grande rainha, sentia a repulsão geral contra Colombo.

Izabel ordenou a Fonseca que aprestasse luzida armada com que voltasse o almirante ao seu governo; o bispo sophismou quanto poude as ordens reaes, de sorte que Colombo apenas conseguiu voltar, fazendo a sua terceira viagem, em maio de 1498; tarde e muito mal apparelhado.

Encontrou na colonia as consequencias naturaes do erro Aguado. O irmão, a quem confiára o governo na sua ausencia, muito menos do que elle, tinha força para reprimir a sublevação dos descontentes e desordeiros, que, capitaneados por Francisco Roldan, tinham chegado a extremos.

Colombo, ao chegar, procedeu com energia; instaurou processo contra Roldan e seus cumplices, e enviou á côrte a sua denuncia e o respectivo processo.

Estamos em 1499.

* * *

O bispo, com as costas quentes no paço e aguilhoado pela nobreza, abriu a guerra contra o genovez.

Era-lhe necessario espional-o, contrarial-o, competir-lhe, se tanto fosse possivel.

Alonso de Hojeda era homem capaz. De inferior condição, criado do duque de Medina Celi, conseguira pôr-se em evidencia, mesmo diante da côrte. D'uma feita, estando a rainha na Torre da Egreja Maior de Sevilha, Hojeda, pequeno e atarracado de corpo, vivo e audaz, corre por um páo que

sahia vinte pés fóra da torre, vai como uma flexa até a ponta, fica n'um pé só sobre o abysmo, vira-se sobre o outro como um pião, e volta, sempre correndo, no meio dos applausos da turba.

Tinha acompanhado Colombo na segunda viagem ; dera por lá grandes mostras do seu atrevimento ; merecera censuras do almirante. Era do grupo ; tinha todas as condições para as idéas de Fonseca.

Entenderam-se. O bispo, abusiva e clandestinamente, assignava, de seu punho, sem annuencia real, uma concessão, no uso da qual Hojeda podia ir, de conta propria, á descoberta e á exploração, com as platonicas obrigações de respeitar o que era de Portugal e as terras descobertas por Colombo até 1495.

As regiões do ouro e das perolas, a terra firme, já percorrida pelo almirante de 1498 em diante, não eram comprehendidas. Era preciso, afim de que Hojeda fizesse pratica a concessão episcopal, tendo quem embarcasse na canôa com confiança nos lucros. Hojeda, concessionario, volveu a Sevilha e achou o que precisava.

No dia 20 de maio deste mesmo anno de 1499, quatro navios de seu commando sahiram do porto de Santa Maria de Cadiz.

Juan de la Cosa, outro companheiro de Colombo, notavel piloto biscainho, ia como pratico principal, e Vespucio segue na expedição, na qualidade de *mercader*, diz Herrera ; de negociante.

Está-se vendo como foi. O criado do duque de Medina Celi não tinha mais do que a sua concessão. Era preciso negocial-a, e Vespucio, na decadente gerencia da casa Berardi, jogou a cartada ; queimou o seu ultimo recurso e deitou-se de cabeça para baixo na empreza. E foi tambem, monologando talvez com o latim que herdára do tio — « quantum habeo mecum porto ». Ia como *mercader*. Até este dia, ninguem sonhava, nem elle fizera valer a sua sabedoria cosmografica.

E, indo, alistava-se consciente e traiçoeiramente no partido nativista, que jurára a ruina do genovez. Para o diante se completará esta divisa com as côres negras da ingratidão traiçoeira.

* * *

Os panegyristas de Vespucio fallam de uma outra viagem hespanhola. Uns, os carolas pelo heróe, precedem-n'a de dous annos á expedição Hojeda; outros, os formalistas e conciliadores, suppoem-n'o companheiro de Pinzon, que acreditam batendo ao sul da linha, no cabo de Santo Agostinho. Humboldt, que tem pouca quéda para as viagens de 1501 e 1503, por conta de Portugal, é que arranjou esta especiosa combinação

O immortal autor do Exame Critico diz:—« Parece-me muito provavel que a primeira viagem foi feita com Hojeda, a segunda com Pinzon e a quarta com Gonçalo Coelho. Com quem fez a terceira? »

De Avezac, outro eclectico, affirma a primeira viagem no meio dos companheiros subalternos de Hojeda, em 1499, que, partindo da Europa no mez de maio, abordava a Surinam, seguia a costa para oeste até além do Cabo da Vela e chegava a S. Domingos no principio de setembro; que voltou á Hespanha com Bartholomeu Roldão, em 15 de outubro e tornou com Lepe, com quem foi ao cabo de Santo Agostinho, estando de volta em Sevilha em 1500.

Outras e muitas combinações baralhadas, que se têm feito, das pretensas viagens do florentino, dariam farta refeição a um trabalho monografico.

Fiquemo-nos na expedição Hojeda de 1499, que se acha autenticada, e prosigamos no que mais se sabe de Vespucio, com caracter seguro de verdade.

* * *

Em 1829, posteriormente aos valentes panegyricos dos padres Bandini e Canovai, publicavam Muñoz e Navarrete,

os verdadeiros portadores da luz em questões geograficas, valiosos documentos sobre Vespucio, achados nos archivos de Simancas e de Sevilha.

Foi quando se soube das apontadas relações com a casa Berardi e que o florentino se manteve nessa posição commercial até a partida com Hojeda, em 1499; que se naturalisou cidadão hespanhol, por carta patente de 24 de abril de 1505; que ainda commerciava de armador em 1506 e 1507; que foi nomeado contramestre da náo Medina (Navarrete, Collecção etc.— t. III, collecção diplomatica), para uma viagem que não chegou a fazer-se; que foi nomeado piloto-mór, por decreto de 22 de março de 1508.

Na notavel posição de piloto-mór, passou o nosso homem os quatro ultimos annos da vida, que findou em 1512.

Isto é essencialmente o que se considera apurado com documentos de boa origem.

Mencionemos como nota poderosa para julgar o *mercader* da expedição Hojeda, parceiro dos odios e instrumento dos inimigos de Colombo, que este, pouco antes de morrer, e do seu gabinete de Sevilha, onde tinha pendurados os grilhões com que Francisco de Bobadilla o mandára acorrentado para Hespanha, ajudava a matar a fome por quatro annos ao homem que, um anno depois da sua morte, lhe roubava a mais legitima sagração da sua gloria incomparavel.

Em fevereiro de 1505, Vespucio vinha de Sevilha a Madrid pela mão protectora do glorioso martyr, que o confiava compadecido ao valimento do filho; em 24 de abril desse mesmo anno renegava a sua patria para matar a fome, n'um emprego publico que o nativismo hespanhol não dava a estrangeiros desconhecidos, e, ainda assim, roia as unhas do pretendente por tres annos, de 24 de abril de 1505 a 22 de março de 1508, em que obteve collocação.

CAPITULO VII

VESPUCIO NA LENDA

A lenda de Vespucio.— As cartas; sua autenticidade; o primitivo original; apuração de Varnhagen contraproducente.— Erros de diversos historiadores.— Analyse directa das cartas; erros, anachronismos e contradicções.— Rigorosa apreciação do juizo de Humboldt.

Fez-se do florentino a mais fantastica das lendas. E' tal a sua complexidade, tantas as malhas, os meandros em que ella se desenvolve, que póde ainda hoje considerar-se indestrinçavel nas suas linhas principaes. Apezar da muita luz que lhe projectou Muñoz e Navarrete com a publicação de documentos ignorados durante tres seculos, apezar da poderosa critica de Humboldt e da erudita e antithetica analyse de Santarém, Varnhagen e d'Avezac, ficam ainda incomprovados pontos essenciaes para a completa depuração. Com estas deficiencias fundamentaes, o exame critico destes cinco notaveis historiografos accusa desintelligencias profundas e naturaes e sujeita-se a contestações, ainda valiosas, que provém da grande dose de supposição e de construcção opinativa que todos por sua conta introduziram na questão.

Um ponto unico deste labyrinto nos interessa averiguar — as pretendidas viagens de Vespucio á costa do Novo Mundo que demora ao sul da linha, na região da descoberta de Cabral, ao Brazil emfim, nos annos de 1501 e 1503.

Pomos de parte, como em logar competente fizemos, viagens ao Brazil por conta de Hespanha, que propendem para a inculca de uma prioridade de descoberta.

Falla-se em uma viagem anterior á expedição Hojeda, unica irrefutavel; alguns a suppozeram em 1497, outros antes. Nem essa viagem está comprovada por documentos de valor, nem, que existisse, tinha direcção para o sul da linha.

A consistencia desta primeira viagem achou-a a critica em um poema de Jeronimo Bartholomeu, escriptor do seculo XVI, com o titulo « America », onde Vespucio é levado á corte do rei da Ethiopia, a quem conta as suas viagens nos mares do Norte, donde os viajeiros foram obrigados a voltar pela inclemencia do clima e opposições dos gelos!

* * *

A lenda toda tem como base primitiva umas celebres cartas, attribuidas ao punho de Vespucio, por elle dirigidas a dous outros personagens, pelos annos de 1503 e 1504.

Debalde, porém, procuramos evidenciar a autenticidade destes documentos. Uma infinidade de escriptores as mencionam, as acceitam, as reproduzem total ou parcialmente, as combatem, as confrontam; nem um se dá ao trabalho inicial de averiguar-lhe a legitimidade.

Entretanto, em nota final á traducção portugueza de uma dessas cartas, que se suppõe dirigida a Lorenzo di Pier Francesco dei Medici, em 1503, diz Varnhagen, o grande panegyrista moderno de Vespucio [1]:

« A carta acima, dirigida para Pariz, onde se achava Lorenzo di Pier Francesco, *nunca foi publicada no original italiano*.»

« Quanto ás outras cartas, diz a mesma nota, attribuidas a Vespucci, e que, como taes, foram publicadas por Bandini, Bartholozzi e Baldelli, e a que deu tanto credito

[1] R. do Instituto Historico, tomo XLI, P. 1ª, pag. 31, in-fide Varnhagen.

Alexandre de Humboldt, é sabido como, graças a um exame paleografico dos *MSS*, em uma visita de proposito para esse fim feita por nós a Florença, foram reconhecidas como falsificadas, e resultado apenas da especulação de um miseravel, que, pelos fins do decimo sexto seculo, abusaria da boa fé do seu collector Pier Noglienti, vendendo-lh'as como originaes.»

Não espanta, se ainda em 1870 Wrin-Lucas confessa perante o tribunal do Sena, como vimos em outra parte, que tinha forjado cartas de Gallileu e de Vespucio — « por que lh'as pediam e suppunha não fazer com isso mal a ninguem; não queria senão recorrer a uma fórma picante para refinar o gosto das discussões litterarias e historicas ».

Podiamos explorar proveitosamente este veio fecundo e atacar a lenda nas suas nascentes; teriamos todo o direito de pedir a Florença documentos originaes, autenticos, e esperar por elles para darmos curso a qualquer construcção feita sobre as famigeradas cartas. Suppõe-se escritas de Hespanha e Portugal a Lorenzo Medicis, residindo em Pariz, a Soderini gonfaloneiro, primeira autoridade de Florença, e, segundo muitos, tambem a Renato, duque de Lorena.

Ninguem acredita que os originaes destas cartas preciosissimas, revelando cousas tão extraordinarias e sensacionaes, se perdessem dos archivos de tres homens de tal gerarchia! E logo de todos!

A pouca profundidade da analyse que se tem feito a estes documentos primarios verifica-se, ainda nos mais doutos, por asseverações estravagantes. Cantu [1] relata, de accordo com muitos seus predecessores, que Vespucio escreveu a Renato, duque de Lorena; o emerito traductor, de Cantu, Sr. Antonio Ennes, juntou-lhe, por sua conta, a noticia de que frei Giovanni Giocondo, amigo de Vespucio, fora o vulgarisador, traduzindo uma das cartas em latim e

[1] Cantu — Historia Universal, edição franceza de Eugène Aroux e Leopardi, 1847, tomo 23, pag. 108.

levando a traducção a Pariz aonde se relacionou com Ringmann, um alsaciano, e a quem transmittiu a grande nova ; que este, sendo revisor da imprensa do gymnasio de S. Deodato, nos Vosgos, metera na obra — *Cosmographiæ introductio*, de sua conta, uma descripção latina das quatro viagens de Vespucio, e o celebre periodo: « E a quarta parte do mundo, tendo sido descoberta por Americo, póde bem ser chamada *Amerigen*, que é o mesmo que dizer a terra de Americo ou America [1].

O Visconde de Santarem esterilisa paginas de grande erudição, para apanhar Vespucio em contradicções, no referente a cartas suas ao duque Renato. Que as cartas ou carta não podiam ser dirigidas a Renato 1º, que morreu em 1480; que tão pouco este ou Renato 2º podiam ter sido condiscipulos de Vespucio, como elle inculca na dedicatoria da carta de 4 de setembro de 1504.

Ha manifesta confusão.

O traductor das cartas de Vespucio, publicadas em S. Deodato, foi o conego Jean Basin de Sandecourt ; elle o autor do notavel periodo que ligou o nome de Vespucio ao continente novamente achado ; elle o autor da dedicatoria da carta a Renato.

Os frades de S. Deodato tinham pelo seu duque patricio grande consideração; elle certamente os protegia, como tambem se sabe que protegia as boas lettras, especialmente as idéas dominantes sobre navegações.

No prefacio da edição de Ptolomeu, de 1513, feita por Johannes Scottus, lê-se que — a celebre carta marinha traçada por Colombo, chamada mesmo *carta do almirante*, fôra publicada a expensas deste duque Renato, que não podia ser senão o segundo, unico que vivia por este tempo.

A carta de Vespucio em questão, datada de 4 de setembro de 1504, é escrita a Thomaz Soderini, gonfaloneiro

[1] Cantu — Historia Universal, edição portugueza, reformada, accrescentada e ampliada — tomo 12, pag. 174.

de Florença; como podia ser dedicada a terceira pessoa por quem a escreveu?

Dedicou-a quem a publicou, quem a imprimiu, os frades do gymnasio dos Vosgos.

Encontra-se, é certo, no corpo da carta, um periodo em que Vespucio declara que a pessoa a quem escreve fôra seu amigo, companheiro de infancia e condiscipulo na escóla de seu tio Jorge Antonio Vespucio: — « ubi recordabitur quod olim mutuam habuerimus amititiam tempora juventutis nostræ, cum grammaticæ rudimenta imbibentes sub probata vita, et doctrina venerabilis Fratris de S. Marco, Frat. George Antonii Vespucii, avunculi mei militaremus, etc.».

Refere-se a Soderini, o destinatario; nunca a Renato, que os editores e não Vespucio immiscuem na carta. E, de facto, Bandini, entre os discipulos deste professor de grammatica florentino, nomeia, na fé do antiquario Juliano Ricci, Pedro Misser, Thomaz Soderini e Vespucio.

O erro de Cantú, do seu traductor portuguez e do Visconde de Santarém, na parte em que attribuem a Vespucio communicações com o duque Renato, é manifesto.

Quanto á parte da propaganda attribuida a Ringmann, é extravagante.

Giovanni Giocondo traduziu, de facto, em latim, uma das cartas de Vespucio; não foi della, mas d'uma traducção em francez, que se tirou a edição dos Vosgos, cuja traducção latina é devida a Sandecourt.

Ringmann não era revisor, mas distincto cosmografo; não era alsaciano; com o pseudonymo *Philesius,* traduziu o *Ptolomeu* de 1513. Ha confusão com Hylacomylus, o editor da celebre « Cosmographiæ Introductio » de 1507, pseudonymo, ou, segundo o curioso anagramma de d'Avezac, transformação do legitimo nome Waltzemüller (moinho de lago silvestre).

Como se arranjaram as celebres cartas de Vespucio, como ellas foram parar á Lorena, ainda hoje o ignoramos e quem sabe se assim ficaremos.

Sabe Deus a parte que em todo este arranjo teve Vespucio e se elle não passará d'um testa de ferro ou de cabeça de turco sobre que se apoiou a furia dos inimigos de Colombo, ou até mesmo a exploração mercantil da época.

* * *

Mas, demos por authenticas e como effectivamente do punho de Vespucio, todas essas cartas a Soderini e a Lorenzo Medicis e todas as mais que quizerem attribuir-lhe.

Vejamos se dellas, com todas as astucias e concessões, se póde inferir que Vespucio andasse a reconhecer o Brazil, por conta de Portugal, em 1501 e 1503.

Analysemos e caracterisemos o sufficiente, para concluir peremptoriamente.

Conta Vespucio essas duas suppostas viagens, na carta a Soderini, datada de Lisboa, aos 4 de setembro de 1504, e dá uma outra descripção da primeira, em outra carta ao Medicis. Estas duas cartas, boas ou más, legitimas ou spurias, autenticas ou falsificadas, concordantes ou discordantes com as originaes, acham-se em portuguez, publicadas no tomo II da Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e por Varnhagen ou Visconde do Porto Seguro, no tomo XLI, parte 1ª, da Revista do Instituto do Rio de Janeiro. A essas fontes nos reportamos.

Diz Vespucio que estava em Sevilha, descansando das duas viagens anteriores, mas com desejo de *tornar de novo á terra das perolas*, quando lhe chegou um correio pelo qual D. Manuel, *por uma carta*, o convidava a ir fallar-lhe a Lisboa, *promettendo fazer-lhe muita mercê*. Respondeu que se achava doente e iria quando estivesse bom.

D. Manuel, que ardia em desejos de o conquistar, embaixou-lhe de novo e expressamente um tal Julião Bartholomeu del Giocondo — « com ordem de me levar comsigo por todos os modos ». Não poude, desta vez, resistir a tanta

insistencia, apezar do conselho em contrario dos amigos, que o censuravam por deixar Castella, onde lhe faziam honra e onde el-rei — « me tinha em boa reputação ».

Apresentou-se a D. Manuel, e este — « rogou-me que fosse com tres navios seus, que estavam apparelhados, a *descobrir terras novas;* e, porque os *rogos* de um rei equivalem a ordens, tive de consentir em quanto me mandava e assim desaferrámos deste porto de Lisboa, aos 10 de maio de 1501 ».

Quem conhece a época, o rei e o homem em questão, dará a este preambulo o seu exacto valor. Dado que em Lisboa houvesse falta de homens espertos para o mar e fosse preciso ir mendigal-os, *rogal-os* em Hespanha, não seria Vespucio o desencaminhado. Não ha até aquella data (1501) um documento ou noticia dos seus conhecimentos especialistas; se fez uma viagem ao Novo Mundo, em companhia de Alonso Hojeda, ia como commerciante, unica profissão em que era e podia ser conhecido.

Se D. Manuel realmente estava assim tão descalço, procuraria em Hespanha homens reconhecidamente praticos como Cosa, Solis e outros.

Estas duas embaixadas de D. Manuel ao florentino, com a carta que o Visconde de Santarém diz ser *patente*, e o traductor da *Collecção de Noticias* diz ser *uma* e *mais*, não deixaram o minimo vestigio nos registros de Portugal. Muñoz e o Visconde de Santarém viram e remexeram todos os logares; outros e muitos têm feito pesquizas; absoluto silencio em toda a parte. Este precioso facto tinha-se decerto perdido, se não fôra a carta de Vespucio.

Eis um trecho realmente persuasivo da carta que Santarém escreveu a Navarrete, em resposta ao pedido que este lhe fez de informações de Lisboa; acha-se na conhecida e tantas vezes citada obra de Navarrete e nas — « Recherches historiques de Santarém »:

« Nem nas chancellarias originaes do rei D. Manuel, desde 1495 até 1503 inclusive, nem nos 82.902 (!) documentos

do Corpo Chronologico, nem nos 6.095 das gavetas, nem nos numerosos pacotes de cartas dos reis, principes e outros personagens, depositados nos archivos reaes, não achei, fosse a que titulo fosse, citado o nome de Vespucio, nem os de Julião ou Bartholomeu del Giocondo.»

«Tão pouco encontrei o mesmo nome na preciosa collecção de manuscriptos da Bibliotheca real de Pariz, nem mesmo no manuscripto n. 10.023, intitulado «Jornal das viagens dos portuguezes», desde o anno de 1497 até o de 1632.»

Nas «Notas addicionaes» com que completou o seu opusculo, Santarém declara que este silencio a respeito de Vespucio se estende por mais de *cem mil* documentos, que andam nas collecções que foram consultadas com rigor.

Liga grande importancia á affirmação de Vespucio, que se encontra na —*Africa*, de Leão o africano, traduzida por João Temporal, tomo 2º, pag. 477, de que recebera de D. Manuel uma *carta patente*. Esta então tinha, por lei expressa e como o seu nome diz, de ser registrada na chancellaria do reino. Ora, essa collecção está completa, não accusa falta, interrupção ou destruição de especie alguma; e lá se não acham as cartas a Vespucio.

Isto é peremptorio e indestructivel. Se Vespucio foi convidado por D. Manuel para viajar por conta de Portugal, coisa que apenas se soube pelo convidado, foi positivamente debaixo de segredo de Estado, e ainda com a expressa condição de se queimarem todos os vestigios possiveis. E desta intenção real e official fizeram-se cumplices todos os escriptores contemporaneos de Portugal, os officiaes e os particulares, o que é maravilhoso, mas ainda os escriptores hespanhóes, o que cheira a milagre!

Com que fim praticava Portugal em peso uma tão feia injustiça, uma tão negra ingratidão, a um homem, que, segundo é só elle a dizer, tinha meritos tão elevados e os pozera tão vantajosamente ao seu serviço? Com medo de indispôr contra si Hespanha, pelo mal que lhe fazia roubando-lhe e servindo-se de semelhante joia? Sabe-se que o

facto era commum na época; os pilotos principaes punham facilmente de parte o preconceito patriotico, para servir quem melhor lhes pagava. João Solis dizem que era portuguez e servia a Hespanha; João da Nova era gallego e serviu, aliaz distinctamente, a Portugal.

E esta viagem de João da Nova, de 1501, do mesmo anno em que Vespucio se inculca ao serviço de D. Manuel, encontra-se mencionada nos registros officiaes, relatada com todo o merecido louvor por todos os historiadores do tempo, sem esquecer-se a designação da nacionalidade de Nova.

Mais. Consta e publica-se que ia um navio do florentino Bartholomeu Marchioni, a quem se fazem lisongeiras referencias; menciona-se Fernando Vinet, outro florentino, que ia por commandante do barco do seu patricio. E de Vespucio e da sua viagem nem uma palavra!

Seria este calculado silencio de Portugal motivado pelo desejo de o não indispor com Hespanha de cujo serviço se tirára e ao qual poderia querer voltar? Contraproduz, porque o interessado era só Vespucio e foi elle que se encarregou de dar curso e publicidade á coisa.

E Hespanha? Desaparece-lhe um homem de tanta importancia, como Vespucio se inculca, ao ponto de vir a ser mais considerado na historia do que o proprio Colombo, a quem se rouba a mais sagrada recompensa para a dar ao florentino, e a côrte, pelo menos o rei Fernando, e os escriptores e o povo, não gritam de lá — estamos roubados?!

Mais ainda. Vespucio faz as suas duas famigeradas viagens ao Brazil, 1501 e 1503; descobre toda a costa, funda fortalezas, faz observações astronomicas notabilissimas, ao ponto de medir diametros e orbitas de estrellas [1]; levanta cartas e faz roteiros; visita todas as nações ribeirinhas,

[1] Esta affirmativa suggere, só por si, profunda suspeita de que as cartas em questão soffreram arranjos posteriores e foram trabalhadas por quem viajava como hospede pela provincia astronomica.

Em principios do seculo XVI não se mediam orbitas nem diametros de estrellas.

descrevendo-lhes os usos e costumes. Volta da segunda, em 18 de julho de 1504, e fica por Lisboa até setembro em que escreve a Soderini. Pois em 1505, já o encontramos em Sevilha, remando em secco, na lucta pela vida, desenhando cartas geograficas por magra retribuição, que não lhe chega para viver decentemente, visto que, em 5 de fevereiro desse anno, já está de levante para Madrid, com uma carta de protecção de Colombo, em procura de occupação!

Como explicar tudo isto? Presta a Portugal e ao rei, que o solicitou com tanto empenho e interesse, trabalhos de tanta monta, ensinando por lá todos aquelles ignorantões, e volve, mezes depois, a Hespanha, sem levar, nem honra que o alevante da sua posição de mercenario commercial, nem proveito que o dispense de ir mourejar num officio, de humilhar-se a acceitar a protecção d'um homem a quem se julgava superior, ao ponto de se lhe collocar na frente como descobridor do novo continente ao qual ligou o seu nome?!

Nem honra nem proveito, nem fama, porque esta continúa nos dous paizes, theatros das suas façanhas, a não passar além do seu proprio elogio feito nas cartas aos seus dous patricios?!

E nas suas cartas e no resto da vida, vendo-se assim tão maltratado, tão desprezado, tão ultrajado pelo rei que o solicitou e pelo povo que tão altamente serviu, como não solta um queixume contra essa injustiça?

Quando esse grito não fosse requerido pela natureza vaidosa que as suas cartas lhe definem, pedia-o, ao menos, a dignidade mais trivial; era preciso que não deixasse ao mundo e á posteridade a que elle queria pertencer, motivo de suspeita de que razões de pouco liso comportamento em Portugal justificavam este procedimento para com o seu emerito servidor.

* * *

Chamamos a attenção do leitor para o exame reflectido do computo do tempo com as occurrencias que nelle se

desenvolvem. Vespucio sae, como diz, ou antes mais ou menos como diz, porque elle no fim de contas diz e desdiz, e nós não temos mais ninguem para quem appellar; sae de Lisboa para. . . o Novo Mundo suppunhamos, em maio de 1501, no dia 10, segundo uma carta, 14, segundo outra. Volta desta primeira viagem, no dia 7 de setembro de 1502.

Torna a sahir para. . . o Novo Mundo, segunda viagem, ainda no dia 10 de maio de 1503, e volta em 18 de julho de 1504.

Está ainda em Lisboa, no dia 4 de setembro deste anno, data da sua carta a Soderini.

Está em Sevilha, desenhando cartas por tarefa, até 5 de fevereiro de 1505, em que vem para Madrid com a carta de Colombo! E' o que se chama uma vida atrapalhada demais.

Um homem que tanto presume de si, que tem a confiança de dous reis, de duas côrtes e de dous paizes a quem serve alternadamente, precisa de viver d'uma arte; não tem ainda assim freguezes que o sustentem, dando-lhe trabalho; exerce-a no maximo cinco mezes e precisa da protecção particular para achar emprego publico?!

Trapalhada!

* * *

E' Vespucio, como só elle diz e ninguem dos seus coevos reconhece, um cosmografo de grande merito, um pratico de navegação, principalmente para o Novo Mundo, tão notavel e tão especialista e tão necessario, que D. Manuel não teria reconhecido a costa do Brazil, se não consegue fazel-o vir de Hespanha. Afinal, porque os rogos do rei são ordens, dignou-se acceder aos rogos e foi em duas armadas reaes. E vae, e segue em posição subalterna, sem o commando dessas duas armadas?!

E' elle que o diz, porque, repetimos, inutilmente se procuram outras informações em mais de cem mil documentos do tempo. Da primeira viagem, a terceira na ordem das

quatro que se attribue, confessa-o, entre outras, na seguinte frase: « Em consequencia disto, dous dos nossos se animaram a pedir licença ao capitão etc. [1] »; « e tanto instaram até que o capitão o houve por bem [2] ».

Da segunda, confessa-o em muitos logares: « e como o *capitão-mór* era homem presumpçoso e obstinado, quiz reconhecer a Serra Leoa, etc. [3] »; « porque saberá V. M. que, por máo conselho e ordem do *nosso capitão-mór*, se perdeu aqui a capitania etc. [4] ».

E sujeitou-se, com tamanha prosapia como pavonêa, como nenhum dos coevos lhe reconhece e como os panegyristas futuros lhe inculcam e admiram, a ser sempre uma figura secundaria em todas as suas viagens?! E' mercador com Hojeda, marinheiro assalariado por Portugal em 1501 e 1503!

Logo não descobriu cousa alguma. Como se arroga a prioridade da descoberta do Brazil, antes de Cabral, quer viesse com Hojeda, quer tambem com Pinzon, quer ainda com Lepe?

Se houvesse tal prioridade seria de Hojeda, de Pinzon, de Lepe.

Como se arroga o descobridor da costa do Brazil desde o cabo de Santo Agostinho, até... a ilha do Fogo, porque chegaram a inculcal-o lá?!

Seriam os capitães-móres dessas armadas e nunca elle.

Porventura alguem se lembrou já de dizer que Nicolau Coelho ou Pero de Alemquer acharam e descobriram o caminho da India?!

Sempre trapalhada!

* * *

[1] Logar citado. Revista do Instituto Historico, *in fide* Varnhagen, tomo XLI, parte 1ª, pag. 9.
[2] Idem, ibidem.
[3] Idem, pag. 14.
[4] Idem, pag. 15.

Circumstancias de muito valor, convergente para a construcção do juizo definitivo, se encontram nas duas cartas em questão.

Vespucio, fallando da viagem de 1501, diz que D. Manuel o mandava com tres náos, a *descobrir terras novas* [1]. Logo a armada não era para reconhecer a terra tocada por Cabral; era então uma nova aventura, a esmo, emprehendida pelo rei venturoso, contra o formal testamento de seu primo, o Principe Perfeito, contra o seu plano concertado e rigorosamente seguido e contra os recursos da occasião que positivamente eram escassos, como a expedição de João da Nova materialmente o attesta. Isto na carta a Soderini.

Na que escreveu a Lorenzo dei Medici, que deve ser anterior, diz que partiram *em busca das novas terras austraes* [2]. Quando o devemos acreditar? Aqui, em que revela o pensamento real de mandar *reconhecer* as terras vistas por Cabral, ou além, onde inculca uma derrota para o desconhecido? E, sendo esta revelação posterior á outra, não significa este afastamento do que se afigura mais provavel, uma premeditação para se dar por descobridor e não por simples reconhecedor?

E, sendo esta segunda a verdadeira hypothese, sendo enviado ao reconhecimento das terras achadas por Cabral, porque o não diz Vespucio clara e explicitamente, referindo o facto e o grande capitão que o realisou?

Suggestione-se bem o leitor, para não acceitar levemente a desculpa de Humboldt, defendendo a innocencia de Vespucio na grande afronta que se fez á justiça e roubo da gloria de Colombo. Que tambem, e é indispensavel registral-o, foi essa a unica nota favoravel que o florentino obteve da munificencia magestatica de Humboldt [3]. Muito generosa, mas

[1] Logar citado, pag. 7.

[2] Idem, pag. 21.

[3] Cosmos, tomo II, nota 17, pag. 581.

muito descosida é a defesa do grande, do maior viajante do nosso seculo, como já vamos ver.

* * *

Não falla de facto, nem em Colombo, no referente ás viagens que deviam servir de razão ao roubo que ao grande genio se fez, nem de Cabral, em que pretendia, mas não conseguiu, fazer roubo identico. Não cita os nomes dos capitães sob cujas ordens serviu; não cita um unico nome dos seus companheiros de viagem.

Orgulho, que tão alto se colloca, a ponto de não ver ninguem? Calculo? Principalmente calculo e duplo calculo. A citação de nomes era perigosa para o futuro e para averiguações.

Se citasse nomes, seria muito mais facil a contestação; cada um seria uma testemunha e uma autoridade a desmentil-o.

Figuremos um caso analogo. Ha poucos mezes emprehendi eu uma viagem aos Estados do Norte até o Amazonas. Estive e saltei no Espirito Santo e na Bahia, com grandes desejos de ir ao logar onde aproou Cabral; queria pisar e percorrer, com a carta de Caminha na mão, um evangelho, aquelles mesmos logares, e encher a alma de fortes commoções, pela recordação de um dos mais bellos momentos historicos de Portugal. Queria procurar naquella areia, e medil-o e precisal-o, aquelle circo em que o ex-almoxarife de Sacavem, com um gaiteiro a latere, *se metteu com os indios a dançar, tomando-os pelas mãos*, com o que elles *folgavam e riam*, até pôr no chão as mãos e dar cabriolas e o salto real, *de que se elles espantavam e riam e folgavam muito*.

Não consegui o desejo. Mas, se um fim qualquer me pedisse hoje a inculca e persuasão ao publico e á posteridade de que estive lá e vi tudo, era-me indispensavel cautella não relatar pessoa viva, nem facto, nem circumstancia que

conspirasse contra a trapaça. Fica pelo parallelo prevenido o leitor de que eu hei de concluir de modo semelhante contra Vespucio.

Duplo calculo, porque a citação de nomes, com a designação da sua qualidade e da sua obra, que ou se diziam ou se lembravam naturalmente, era dividir a attenção dos leitores, afastados do logar dos acontecimentos e dividir consequentemente a gloria que toda se sonhava e se preparava para si proprio.

* * *

Que esse deslumbramento lhe fervia na mente, dil-o Vespucio ao Medicis: «quando tenha tempo, me dedicar a *colligir* (termo suggestivo!) todas estas singularidades e maravilhas, escrevendo, geografica ou cosmograficamente, um livro, *para que a minha memoria passe á posteridade etc.* [1]». *Colligia* para a grande obra que lhe havia de abrir os umbraes da immortalidade; é, pensamos, uma confissão instinctiva, expontanea, da sua arte mais proveitosa; *colligia*, tomava apontamentos, notas, noticias do que outros faziam e descobriam e andavam e percorriam, para, dando-lhes a sua autoria, conseguir a sua ambição.

E, consoante, a todos ia passando diplomas de ignorancia e de incapacidade, a si o de grande mestre e unica causa efficiente, guardada sempre a tal reserva de nomes, em remoção dos *trucs* que uma indiscrição podia trazer. Fartas coarctadas provam este asserto:

«. . . em parte por ignorancia dos logares e do capitão [2].»

« Andariamos vagos e errantes, a não nos valermos dos nossos instrumentos de tomar altura — o quadrante e astrolabio — bem conhecidos. E assim, desde então, todos nos

[1] Logar citado, pag. 30.

[2] Idem. pag. 22.

fizeram muita honra, e lhes provei que, sem conhecimento da carta de navegar, não ha disciplina que valha para a navegação [1] ».

* * *

Emfim, Vespucio, com as suas inculcas e autobiografias retumbantes, consegue ir crescendo ao longe, pela Lorena, pela Italia, ao ponto de se tornar o grande, o incomparavel homem do seculo da navegação e das descobertas, offuscando e preterindo Colombo, Gama, Cabral e tuti quanti. E, nas terras da sua residencia, nos grandes theatros das suas façanhas, em Hespanha e Portugal, aonde batera de chofre o sol da sua esclarecida e arrojada intelligencia, o commissario sevilhano viaja incognito e ignorado! Como é certo o proverbio — *ninguem é profeta na sua terra*; convenientemente applicado a Vespucio, que era florentino.

E não seria Vespucio uma das figuras que suggestionou Cervantes?

Mas ainda peior do que isso. Quando chega, de torna viagem, a Hespanha a noticia da aleivosa reputação e do roubo a Colombo, ouve-se por toda a parte um brado de indignação repulsiva.

Não seria empreza facil e era com certeza prolixa de mais, fazer aqui uma resenha em que se citassem auctores e se transcrevessem exaradas opiniões que conspiram contra as mentiras e usurpações de Vespucio. A obra citada do Visconde de Santarém satisfaz a esse respeito.

Podemos resumidamente affirmar que, excluindo o gymnasio dos Vosgos, onde pela primeira vez se construiu a lenda, na Cosmographiæ Introductio, em 1507, no anno seguinte á morte de Colombo, até nossos dias, passando-se mesmo pelo brilhante periodo critico preparado por Muñoz e Navarrete e tão doutamente estabelecido pela incomparavel architectura de Humboldt; pondo de parte os apaixonados

[1] Logar citado, pag. 23.

panegyristas Bandini e Canovai e o nosso douto, mas excentrico Varnhagen, Vespucio encontrou por toda a parte uma repulsa merecida.

Mesmo, e muito naturalmente, de Humboldt.

E' preciso mostral-o, porque frequentemente se encontra opinião contraria, sofismando-se uma generosidade, muito particular.

Humboldt insistentemente externa o seu juizo desfavoravel por Vespucio, pondo em evidencia o erro de suas affirmações e a impossibilidade de as conciliar.

« Se é verdade que Vespucio viu, como elle assegura no que *chama* a sua terceira viagem (de maio de 1501 a setembro de 1502) a constellação da Ursa Maior no horisonte, elle chegou ás costas orientaes da America quasi pelo parallelo 26 e não 32, como elle affirma [1]. »

E' muito notavel que Varnhagen, mais realista do que o rei, com o fim de harmonisar o seu Vespucio, põe nesta passagem uma nota, dizendo :

« Devia haver escrito 37°. Refere-se á margem do Rio da Prata [2]. » Aggrava-lhe apenas o erro e a contradicção notada por Humboldt.

A' pag. 275 da sua mesma obra, diz o grande sabio: « Não achei nas cartas de Vespucio a conjuncção de Marte e da Lua que devia ter observado em 1499 [3]. »

Ainda á pag. 3 do tomo II, diz Humboldt — « Algumas duvidas que se podem levantar sobre Vespucio e a serie *tão problematica* das suas navegações, etc. ».

E logo: « As datas problematicas das primeiras cartas de Americo Vespucio, etc. ».

« Americo, litterariamente mais instruido, mas tambem *menos veridico* que os outros. »

[1] Exame critico, pag. 57.

[2] Logar citado, pag. 11.

[3] Esta observação, que teve logar em 23 de agosto de 1499, menciona-a Vespucio na relação da viagem posterior á de Hojeda, quando só a esta pertence. E' uma das provas de incongruencia.

« Os detalhes em que entra a este respeito fazem com que pouco se lamente a perda das medidas que tomou [1]. »

E por toda a parte, na sua linguagem singela, commedida, sempre a transparecer a idêa geral do verdadeiro julgamento do florentino.

Numa parte o defende, por generosidade; no que entende com seu caracter moral, não acompanhando a opinião dos que lhe emprestam o proposito de usurpar a gloria de Colombo, na descoberta do Novo Continente.

Concordamos em aceitar a defesa de Humboldt no que ella revela de grande e de cavalheiroso para o caracter do defensor; não pela logica e pela verdade, em beneficio do defendido.

A nomeação de piloto-mór foi feita em 1508; foi-o pelo rei viuvo, porque Izabel morreu em 1503; foi-o dois annos depois da morte de Colombo; foi-o depois de tres annos de pretendente.

Não é grande prova da alta estima que Humboldt acredita que a côrte tinha por elle e pelos seus descobrimentos. Fernando Catholico devia serviços a Vespucio e a affirmação de Canovai de que os dous reis esposos não esposavam a mesma opinião quanto a Colombo, até chegar á inculca de que este era o marinheiro de Izabel e Vespucio o de Fernando, por mais extravagante que pareça, tem um fundo de verdade.

A esta luz, a supposição de Humboldt não fica depondo a favor de Vespucio.

Quanto ás expressões de Colombo, externadas ao filho, na carta de protecção que deu em mão a Vespucio, depõem ellas em honra do nobre caracter de quem a escreveu e pouco favorecem o protegido que é pintado com as cores da desgraça. Fraco elogio que não põe o elogiado acima do lodo dos desgraçados.

* * *

[1] Cosmos, tomo 2º, pag. 348.

Affirma Vespucio, nas duas cartas e referindo-se á primeira viagem portugueza de 1501, que, sahindo de Lisboa, aportaram na costa da Africa a um porto chamado *Beziguiche*, onde estiveram onze dias.

Num celebre documento publicado desde o seculo XVI, e que se inculca como sendo um Roteiro da viagem de Pedro Alvares Cabral, feito por um piloto della, encontra-se um trecho, concordante com aquelle dizer de Vespucio e que constitue até hoje a unica prova indirecta da existencia da armada de 1501.

Diz em perfeita concordancia: «abordámos na primeira terra junto com Cabo Verde que se chama Bezenegue aonde achamos tres navios que el-rei de Portugal mandára a descobrir a terra nova que nós tinhamos achado quando iamos para Calicut».

Ora este periodo não serviria a autenticar Vespucio, porque em 1502 ou 1503 elle já podia ter conhecimento desta passagem do Roteiro e aproprial-a. Este periodo interessa essencialmente á existencia da viagem official de 1501 que insistimos em ter por indemonstrada, porque temos por falso este documento, como vamos mostrar.

CAPITULO VIII

UM DOCUMENTO FALSO

Diversas edições do Roteiro; Grineu Ramusio, Academia.— Ignorancia do original; escriptores nacionaes; selecção necessaria.— Cotejo dos chronistas com os copistas.— Demonstração da ineverosimilhança; Grineu e Cadamosto.— Outro argumento valioso.— Ingenuidade da Academia.

O supposto Roteiro publicou-se, pela primeira vez, em latim, na collecção de Simão Grineu, Pariz, 1532; em 1550, appareceu, em italiano, na collecção de Ramusio; em 1818, a Academia Real das Sciencias de Lisboa traduziu-o de Ramusio e publicou-o em portuguez, no tomo III, n. III da Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, pag. 137. Tem ahi a epigrafe — « Navegação de Pedro Alvares Cabral; descripção do piloto, traduzida de Ramusio ».

Grineu e Ramusio affirmam que traduziram do original; logo, esse original, em portuguez, existia ainda, em logar publico, ao alcance de editores, em 1550. Naturalmente, em Portugal, sua patria nativa; naturalmente, no registro publico em que D. Manuel tivera sempre grande cuidado, ao ponto de ir em pessoa assistir aos trabalhos dessa repartição.

D. Manuel, além disso, auxiliou officialmente os impressores, fazendo-lhes amplas concessões por alvará de 1508. Por este tempo, esteve em Portugal o celebre editor Valentim

16

Fernandes, á cata de manuscriptos que pagava por bom preço. Publicou muitos codices, roteiros e documentos e não poz os olhos sobre o precioso papel ? ! E' indispensavel que o leitor se suggestione pela natureza da época ; todo o manuscripto que fallasse de navegações portuguezas era pesado a ouro.

E' claro que a Navegação de Cabral tinha valor superior a todas ou á maior parte das cousas que publicou Valentim ; era duplamente interessante, pela India e pelo Brazil, e deste ultimo com originalidade.

Debalde percorremos, um por um, todos os escriptores portuguezes, de mais e de menos autoridade, pedindo-lhes uma informação, directa ou indirecta, sobre o precioso codice ; não fallam nelle.

Então Grineu e Ramusio, dois editores estrangeiros, ou quem para elles colleccionou em Lisboa, tinham mais recursos, melhores olhos ou faro, mais interesse do que Valentim, do que os escriptores nacionaes ?

Principalmente Barros e Góes. São chronistas officiaes ; ambos conservadores da Torre do Tombo ; têm á sua disposição todos os archivos.

Ambos relatam a viagem de Cabral com minudencia e não se referem ao documento principal, antes discordam essencialmente delle.

E' evidente que Barros teve junto de si noticias documentaes de onde compoz a sua narrativa ; é tambem evidente que esses documentos desappareceram, porque hoje, apezar de muito procurados, ninguem sabe delles.

Mas não parece menos evidente que o documento, tal como elle serviu a Grineu em 1532, a Ramusio em 1550, não era do numero, não foi visto por nenhum dos escriptores portuguezes da época.

As discordancias essenciaes, historicas e geograficas, que existem entre as narrativas destes escriptores e o documento, devem todas recahir sobre o julgamento da autenticidade deste.

Não cabe a argumentação pela discordancia entre estes escriptores. Temos, antes de tudo, de fazer uma selecção entre elles. Barros, Castanheda e Damião de Góes são do mesmo grupo.

As suas discordancias são, por assim o dizermos, de equação pessoal; percebe-se, no fim de contas, que constituem uma mesma narrativa, ou porque um a compoz e os outros dois a reproduziram, ou porque todos se informaram nas mesmas fontes e com identico criterio. Elles, por todas as boas razões, formam a opinião mais segura.

Os outros são escriptores, como Gaspar Corrêa e Antonio Galvão, que se informavam nas versões populares, quando não descreviam a sua propria observação. Foram soldados da conquista; têm decisiva importancia, quando relatam o qué viram, aquillo de que foram parte integrante.

Para a viagem de Cabral, as suas informações são de somenos valia. Gaspar Corrêa tinha cinco annos, quando Cabral descobriu o Brazil; com 17 ou talvez menos, foi para a India e por lá passou a melhor parte da vida. Que valor pode merecer-nos a sua informação sobre coisas brazileiras?

Antonio Galvão ainda peior. Nasceu na India e por lá viveu e militou illustremente até 1540. Veiu a Portugal, para arrastar, com fome e na mais lamentavel miseria, os seus ultimos 17 annos de vida, na mansarda de um hospital. Que valem as suas narrativas sobre os factos da primeira época do Brazil?

* * *

Dos tres chronistas principaes, João de Barros, Castanheda e Damião de Góes, podemos tomar o primeiro como modelo e os outros dois como copias ou imitações, sem erro apreciavel. Se nos argumentarem, como fica dito, com as divergencias dos tres, insistimos em que são de pouca valia, e meras equações pessoaes, rematando a justeza do asserto,

pela affirmativa de que essas discordancias não são maiores do que as existentes entre as tres reproducções do papel de Grineu, Ramusio e Academia, ou cópia latina, italiana e portugueza.

Ora, em perfeito pé de egualdade, supponha-se, por concessão, que Grineu, Ramusio e Barros tiveram as mesmas fontes de informações. Grineu noticía em 1532, Ramusio em 1550, Barros, na primeira decada, em 1551.

O limite maximo da primeira concessão é este: o que for commum, concordante nos tres, acceita-se; o que differir não tem autenticidade. Accrescendo que, nessa ultima parte, prevalece Barros, sobre Grineu e Ramusio; porque trabalhou com todos os documentos, e estes apenas conheceram um; porque a sua opinião concorda com seus collegas Castanheda e Góes, autoridades do mesmo peso.

* * *

Entremos, pois, com este seguro criterio, na analyse das descripções. Barros, Castanheda e Góes concordam em que Cabral, depois de dobrar o cabo da Boa Esperança, de volta para Lisboa, tocou em terra, numa das ilhas de Cabo Verde: — « Expedido Sancho de Toar, partiu-se Pedr'alvares para este Reino, e a primeira terra que tocou foi a ilha de Cabo Verde [1] ».

Castanheda e Góes, concordantes.

Grineu e Ramusio, concordantes tambem, affirmam, com o seu papel na mão, que foi no continente, junto de Cabo Verde, no logar chamado Besenegue.

« Giungemmo al capo di Buona Speranza il di di pasqua florita; et di li ne dette buon tempo, colquale attraversassemo et venissemo alla prima terra giunta col Capo Verde ditta Beseneghe [2]. »

[1] Barros — decada 1ª, Livro V, Cap. IX.
[2] Ramusio — ultimo capitulo da cópia.

Grineu e a Academia, concordantes.

Barros, Castanheda e Góes affirmam que alli, na ilha de Cabo Verde, encontrou Cabral a náo de Pero Dias que se lhe tinha extraviado.

Grineu e Ramusio, que Cabral achára alli tres náos que il *nostro Re di Portugalo* mandava a descobrir a terra nova; a armada de 1501, em que se quer affirmar a primeira viagem de Vespucio ao Brazil, por conta de Portugal.

A quem devemos acreditar? que valor póde ter a affirmativa do papel, tão essencialmente discordante de Barros, chronista da mesma época?

Pelo menos é de todo o rigor logico acreditar que, dada a existencia do documento em questão, elle foi mutilado, trocando-se o logar da arribada de Cabral, da ilha para terra firme, e intruduzindo-lhe a noticia do encontro das tres náos, que Barros não deixaria de mencionar, se algum documento o indicasse.

Só ha um meio de destruir esta dialectica: apresentar o documento original, depurado por todas as rigorosas experiencias de autenticidade. Até lá, é esta a logica e a verdade indestructivel.

* * *

Se este documento existiu realmente, como não queremos pôr em duvida, se Grineu e Ramusio ou alguem oor elles o examinaram e traduziram, um em latim, outro em portuguez, começaram infallivelmente por copial-o na lingua primitiva e no archivo onde elle se achava, para dahi e tranquillamente, em sua casa, lhe fazerem a repectiva traducção.

Para onde atiraram depois com essa primeira copia? Como não dizem aonde encontraram e como viram o original?

Pois não era esse o meio indispensavel de darem autenticidade ás suas reproducções?

Não estamos no nosso pleno direito de tomar essa omissão por uma necessidade, da mesma ordem da que obrigou Vespucio a esconder nomes de pessoas e de qualidades ?

E, documento de tal importancia, como o não reproduzem na propria lingua em que o acharam, em *fac-simile* até, com a propria escriptura da época, embora parallelamente lhe publicassem as traducções ?

* * *

A publicação em Grineu, que, de mais a mais, é chronologicamente a primeira, expõe uma feição incomprehensivel e atrapalhada.

Vem o documento debaixo da epigrafe generica — Navigatio Aloysii Cadamusti.

Toda esta navegação é contada pelo proprio navegador Cadamosto. Parece assim inculcar-se que o piloto da armada de Cabral, que escreveu o roteiro em questão, fora Cadamosto! Monstruosidade apenas!

Cadamosto viajou, por conta ou de commandita com o infante Dom Henrique; deixou Portugal na decada de 1460 a 1470, parece que em 1463. Não consta algures que voltasse a Portugal, e, se voltou e foi com Cabral, teria nesse tempo uma mocidade auspiciosa de 68 primaveras ou mais. Dê-se a este varão illustre uma andada de trinta annos mais ou menos pela costa de Africa e ilhas atlanticas, e conclua-se como havia de estar apto aquelle organismo, aos 68 annos, para a vida do mar! Navegador de tal importancia e com tão glorioso passado na epopéa portugueza, commandante em chefe nas expedições do infante, passaria, depois de velho, á posição de piloto, a mais atarefada e obrigatoria occupação de bórdo, em rota trilhada e conhecida, quanto mais em caminho novo e por abrir, como era em parte o que Cabral percorreu ?!

* * *

Por fim um argumento, que temos por indestructivel tambem.

As tres versões, quando fallam nas tres náos da supposta armada de 1501, encontrada por Cabral em Besenegue, dizem assim:

Grineu — « . . . liburnicas tres, quas nuperrime *rex Lusitanis* e o miserat gratia explorandi orbis, etc ».

Ramusio — « . . . tre navili ché *nostro Re di Portogalo* mandava a discoprire la terra nuova, etc ».

A Academia — « . . . tres navios que *el-rei de Portugal* mandou para descobrir a terra nova, etc ».

Um piloto, commandante, empregado portuguez, fosse quem fosse, em 1500 ou pouco depois, a dizer em uma narrativa de viagem, muito naturalmente dirigida ao rei por conta de quem se trabalhava — *O rei de Portugal* ou *o nosso rei de Portugal*, convence á saciedade os que conhecem a época de que estamos em plena fantasia.

A formula sacramental era — *el-rei Nosso Senhor;* isto invariavelmente.

* * *

O traductor de Ramusio, por conta da Academia, foi de uma ingenuidade digna de nota.

Na introducção, encabeçou a sua obra com esta frase: — « faz-se comtudo recommendavel, não só, como já dissemos, por ter sido seu auctor testemunha occular do que relata, mas sobretudo, pelo bem que liga a descoberta do Brazil por Pedro Alvares, com a que depois fez da mesma terra Americo Vespucio; facto da nossa historia pouco averiguado e que agora o ficará melhor com a publicação das cartas do mesmo Americo, etc ».

Pula o academico de contente, porque a publicação de Ramusio acredita Vespucio. Para espiritos tão nimiamente credulos e superficiaes escreveram de facto Grineu e Ramusio, e a conclusão do traductor portuguez devia lisonjear aquelles

dois colleccionadores, se elles podessem assistir a este triumpho postumo.

Este comeu a bóla, como se diz na giria, porque foi justamente para persuadir da concordancia e dar ás cartas de Vespucio uma tinta de autenticidade, que se creou ou se mutilou um documento!

Estava-se precisamente na época em que a opinião lettrada tomou pé e fez frente á onda usurpadora que vinha de Friburgo, desde 1507, a expoliar legitimas glorias; que apparecia o mais vehemente protesto contra a appelidação do Novo Mundo pelo nome, falso ou arranjado, de um pseudo navegador dos seus mares e descobridor das suas terras.

Grineu e Ramusio, vendo o desmoronamento, procuram, ou forjando ou falsificando, falsificando sempre, oppor-lhe um muro de supporte, obrigando Cabral ou alguem da sua grei a testemunhar a viagem de Vespucio em 1501, pelo testemunho occular da armada em que elle affirma que foi.

E os simples, em vez de destruirem a obstrucção, agradecem aos dous compadres, patricios de Vespucio, a luz que lhe trouxeram á propria casa!

CAPITULO IX

OUTRO DOCUMENTO FALSO

Carta de D. Manuel aos reis de Hespanha; critica a Navarrete; dobrada ao Visconde de Sautarém. — A carta a desmentir-se por si; por grosso e a retalho. — Argumentos da chronologia. — Ultimo e decisivo argumento.

Uma carta escripta por D. Manuel aos reis de Hespanha, seus sogros, com a data de 29 de julho de 1501, em que lhes relata a viagem de Cabral, foi dada á publicidade por Navarrete, no tomo 3º das suas — Viagens e descobrimentos, pag. 94.

Esta carta tem sido fartamente explorada por quantos escrevem sobre este periodo da historia brazileira; esta carta para nós é um documento desprovido de toda a autenticidade.

Navarrete dá-lhe a origem na seguinte epigrafe ou nota encabeçante — « Existia em Zaragoza en el archivo de la antigua Diputacion de Aragon, destruido en la guerra de la independencia.» Declara ser uma cópia que fôra *sacada* por um D. Joaquin Traggia.

Entra-se mal disposto no entrecho do papel!

Saragoça, a bella e nobre capital do antigo reino de Aragão, tem neste seculo grande celebridade, pela briosa luta que sustentou a favor da sua independencia contra a invasão franceza, em 1808. Deve ser a esse facto que se refere Navarrete.

Destruido o archivo, parece concluir-se que se perdeu o original desta celebre carta. E' uma mystificação parecida com a do outro documento da navegação de Cabral! Cópias, traducções, e nem o original, nem ao menos as cópias na lingua originaria! Documentos desta natureza perdem desde logo grande parte da sua autenticidade; são monumentos historicos muito duvidosos e que, isolados, não concluem.

Depois, D. Joaquin Traggia, que *sacou* a cópia de Saragoça e a forneceu a Navarrete, não transita escorreito; pende-se para que o sabio collecionador fosse burlado. A época, os interesses e a mania colleccionadora fixam bons alicerces a esta opinião. Forjar documentos era uma das habilidades ou industrias mais lucrativas; os paleografos vendiam-se caro aos editores, e estes, que tinham, em regra, a probidade dos *bric-à-bracs*, o que queriam era fazenda para impingir aos papalvos apatacados.

* * *

O Visconde de Santarém, destoando ahi da sua reconhecida proficiencia critica, da qual o estudo sobre Vespucio e as revindicações da prioridade dos primeiros descobrimentos portuguezes na costa occidental da Africa, são provas de valor, dormitou aqui. Trata-se, é certo, do Quadro Elementar, onde infelizmente os cochilos são frequentes; esta obra deve ser tida como grande repositorio de achegas, com apoucada critica.

Santarém achou a carta em Navarrete e logo, tendo-a como al-koran, fez-lhe a traducção portugueza, ou melhor, um largo transumpto, e ahi a temos no Quadro Elementar, tomo 2º, pag. 398.

Critica nenhuma; analyse da sua autenticidade, nenhuma tambem. E assim foi ficando até hoje, e todos que precisam se servem della como impeccavel. Santarém concorreu poderosamente, para este facto lamentavel, com a sua leveza; porque, se elle a tem meditado, esfarelava-a com duas das suas pennadas.

Perguntaria por que vem a carta em hespanhol; exigiria uma cópia em portuguez, visto que do original lhe apontavam o fumo do incendio de Saragoça, em 1808; a cópia, que D. Joaquin Traggia devia ter *sacado* dos archivos, para depois fazer a sua versão em hespanhol. Exigiria, pelo menos, este prévio depuramento.

Depois, procuraria essa carta nos registros de D. Manuel, como procurou a celebre carta patente que Vespucio diz este rei lhe escrevera para Sevilha, quando estava descansando das duas primeiras viagens. Não a encontrando, deveria concluir contra D. Joaquin, com a mesma vehemencia com que concluiu contra Vespucio.

Pediria informações sobre o *sacador* da carta, e, ainda, que lhe explicassem como foi ella parar aos archivos de Aragão, tão afastados de cousas taes.

Depois, entraria na analyse do papel; disseccal-o-ia, com o espirito assim preparado, e havia de terminar por collocar no seu Quadro, não a carta, mas a formal declaração da sua nenhuma autenticidade.

* * *

Salta logo aos olhos a indiscrição de D. Manuel, contando aos reis de Hespanha, muito seus sogros, é verdade, mas não menos muito seus emulos em conquistas e descobrimentos de terras, cousas que a sua reconhecida reserva mandava calar, até dos seus naturaes, em época de tão refinada pirataria.

Que Pedro Alvares achára a mina de ouro de Sofala!

Que a terra achada por Cabral nas oitavas da Paschoa e a que pozera o nome de Santa Cruz (!), parecia que Nosso Senhor milagrosamente quiz que se achasse, por ser muito conveniente e necessaria para a navegação da India! Dizia isto o velhaco rei venturoso?! Pois tal indiscrição não parece proposital convite aos ambiciosos sogros a desandarem da sua Hespaniola para o sul e servirem-se das indicações?!

Esconde a verdade, nas relações de Cabral com Quiloa, dizendo que do seu rei fôra o capitão muito bem recebido, quando se sabe que foi o contrario. Além da declaração geral de todos os historiadores, temos a conducta do 1º vice-rei, que já do reino ia disposto a liquidar com Quiloa as caçoadas feitas a Cabral e depois ao Gama [1].

Relata minuciosamente o occorrido em Calicut, com todas as peripecias e tragicas consequencias da perfidia do Samorim.

Se além parece suspeitar-se uma cautelosa prudencia, aqui patenteia-se, ás escancaras, uma indiscrição leviana e lorpa!

Isto, como simples olhada.

* * *

Em detalhes:

a) Começa por desculpar-se com os sogros por lhes não ter feito mais cedo a communicação.

— Que não escrevera estes dias passados, depois que a primeira nova da India chegou (apezar da ambiguidade, queremos suppor que se refere á noticia da descoberta de Vera Cruz, mandada por Cabral, em 2 de maio de 1500), porque esperava a volta do capitão-mór.

Já o carro está travado. A nova da India, sendo a da náo de retorno, chegou a Lisboa um anno, mais ou menos, antes desta carta; como então foi *estes dias passados,* que é o mesmo que dizer ha quinze, vinte dias?! E no rigor, a náo de retorno não trouxe novas da India; e outras novas, antes de chegar Cabral, ninguem ainda as conheceu.

b) Que, chegado Pedro Alvares, ainda se demorára em mandar noticias, porque faltavam duas náos, uma que Cabral mandára a Sofala (a de Sancho de Toar) e outra que não diz e não se sabe bem qual seja.

[1] Portugal, tomo 3º, pag. 102.

Embrulho certo. Barros diz [1] que Cabral chegára a Lisboa, vespera de S. João Baptista e que depois chegaram as duas náos; não marca o tempo intercalado. Ramusio, no documento já analysado, diz que as náos entraram no dia seguinte, ou um dia depois de Cabral: — « un di dipoi venne la nave che perdemmo di vista quando tornavamo, et Sanchio da Tovar con la caravella que fu a Cefalla ».

Se os dois documentos não mentem ambos, um pelo menos improvisa; beijarem-se, é impossivel, pelos pontudos narizes que carregam.

Se as duas náos, por cuja chegada esperava o rei para escrever aos parentes (carta), depois de já ter abraçado Cabral, chegaram um dia depois deste (Roteiro), D. Manuel positivamente não esperou por ellas, porque um dia era pouco para colher as primeiras informações.

c) Mas D. Manuel, ainda preambulando em desculpas e explicações da sua tardança, diz — que depois de chegadas as ditas náos, Pero Lopes de Padilla lhe dissera que os reis catholicos estavam anciosos por saber as novas de como as cousas se passaram!

Portanto, perde-se toda a expontaneidade da carta-relatorio, que passa a ser solicitada officialmente, diplomaticamente, e contradiz-se a precedente affirmação de que escrevera apoz a chegada das duas náos, ou, segundo o Roteiro d'um piloto, um dia depois da chegada de Cabral.

Temos agora que intercallar, da entrada das náos á carta, o tempo preciso para se trocarem correspondencias entre Madrid e Lisboa, entre os reis catholicos e o seu representante Padilla.

De facto, a contradicção de D. Manuel resalta da data da sua carta que, sendo 29 de julho, intercalla um mez e mais, tomando-se a data da vinda de Cabral em Barros.

* * *

[1] Decada 1ª, Liv. V, cap. IX, pag. 462.

Talha aqui a foice uma observação a Varnhagen, quando, em nota a pag. 19 da 1ª edição da Historia do Brazil, pretende corrigir Navarrete. Que este suppõe a carta datada e escrita de Santarém, quando Syntra é que se deve entender. Que a cópia não diz Santarém, mas S...nt...a, que deve entender-se Syntra.

Que era assim que na época se escrevia a bella residencia real e que de facto se informára de que alli se achava D. Manuel em julho de 1501, mez em que a carta foi escripta. E prova-o com a autoridade de Damião de Góes, para onde nos chama por citação da sua chronica de D. Manuel (P. 1ª, cap. 60, pag. 82) Quem accede ao convite, acha o seguinte : « De Cabo Verde, sem tomar outro porto, chegou a Lisboa, ao derradeiro dia de julho de mil e quinhentos e um, estando el-rei em Syntra, etc ».

Serviu a Varnhagen a morfologia do logar, o mez em que o rei residia lá ; mas não reparou no terrivel anachronismo da citação, que de todo em todo repelle a carta. Se Góes dá a chegada de Cabral a Lisboa em 31 de julho, como podia o rei escrever, depois de sua vinda, em 29 do mesmo mez ! ?

E ainda, validando referencias, Varnhagen entende que a carta fôra escripta a 9 e não a 29 ; isto é, 22 dias em vez de dous, antes da entrada de Cabral ! Soneto mal emendado !

* * *

Proseguindo na disseccação, temos um argumento de irrespondivel valor contra a autenticidade da carta. E' da mesma ordem do que nos serviu de remate á apreciação do « Relatorio de um piloto ».

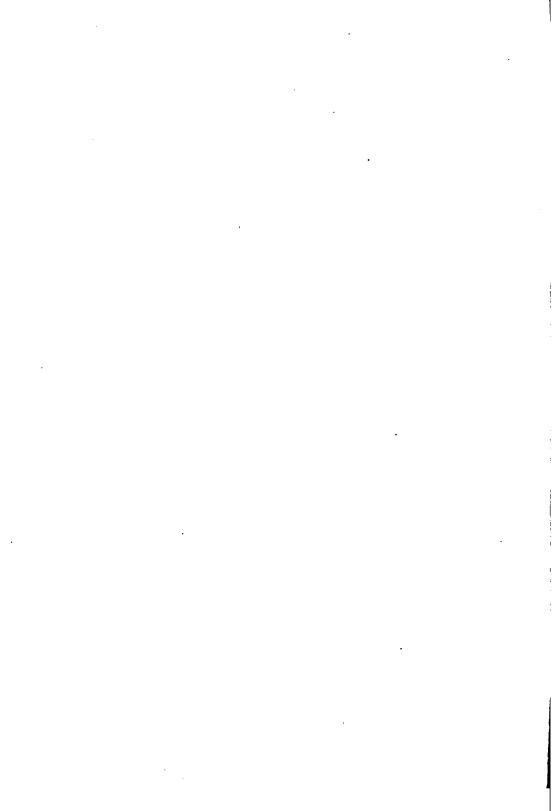
— Que o rei de Melinde recebera muito bem, apezar de mouro, a Pedro Alvares, como já recebera *Dom Vasco, que primeiro lá foi a descobrir*.

Este tratamento de *Dom* não vem na carta porque ella é escripta em hespanhol, onde era e é usual, tanto que é

Vasco a unica pessoa das mencionadas no papel que tem este privilegio da parte do rei. Nem a Pedro Lopes de Padilla, embaixador de Hespanha, D. Manuel dá esta honra.

Ora, Vasco da Gama recebeu o tratamento de *Dom*, por carta regia de 10 de janeiro de 1502 [1]; como o mesmo rei, que de tal graça o cobriu e que, mais do que ninguem, tinha a certeza de que errava, lhe ia dar este tratamento, em 29 de julho de 1501!

O inventor da celebre carta não se preveniu para esta decisiva contestação.

[1] Honra de Vasco da Gama, pag. 99.

CAPITULO X

O CAPITÃO DA ARMADA DE 1501

André Gonçalves: um desconhecido, afiançado por um inventor de lendas. — Uma critica que contraproduz. — D. Nuno Manuel: seus padrinhos. — d'Avezac e Varnhagen. — Um armador favorito e um commandante imaginario. — Malaca, pomo cubiçado; anachronismos e realidades. — Uma notavel questão diplomatica do seculo XVI. — Perfil de D. Nuno Manuel. — Uma opinião verosimil.

É tempo de analysarmos a discrepancia, realmente suggestiva, que reina entre os historiadores, quanto ao capitão-mór da supposta armada de 1501.

Não é de somenos valia para comprovar a fragilidade da critica que tem por existente essa armada.

Vespucio, a unica autoridade que falla della, esconde o nome do capitão, o que não vai por pouco para julgar as suas cartas; os archivos officiaes, ao contrario de tudo que é natural, são mudos de armada e portanto de capitão della. Era preciso inventar; e, então, sahindo-se da historia e cahindo em cheio na lenda, cada um se regula pelas suas predilecções. No fundo, uma perfeita egualdade de provas.

Lafiteau dá-nos um *Pedro Coelho*; Varnhagen inculca *D. Nuno Manuel*; Gaspar Correia, verdadeiro ou falsificado, dá apoio á opinião, modernamente fixada no Brazil, de que fôra *André Gonçalves*, um nome geralmente esquecido por quem escreve segundo boas informações.

Temos ainda outros, como João Coelho, Gonçalo Coelho, Christovão Jacques, etc.

Podiamos ainda e, com a mesma força de autenticidade, suppôr que fôra Demosthenes, Catão, Cezar ou João Fernandes.

Analysemos os dous, que seus autores imaginaram, de boa fé, ter tirado por inculcas historicas — André Gonçalves e D. Nuno Manuel.

* * *

André Gonçalves — Teve por paranynfo o historiografo e senador brazileiro Candido Mendes de Almeida, amparado pela fragil autoridade de Gaspar Correia. Fez da inculca assumpto d'uma das suas memorias na «Revista do Instituto Brazileiro», tomo 39, 2ª parte.

Já n'outro logar nos referimos á noticia de Gaspar Correia. Conta, de facto, que foi André Gonçalves o escolhido por Cabral para levar a nova a el-rei e que este — «logo armou navios, em que tornou a mandal-o a descobrir a terra [1]».

Oppõe-se, com virtude concludente, as razões tiradas da nenhuma autoridade historica de Correia, principalmente nas cousas do Brazil, principalmente no que relata no seu 1º tomo. E' caso que passou em julgado. Quando não fosse o facto de não se ter achado o original do 1º tomo, que foi publicado por uma cópia ou por um cotejo de cópias discordantes, as circumstancias, todas pessoaes, de ser este autor propenso a contos populares e pouco escrupuloso em informações, e de ser, assim mesmo, historiador apenas considerado em cousas da India, por onde andou, a propria analyse do seu trabalho lhe faz decisiva opposição.

Neste mesmo logar, aproveitado por Candido Mendes, os disparates são aos punhados.

Que Cabral mandou a El-Rey, juntamente com a nova levada por André Gonçalves, — « homens e mulheres e moços e suas rêdes e vestidos, etc. ».

[1] Lendas da India — Tomo 1º, pags. 151 e seguintes.

Quando nós sabemos e com grande respeito relembramos que, no conselho de capitães, convocado por Cabral no domingo da Paschoela, 26 de abril, foi resolvido não mandar ninguem, com as razões notavelmente politicas e humanitarias relatadas por Caminha.

As novas razões apresentadas por Candido Mendes, para suggestionar em Correia uma autoridade superior á de Barros, Castanheda e Góes, além de não invalidarem a opinião geral, contraproduzem.

Do facto, relatado por Innocencio e por melhores origens realmente autenticado, de que Gaspar Correia ainda revia as suas lendas em 1561, tira Mendes a seguinte conclusão: — « não podia desconhecer as obras de Castanheda e de Barros, que corriam impressas. E, pois, se manteve opinião contraria á vinda de Gaspar de Lemos, é porque tinha para isso bons fundamentos [1] ».

Falta accrescentar, para reduzir este argumento ao seu valor — que Gaspar Correia revia as suas lendas, em 1561, na India e não em Lisboa ou em Coimbra, onde, dez annos antes, se imprimiram as Decadas de Barros (1551) e a Historia da India de Castanheda, nove annos antes (1552); que de Gôa, d'onde Diogo do Couto data, em 20 de novembro de 1597, a sua Epistola a Filippe 2º de Hespanha, preambulando as suas Decadas, continuação das de Barros, diz este bello historiador [2]: — « E nisto quiz Vossa Magestade tambem remediar o descuido portuguez tanto pera estranhar, que as Decadas de João de Barros nosso natural (que assi por sua muita erudição, como pelos grandes feitos que de seus naturaes escreveu, são dignas de muita estima) assi foram estimadas de nós, que não houve mais que a primeira impressão, que o tempo tem tão consumida que não sei se ha em Portugal dez volumes, e na India um só ».

[1] Revista do Instituto, tomo 39, 2ª parte, pag. 11, in fine.

[2] Couto — Asia, Decada Quarta, Pº. primeira, Epistola, pags. XXXIII e XXXIV.

Com estas duas informações, Candido Mendes não apresentaria, cremos, aquelle argumento, fraquissimo ainda sem ellas. Que bons fundamentos podia ter Gaspar Correia, escrevendo na India sobre cousas do Brazil? As informações da tradição popular, os contos de algum veterano com quem tivesse relações por lá. Não se podem collocar esses fundamentos acima dos de Barros, que prima pela fidelidade, pelo escrupulo, e cuja reputação se tornou geral e tão alta, que o chantre Severim de Faria a resume nestes termos [1]:

« Finalmente pelas excellencias desta obra he tido João de Barros universalmente por hum dos mais insignes historiadores do mundo, e celebrado de muitos, e graves authores com titulos honorificos, dos quaes Fr. Vicente Justiniano, e o Padre Mafeo lhe chamam *Grave Escritor*. João de Pineda, *Preclaro*, o Author das viagens do Mundo, *Diligentissimo*, Fr. Simão Coelho, *Muito douto*, e *elegante*. Pero de Magalhães, Pero de Maris, Diogo do Couto, e o chronista-mór João Baptista Lavanha, *Escritor famoso*. »

« Porém outros não contentes só com estes illustres epithetos se alargaram a maiores encomios, como se vê nestas palavras do P. Antonio Possevino, que na sua Bibliotheca selecta, tratando dos Historiadores, diz delle: *Joannes de Barros lusitanus in Asia ab se descripta, qui egregium se scriptorem hac nostra œtate prestit, etc.* Op. Fr. Antonio de S. Romão lhe chama *Livio Portuguez*, dizendo: *Juan de Barros unico Tito Livio de aquelles Reynos, cuias Decadas aun que se traduxeron en Italiano, se han consumido de manera, que no se hallan aun entre sus mismos naturales, deviendo perpetuar-se cosa tan memorable en tablas de bronze, etc.* »

« E. D. Fernando Alvia de Castro o compara a Homero, a quem os antigos tiveram por pai da historia, dizendo: *Juan de Barros excellente historiador Portuguez lo escrive con tanta perfecion, que si el mismo Alexandro le alcan-*

[1] Vida de João de Barros — Indice geral, pags. XXXVIII e seguintes.

çára, no inbidiara a Achilles por Homero, etc. E Affonso de Ulhoa na Dedicatoria da traducção Italiana ao duque de Mantua affirma ser esta historia huma das melhores que se compuzeram no Mundo: *E una delle rare, e pretiose cose, che in questo foggetto fine hoggide sieno state vedute,* etc. »

« Esta estimação dos doutos approvaram tambem os Principes do Mundo, porque em Veneza se mandou pôr sua imagem entre os varões famosos; e o Papa Pio IV a fez collocar nos paços do Vaticano junto com a de Ptolomeu; e El-Rey D. Filippe 2º de Portugal só por conservar a memoria de tal Historiador, e por participar o Mundo de suas obras, mandou imprimir á custa de sua Real fazenda a Quarta Decada da Asia, que João de Barros tinha deixado ainda imperfeita, sem embargo de estarem já aquellas mesmas historias escriptas neste Reyno, e impressas por Fernão de Castanheda, Diogo do Couto, e Francisco de Andrada. »

Nesta lista, realmente celebre, falta o elogio de Gaspar Correia, provavelmente porque nunca viu a obra do grande historiador; falta o do historiografo Candido Mendes, que, infelizmente para a gloria de Barros, lhe annuvia o merito nos seguintes termos [1]: —« Mas o famoso escriptor, tendo de representar o papel de chronista e de historiador, não podia satisfatoriamente desempenhar o herculeo encargo. Rever manuscriptos e decifrar documentos mal traçados, peregrinar em demanda de informações fidedignas, confrontar e digerir tudo, era trabalho superior ás forças de um só homem, por melhor que fosse a sua vontade e elevada a tempera de sua robustez ».

« Por isso pouco fez, etc. »

Entretanto para aquillo, que não dava a pouca capacidade de Barros, deu a de Gaspar Correia, escrevendo sobre toda a conquista da Africa, America e Asia, e Candido Mendes prefere-o. E' que este não *revia manuscriptos nem*

[1] Revista do Instituto Historico — tom. 39, Pª. 2ª, pag. 7.

decifrava documentos mal traçados; tinha uma corça de Sertorio que lhe segredava o passado, que elle ia debuchando em *Lendas!*

* * *

O critico apanha Varnhagen, que leva a sua fantasia ao ponto de pôr João de Barros, antes de 1551 a aprender com Gaspar Correia ou com as suas Lendas, que elle ainda trabalhava dez annos depois e na India.

Mas não se salva do mesmo abysmo, dizendo [1] :

« Se o douto historiador se referisse á *Historia da India* de Fernão Lopes de Castanheda, ainda bem; a suspeita teria fundamento, por isso que foi primeiro estampada que as *Decadas*, accrescendo que Castanheda tinha por si a autoridade de haver passado grande parte da sua vida na India, onde proveu-se de todas as informações que poude adquirir. »

O accrescimo de nada serve contra Varnhagen, visto que a estadía na India e colheita de informações por lá, cabe por egual ou em maior a Gaspar Correia.

Quanto ao corpo principal — *ainda mal,* diremos nós; a suspeita é de todo anachronica e pouco douta.

A primeira Decada de Barros foi publicada em 1551, e Castanheda começou a publicação da sua Historia em 1552. Sobre cousas que interessam á historia do Brasil o plagio só poderia dar-se do avesso.

* * *

Damião de Góes publicou a sua chronica de D. Manuel muito depois de Barros e Castanheda (1562).

Se tem com estes a generalidade dos pontos de concordancia, tambem tem discordancias de valor. Damião de Góes era escriptor de grande merito : illustrado, tendo viajado os principaes pontos da Europa, relacionando-se com os homens mais eminentes do tempo. Na Allemanha, conhecera

[1] Logar citado, pag. 8.

de perto Luthero e Melancheton, travára intimidade com Erasmo, o autor do *Elogio da Loucura*, e o mais violento critico do seu tempo. Teve a rara gloria de lhe serem dedicadas obras de escriptores de grande merito. Em Padua, frequentou a intimidade de Julio Sprone. Na Hollanda, era consultado pelos principaes escriptores italianos; foi elle que mandou a Ramusio o manuscripto do padre Luiz Alvares. Correspondia-se com os cardeaes Bembo, Bonamico, Sadoleto, Christovão Madruzio, João Magno e seu irmão, o grande historiador Oláo Magno. Foi nomeado guarda dos archivos, por ordenança de D. João 3°, de 3 de junho de 1548[1]. Colleccionou nas suas viagens, que comprehendem 14 annos, preciosos documentos, que offereceu ao seu particular amigo o infante D. Fernando, filho de D. Manuel e Duque da Guarda.

Pois bem; a este homem, que Herculano com bom fundamento já considera mais do que chronista, e José Maria de Andrade Ferreira classifica historiador nacional; a este homem, que, em todos os seus escriptos, manifesta uma suprema independencia de caracter e opinião, póde com muito melhor propriedade applicar-se o dizer de Candido Mendes referente a Gaspar Correia.

Este é que com certeza conhecia Barros e Castanheda e a sua obra; se discordou della, é porque tinha para isso bons fundamentos, e, por egual força de logica, se concordou, é porque da mesma fórma tinha fundamentos bons.

E para Góes, como para Barros e Castanheda, a náo que voltou com a nova a D. Manuel foi a de Gaspar de Lemos, e nenhum falla no celebre André Gonçalves.

* * *

Por todos os meios que póde, procura Candido Mendes desmerecer nos tres chronistas primarios do seculo XVI e sobrepôr-lhes Gaspar Correia.

[1] Chancellaria de D. João III, liv. 60, fl. 43.

Dos tres, todo o seu empenho é reduzir Barros e Góes, fazendo-os copistas de Castanheda. Ha ahi tactica, ao menos, embora muita injustiça e inverdade.

De facto, Gaspar Correia só com Castanheda podia cotejar-se. São ambos escriptores *particulares*, populares; ambos, e por muito tempo, militaram na India, e sobre ella escrevem com mais calor e tons mais carregados do que os frios archivistas da Torre do Tombo.

Faltava, depois de desterrar estes para longe de Castanheda, montar Gaspar Correia sobre o chefe dos tres. Um periodo suggestivo, rhetorico e vasio, serve de estribo:

«Mas, note-se, esses testemunhos se reduzem a um, Castanheda, na Historia da India, que os ultimos copiaram ou acolheram. (La vão para baixo Barros e Góes). E é sómente este chronista que se póde contrapôr a Gaspar Correia, que aliaz entra em outros detalhes que o tornam mais digno de credito [1].» (E lá vai o autor das Lendas para o galarim!).

« Preferimos Gaspar Correia a Castanheda, Barros e Damião de Góes, porque viveu na India desde moço, e nos primeiros tempos da descoberta (1512), quando era mui fresca a memoria dos acontecimentos importantes das navegações portuguezas. Por outro lado, a sua chronica, feita com tanto esforço, zelo e consciencia, inspira mais fé que os trabalhos de Castanheda, preparados com menos sagacidade, e os de Barros e Góes, por serem de segunda mão [2]».

Não se póde tomar muito a sério esta estranha dialectica. Suspeita-se que o critico tinha reservadas tenções e perde desde logo a seriedade devida aos cavouqueiros da verdade.

Julgar o credito n'um historiador pelos detalhes! Escondendo ou ignorando que, na propria confissão de Barros e no juizo da critica sã, o processo deste grande historiador era mesmo fugir aos detalhes e manter-se sempre nas linhas geraes! O detalhe na historia é um genero; apenas mais

[1] Logar citado, pag. 12.
[2] Idem, pag. 13.

popular, mais attrahente, se quizerem, mas, em regra, mais falso, mais injusto e sempre muito mais grosso.

« E se alguem lhe notar que deixou de escrever algumas particularidades que houve por vezes entre os nossos mesmos capitães, a isso responde elle, que nestas suas decadas mais trabalhou por referir o essencial da historia, que não em ampliar miudezas, descobrindo vicios alheios, de que muitos não sabiam parte, com que sem beneficio publico se infamam as almas dos defuntos, não servindo taes exemplos senão de accrescentar odios entre seus descendentes, e de ser mais licença de vicios, que abstinencia delles, o que em toda a boa historia se deve com muito cuidado evitar [1]. »

Prefere Gaspar Correia a Castanheda, porque. . . ambos viveram na India; a Barros e Damião de Góes, porque, não tendo estado na India, não podiam ser tão exactos sobre o Brazil, como quem lá esteve desde moço!

* * *

Para mais fundo cavar o tumulo de descredito aos tres chronistas, inferiores a Gaspar Correia, coteja-os com Caminha e aponta-lhes discordancias de valor. E' exacto; existem discordancias de Barros para Caminha. Mas o que Candido escondeu, com calculo que não o abona, são as discordancias entre Gaspar Correia e Caminha, que são muitas mais e muito mais importantes.

Aponta triunfante uma das discordancias:

Em Cabo Verde desappareceu uma náo da armada. Barros, Castanheda e Góes dizem, á uma, que foi a de Luiz Pires; Caminha que foi a de Vasco de Athayde. Já vamos passar esse ponto de discordancia; por agora, marquemos um ponto á preta.

[1] Severim de Faria — Vida de João de Barros, logar citado, pags. XXXV e XXXVI.

Mas Gaspar Correia, ouvido sobre o caso, nega que fosse em Cabo Verde, e, quanto á náo, diz que fôra a de Pero de Figueiró !! Agora marcamos nós dous á branca.

Sobre o ponto em que desgarrou, Barros e os companheiros estão de accordo com o al-koran Caminha, e, quanto a Pero de Figueiró, nem Caminha, nem ninguem se tinha lembrado delle; é um outro André Gonçalves, de Gaspar Correia!

Mas, não pensa assim Candido Mendes, porque diz:— «Gaspar Correia nas *Lendas* indica a náo de Pedro de Figueiró. Dahi naturalmente o engano no nome de Pedro de Athayde por Vasco de Athayde. Está Correia mais approximado de Vaz de Caminha do que os precedentes [1]».

Perceberam?! Não é facil. Eu explico, e o leitor que tome cuidado, não fique com o queixo inferior cahido e deslocado.

Caminha affirma que fôra Vasco de Athayde o fugido ou garrado de Cabo Verde, mas na armada ia tambem como capitão Pero de Athayde, irmão de Vasco; Gaspar Correia diz que foi Pedro de Figueiró; logo, acerta mais do que Barros, porque ao menos sempre dá um nome egual ao de um irmão do verdadeiro!! Aqui a gente abre a bocca e fica assim por muito tempo, pensando na baixa do cambio e na burla do fim do mundo, annunciada para novembro findo!

Note-se, para augmento das impressões, que Gaspar Correia não menciona Pedro de Athayde entre os capitães de Cabral, de maneira que a ponte que ligaria Correia a Caminha tinha de procurar-se em Barros!

* * *

Presume Candido Mendes ter completo ganho de causa com o argumento de que as listas concordantes de Barros, Castanheda e Goes só dão 12 capitães, em vez de 13; que

[1] Logar citado, pag. 13.

assim, a falta, deve ser a náo dos mantimentos, que tinha por capitão André Gonçalves. E' uma astucia agarrada a um sophisma.

As náos eram 13 e egual numero de capitães citam os tres chronistas; Gaspar Correia é que dá 14. O sophisma está em que se quer inculcar que o capitão-mór não commandava. E' lançar os olhos pelas armadas portuguezas do tempo e logo se desfaz a bôlha de ar.

Quem commandava a S. Gabriel? Não era Vasco da Gama, o capitão-mór da primeira armada?

Gaspar Correia diz que a náo capitanea era commandada por Simão de Miranda de Azevedo e que este ia por immediato de Cabral.

Barros e todo o resto do mundo diz que o substituto de Cabral era Sancho de Toar e isso se deprehende por todas as narrações da viagem de Caminha. Simão de Miranda é desconhecido ao pé de Sancho de Toar, que tem grande reputação, antes da viagem com Cabral. Nada crivel que se saltasse por cima de tão grande differença.

Basta uma citação de Caminha. Quando o piloto da capitanea Affonso Lopes trouxe a Cabral os dous primeiros indios, relata o escrivão da feitoria de Calicut o ceremonial com que foram recebidos: — «O capitão, quando elles vieram, estava assentado em uma cadeira e uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido com um collar de ouro mui grande ao pescoço, e Sancho de Toar e Simão de Miranda e Nicolau Coelho, e nós outros que aqui na náo com elle imos, etc.». A collocação de Sancho de Toar em primeiro logar depois do capitão-mór e antes de Simão de Miranda não deixa duvida de que elle e não este era o seu immediato; a indicação — «e nós outros, que aqui na náo com elle imos» illucida que Simão de Miranda não ia na capitanea, como inculca Gaspar.

Simão de Miranda ia commandando a capitanea e esta abalroou com a náo de Simão de Miranda, no cabo da Boa Esperança, quando foi da tenebrosa tempestade! Este facto encontra-se em todas as descripções que temos lido.

O cotejo que pretende fazer Candido Mendes com Caminha, se elle realmente o fizesse, havia dar-lhe destes resultados: Caminha explicitamente menciona Ayres Gomes por um dos capitães; Gaspar eliminou-o.

De sorte que, incluindo-o, porque está no al-koran, ficam em Caminha quatorze capitães e o capitão-mór, que commandava, quinze, para treze nàos. Ha dous de mais. Ainda que Cabral não commandasse, havia um de mais.

Se é, como diz Candido Mendes — « que o nome de Braz Mattoso em Gaspar Correia é substituido por Ayres Gomes em Damião de Góes, Barros e Castanheda [1] », ha de perdoar que accrescentemos — e Pedro Vaz de Caminha, que tambem nessa troca contraria Gaspar.

Em resumo; se, como diz Candido Mendes. . . « o melhor director é sempre, e será, Pero Vaz de Caminha [2] », ha de consentir que usemos dessa confissão para de todo despejar Gaspar Correia da Historia do Brazil, visto como este homem das Lendas riscou da armada o autor da tão celebrada carta de 1 de maio de 1500.

Nomeia como escrivães de Ayres Correia, (que, por completa ignorancia, chama feitor da armada, quando o era de Calicut), Gonçalo Gil Barbosa e Diogo de Azevedo!

Este Diogo de Azevedo está para Pero Vaz de Caminha, como André Gonçalves para Gaspar de Lemos!

* * *

Cabe aqui uma observação, para nós de grande peso e que inculcamos como tal.

A carta de Caminha e a do Physico mestre João são realmente dous documentos de grande valor; porque estão autenticados e porque são os unicos, com este caracter, que possuimos da época.

[1] Logar citado, pag, 13.
[2] Idem, pag. 15.

Mas não destroem totalmente João de Barros, mesmo quando contradizem.

E' indubitavel que estes dous documentos não foram os unicos que na época se escreveram.

Logo com a mesma data escreveu Cabral e escreveram outros. Na volta da India, Cabral fez ao rei o seu relatorio por escripto, indubitavelmente. Esses documentos não se conhecem; ou se perderam ou se sumiram. Nós não os conhecemos, é o facto. Mas Barros, que foi officialmente encarregado de historiar os acontecimentos, que teve á sua disposição todos os archivos, esse viu-os todos; é outro facto.

As duas cartas estavam nos archivos; elle teve-as na mão.

Os pontos de discordancia, que este historiador tem com Caminha, devem ser tomados á conta de resultado do exame de confronto feito por Barros. Deus sabe quem terá mais credito ou estará na verdade!

Barros dá a vista do Monte Pascoal, no dia 24 de abril e, dessa fórma, a segunda missa e a denominação da terra seria no dia 3 de maio. Já se reuniam todas as razões para a escolha do nome; não Santa Cruz, mas Vera Cruz, por ser o dia della.

* * *

Emquanto as razões não forem maiores do que as que ficam summariadas, a não de retorno foi a de Gaspar de Lemos, e André Gonçalves não passa de algum amigo predilecto de Gaspar Correia.

Temos ainda uma razão a accrescentar, que ainda não foi utilisada.

O Sr. Raphael Eduardo de Azevedo Basto, muito abalisado conservador da Torre do Tombo, publicou em sua bella edição do Esmeraldo, de Duarte Pacheco, um mappa colorido com a esquadra de Cabral. Contem o desenho de todos os barcos e por baixo de cada um uma rubrica, onde se lê o nome do respectivo capitão e o destino do barco.

O primeiro é o de Luiz Pires, com a nota — arribou a Portugal; o segundo é o de Gaspar de Lemos e a nota — de Santa Cruz terra do Brazil tornou a Portugal c'o a nova do descobrimento; o quinto é o de Vasco de Athayde e a nota — perdido com a tormenta; o 6º é de Pedralvares Cabral; o 8º é o de Simão de Miranda e a nota abalrôou na tormenta com a de Pedralvares e milagrosamente se salvaram. Em André Gonçalves não se falla.

De perfeito accordo com Barros, em tudo com Caminha, excepto quanto á náo arribada de Cabo Verde, e em total desaccordo com Gaspar Correia.

Podemos sem escrupulo recambiar André Gonçalves para o limbo de que o quiz tirar Candido Mendes de Almeida.

* * *

D. Nuno Manuel — Deste são paranynfos d'Avezac e Varnhagen.

« A capitania da nova flotilha foi pelo rei, segundo as conjecturas mais admissiveis, confiada a um dos seus favorecidos, D. Nuno Manuel, *ao depois* guarda-mór e almotacé-mór de sua casa, irmão de seu camareiro-mór D. João Manuel, e ambos filhos de Justa·Rodrigues, ama que fôra do mesmo rei, e de D. João, bispo da Guarda [1]. »

Este periodo, pouco luminoso em biografia e heraldica, é incisivo na affirmativa da flotilha, que é a de 1501, e no seu commando, que é categoricamente affirmado, *foi*, embora a razão não suba de — *conjecturas mais admissiveis*.

Busquemos, para começar, os nós dessas conjecturas:

a) Uma carta, dirigida de Medina del Campo a D. João 3º, em 14 de dezembro de 1531, por Alvaro Mendes de Vasconcellos, ao tempo embaixador de Portugal na côrte de Hespanha;

b) A *Cópia der Newen Zeytung auss Presillig Landt*, encontrada na bibliotheca real de Dresde e publicada pela

[1] Varnhagen, apud Revista do Instituto, tomo 36, pª. 2ª, pag. 55.

primeira vez em New-York, na « Bibliotheca Americana Vetustissima », a que já em outro logar nos referimos.

* * *

A carta de Vasconcellos é autentica. O Visconde de Santarém faz della menção, á pag. 71 do tom. 2º do Quadro Elementar, com a seguinte rubrica — « Carta de Alvaro Mendes de Vasconcellos, embaixador em Castella, para El-Rei, sobre a pratica que tivera com a Imperatriz a respeito da posse do Rio da Prata » ; em nota, marca-lhe logar na Torre do Tombo, Corpo Chronologico. P. 1, maç. 48, doc. 18.

Varnhagen teve-a na mão e extrahiu della o periodo seguinte, de onde fez a inducção do commando de D. Nuno Manuel na armada de 1501 : — « que V. A. mandaria mui brevemente saber em que tempo descobrira uma armada de D. Nuno Manuel, que por mandado d'el-rei vosso pai foi descobrir ao dito rio ».

Trata-se do Rio da Prata, cuja posse por prioridade de descoberta se ventilava então entre as duas corôas.

D. João 3º tinha mandado, no anno anterior (1530) a expedição de Martim Affonso de Souza, a tornar effectiva e demarcada a posse daquella região ; ordenava-se-lhe que procurasse estabelecer alli uma feitoria, a fórma por então definitiva de garantir o direito da terra. Hespanha, que se julgava com direitos melhores, embargava por meios diplomaticos ; é esse conflicto que a carta em questão nos denuncia em 1531.

Ora, os direitos de Hespanha não antecediam de 1515 ; firmavam-se na expedição de Juan Dias de Solis, que neste anno entrára o Rio da Prata e lá deixára a vida, espatifado pelos naturaes. Portugal procurava oppôr uma expedição anterior e inculcava que fôra a de uma armada de D. Nuno Manuel.

E', como se vê, pouco de mais, para induzir que esta armada fôra a de 1501, e que o seu commandante tivesse sido aquelle favorito de D. Manuel.

Martim Affonso de Souza, sahindo de Lisboa com a formada tenção de ir assentar povoamentos nas margens do grande rio, recúa dessa tenção e vem lançar os fundamentos da capitania de S. Vicente.

Conclue-se que o resultado do conflicto diplomatico fôra a renuncia de Portugal á sua primeira tenção; certamente porque o embaixador não lográra convencer documentalmente uma prioridade, que vagamente e como palliativo, inculcára á Imperatriz.

De facto, a linguagem diplomatica de que se serve Vasconcellos está attestando um recurso de occasião, a deixar transparecer o convencimento de que a armada de Nuno Manuel andára pelo Rio da Prata depois de 1515.

« Que V. A. mandaria mui brevemente saber em que tempo descobrira uma armada de D. Nuno Manuel. . .» ; esta linguagem diplomatica convence de que Portugal não tinha maneira de provar a sua precedencia á de Hespanha de 1515. O embaixador portuguez em Madrid não podia ignorar tudo que dissesse respeito aos direitos de Portugal, em conflagração continua com Hespanha; era essa a sua bagagem indispensavel. Se elle presumisse que havia em Lisboa a opinião de uma prioridade, não diria que o rei ia mandar saber, mas affirmava categoricamente o facto e ajuntava que ia pedir o documento. E o desfecho confirma exhaustivamente o asserto. Vasconcellos, instado por varias vezes para apresentar o titulo do direito que inculcava, não o apresenta nunca; continua ganhando tempo, até que a questão se extingue, pela retirada de Martim Affonso de Souza para S. Vicente.

* * *

A questão parece definir-se nos seguintes termos :

Os hespanhóes, como Herrera confessa, impellidos pela idéa fixa e subordinante da posse de Malaca, o problema primario da politica colonial de Hespanha, na sua compita com Portugal, idéa que se tornou triunfante com Fernando

de Magalhães, dirigiam-se frequentemente para estes logares do sul da America, por onde procuravam e acharam a passagem. De caminho, e, no fim de contas por necessidade de refresco, iam tocando em todos os pontos do littoral do Brazil, e explorando o alheio com toda a semcerimonia do tempo. Fôra isto que aconselhára a D. João 3º a missão Martim Affonso, com o poder e o brilho que a constituia, a mais importante até então mandada ao Brazil: crear no sul, no ponto mais meridional possivel da costa, uma feitoria, isto é, uma estação forte e guarnecida, donde se vigiasse Hespanha e se lhe pozessem embargos ás suas usurpações.

Mas Hespanha protestou que não podia ser no Rio da Prata, que o sangue de um seu piloto lhe conquistára em 1515. D. João 3º quiz reagir, allegando prioridade; de Hespanha pediram-lhe o documento, e o embaixador respondeu que se ia procurar.

Mas, no anno seguinte ao da controversia, em 1532, Martim Affonso tem abandonado a idéa da colonia platina e fixa-se em S. Vicente.

Parece indiscutivel que o tal documento, que demonstraria uma armada de Nuno Manuel no Rio da Prata antes de 1515, não chegou a apparecer, porque nunca existiu; nem elle, nem o facto.

* * *

Um collaborador da *Gazeta de Noticias*, em artigos muito interessantes de 13, 14, 16 e 17 de novembro de 1880, pretendeu localisar a armada de D. Nuno Manuel em 1505. Apezar da grande erudição que revela, da excepcional competencia, que logo está denunciando uma autoridade de grande peso, o illustre collaborador não consegue convencer.

Na sua primeira proposição [1]: — « Por conseguinte, é no periodo que medeia entre o anno de 1500 e o de 1515, em que se deu a descoberta de Solis, que se deve localisar a viagem

[1] Primeiro artigo, de 13 de novembro de 1880.

da armada de D. Nuno Manuel», ha manifesta petição de principios.

Presuppõe a prioridade portugueza na descoberta do Rio da Prata, quando essa prioridade, que nem chegou a ser allegada por Vasconcellos, e que este, no periodo dilatorio que pediu para averiguações, não provou, fica inteiramente eliminada para toda e qualquer affirmação.

Muito pelo contrario, é legitimo concluir que é no periodo que medeia entre o anno de 1515, descoberta de Solis, e o de 1521, morte de D. Manuel, que se póde localisar a viagem da chamada armada de D. Nuno.

Em breve mostraremos como esta proposição, embora com restricções necessarias, tem fundamentos historicos.

* * *

E' muito saliente, nesta analyse, a dóse de contestação logica que vem das proprias fontes acreditadas pelos sectarios de uma armada de D. Nuno Manuel em 1501. Vespucio affirma que chegára a 32° de latitude sul; Humboldt, por confronto de affirmações cosmograficas, convence de que não passára de 26°. Como querem que fosse Vespucio, na armada de D. Nuno Manuel, até o Rio da Prata em 37° ? Varnhagen, apanhado na rêde, corrige Vespucio, que elle acha que devia dizer 37°. Se tão estranha concessão podesse fazer-se, ficavam faceis todos os arranjos.

Da *Zeytung* ainda menos se póde concluir para 1501. Este documento presuppõe uma armada que procurava Malaca pelo sul da America. Nem póde ser naquelle anno, nem póde ser a de que falla Vespucio, porque Malaca ainda se não procurava e porque Vespucio inculca esse proposito na armada de 1503 e não na de 1501.

Só se Varnhagen fizesse a este respeito uma identica correcção ao relatorio do florentino !

Solução mais acceitavel do que a emenda da latitude, porque Vespucio mesmo persuade da indeterminação do fim

da armada de 1501, dando-a primeiro como em procura das terras achadas, e depois como em descoberta de novas terras austraes.

* * *

E' ponto tornado essencial na questão, esta idéa de que D. Manuel procurava por 1503 Malaca pelo sul da America.

Tirou-se da informação de Vespucio, de que a armada deste anno procurava Malaca.

E' preciso restituir as cousas ao seu ponto real.

Malaca era realmente um pomo cubiçado por egual pelos dous paizes rivaes; a sua conquista tornou-se, como já dissemos, uma questão politica, predominante entre as duas côrtes. Lutou-se muito, e por muito tempo, no terreno diplomatico e no campo das aventuras e das armas; o brio nacional, o ardor patriotico exhibiram-se em mil scenas impressionistas, que decoram o periodo épico dos dous paizes rivaes. Por fim, D. João 3º cortou rente na pendencia, tapando a bocca e desarmando o braço de Hespanha, com a compra, a peso de ouro das pretenções de Carlos V.

Malaca era de facto um centro de exploração commercial de primeira ordem, talvez o primeiro do oriente. Antes do Gama, o commercio levantisco, que se fazia pelo Egypto e pelo mediterraneo, trazia á extrema occidental uma origem bem averiguada da costa do Malabar e Calicut, como o centro principal. Era a India, procurada desde o Infante e achada por D. Manuel.

Póde ser que já então houvesse noticia de uma origem mais oriental, e que Malaca, entreposto do extremo levante, da Cathay e Zipango, de Marco Polo, já andasse no conhecimento dos que demandavam a India. Não o sabemos.

Vasco da Gama ia para Calicut; a idéa que orientava para Malaca, se existia em 1497, era vaga, indefinida e com certeza subordinava Malaca a Calicut, o que era o mesmo que procural-a na mesma directriz. E foi como se fez.

A volta do Gama, a de Cabral, a de João da Nova com mais probabilidade, estas ou outras posteriores, trazem a D. Manuel a certeza de que, a léste do Malabar e em caminho maritimo certo e conhecido, existe a grande feira, o grande emporio — Malaca, o entreposto da região extrema do oriente. O facto tinha-se verificado materialmente, porque nos portos do Malabar, tocados pelas primeiras armadas portuguezas, achavam-se os juncos do golfão de Bengala, navios de Malaca e seu termo, com a exposição de seus productos, demonstrante de uma riqueza fascinadora.

Estas noticias queremos crer que existiam em Lisboa, de 1498 em diante, muito provavelmente em 1502 e 1503; estas noticias deviam de actuar poderosamente no animo de D. Manuel e suggerir-lhe a vontade de fazer correr as suas náos de Calicut a Malaca.

Dahi a explicação do periodo da carta de Vespucio a Soderini, de 4 de setembro de 1504, quando define os intuitos da armada de 1503:

« Partimos deste porto de Lisboa seis náos de conserva com o proposito de ir para a banda do oriente descobrir uma ilha chamada Malaca, a qual se dizia ser muito rica, e como o armazem de todas as náos que vêm do mar Gangetico e Indico, bem como Cadiz o é de todos os navios que passam do levante a poente; Malaca está mais ao léste do que Calicut e mais ao sul, pois sabemos que está em 3° do nosso polo.»

Custa a comprehender duas cousas: como deste periodo se não induziu, por via natural, que Vespucio não veiu na armada de 1503, de Gonçalo Coelho; como delle se pôde tirar uma affirmação de que D. Manuel procurava, nesta data, Malaca pelo occidente!

A armada de 1503 acha-se perfeitamente autenticada por todos os meios e processos historicos. Era para as costas do Brazil, e era commandada por Gonçalo Coelho.

Como dar importancia á narração de Vespucio, em opposição a toda a verdade conteste, quando lhe contraria o fim,

inculcando-a com destino a Malaca? Como levar uma tão estranha e tão parcial credulidade neste homem, ao ponto de acceitar que esta armada, assim despachada com fim e rumo tão determinado, para Malaca pelo oriente, abandonasse rumo e ordenança e andasse a bater costas pelo occidente, pela America?! Então isto porventura aconteceu com alguma outra armada, despachada de Portugal ou de algures, antes ou depois de 1503?! Succedeu, por incidente, um desvio na rota, e um augmento imprevisto nas ordenanças, mas com a condição formal de seguir ao fim marcado nas mesmas ordenanças.

E, cousa ainda mais estranha, como é que, desta inculca de Vespucio, se póde concluir que se procurava Malaca pelo occidente? quando Vespucio declara que iam em demanda dessa ilha pelo oriente; sahiram de Lisboa «com o proposito de ir para a banda do oriente descobrir uma ilha chamada Malaca»?! Ainda mais: Vespucio diz que a ilha—*está mais a leste do que Calicut*, o que corrobora o pensamento de a procurar adiante, ou a oriente do Malabar.

D. Manuel insistentemente procurou Malaca neste rumo, pelo caminho da India, dentro dos limites do hemispherio que lhe pertencia. As armadas que seguem para a India, todas levam a idéa de Malaca, isto é, de explorar para oriente do Malabar, até que em 1508 uma expedição expressa, ao commando de Diogo Lopes de Sequeira, sahe de Lisboa determinadamente para Malaca.

Como agora imaginar no rei e nos homens do seu conselho um desvio desta rota fixa e determinada, procurando Malaca por caminho desconhecido, incerto, duvidoso, e em regiões que, pelos tratados, não pertenciam a Portugal?

E' um perfeito simile com a idéa, suggerida a D. Affonso V por Toscanelli, a D. João 2º por Colombo, de procurar a India pelo occidente. E os dous reis recusaram, embora o segundo carregue por isso com uma grave accusação. Embora; recusaram e deviam recusar, porque não se abandona o certo pelo duvidoso, nem se larga de mão o que já contava por si

tantos annos de sacrificios e de trabalhos. Pessimo processo, de julgar pelos resultados; é como quem censura o que não compra bilhete de loteria, lembrando que este ou aquelle tirou o premio. D. Manuel estava no caminho real e verdadeiro da sua conquista, no cumprimento tradicional de um pensamento, que era e se tornara da nação e que o rei recebera como herança de seus antecessores. Nesse caminho venceu e teve ás mãos Malaca, em 1508, por Diogo Lopes, em fórma de ensaio; em 1511, pela conquista definitiva de Affonso de Albuquerque.

Para intercallar, neste periodo de 1500 a 1511, uma idéa de procurar Malaca pelo occidente, pelo sul da America, e desviar assim, tão pelos alicerces, uma construcção de tal solidez, era preciso, a quem o tentasse, uma documentação inconcussa e uma logica, fechada a todos os assaltos. Nada disso ha. A carta de Vespucio contraproduz, como vimos; a de Vasconcellos não diz cousa alguma para o caso; a *Zeytung*, menciona uma viagem por todos os pontos indefinida. Não se tira della a data, a origem, nem o destino; apenas que a expedição passou por um ponto que se presume ao sul da America, mas se não sabe qual, commandada por não se sabe quem!

« Sabei que a 12 de outubro chegou aqui um navio do Brazil por falta de viveres. Era armado por Nuno, Christovão de Haro e outros »; eis aqui o grande trecho da *Zeytung*, com que se pretendeu arrasar toda a construcção de cimento da legitimada tradição historica! Aqui, aonde? 12 de outubro, de que anno? armado o navio por Nuno, mas que Nuno? As respostas a estas perguntas são apenas bellas fantasias.

Foi antes ou depois de Magalhães? A expedição era portugueza ou hespanhola? Tem alguma relação com D. Nuno Manuel?

Outras perguntas que não têm resposta.

* * *

Esta questão de Malaca é uma das que se impõem ao historirdor com todos os caracteres de uma construcção definida e acabada. Inutil querer perturbal-a com conjecturas ou illações illegitimas.

Para Portugal, Malaca encontra-se naturalmente na sua legitima directriz, na da sua conquista. Nunca houve hesitações nem duvidas na sua posse e no processo da sua obtenção.

Para Hespanha, é que as cousas são de outra feição, diametralmente opposta. Ambicionava-se; os olhos da cubiça arregalavam-se para lá.

Desde cedo, talvez desde 1508, que na sciencia da pilotagem havia fundadas suspeitas de que se poderia ir a Malaca pelo outro lado, pela directriz natural das conquistas hespanholas, pelo occidente, pelo sul da America.

Podem mesmo marcar-se dous periodos neste juizo; um de preparação, outro de execução. E são bellos esses periodos, quando se contemplam, cercados de todas as suas minuciosidades!

Colombo teve a idéa de sahir de Cuba para occidente e voltar a Hespanha por mar, tocando em Ceylão e rodeando toda a terra dos negros, ou por terra, atravez de Jerusalem e Jaffa [1]; isto antes de 1494, tres annos antes de Vasco da Gama, vinte e sete antes de Magalhães.

Cabot tinha chegado á latitude de 67° 1/2, procurando no norte uma passagem para Cathay; Cabral tinha definitivamente provado que o continente se continuava ao sul da linha; Colombo tinha positivamente affirmado, em 1503, quando percorria a costa de Veragua, que para oeste havia um mar — « que, em menos de nove dias, podia conduzir á Chersonesus aurea de Ptolomeu e á embocadura do Ganges »; o mesmo almirante desejava ardentemente seguir para o sul, a ver se era exacto o que lhe affirmára o rei João de Portugal, de que por lá havia uma terra; Balboa vira o *mar*

[1] Humboldt — Cosmos, t. 2º, pag. 322.

do sul, banhando as costa occidentaes da America, do alto da serra de Quarequa, em 1513.

Procurar uma passagem para esse mar, pelo norte e pelo sul, devia de ser na verdade uma preoccupação de todos os milicianos desta admiravel cruzada.

Chegou o periodo da realização com Magalhães e com a promessa que envolvia o seu projecto.

Carlos V aceitou-o de braços abertos, quando lhe viu e mediu o alcance material.

Magalhães affirmava ao imperador duas cousas, que eram precisas por egual para demovel-o.

Dizia que havia caminho pelo sul da America e que elle ia por lá a Malaca; mas dizia ao mesmo tempo que conhecia e tinha determinado a posição do logar e garantia que elle demorava na demarcação de Castella.

Eis o motivo essencial que produziu esse facto gigante da circumnavegação e eis completamente evidenciado que elle interessava exclusivamente a Castella.

Mas Fernando de Magalhães largou Portugal e foi militar ao serviço de Hespanha, apenas em 1517; elle e Christovão de Haro, negociante abastado, que residia em Anvers e armava para a India, e Ruy Falero, homem douto em cousas de navegação e de astrologia.

Todos tres se julgavam offendidos por D. Manuel, e tinham entre si concertado o plano de tirar grossa vingança do seu enfado.

Quando, pelos seus espiões, D. Manuel presentiu o perigo, pretendeu evital-o. Consta por documentos que empregára grandes esforços para fazer abortar o plano, descendo até a solicitar a volta a Portugal do homem que sacudira grosseiramente por uma questão material de cem réis mensaes.

Lord Stanley de Alderley publicou, em appendice ao roteiro de Pigafetta, em 1874, uma carta escripta de Sevilha a D. Manuel pelo feitor Sebastião Alvares, em que lhe relata os esforços que empregára para demover Fernando de Magalhães do seu proposito e fazel-o voltar á sua patria.

E' tambem natural que simultaneamente se empregassem meios directos de impedir a expedição e D. Manuel promovesse, em armadas de corso, por meios officiaes e particulares, vigiar a região por onde se projectava fazer a travessia e precedel-a mesmo, se fosse possivel.

Tudo isto, porém, se deve collocar para diante da ida de Magalhães para Hespanha, isto é, depois de 1517.

A viagem da *Zeytung,* como a da armada de D. Nuno Manuel, duas ou a mesma, não têm cabimento plausivel antes desta data.

* * *

O emerito collaborador da *Gazeta de Noticias,* no seu terceiro artigo, de 16 de novembro de 1880, pretende inclinar-se a que a armada de D. Nuno Manuel viera ao Brazil em 1505, com a seguinte argumentação.

Serve-se de um trecho de uma carta de José de Anchieta, de 1584: — « Na éra de 1504 vieram os francezes ao Brazil a primeira vez no porto da Bahia e entraram no rio do Paraguassú que está dentro da mesma bahia a fazerem seus resgates, e tornaram com boas novas a França, donde vieram depois tres náos e estando no mesmo logar em resgate entraram quatro náos da armada de Portugal e queimaram-lhes duas náos e outra lhe tomaram com matar muita gente ».

Deste trecho, ainda que acceito como certo, não póde concluir-se a vinda de uma armada expressa e destinada ás costas do Brazil, desde que a não temos mencionada nos archivos onde estão as armadas portuguezas, com seus destinos, datas, força e commando e que o facto se explica muito naturalmente pela arribada das náos que iam para a India. Sabe-se que, desde Gabral, a costa do Brazil era batida por todas as armadas que iam para além do cabo tormentorio, como sendo essa costa ponto de refresco, de curiosidade e de estação, considerada boa, logo por Caminha.

Sabe-se mais que por essa costa passou D. Francisco de Almeida, em 1505, com 22 náos ; Pero de Anhaia com seis. Em 1506 passaram as divisões de Tristão da Cunha e Affonso de Albuquerque.

Além destas, de longiquo destino, sabe-se que andavam outras, fazendo o corso do Atlantico.

De qualquer, podiam ser as quatro náos a que se refere Anchieta; tanto mais que a fórma de dizer do celebre jesuita inculca que as quatro náos, que caçaram na bahia as caravellas francezas, não constituiam armada, mas faziam parte de uma. O facto era frequente; uma ou mais perdiam a vista da frota de que faziam parte, e aterravam em pontos especiaes, fóra da rota geral.

Dahi muitas façanhas avulsas de que a historia do tempo anda carregada.

* * *

Falta-nos apurar o que em tudo isto podia attribuir-se a D. Nuno Manuel, ao ponto de ser hoje geralmente considerado como commandante da armada vinda ao Brazil, em 1501 segundo uns, em 1505 segundo outros. Precisamos para isso de um rapido escorço biografico deste homem, muito celebre na côrte e na vida de D. Manuel.

Era irmão collaço do rei venturoso. Criaram-se juntos desde o leite de Justa Rodrigues, amasia do bispo da Guarda, D. João Manuel.

O rei venturoso criára-se como filho de nobres, parente proximo da casa real; mas sem regalias de herdeiro presumptivo, que nunca foi. O throno chegou-lhe ás mãos de chofre, por um *acaso da ventura*, por *voltas que o mundo dá*, ou antes por uma tragedia de nefandos crimes. Vê-se por ahi que as relações de infancia destes dous homens estavam e se formaram em condições de camaradagem muito apertada. Além de que, a familia de D. Nuno Manuel era realmente privilegiada, a ponto que este filho sacrilego não tinha razão de se rebaixar ao lado do futuro rei.

O ascendente no paço era excepcional pelo pai e pela mãi. O bispo da Guarda teve este filho e outro mais velho, D. João Manuel, em Justa Rodrigues, senhora solteira e fidalga.

D. Affonso V legitimou estes filhos sacrilegos e incestuosos. Passam por D. João 2º e são accumulados de mercês. Com D. Manuel, os dous irmãos são apenas as duas criaturas mais proximas da sua pessoa real, os mais aquinhoados das suas graças e beneficios.

D. João Manuel é o escolhido pelo rei venturoso para o desempenho da sua missão mais intima e absorvente, a conquista do coração da infanta D. Izabel, viuva de seu sobrinho, de cuja morte lhe viera o throno. Quem conhece por miudo esta intriga, é que póde apreciar a importancia da escolha do alcoviteiro.

Era uma paixão absorvente e, ainda mais, feroz, porque não era correspondida.

Nascera no momento em que a infanta chegára a Portugal. Nas grandes festas nupciaes de Evora, D. João 2º desconfiára das inclinações do menino, porque o maltratou, com grande escandalo de toda a côrte, sem poder averiguar-se outro motivo.

A paixão era por tal fórma violenta, que quando a infanta, ao cabo de longa resistencia e repugnancia, poz o preço, imaginando-o illiquidavel, porque era ao mesmo tempo a mias negra das acções, das contradicções e da impolitica, que abalava o reino nos seus maiores interesses, o rei não hesitou um momento — abraçava a sua amante por cima dos montes de cadaveres dos miseros judeus, totalmente destruidos no reino pela morte e pela expulsão !

Veja-se a importancia do emissario !

Quanto ao seu irmão colaço D. Nuno Manuel, foi almotacé-mór em todo o reinado de D. Manuel, e ainda em 1528 exercia o cargo junto de D. João 3º, como prova um mandado do mordomo-mór de 31 de maio desse anno, que se acha na Torre do Tombo, maç. 4º do armario 2º da escada que vai para a casa da Corôa, que manda pagar certa quantia

aos filhos de D. Nuno Manuel, almotacé-mór e capitão da Guarda da Camara [1].

Succedeu neste cargo a D. João de Souza, senhor de Sagres, que o fôra no tempo de D. João 2º, por carta de Evora de 5 de fevereiro de 1490.

D. João de Souza succedera no cargo a seu pai Ruy de Souza, que o houvera em 22 de novembro de 1481, em successão a Gonçalo Vaz de Castello Branco [2].

D. João de Souza accumulava junto de D. João 2º o logar de almotacé-mór com o de guarda-mór. D. Manuel conservou-lhe este alto posto até a morte, em 16 de dezembro de 1513, dando-o, nesta data, a D. Nuno Manuel, que n'elle se encartou por titulo real, passado em Almeirim, aos 11 de março de 1515 [3].

O cargo de almotacé-mór é de presumir que fosse tirado a D. João de Souza e transferido a D. Nuno Manuel, logo que D. Manuel subiu ao throno.

Por carta regia de 4 de março de 1498 [4], vendeu-lhe D. Manuel por 152$ a herdade de Pão na villa de Monçaras, e já na carta é tratado por almotacé-mór.

* * *

O illustrado autor dos artigos da *Gazeta de Noticias*, encontrando e reconhecendo a difficuldade de harmonisar o cargo de almotacé-mór com o de commandante de armada, valeu-se de Gaspar Correia, que lhe affirma que Diogo Lopes de Sequeira fôra almotacé-mór e nem por isso deixou de commandar a primeira expedição a Malaca, em 1508. A analyse que fica feita prova que Diogo Lopes de Sequeira nunca teve semelhante cargo e marca mais um ponto de descredito no rosario daquelle historiador da carochinha.

[1] Historia Genealogica — Tomo 11, pags. 421 e seguintes.
[2] Idem, tomo 3º, pag. 129.
[3] Provas da Historia Genealog. — tomo 6º, pag. 109.
[4] Historia Genealogica — tomo 11, pag. 422.

Depois o bom senso diz e apregôa que o cargo era fundamente incompativel com a sahida da côrte. As prerogativas do cargo eram muito exigentes, e tanto, que as suas funcções se acham marcadas no L. 1º titulo 8º das Ordenações do Reino.

Provê a todo o necessario á manutenção da côrte.

Ora, naquelle tempo, a côrte movia-se continuamente. Estava hoje em Lisboa, amanhã em Cintra, dias depois em Almeirim, em Santarém, em Setubal, em Evora, etc.

E era isso preciso; as malinas, que grassavam em diversos pontos, a justiça centralisada no rei, obrigavam a estes movimentos, para fugir ás primeiras e administrar localmente a segunda, em fórma de correição. Lá andava na frente o almotacé-mór, provendo a tudo, preparando as installações e os meios de transporte. Tinha que fazer, e o cargo era de tanta confiança, que não permittia substituições.

* * *

Não é muito acceitavel que fosse um homem desta gerarchia o *fuão* Nuno da *Zeytung*, que armava, de parceria com Christovão de Haro, um navio para Malaca; com Haro, por cima de tudo inimigo de Portugal e que, com Falero e Fernando de Magalhães, fôra para Hespanha planejar vinganças contra D. Manuel!

Mas emfim, que fosse armador de navio ou navios, como já vamos ver que foi, ninguem dahi está autorisado a concluir que os commandasse.

A carta de Vasconcellos falla na armada de D. Nuno Manuel, que não é synonymia de armada commandada por D. Nuno Manuel; a *Zeytung* diz um navio armado por Nuno e Christovão de Haro, que, da mesma fórma, não significa navio commandado por Nuno e Christovão de Haro.

D. Nuno Manuel armou effectivamente um navio, pelo menos, que andava pela China em 1521 e era commandado por Diogo Calvo.

«E tambem succedeu chegar no porto de Tamou uma não, que partiu deste Reino, a qual era de D. Nuno Manuel, Almotacé-mór, a quem el-rei D. Manuel deu licença que podesse armar para aquellas partes, de que era capitão Diogo Calvo [1]. »

Por que não ha de ser esta a armada de que falla a carta de Vasconcellos?

O que fica fóra de toda a duvida é que D. Nuno Manuel não foi commandante de armada alguma, nem em 1501, nem em 1505, nem em tempo algum.

* * *

Sebastião Alvares, dando conta a D. Manuel dos preparativos da expedição de Magalhães (Navarrete, colleccion de viages, etc., tom. IV, pag. 155), diz:

« Otra armada se hace de tres navíos, de que va por capitan Andres Niño, y lleva otros dos pequeños en piezas. Va á tierra firme al puerto del Darien: de alli por tierra veinte leguas al mar del sur, pasando los dos navios en piezas, y con ellos descubrir mil leguas y no mas contra el loeste las costas de la tierra que se llama Catayo. En estos ha de ir por capitan mayor G. G. Dávila, contador de la española. »

« Partidas estas, se hace luego otra de cuatro navíos para ir por la via de Magallanes y en su socorro. No se sabe donde se hará: ordénalo Cristobal de Haro. »

Parece muito mais razoavel relacionar Cristobal de Haro com Niño, do que com D. Nuno Manuel. A passagem da *Zeytung*, ou por pequena mudança no nome, ou porque a quem escreveu Niño soasse por Nuno, fica, com mais verosimilhança, approximada desta passagem historica.

Claro é, porém, que não quebramos lanças por esta explicação; apenas lhe damos maior valia do que á extra-

[1] Barros — Decada III, Livro VI, Cap. II.

vagante approximação de Cristobal de Haro de D. Nuno Manuel.

No mesmo logar que citamos, diz-nos Navarrete, numa nota: — « De una carta de la ciudad de Amvers al Rey de Portugal, que está 1, 21, 52, consta que Cristobal de Haro con otros dos Haros, quisá hermanos, eran moradores y comerciantes alli, y que en 517 habian capitulado con Portugal sobre contratar en Guinea, á dò habiendo enviado cantidad de navíos, los portugueses les echaron á fondo siete estimados en 16.000 ducados. Pidese indemnizacion con mas 2.000 de costas ».

Corrobora o juizo. Os Haros eram armadores na Flandres. Por 1517, negociavam com Portugal, para exploração na Guiné e foram prejudicados.

Viraram-se para Hespanha, e para Malaca, a melhor esperança que havia a explorar naquelle reino e naquella epoca.

Como acreditar que os Haros, homens de negocio, andassem a perder dinheiro, em 1501, em aventuras que só podiam interessar aos descobridores ambiciosos de honrarias?!

Para insistir na ligação de Haro com D. Nuno Manuel, fôra preciso inventar um outro Haro, que não o Cristobal de Amvers.

Depois, a cahida da armada de Andres Niño e Cristobal de Haro pela costa do Brazil, apoz 1519, tem verosimilhança historica.

E' certo que ella ia com destino a Darien; levava navios em peças, para serem armados do outro lado da serra, e viajarem no mar do sul.

Mas nós já sabemos que aquellas 20 leguas de travessia por terra não eram agradaveis, como Solis o tinha visto. E' muito de presumir que Niño, como Juan Dias, promettessem uma cousa em Hespanha, e fizessem outra do outro lado do Atlantico. Isto é — descer ao longo da costa brazileira para passar no sul.

Ahi fica uma explicação para o periodo da *Zeytung*, para a qual não peço *patente*, mas que penso tem mais valor do que aquella que se lhe pretendeu dar, deslocando datas e ligando pessoas que provavelmente se não conheceram.

CAPITULO XI

VESPUCIO NA HISTORIA

Tres épocas da vida de Vespucio; tres occupações: negociante, espião e professor. — O navegante e o usurpador; Fernando de Noronha e Vespucio. — A rainha e o rei; Colombo e Vespucio. — O rei paga generosamente os serviços do seu espião. — Vespucio hespanhol; Vespucio piloto-mór. — Reconhecimentos posthumos. — Melhor apreciação da critica generosa de Humboldt. — Resumo final.

É bem difficil a caracterisação deste celebre aventureiro, por isso mesmo que elle não tinha caracter. Não ha homogeneidade; elle não é um typo, mas uma aberração, um conglomerado. E' indispensavel dividil-o, para o estudar em parcellas; quando, depois, se quizerem juntar as parcellas, para formar o individuo, estas cahem para o lado, por falta de cohesão.

Ha destes casos na historia, porque esta, como sciencia natural, não tem por objecto final o estudo de individuos, nem de especies; ella fórma quadros, que são coloridos pela época. A classificação historica é principalmente chronologica; a synthese deduz-se do aspecto geral, que dá uma uniformidade momentanea, statica. Quando se lhe imprime movimento, são em geral precisas grandes modificações. Os individuos, ou são por idole mutaveis e influem na transformação, determinando-a até, ou têm tendencias para a uniformidade e pertencem ao eixo do systema.

* * *

Vespucio tem, pelo menos, tres aspectos, tres fórmas; pertence a tres diversas, muito diversas modalidades.

Na primeira, que vai de 1492 a 1499, é commerciante. Subalterno e irresponsavel, como empregado da casa Berardi; gerente, chefe. São subdivisões, a que não queremos descer.

A expedição Hojeda foi para o florentino um alfa e um omega; um ponto singular na curva da sua existencia. Entrou nella com a esperança de que seria o fecho material da sua vida peregrina de grangeio, o omega do seu alfabeto de ambições de riqueza. Embarcou como negociánte; levava alli a sua fortuna e suppunha que voltaria com ella multiplicada em milhões, na especie de ouro e perolas. Mas a empreza foi um desastre no seu aspecto commercial.

Prova-se com documentos certos; cedulas reaes, existentes no Archivo de Simancas, publicadas por Navarrete, mèncionam uma série de concessões a Hojeda, posteriores á sua viagem de 1499 a 1500, arranjada por Fonseca, que todas têm por base indemnisal-o da sua infelicidade.

Uma, publicada sob o numero IX, tomo III, pag. 84, reza:— « Real cedula dando licença a Alonso de Hojeda para trazer da ilha Espanhola ou de outra qualquer e vender na metropole 30 quintaes de brazil, 20 por mercê e 10 por indemnisação de um cavallo que lhe tomou Colombo ».

Outra, sob o n. X, pag. 85, menciona o — « assento feito com Alonso de Hojeda, concedendo-lhe que volte com dez navios a fazer descobrimentos *en atencion al poco provecho que tuvo en el viage anterior* etc. ».

Fonseca fecha, por ordem real, a concessão Hojeda, em junho de 1501; dias depois, dá-se-lhe ainda o governo de Coquibacoa.

Em 5 de julho desse mesmo anno, Hojeda lavra uma escriptura de sociedade com Juan de Vergara y Garcia de Campos, para explorar esta concessão.

Ainda foi infeliz, porque, em data de 5 de outubro de 1504, os reis novamente lhe estendem a sua protecção:— « Real cedula mandando no se impida a Alonso de Hojeda

y Pedro de la Cueva el viage que deben repetir á las Indias; y que las deudas por las cuales recelan ser detenidos se pagaran en los terminos ya prevenidos á los oficiales de la casa de la Contratacion » (Navarrete, tomo III, pag. 91).

* * *

Duas conclusões necessarias e patentes :— Hojeda foi infeliz na sua primeira viagem, feita de parceria, ou, mais seguramente, á custa de Vespucio; repete as suas viagens, separando-se completamente do seu socio ou emprezario, indicando que este ficára arruinado.

Vê-se ainda que Vespucio não tinha, por este tempo, outra importancia, que não fosse a dos seus recursos materiaes. Juan de la Cosa, piloto de Hojeda, volta e continúa na sua profissão; Vespucio não volta, porque a sua profissão de negociante tinha findado. Acabara-se-lhe o dinheiro e com elle o negocio. Se elle fosse, nessa época, em que Hojeda anda lutando contra a sorte, para se equilibrar, um piloto de nomeada, um cosmografo conhecido, era muito natural que Hojeda o convidasse e se servisse dos seus prestimos, ao menos por uma natural compensação.

* * *

A segunda época de Vespucio vai de 1500 a 1505. São cinco annos notabilissimos e que ainda não foram, a nosso ver, comprehendidos, nem estudados; delles, por outro lado, depende o final julgamento da sua feição historica. Foi espião de Hespanha em Lisboa.

Cabral vinha de tocar em terras occidentaes, continuação das que formavam a partilha hespanhola: era uma ameaça aos grandes interesses de Hespanha.

Esses interesses, os ciumes correllativos, traziam as duas côrtes em desconfianças e sobresaltos continuos: era preciso saber tudo e prever tudo. Não chegavam os meios diploma-

ticos, que se empregavam com largueza; havia embaixadores em duplicata e ás vezes tres e quatro. Qualquer pretexto servia para mandar mais algum em missão especial, augmentando o corpo dos investigadores, em geral homens escolhidos, com a vista e o olfato apurados e com a lingua muito tarda, sobria e circumspecta. Mas, em camada mais baixa, os embaixadores das tascas, dos beccos, da ribeira. Era preciso conviver com a maruja, saber ouvil-os e conversal-os; os que iam e os que voltavam; para onde iam, donde vinham; o que tinham feito, o que tinham visto.

E, entre estas duas classes, outra, a dos homens astutos, mas apresentaveis; que podessem ouvir e viver em classes burguezas e fidalgas; explorar os pilotos, os mestres, os escrivães, os cosmografos, os capitães mesmo.

Vespucio e Juan de la Cosa e outros desta categoria exploraram esta profissão em Lisboa, por conta de Hespanha. Cosa foi preso, porque foi apanhado e convencido de espionagem. Vespucio era mais habil; era florentino. Depois, tinha em Lisboa condições especiaes para exercer a sua profissão.

Bartholomeu Marchioni, entre outros mercadores seus patricios, era um centro notabilissimo de toda esta vida do mar e de aventuras. Tudo alli ia, desde os capitães-móres, chefes de expedição, até os marinheiros mais baixos.

O rei precisára delle em 1501, para mandar João da Nova atraz de Cabral; vira-se forçado a tomal-o em parceria, concedendo-lhe que armasse por conta propria. Certamente, porque o rico armador lhe fornecera capitaes ou fazendas.

No escriptorio Marchioni faziam-se transacções de valor; muitas mais seriam propostas e rejeitadas. Marchioni ou quem por alli andasse seria bem informado. Vespucio fazia seguramente o seu centro na casa do seu patricio e ahi soube tudo que precisava para trazer o rei Fernando, de quem era serviçal, bem ao correr do que ia por Lisboa.

Com os dados que ahi obteve fez áquelle catholico rei os seus relatorios, e, com a mesma materia, introduzindo-lhe

a condição de agente (eis a sua grande falsificação), formulou essas informações, summarios, cartas ou o que foi, que, primeiro em Lorena, depois pela Allemanha, serviram de base a essa lenda extraordinaria; a mais extraordinaria, sem duvida, que se conhece!

* * *

Navarrete tomou para sua analyse uma carta de Vespucio, em que se contam as suas quatro navegações, que extrahiu da segunda edição da « Cosmographiæ Introductio », a de Strasburgo, de 1509; em latim, como a primeira de 1507, de que é cópia. Ja dissemos, n'outro logar, o sufficiente a respeito destas cartas. Esta, pela qual optou Navarrete, é dedicada ao duque Renato, envolvendo todas as contradicções que lhe nota o Visconde de Santarém.

Se foram realmente cartas que Vespucio escreveu, se simples informações que deu a alguem e que serviram para se forjar a lenda, por essa fórma epistolar, até hoje ninguem o sabe. A autenticidade destes documentos é nulla. Ninguem ainda conseguiu ver os originaes, nem saber a lingua em que escreveu Vespucio, se elle realmente escreveu. Mas não é isso que aqui nos interessa.

Na dedicatoria desta carta [1], diz ou faz-se que diga Vespucio: — « Acaso serei classificado de pretencioso e de ocioso, occupando-me em dizer-vos cousas que não interessam ao vosso estado, *escriptas determinadamente para Fernando rei de Castella* ».

Aqui Navarrete diz, n'uma nota: — « Posto que se falle das quatro viagens ou navegações, como depois exprime, deve-se ajuntar — *e para Manuel, rei de Portugal* ».

O bello e emerito historiografo hespanhol pede a sua premissa maior. A petição de principios está em dar credito ás navegações de Vespucio, fundamento essencial de toda a

[1] Navarrete, tom. III, pag. 191.

critica em questão. Inteiramente inacreditavel que Vespucio ou alguem, de 1500 a 1505, navegasse por conta de Portugal, e fizesse dessas viagens relatorio ao rei de Hespanha, ou vice-versa. Parceria das duas corôas em navegações ou nas suas narrativas, é uma idéa de todo o ponto inviavel com a época.

Faria, é muito natural e quasi certo que fez Vespucio relatorio secreto a Fernando, por conta de quem andou espionando em Lisboa; que a dedicatoria contém uma confissão verdadeira, tal como está.

Para longe, fez-se passar, deu-se como agente dessas navegações, que foram feitas por outros e que elle a si attribuiu, relatando-as segundo as informações que colheu.

Esse relatorio, inculcado como feito e apresentado ao rei Fernando, está servindo a idéa, por fim determinada, de que elle por conta desse rei veiu imformar-se e estudar a Lisboa.

* * *

A narrativa da supposta viagem de 1501 foi colhida, nos seus dados geograficos, nor oteiro de Pinzon e Lepe, juntando e amalgamando informações esparsas de outras expedições particulares, essas que se assentou de appellidar clandestinas.

A de 1503, refere-se indiscutivelmente á expedição de Gonçalo Coelho. Notam-se manifestas lacunas e trocas n'alguns pontos essenciaes, o que significa que Vespucio, apezar das suas diligencias, não conseguiu saber tudo. Inclinamo-nos a que fôra Fernando de Noronha seu principal informante e que com elle se relacionára na casa Marchioni, que o donatario da ilha S. João manifestamente frequentava com assiduidade de negociante. Vamos mostral-o.

* * *

Fernando de Noronha obteve a capitania da ilha de S. João, depois chrismada no seu nome, em duas vidas, por carta passada por D. Manuel, em Lisboa, aos 16 de janeiro de 1504.

A carta diz que o donatario entrará de posse desta capitania, logo que a ilha se venha a povoar e que, nessa occasião, se lhe dará a carta em fórma (fóral), com a declaração dos direitos e jurisdicção que haja de ter a referida capitania.

Declara mais que a ilha fôra descoberta por Fernando de Noronha nesta data: — « ilha de S. João, que elle (F. de Noronha) ora novamente achou e descobriu 50 leguas ao mar da nossa terra de Santa Cruz ».

Como podia andar Fernando de Noronha, em 1503, por estas alturas, sem ser na armada de Gonçalo Coelho, a unica expedição deste tempo para o Brazil ?

Como póde ser esta mesma ilha descoberta por Vespucio, segundo elle pretende nas suas cartas ?

Quem não está vendo e concluindo que aquella celebre historia de Vespucio, mandado pelo capitão a reconhecer a ilha que viram de longe e ahi ficando e dahi sahindo sózinho para a Bahia e até Cabo Frio, onde fundou uma fortaleza, deve toda, ou pelo menos nos traços geraes, corrigir-se, trocando apenas o nome de Vespucio pelo de Fernando de Noronha ?

Dupla confirmação deste asserto, acha-se na viagem da náo *Bretôa*.

Em 1511, veiu ao Brazil uma náo commerciar páo, aves e outros productos, por conta de armadores, com todas as licenças e condições: é a celebre náo *Bretôa*.

Do roteiro desta viagem, feito pelo escrivão da náo *Duarte Fernandes* [1], tira-se uma grande quantidade de luz.

O sub-titulo do roteiro diz : — « Livro da náo *Bretôa* que vai para a terra do Brazil, de que são armadores Bartholomeu Marchioni, Benedito Morelli, Fernando de Noronha e Francisco Martins, etc ».

Estas approximações completam o juizo.

* * *

[1] Varnhagen — Historia do Brazil, tom. 1º, pag. 441 a 444, notas 32 e 33.

De volta da sua viagem, em fins de 1503, deixando o capitão-mór ainda pelo Brazil, Fernando de Noronha, homem do paço, pouco endinheirado e muito ambicioso, foi para o rei solicitando.

Obteve a capitania condicional da ilha que descobrira. Que fosse com essa promissoria, arranjasse seus capitalistas, e voltasse a receber o titulo final da concessão.

Foi para Marchioni, o Rotschild das explorações maritimas ; apresentou-lhe os seus papeis e contou por alli, para quem quiz ouvir, as maravilhas da sua viagem, com todas as peripecias que lhe succederam na ilha, na Bahia, em Cabo Frio.

Marchioni estudou o negocio e não embarcou ; não lhe achou bastante lucro e garantia. Ao lado, estavam os ouvidos attentos de outro florentino, que ia escrevendo e dando ordem ás vivas descripções do fidalgo despercebido.

Ainda Fernando de Noronha andava descalço na trilha das suas ambições, solicitando de D. Manuel cousa mais pratica para o seu banqueiro Marchioni, e já o rei de Hespanha sabia por miudo a viagem de 1503, contada no relatorio do seu espião, e já, por França e pela Lorena, se andava, em cima das descripções calorosas, feitas no escriptorio Marchioni, construindo a relação das viagens de um florentino, em que se chrismára o fidalgo pelintra e mendicante.

— Deus me livre, parece estarmos ouvindo dizer Marchioni, de entrar em tal negocio ! Povoar a ilha, para só depois a explorar ! Não é commigo ; *ce n'est pas mon genre*. Eu quero negocios mais expeditos e menos complicados ; o rei que lhe dê licença para armar para essas terras, e, então, sim senhor. Um navio aprompta-se n'um instante. Vai, carrega, volta ; uma questão de mezes ; dividimos os lucros. O senhor fica rico e eu tenho dado bom emprego aos meus capitaes. Vá, vá ; volte com a licença real, e tudo o mais por minha conta.

E Fernando de Noronha foi, andou, virou, até que obteve do rei a concessão para armar um navio ao resgate da nova terra.

E ahi temos, commercialmente feita, a sociedade da náo *Bretôa*.

* * *

Vespucio volta a Sevilha por 1505. A grande rainha, um estorvo na carreira do espião, tinha morrido. Fernando catholico governava, de parceria com a filha, com o genro, e todos em nome do neto e filho, futuro Carlos V.

Vespucio sentia-se melhor no novo meio; as brumas do seu futuro iam-se adelgaçando e refractavam-lhe raios de esperança. Ao longe, pregustava elle a gloria que se lhe andava a fabricar; ao perto, previa o mais condigno meio de se affeiçoar ao grande papel que se lhe estava distribuindo. Duas urgentes necessidades surgiam alli, imperiosas, inalienaveis: saber, cultivar a sciencia, ser mestre na arte de navegar, condição impreterivel para dar á posição que se creára o cunho essencial da verosimilhança; um commerciante e um espião não iam no papel de grande navegador e descobridor; nem vice-versa. Professar a mesma arte, era a outra necessidade.

Estudou e soube. Na terceira época da sua vida, nos oito annos que vão de 1505 a 1512, em que morreu, Vespucio apresenta-se realmente como cosmografo emerito.

Para professar em Hespanha, era preciso naturalisar-se. E' por esse acto de baixeza de caracter, que sempre, em todas as emergencias, define um espirito moral insignificante, que elle inaugurou a sua ultima phase.

A sua carta de naturalisação, documento de grande valor para este estudo, tem a data de 24 de abril de 1505 [1].

Alguns trechos de necessidade: — « Por fazer bem e mercê a vós Amerigo Vezpuche, florentino, acatando a vossa

[1] Navarette, tom. III, pag. 292 (Arch. de Simancas).

fidelidade e *alguns* bons serviços que me tendes feito e espero continuareis a fazer, pela presente vos tenho por natural destes meus reinos de Castella e Leão».

Alguns serviços...; vê-se bem que, em 1505, quando, dando credito a Vespucio, já tinha findado toda a sua vida de navegador, elle não tinha feito a Hespanha, unico paiz afinal a quem os fez, mais do que *alguns* serviços.

Ora, a carta carecia de justificar-se com alguma cousa; menos de que *alguns* não podia dizer.

E esses *alguns*, realmente, quaes são? os de espionagem em Lisboa, que estão presumidos, embora não documentados. Afóra esses, quaes? a viagem com Hojeda? de nenhum valor para Hespanha, pois que nem Hojeda, o chefe, nem Juan de la Cosa, o piloto-mór, nem chronistas do tempo, nem historiadores de mais tarde, ninguem menciona serviço algum feito nesta expedição por Vespucio. Ia como *mercader*, tratando dos seus negocios, e dessa esteira se não levantou.

Que a carta tinha, como directa e principal intenção, habilitar civilmente Vespucio a exercer cargos publicos, prova-o a passagem seguinte: — « e para que possais ter e tenhais quaesquer officios publicos e reaes e concelhios que vos sejam dados e encommendados, etc ».

Assigna a carta o velho rei Fernando, em nome da filha Joanna.

Está o espião preparado para receber o pago dos seus *alguns* serviços. Contando ainda pouco com elles, recorreu ao empenho; é a carta de Colombo para o filho, com que se apresenta na côrte.

E' certo que havia grande partido contra Colombo, engrossado com a morte de Izabel; com esse contava Vespucio, porque militava de ha muito nas suas fileiras. Entretanto, a gloria real, immorredoura, que vinha da nobre e incomparavel figura do velho e quebrantado almirante de Hespanha, por mais que lh'a quizessem marear os odios e as invejas desses infames Bobadillas, era sempre uma arma poderosa. Elle ia morrer, mas a familia, de que elle fôra o tronco,

era e seria sempre uma das principaes e mais poderosas de Hespanha.

Ahi Vespucio toma as fórmas repugnantes do Judas, invesgando a consciencia, para ter a coragem de entrar nesse gabinete do martyr e encaral-o e curvar-se-lhe com o pedido da sua protecção.

E como ousaria um homem limpo de alma, que tivesse, como Vespucio, servido uma causa com tanto ardor e por tanto tempo, soffrer a aspide do remorso que aquelles grilhões, alli pendurados, lhe estavam cravando no coração, naquelle tempo de silencio justiceiro, em que o velho, sem o saber, escrevia no papel a maior talvez das glorificações do seu caracter.

Esta carta para o *mercader*, que neste momento como em todos o era, variando apenas o ramo do seu negocio, tinha para elle um duplo valor: prevenia-lhe a opposição da familia, dos amigos e dos partidarios de Colombo, e conduzia-o, por mão sobre todas autorisada, para a conquista do emprego que ambicionava.

Entretanto Vespucio, com todas as habilitações externas para o cargo de piloto-mór de Hespanha, só tres annos depois, em 1508, consegue essa nomeação! Por que?

E' que lhe faltava a condição intrinseca; essa que elle pavoneava, que já tinha inculcado ao longe, que áquellas horas já estaria em circulação, que elle naturalmente não se cansaria de affirmar ao rei, que o protegia, a Fonseca, de quem era servil instrumento, mas que realmente não tinha, e que, no exercicio legal do cargo, não podia já sofismar.

Foi elle, muito racionalmente, quem solicitou esse periodo de tres annos, que formam a sua época de estudo e de preparação.

* * *

E, nesses tres annos, vemol-o exercendo commissões regias, em Sevilha e outros logares, referentes ao aprestamento das armadas.

Preparava mantimentos, *manificava* farinhas, de que fabricava nove qualidades; comprava trigo, vinho; montava toneis, vasilhames, e muitas e todas as cousas precisas ás armadas.

Uma serie de documentos se encontram no livro chamado das Armadas, pelos annos de 1506 e 1507, por onde se infere que Vespucio se occupava até deste serviço, por ordem real e como empregado de salario.

Em 23 de agosto de 1506 [1], Filippe I escreveu aos officiaes da casa de Contratação de Sevilha, recommendando-lhes que consultasem Vicente Yañes e Amerigo Vezpuche, sobre saber-se se a armada póde partir antes do inverno.

Os conhecimentos de Vespucio começam aqui a ser tidos em conta official e equiparam-se aos de Pinzon, considerado um dos primeiros navegadores hespanhóes.

Noutros documentos, referentes aos fornecimentos das armadas, ao cargo de Vespucio, este é tratado por *capitão*, tratamento que envolve o reconhecimento da sua competencia nautica.

Emfim, é-lhe passado o titulo de piloto-mór de Hespanha, por carta regia de Valladolid, em 6 de agosto de 1508.

Já era officialmente considerado no cargo, porque, em 22 de março desse anno, o rei assigna uma cedula em Burgos que lhe abona 50.000 maravedis annuaes, seu soldo de piloto-mór [2], e, ainda por outra cedula da mesma data, se lhe concedem mais 25.000 maravedis annuaes, por ajuda de custo.

A carta ou titulo de piloto-mór é um documento notavel. O cargo não existia em Hespanha; é este titulo que o creou, explicando minuciosamente os motivos e o fim. Que os pilotos, por falta de conhecimentos profissionaes, produziam grandes males na direcção dos navios e por isso era preciso que se preparassem; que. dalli em diante, nenhum piloto

[1] Navarrete, tom. III, pag. 294, docum. n. V.

[2] Logar citado, pag. 297.

podia exercer a profissão, tanto em armadas officiaes, como nas particulares, sem primeiro se ter habilitado e obter carta.

Vespucio é o encarregado do exame, da instrucção e da concessão da carta a quem a merecer.

Permitte a Vespucio que abra escóla em sua casa em Sevilha, onde todos vão aprender e habilitar-se, pagando-lhe o seu trabalho.

Concede a Vespucio amplos poderes para escolher, dentre os pilotos conhecidos, os que tiver por melhores, para estes servirem sem carta e emquanto outros se preparam; mas não passando a concessão de uma até duas viagens, depois das quaes serão obrigados a vir prestar o seu exame.

Manda reunir uma junta de pilotos dos mais habeis, á escolha e debaixo da presidencia de Vespucio, afim de se compararem todas as cartas geograficas conhecidas e de que se servem diversos pilotos, e dellas se fazer uma, com o titulo de *Padrão real*, pela qual todos os pilotos serão obrigados a governar-se dahi em diante.

A infracção é punida com a multa de 50 dobras. Que todo o piloto que tiver descoberto alguma terra nova será obrigado, apenas volte a Hespanha, a dar conhecimento della a Vespucio e aos officiaes da casa de Contratação, para ser collocada no *Padrão Real*

* * *

Neste posto, que occupou quatro annos, Vespucio deve ter prestado serviços de valor; e estes, sim, são serviços reaes; e, neste curto periodo final da sua vida, o seu nome bem merece da historia e da posteridade. Podemos afoutadamente affirmal-o.

Hespanha reconheceu-o officialmente e de modo bizarro. Vespucio morreu em Sevilha, em 22 de fevereiro de 1512. Logo no dia 24, dous dias depois da morte, manda-se entregar a Manuel Cataño, testamenteiro de Vespucio, 10.937 mara-

vedis, seu soldo de 53 dias deste anno [1], real a real e até o ultimo dia em que viveu.

E, em 28 de março deste mesmo anno, abre-se á viuva de Vespucio, Maria Cerezo, a pensão vitalicia de 10.000 maravedis, que devem ser tirados annualmente do soldo de Juan Dias de Solis, o successor de Vespucio no cargo de piloto-mór.

Além da nota significativa da consideração pelos serviços do morto, tira-se outra de não menor importancia. O novo piloto-mór, homem da categoria e nomeada de Solis, tem de receber um desfalque no seu ordenado, para sustentar a viuva de Vespucio; fica com 65.000 maravedis annuaes. Claro é que a consideração por Vespucio era maior do que por Solis.

Este, como se sabe, é morto no Rio da Prata, em 1515; succede-lhe no cargo Sebastião Caboto, outro nome de primeira autoridade. Este, pretende reagir contra a depressão do ordenado, que arrastava uma depressão de valor moral; pois Carlos V, por ordenança de 16 de novembro de 1523 [2], resolve a favor de Maria Cerezo e manda descontar Caboto.

Ainda mais. A viuva morre, em 26 de dezembro de 1524, e Carlos V manda continuar a pensão em Catalina Cerezo, irmã e herdeira da Maria Cerezo.

Era grande a consideração de Hespanha pelos serviços profissionaes de Vespucio, naquelles celebres quatro annos; os detractores systematicos deste homem, representados pelo Visconde de Santarém [3] e por Jules Marcou [4], em contraste com os systematicos panegeristas Bandini, Canovai e Varnhagen, não poderão illudir esta verdade.

[1] Logar citado, pag. 302 e seguintes, doc. num. X.

[2] Idem, pag. 308, num. XIV.

[3] Recherches historiques critiques et bibliographiques sur Americ Vespuce et ses voyages.

[4] Bulletin de la Société de Geographie de Paris, 7^{me} serie, tom. IX, 3º e 4º trimestres de 1888.

Esses serviços profissionaes de Vespucio marcam uma época notavel na historia das navegações hespanholas. E' com a fundação da escóla de pilotagem de Vespucio, com o rigor profissional para com os pilotos, que a arte maritima toma em Hespanha um caracter de seriedade e as emprezas de maior vulto e de maior exigencia se realizam.

E' desde então que a linha equinocial se corta sem receios, que o sul da America é batido pelas esquadras hespanholas, que o *mar do sul*, o Pacifico, é procurado avidamente, que a passagem pelo sul da America se encontra e se vence; que o Pacifico é procurado, percorrido e navegado em diversas direcções, e o oriente surge para Hespanha na passagem occidental.

Não esqueçamos, porém, collocando-nos no verdadeiro ponto da despaixão, que estes serviços de Vespucio são todos productos dos seus conhecimentos, que podemos dizer *de gabinete*. Foi um mestre, um professor de pilotagem; não foi um piloto, não foi um navegador.

* * *

Humboldt, depois de ter tratado o assumpto rapidamente no «Exame Critico», volta a elle no «Cosmos» e dedica a Vespucio uma extensa nota [1]. Pretende, como já dissemos, lavar o caracter moral de Vespucio, innocentando-o da injustiça que se fez a Colombo, denominando-se o nome do novo continente pelo nome de Vespucio, que positivamente o não descobriu. Sendo só esta a protecção do grande viajante deste seculo, ella não altera a parte essencial das nossas affirmações.

Entretanto, e, apezar do grande respeito que temos por Humboldt, não podemos deixar sem reparo alguns pontos da sua critica.

[1] Cosmos — tomo 2º, pag. 581 e seguintes.

« Que, desde o anno de 1507 o nome de *Americi terra* é applicado ao novo continente por um homem cuja existencia era *certamente ignorada por Vespucio,* pelo geografo Waldseemüler (Martinius Hylacomylus) ». Ha dous defeitos nesta affirmação, que a invalidam; nem Humboldt tem razão de affirmar a ignorancia de Vespucio, antes tudo convence da sua cumplicidade, nem Hylacomylus foi o auctor da denominação. Vespucio deu as informações que, ou mandou directamente, ou lhe levaram para longe; foi a causa essencial e material da grande escamoteação.

A ignorancia de Vespucio do emprego que tinha tirado Sandecourt, o legitimo autor do baptismo, só poderia, como muitos inculcam, fundar-se na distancia e na falta de communicações. Essa mesma razão se destróe. Se os relatorios vangloriosos de Vespucio poderam, em menos de tres annos, reduzir-se á forma publica de traducção, impressão e viagem de Lisboa ou Sevilha para Friburgo ou Brisgou, muito mais facilmente podia vir a noticia dessa publicação a Sevilha, ao conhecimento de Vespucio, nos cinco annos que ainda viveu, de 1507 a 1512. Além de que, a falta de communicações não era tamanha, como se pretende; é dar-se a gente ao trabalho de ler, em documentos do tempo, a velocidade das transmissões, e verifica-se que Sevilha e Friburgo podiam ter relações mensaes, pelo menos.

« Que Vespucio nunca pretendera ligar seu nome ao novo continente [1] », é uma affirmação que tem contra si argumentos poderosos.

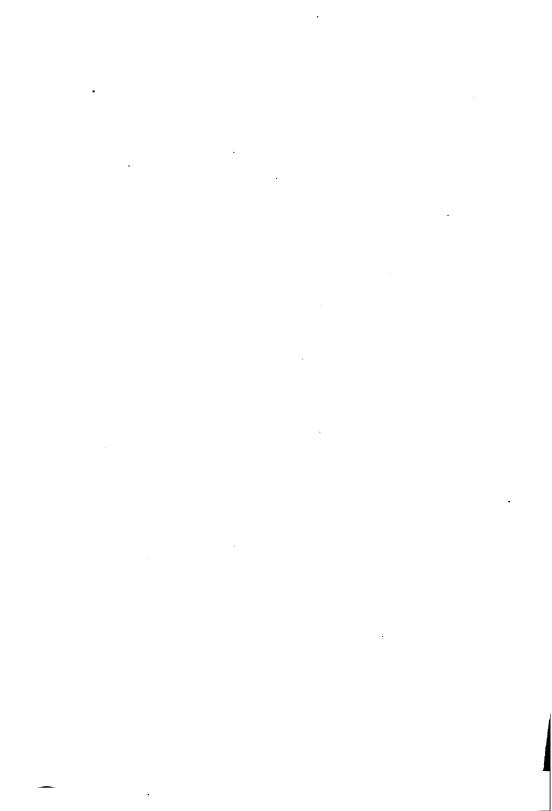
Vespucio assigna o seu nome, até 1503, *Alberico;* em 1504, começa a assignar-se *Amerigo*, e, de 1508 a 1512, todos os documentos officiaes têm a assignatura *Amerrigo.* Por que vai mudando a morphologia do seu nome, approximando-a cada vez mais da fórma final? Humboldt mesmo ver-se-ia embaraçado para responder.

* * *

[1] Cosmos, tom. 2º, pag. 584.

Mas o nosso fim pensamos estar conseguido.

Vespucio não navegou para o Brazil, nem em 1501, nem em 1503. As suas descripções são extrahidas de roteiros de viagens de que teve conhecimento e que jactanciosamente fez passar por suas.

Armada official para o Brazil em 1501 carece de ser demonstrada ; se vieram portuguezes, neste anno, eram aventureiros.

CAPITULO XII

O AUTOR DO ROTEIRO GERAL

Valor do Roteiro.— Unanime autoria de Francisco da Cunha; opinião cathegorica de Ferdinand Denis.— Primeiros ensaios de Varnhagen; «Reflexões criticas».— Adopção da Academia Real.— Autoridades muito discutiveis; erros do abbade de Sever; comparticipações de Varnhagen.— Analyse directa que contraproduz.— Um reu confesso.— Conclusão.

Este precioso roteiro é, depois da carta de Caminha, o maior monumento historico do seculo XVI, para a construcção do primeiro periodo da Historia do Brazil. Li algures que era lamentavel não ter Santa Rita Durão um historiador como Barros para lhe guiar o engenho, como Barros guiou Camões. Não acho exacto o conceito, porque, se Durão tivesse conhecido o Roteiro Geral e não andasse a informar-se pelo autor da America Portugueza e da chronica da Companhia, a suggestão não seria inferior.

Infelizmente, o manuscripto andou esquecido, pelos archivos e bibliothecas, até 1825, em que, pela primeira vez, transpoz os umbraes das lettras, na importante «Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas» da Academia Real.

Attribuia-se a Francisco da Cunha. Assim o disse Ayres Casal, Martius e a Academia, e o repetiu Ferdinand Denis, em 1837.

Este, com intimativa, que, em escriptor de tanta autoridade, logo encaminha para a persuasão [1] : — « Francisco da Cunha é, como eu o posso provar, o autor do precioso Roteiro da Bibliotheca Real, sob n. 609 ».

Varnhagen, ganhando ahi as suas esporas de cavalleiro, accudiu com uma Memoria á Academia de Sciencias de Lisboa, sob o titulo—Reflexões Criticas acerca do Roteiro; esta publicou-as na mesma collecção, no tomo V. Isto em 1839.

Esse estudo de Varnhagen, que este confessa ser [2] as primicias que offereceu ás lettras, attesta desde logo o seu pendor para excavações bibliograficas, em que se celebrisou.

Dá conta de uma larga relação de manuscriptos, cópias do Roteiro ; faz sobre ellas o seu exame de confronto e de autenticidade, e induz, com aquelle feitio autoritario que veiu a crescer até o abuso, que o seu autor fôra Gabriel Soares de Souza. E o baptismo ou chrisma correu em julgado e a Academia sanccionou a sentença, recebendo o padrinho em seu douto seio.

Impossivel que Ferdinand Denis ignorasse a opinião de Diogo Barbosa, que suggestionou Varnhagen ; lamentavel que este, escrevendo depois daquelle, não désse mais importancia a esta opinião, quando vinha affirmada com tal tenacidade. O benemerito conservador de Santa Genoveva, interpellado, acudiria com a explicação dos seus fundamentos para Francisco da Cunha ; a polemica conseguiria de certo deixar o ponto elucidado.

* * *

Em 1851, no tomo XIV da Revista do Instituto Brazileiro, volta Varnhagen ao assumpto, publicando na integra o celebre Roteiro, segundo a cópia que tinha por melhor, precedendo-a de um resumo de noticias biograficas de

[1] Ferdinand Dénis — Bresil, pag. 11.
[2] Revista do Instituto Brazileiro, tom. XIV, pag. V.

Gabriel Soares e appensando-lhe um commentario, capitulo a capitulo.

Se o que tinha construido em 1839 nas « Reflexões Criticas » era tenuissimo, para formal affirmação, o que trouxe, doze annos depois, quando já abusava á farta da sua autoridade, abria fendas intapaveis á sua opinião.

Impossivel affirmar, com o material que juntou o autor da Historia Geral, que o Roteiro é de Gabriel Soares de Souza.

Analysemos.

* * *

Lê-se em Diogo Barbosa [1] : — « Gabriel Soares de Souza, natural de Lisboa e descendente de geração nobre, a cujo intrepido valor e judiciosa direcção se deveu a conquista do rio S. Francisco em o Brazil, em 1591 ».

« Foi nomeado capitão-mór de duas náos para o descobrimento das minas das esmeraldas, de que, trazendo a Portugal varios pedaços de terra em que estavam encerradas algumas pedras perfeitas e outras imperfeitas, não conseguiu o desejado fim daquelle descobrimento que proseguiu com melhor fortuna D. Francisco de Souza, senhor de Bringel, alcaide-mór de Beja que neste tempo governava o Brazil, por cujo serviço mereceu o titulo de marquez.»

Declara em seguida que este Gabriel Soares compoz o Roteiro ou Tratado em questão.

Isto dizia o Abbade de Sever, em 1747.

Antes de tudo, as inexactidões desta noticia, que são peculiares neste autor, e que lhe roubaram autoridade entre os doutos.

Não se deve tal a Gabriel Soares a conquista do rio S. Francisco. Gabriel Soares foi um mineiro infeliz e martyr ; morreu no sertão, em caminho da sua ambiciosa viagem.

Isto é o que está positivamente averiguado.

[1] Bibliotheca Luzitana, tom. 2º, pag. 321.

Veiu da Europa para esse fim. Da côrte madrilena, onde fôra solicitar, obteve [1]:

a) Um alvará que o nomeava «capitão-mór e governador da conquista e descobrimento do rio S. Francisco, com direito de nomear por sua morte um successor »;

b) Faculdade de prover todos os officios de justiça e de fazenda no seu districto;

c) Uma carta regia para o governador do Brazil, ordenando-lhe posesse á sua disposição duzentos indios frecheiros;

d) O habito de Christo para quatro cunhados e dous primos que iam com elle, com 50 réis, com a promessa de fôro de fidalgos e moradia respectiva no fim da empreza; ainda, dous habitos para distribuir pelos capitães que o acompanhassem;

e) Faculdade de conceder o foro de cavalleiros a pessoas do seu sequito, até o numero de cem.

Em 1591, obteve uma ordem para se lhe dar em Lisboa *uma* embarcação que o trouxesse á Bahia e uma outra carta para o governador lhe dar alli 50 quintaes de algodão em caroço para munições.

Não se sabe, pois, onde Diogo Barbosa foi desencantar a nomeação de Gabriel Soares capitão-mór de *duas* náos! A expedição ao S. Francisco era por terra e tinha como ponto inicial a Bahia; de Lisboa á Bahia, arranjou-se ao explorador meio de conducção n'um navio, em que elle veiu como passageiro; a tal capitania-mór de duas náos, de que falla a Bibliotheca Luzitana, só podia ser para a navegação de uma especie de *Mar de Hespanha*, inventado pelos sertões que vão da Bahia ao rio S. Francisco!

« Que não conseguiu o desejado fim daquelle descobrimento (as taes minas das esmeraldas) que proseguiu, com melhor fortuna, D. Francisco de Souza, senhor de Bringel, alcaide-mór de Beja, que neste tempo governava o Brazil, por cujo serviço mereceu o titulo de marquez »; é uma enfiada de parvoeiras.

[1] Varnhagen — Logar citado, pag. XIV.

Este D. Francisco de Souza, que governou de facto o Brazil, desde 1591 até 1602, nunca foi senhor de Bringel, nem alcaide-mór de Beja. Foi do conselho de el-rei e commendador de Orelhão, na ordem de Christo [1].

Em parte alguma consta que elle proseguisse o descobrimento das minas, com melhor ou peior fortuna do que Gabriel Soares, porque, em 1602, quando elle deixou o governo geral, o problema em questão não tinha adiantado cousa alguma.

Seis annos depois, em 1608, D. Francisco de Souza voltou ao Brazil, feito governador do sul, tendo-se para esse fim destacado do governo geral as tres capitanias do Espirito Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente, constituidas em governo, com séde nesta ultima.

A carta patente desta nomeação foi assignada em Madrid por Filippe 2º, em 2 de janeiro de 1608 [2].

Collige-se, da leitura deste documento, que havia em vista aproveitar os conhecimentos mineiros de D. Francisco de Souza, adquiridos sem fructo na Bahia, agora no sul, onde se viera a saber que havia mais probabilidades de exito.

Basta este trecho da carta :— « Sendo ora informado que nas partes do estado do Brazil havia minas de ouro e prata e outros metaes, mandei tomar informação de pessoas praticas daquellas partes, e por constar serem já descobertas as ditas minas na capitania de S. Vicente e que as havia tambem nas do Espirito Santo e Rio de Janeiro, etc. ».

E abaixo, referindo-se ao nomeado :— « e pela experiencia que desta materia já tem » etc.

Quer dizer : D. Francisco de Souza tinha feito a sua experiencia em cousas de descobrimento de minas, na Bahia (experiencia que já tem) ; essa experiencia não dera fructos, porque o rei, em vez de insistir na Bahia, pediu informações para se encaminhar melhor, e disseram-lhe que onde as havia, de prata e ouro, e já descobertas (logo as da Bahia não

[1] Sousa — Historia Genealogica, tom. 12, 2ª parte, pag. 933.
[2] Idem — Provas, tom. 6º, n 21, pag. 235.

o estavam), era no sul, na capitania de S. Vicente, e que havia razões para affirmar que tambem no Espirito Santo e Rio de Janeiro.

Já se vê que a fortuna de D. Francisco, depois de Gabriel Soares, foi apenas de experiencia, que lhe grangeou a sua volta em 1608, a mineralisar no sul, onde, como mina final, achou a morte, na villa de S. Paulo, em junho de 1611 [1]. Por este lado, o commendador de Orelhão não fugiu para longe de Gabriel Soares.

Agora, quanto á riqueza, outra feição da fortuna. O mineiro de S. Francisco, se não deixou esmeraldas e safiras, em busca das quaes perdeu a vida, deixou fazenda e outros bens na Bahia, segundo reza o seu testamento [2]; ao passo que D. Francisco de Souza, dizem todos os que lhe relatam o fim, morreu pobre.

E' verdade que tambem se diz que os bens de Gabriel Soares ficaram tão encravados com dividas, que a ordem de S. Bento, sua herdeira, abandonára a herança, a beneficio de inventario.

Que mereceu o titulo de marquez, é o remate das parvoices do atabalhoado quadro de Barbosa.

O primeiro marquez das Minas, neto e homonymo do governador do Brazil, nunca veiu cá; é uma figura historica notabilissima, como embaixador em Roma e como general nas lutas da independencia, em tempos de Pedro 2º de Portugal. Confundil-os, é sincada que de todo desmerece.

Andava no ar uma espadeirada no caracter de D. Francisco de Souza; parece que fôra Rocha Pitta o inventor e Diogo Barbosa lhe dera guarida, dezesete annos depois; a calumnia, de facto, tem sempre quem a carregue com deleite.

Varnhagen, em 1851, mais de um seculo depois, assenta-a nas costas do misero fidalgo, com uma feição calumniosa e injusta que a torna revoltante.

[1] Logar citado

[2] Idem, pag. XIX.

Que, morto Gabriel Soares em 1592, fôra substituido no commando da expedição pelo mestre de campo Julião da Costa, que logo escrevera ao governador pedindo-lhe ordens. Que D. Francisco de Souza mandára regressar a expedição, e, apoderando-se de todos os roteiros, premeditou já então vir a recolher delles os fructos, como particular, apenas largasse o governo [1]. « E' o que devemos concluir, acrescenta Varnhagen, em vista do que depois praticou vindo a requerer e obter os mesmos privilegios e concessões outorgados a Soares, e ainda outros mais ».

Que chorrilho! O accusador não prova, e, de facto, ninguem soube até hoje, que D. Francisco de Souza requeresse os privilegios de Gabriel Soares; menos ainda que andasse pela Bahia, como particular, em cata de minas.

Voltou, não á Bahia, mas a S. Vicente; não como particular, mas como governador; não como requerente, mas como escolhido por nomeação real. Se deitasse a mão aos roteiros de Gabriel Soares, não é provavel que se fosse servir, em S. Vicente, de informações que todas pendiam para o rio S. Francisco.

E hoje sabe-se que os papeis de Gabriel Soares passaram para as mãos de seu primo Melchior Dias Moreira, fazendeiro do Rio Real; que este fez esforços grandes e longos para tirar proveito delles, e que se fechára com o que sabia até a morte, quando viu que o queriam roubar. Outros, que não D. Francisco de Souza.

E' tempo, porém, de largarmos Gabriel Soares de Souza mineiro, entidade conhecida na historia, para buscarmos um Gabriel Soares de Souza historiografo, que appareceu pintado na lenda.

* * *

Varnhagen, nas suas « Reflexões Criticas », procura fortificar a opinião summaria de Barbosa, com estudos proprios, feitos nas muitas cópias do Roteiro, que manuseou.

[1] Logar citado, pag. XVIII.

Uma, da Bibliotheca portuense, codice 119; pertencera ao mosteiro de S.[ta] Cruz de Coimbra. Tem no alto da primeira pagina— «O autor deste Roteiro é Gabriel Soares de Souza». Mas com lettra diversa, mais moderna do que a do codice e que Varnhagen mesmo inculca ser de D. Pedro da Encarnação, bibliothecario daquelle mosteiro, de 1748 em diante, posterior á publicação referida de Diogo Barbosa Machado.

Nas outras cópias, arroladas por Varnhagen, ou não se menciona o autor, ou se affirma ser Francisco da Cunha. Quer dizer que as cópias vistas e citadas por Varnhagen pendem mais para Cunha do que para Soares e que a unica que falla deste não faz mais do que reeditar o expressado na Bibliotheca Luzitana.

Por outra, que as «Reflexões Criticas» nada adiantam, além da affirmação indocumentada de Diogo Barbosa.

O que não obsta a que Varnhagen dê por provado o seu baptismo, dizendo na Introducção aos «Breves Commentarios [1]»: — «O publico sabe já como este livro corria anonymo; sendo que Casal, Martius e outros o iam fazendo passar por obra de um tal Francisco da Cunha, quando as «Reflexões Criticas», para accusar delle o autor, edade e titulo, chamaram a attenção dos litteratos sobre o que haviam consignado: — 1º, a Bibliotheca Luzitana (tom. 2º, pag. 321); 2º, a obra de Nicoláo Antonio (tom. 1º, pag. 509, e tom. 2º, pag. 399); 3º, a do addicionador do Americano Pinelo, o hespanhol Barcia (tom. 2º, col. 680, e tomo 3º, col. 1710); 4º, o proprio autor, que consignou o seu nome na sua obra (parte 1ª, cap. 40, e parte 2ª, caps. 29, 30, 127 e 177».

Este luxo bibliografico não melhora a situação critica da affirmação; ao contrario, traz mais argumentos contra ella. As tres primeiras citações dão apenas a diafana opinião do abbade de Sever; diafana e incongruente, como mostrámos; Nicolao Antonio e Barcia não juntam a essa opinião uma prova só.

[1] Logar citado, pag. 333.

A quarta, que é de Varnhagen, contraproduz manifestamente, como vamos ver; e é, por outro lado, a prova directa que nos induziu a ter como certo que o Roteiro, seja de quem for, não é de Gabriel Soares.

* * *

A obra fala effectivamente em Gabriel Soares, nos diversos logares citados por Varnhagen, da fórma seguinte:

Parte 1ª, cap. 40: — « . . . e com muito trabalho e risco de sua pessoa chegou á Bahia e fazenda de Gabriel Soares de Souza ».

Refere-se a um tal Antonio Dias Adorno, que o governador Luiz de Brito mandou ao sertão, á procura de minas. Fala de Gabriel Soares na terceira pessoa.

Como induzir desta fórma de referencia que esta seja a primeira pessoa, a que fala? Pois não será justamente a contraria, a inferencia a tirar?

Parte 2ª, cap. 29:— « Esta terra é muito fertil e abastada de todos os mantimentos e de muitos cannaviaes de assucar, a qual é de Gabriel Soares de Souza ».

Idem, cap. 30: — « . . . da outra banda é a terra mais somenos e junto desta cachoeira se vem metter uma ribeira com grande aferida, onde Gabriel Soares tem começado um engenho, etc. ».

Idem, cap. 177: — « Nesta povoação onde este indio branco veiu ter, que é de Gabriel Soares, etc. ».

Todas estas citações servem justamente a opinião contraria á de Varnhagen; affirmam que a pessoa que isto escreveu não era Gabriel Soares.

O Roteiro fala de muitas outras pessoas, na mesma fórma de terceiras, ás quaes haveria egual razão de attribuir a autoria do trabalho.

Idem, cap. 127. E' a unica das citações onde o autor fala de si. A proposito da celebre abusão do *homem marinho*, o *upupiara* dos indios, diz o Roteiro: — « Não ha duvida senão

que se encontram na Bahia e nos reconcavos della muitos homens marinhos, a que os indios chamam pela sua lingua *upupiara*, os quaes andam pelo rio de agua doce pelo tempo do verão, onde fazem muito damno aos indios pescadores e mariscadores que andam em jangadas, onde os tomam e aos que andam pela borda da agua, mettidos nella; a uns e outros apanham e mettem-nos debaixo d'agua, onde os afogam: os quaes saem á terra com a maré vasia afogados e mordidos na boca, narizes e na sua natura; e dizem outros indios pescadores que viram tomar a estes mortos que viram sobre a agua uma cabeça de homem lançar um braço fóra della e levar o morto; e os que isso viram se recolheram fugindo á terra assombrados, do que ficaram tão atemorisados que não quizeram tornar a pescar dahi a muitos dias; o que tambem aconteceu a alguns negros de Guiné; as quaes fantasmas ou homens marinhos mataram por vezes cinco indios *meus;* e já aconteceu tomar um monstro destes dous indios pescadores de uma jangada e levarem um, e salvar-se outro tão assombrado que esteve para morrer; e alguns morreram disto».

« E um mestre de assucar do *meu* engenho affirmou que olhando da janella do engenho que está sobre o rio, e que gritavam umas negras, uma noite, que estavam lavando umas formas de assucar, viu um vulto maior que um homem á borda d'agua, mas que se lançou logo nella; ao qual mestre de assucar as negras disseram que aquella fantasma vinha para pegar nellas, e que aquelle era o homem marinho, as quaes estiveram assombradas muitos dias; e destes acontecimentos acontecem muitos no verão, que no inverno não falta nunca nenhum negro. »

Varnhagen devia concluir deste trecho duas cousas :

1ª, que o autor do Roteiro era senhor de engenho na Bahia ;

2ª, que não era Gabriel Soares de Souza.

Aquella, materialmente ; esta, por inducção material.

Se, numa parte da obra, o autor fala em si, pronominalmente — indios *meus, meu* engenho, sem se denominar

por apposto, claro e logico que a pessoa, que, por varias partes da obra, apparece nomeada na terceira pessoa, não deve confundir-se com esta que fala.

Se as citações precedentes a esta podessem induzir que o auctor da obra era Gabriel Soares, aqui deviamos achar, em vez de *indios meus*, indios de Gabriel Soares; *do meu engenho* trocado em — *do engenho de Gabriel Soares.*

Se ha disparidade, o que se tem a concluir é que não serve a mesma pessoa, nos trechos em que ella existe.

* * *

Outra especie:

Varnhagen tem e publíca documentos com que affirma que Gabriel Soares (mineiro) fôra da Bahia a Madrid em 1584, deixando o seu testamento feito em 10 de agosto deste anno e seguindo logo [1]; que offerecera o seu trabalho a Christovam de Moura, em 1 de março de 1587.

Mas Varnhagen, que jactanciosamente affirma que conhece o Roteiro *quasi de cór,* cochilou de memoria, perdendo della esta passagem do cap. 177, da parte 2ª: — « . . . mas é de maravilhar trazerem do sertão, entre outros Tupinambás, um menino de edade de dez annos por doze, no anno de 1586, etc. ».

Isto passou-se na fazenda de Gabriel Soares; é uma das citações já feitas que o diz. Pelas minucias com que o facto é relatado, deve inferir-se que o autor o presenciou.

Como, se desde 1584 estava fóra da Bahia? Era preciso admittir uma volta á fazenda, entre 1584 e 1587, e regresso a Madrid, por principios de 1587, onde estava em 1 de março; ou isso, ou ubicuidade no autor.

E aquelle modo de dizer — *no anno de 1586,* referindo-se a uma época tão proxima da supposta publicação da obra, não discorda da forma natural? Não seria curial que dis-

[1] Logar citado, pag. XIV.

sesse — *no anno passado* ou — *haverá tantos mezes* ou — *ha bem pouco tempo*, etc. ?

Não se tira daqui uma presumpção de que a data verdeira do Roteiro seja posterior a 1587 ?

* * *

Esta suspeita toma vulto com outras illações de Varnhagen.

Encontrou em algumas cópias factos manifestamente acontecidos depois de 1587 ; engeitou esses factos, por anachronicos.

Quem sabe, porém, se o anachronismo real não estará na data attribuida ao Roteiro ?

No commentario ao cap. XXIV, da 2ª parte, diz Varnhagen : — « Tratando do engenho de Antonio da Costa, lê-se no texto da Academia, depois da phrase — *que está muito bem acabado*, as seguintes palavras, evidentemente anachronicas para o livro de Soares — que depois foi de Estevão de Brito Freire, que Deus perdoe, e fez outro engenho por nome S. Thiago, bem no fim de Pernamerim, para a banda da freguezia Tamarari de agua das melhores que hoje no Brazil ha ».

Para poder, em boa critica, fazer esta eliminação, por ser incompativel o texto com a data e com o autor attribuidos ao trabalho, fôra preciso que data e autores estivessem verificados, por provas irrecusaveis ; no caso vertente, porém, o texto supprimido apenas avoluma a opinião de que nenhum dos dous requisitos estam determinados por Varnhagen.

* * *

Da sua leviandade em concluir, o proprio critico se penitencia, dizendo no commento ao cap. 55, da 2ª parte :

« Nas « Reflexões Criticas » enganámo-nos a tal respeito em varias de nossas conjecturas feitas sem fundamento

e só quasi inspiradas, como em outros logares da secção 4ª desse escripto, pelo desejo de acertar.»

A principal das *conjecturas, feitas sem fundamento*, é justamente a que estamos, com todo o fundamento, procurando demolir: o autor do «Roteiro do Brazil» não é Gabriel Soares de Souza.

A sua consciencia compelle-o, por fim, a desvalorisar toda a sua imaginativa, quando no commento ao cap. 57, da mesma 2ª parte, diz lealmente: — «Não faltará quem ache estas nossas opiniões demasiado metaphysicas; mas são filhas de duvidas que temos, e, publicando-as, não faremos mais que leval-as ao terreno da discussão».

Mas, infelizmente, fez muito mais, porque esta creação, verdadeiramente metaphysica, de um Gabriel Soares de Souza chronista, passou em julgado e constitue hoje um dos muitos mythos extravagantes que inçam a historia brazileira.

* * *

Varnhagen, depois de, por todos os meios, ter reduzido o valor natural da sua construcção, termina o seu commento, por uma contradição flagrante, que póde tomar-se pelo tiro de graça:

«Do homem superior, diz elle, que tinha entregue grande parte do seu tempo a observar, a meditar e a escrever, nenhum caso naturalmente se fez.»

«O seu livro esteve quasi dous seculos e meio sem publicar-se, e o autor, naturalmente depois da dilação (como elle diz) de seus requerimentos em Madrid, veiu a passar vida tão obscura, que nem sabido é quando nem onde morreu.»

Como, depois desta affimação, quereria Varnhagen que lhe acceitassemos este Gabriel Soares, autor do Roteiro, nas formas do Gabriel Soares, conhecido e averiguado na historia dos primeiros povoadores da Bahia e mineiro do rio S. Francisco?

Este, nem passou vida obscura, nem foi desattentido nos seus requerimentos, nem se ignora quando nem onde morreu.

Tudo isto se sabe e se póde affirmar com a propria autoridade de Varnhagen.

Faz-lhe uma rapida biografia, em que menciona uma serie de honras e concessões outorgadas por Filippe 2º e de que fizemos a summula.

Vem de Lisboa á Bahia por conta do Estado, na urca chamada *Grifo Dourado*, armada expressamente para o trazer.

Foi sertão fóra, com tudo que pediu e lhe deram, em cata do seu ideal, em 1592.

Morreu ou o mataram por lá, nessa viagem para a sua suprema ambição.

Não é decerto para este Gabriel Soares de Souza que Varnhagen escreveu aquelle periodo.

E' bem possivel que toda aquella elegia caiba ao autor do Roteiro Geral, com a condição, porém, de não ser confundido com Gabriel Soares de Souza, mineiro.

CAPITULO XIII

EXPEDIÇÃO DE GONÇALO COELHO

Boas fontes. — Fernando de Noronha e Americo Vespucio. — Nenhuma relação com Malaca.—Solis e Magalhães; duas épocas diplomaticas.—Francezes e portuguezes; comparações.— Os culpados.— Uma justa defesa.— O processo official e o particular.— Conclusões.

A expedição de 1503 tem por si toda a autenticidade. Commandava-a Gonçalo Coelho. No tom. IV, 1ª serie do *Panorama*, a pag. 288, acha-se arrolada esta frota, com os seguintes dizeres: — « 1503, junho 10. Para o Brazil, terra de Santa Cruz, Gonçalo Coelho, seis velas ».

A noticia é extrahida do registro geral das armadas officiaes.

Damião de Góes, na Chronica de D. Manuel, parte 1ª, cap. LXV, pag. 87, menciona-a nos seguintes termos:—« No mesmo anno (1503) mandou Gonçalo Coelho com seis nãos á terra de Santa Cruz, com que partiu do porto de Lisboa aos dez dias do mez de junho, das quaes, por ainda terem pouca noticia da terra, perdeu quatro, e as outras duas trouxe ao reino, com mercadorias da terra, que então não eram outras que páo vermelho, a que chamam brazil, bugios e papagaios ».

Gonçalo Coelho era homem de grande merito e já dera de si provas de bom quilate na missão que lhe confiára D. João 2º a Guiné. João de Barros confessa que foi por elle informado, e dá-o como escrivão da fazenda dos contos de Lisboa [1].

* * *

Não temos roteiro ou informação detalhada desta viagem. Combinando e harmonisando, porém, as diversas noticias, esparsas em livros, roteiros, cartas e portulanos que a ella se referem, dando ás informações de Vespucio a interpretação e valor que lhes pertence, devemos concluir que Gonçalo Coelho tocou a costa do Brazil, de norte a sul, colhendo o primeiro conhecimento exacto de conjuncto, desde o cabo de S. Roque até Cananéa.

Fernando de Noronha deve ter sido um dos capitães desta armada, representando nella o papel que Vespucio quiz tomar para si.

Desgarrado este, pela altura da ilha onde aportou e de que obteve a capitania, a expedição decompoz-se ahi.

Gonçalo Coelho continuou para o sul, demorando-se na bahia de Guanabara, onde ha indicios de ter fundado uma feitoria. Ha mesmo quem diga que dahi viera o nome de Carioca, que se traduz da lingua indigena por — *casa de branco* [2], dado ao riacho em commum com a primitiva povoação.

Não se sabe o tempo de estadia de Gonçalo Coelho neste logar que, com mais probabilidade, foi por elle denominado — *Rio de Janeiro*.

O Roteiro Geral e frei Vicente do Salvador dizem que Gonçalo Coelho voltára a Lisboa, reinando já D. João 3º;

[1] Decada 1ª, Liv. III, cap. VI, pag. 205 e seguintes, ed. de 1778.

[2] A palavra é mais propriamente decomposta em Cary e Óca — *casa de agua corrente*, ou *agua corrente de pedra. Casa de branco*, inculca nome posto e creado por preto, que ainda não havia na região.

portanto depois de 1521, dando-lhe assim uma demora de dezoito annos ou mais.

Houve quem julgasse confirmar esta opinião com uma indicação dos portulanos da época. Encontra-se de facto em alguns, no logar da formosa Guanabara, uma legenda que foi decifrada por J. Caetano da Silva — *Gonçalo Coelho detentio*, significando — *estadia*, *demora*, *habitação* de Gonçalo Coelho.

Outros se deram á leitura da celebre legenda e affirmam que deve entender-se — *Portugalo detentio* [1], significando, de modo vago, que aquelle logar fôra descoberto e possuido por Portugal.

* * *

Em 16 de janeiro de 1504, já Fernando de Noronha está de volta em Lisboa, com a descoberta da sua ilha, tendo, muito provavelmente, ido até Cabo Frio, onde deixou uma feitoria.

Gonçalo Coelho ainda se demorou, voltando com duas náos, como affirma Góes, sem dizer quando, nem o que fez ás quatro restantes.

Parece, por Vespucio, que uma se perdeu, a capitanea, e parece que ainda outra, segundo Vicente Salvador, que diz que Gonçalo Coelho voltou, *com duas caravellas menos*.

E' certo que Gonçalo Coelho fez importante relatorio de sua viagem; falla-se mesmo que escreveu um livro.

Era homem illustrado, como se collige do cargo que mereceu e das boas referencias que lhe faz Barros, tomando-o por informante. Livro ou roteiro, não se acharam até hoje; mas é de presumir que ainda venham a apparecer, esclarecendo-se esta importante phase da historia brazileira, que por ora anda em conjecturas bastante diafanas.

* * *

[1] Sr. Barão do Rio Branco — « Brésil ».

E' indispensavel banir a idéa de que Gonçalo Coelho vinha a procurar Malaca, pelo sul da America; tem contra si um anachronismo historico, outro geografico, e ainda, para remate, um erro de illação.

E' Vespucio apenas que falla nisso, e nós devemos estar definitivamente preparados para dar a esta informação, isolada, o seu justo valor.

Mas Vespucio affirma que ia procurar Malaca pelo oriente, na direcção das conquistas historicas de Portugal; eis o erro de illação que se tirou, em contrario do proprio texto que se tomou para origem.

O anachronismo geografico está em se pensar que, nesta época, se cuidava algures de passar para o Pacifico pelo sul da America, em Hespanha ou em Portugal; o historico, em attribuir, de alguma vez, esse pensamento a Portugal.

Malaca é uma idéa, exploravel com João da Nova, em 1502; é uma conquista geografica, com Diogo de Sequeira, em 1508; é uma realidade colonial, com Albuquerque, em 1511.

Só nesta época é que em Hespanha se cuida de Malaca, que alguns pilotos portuguezes, transfugas e traidores á patria, vão denunciar lá, como estando nas demarcações hespanholas.

Fernando de Magalhães teve precursores.

Foi Juan Diaz de Solis o primeiro que levantou essa lebre.

João Mendes de Vasconcellos, embaixador em Madrid, escreve de Logroño a D. Manuel, em 30 de agosto de 1512 [1], participando que alli se acham, em preparativos de uma armada official, aquelle Solis, um seu irmão e um tal Juan Henriques.

Que Solis lhe affirmára que Malaca pertencia a Hespanha; que o sabia, porque de Malaca lhe haviam escripto uma carta de tres folhas de papel, dando-lhe as demarcações, grados e linhas, de onde elle tirou a illação; que lhe diziam tambem

[1] Navarrete, tom. III, pag. 127, n. XXXIII;—Torre do Tombo, Gav. 15, maç, 10, n. 36; coll., de Muñoz; Santarém—Quadro Elem., tom. 2º pags. 19 e 20.

na carta que Affonso de Albuquerque fizera uma armada para os chins, que são mais de 400 leguas dentro da demarcação de Castella.

Afiançava que iria em abril demarcar o que era de Castella, mas que havia de respeitar o que fosse de Portugal.

Tanto Solis como o ourives João Henriques se mostravam descontentes com D. Manuel, porque lhes não pagára o que elles entendiam lhes devia por seus serviços na India.

Vasconcellos remata a carta, aconselhando ao rei que pague aos homens ou se componha com elles, de sorte a evitar esta empreza.

Vê-se que D. Manuel tomou rapidas providencias, porque já em 7 de setembro do mesmo anno de 1512[1], o mesmo Vasconcellos lhe relata, em resposta, o effeito da conferencia que tivera com o velho rei catholico D. Fernando.

O principal artigo da reclamação do embaixador era servir-se o rei, amigo e parente, dos serviços d'um piloto portuguez. O velho raposa illudia quanto possivel o motivo, affirmando que Solis não iria como principal e que a condição primeira, que se lhe impunha, era não tocar em terras portuguezas, sob pena de morte.

D. Fernando pedia ao embaixador que escrevesse ao genro, a solicitar que procurasse um caminho para acabar de uma vez com esta questão, que elle faria o mesmo; que poucos dias havia de viver e que nesses esperava em Deus que nunca havia de haver desavenças, mas que iria muito descansado deste mundo, se ficasse tudo tão claro, que seus netos e todos os que delle viessem não tivessem nunca causa de romper.

Mas, diz o embaixador, comquanto lhe disse daquelle piloto portuguez, nunca me disse que não iria.

Apura-se daqui uma noção de valor. D. Manuel fazia questão diplomatica de que não fosse um piloto portuguez o

[1] Torre do Tombo, Corp. Chronolog., parte 1ª, maç. 12, n. 3; Santarém, logar citado, pag. 20.

que abrisse a Hespanha o caminho de Malaca; não por capricho ou por amor proprio, mas porque estava convencido de que Hespanha não tinha quem o fizesse.

O embargo por parte de Portugal produziu algum effeito, porque a expedição de Solis, que elle affirmava iria em abril de 1513, só se realizou em 1515.

Solis foi espatifado pelos indios nas margens do rio que descobriu, a que deixou o seu nome e que depois se chrismou em Rio da Prata. Hespanha não conseguiu seu intento nesta primeira investida, e o problema ficou insoluvel, até que novos portuguezes largassem como Solis o seu paiz natal e fossem servir Hespanha, em desproveito dos interesses portuguezes.

* * *

Alvaro da Costa, ao tempo ministro portuguez junto de Carlos V, escreve a D. Manuel, em data de 28 de setembro de 1518 [1]:

« Sobre o negocio de Fernam de Magalhães trabalhei muitissimo, como já escrevi;

« Fallei muito serio ao rei, apresentando-lhe muitos inconvenientes.

« Quam feio era receber um rei os vassallos de outro rei seu amigo á sua vontade, que era cousa que entre cavalheiros se não acostumava. »

Parece forte demais a piada, para ser dita por um embaixador a Carlos 5º; mas, emfim, passe.

« Que não era occasião de desgostar a V. A. e mais em cousa de tão pouca importancia e tão incerta, que não lhe faltavam vassallos para descobrimentos, sem lançar mão dos que lhe vinham descontentes de V. A. e de quem V. A. não podia deixar de manter suspeitas. »

Carlos 5º, que o enviára para o conselho das Indias, em especial para o presidente, o celebre bispo Fonseca; que

[1] Navarrete, tom. IV, pag. 123; Collecção de Muñoz, cópia da Torre do Tombo.

ahi ainda fôra mais açoitado. Os do conselho disseram-lhe que era preciso seguir o que estava começado: — « que V. A. não devia levar a mal que Hespanha se servisse de dous vassallos seus, dous homens de pouca sustancia, *servindo-se V. A. de muitos castelhanos* ».

Remata a carta, dizendo: — « O meu parecer é que V. A. recorra a Magalhães, que seria grande bofetada para estes; do bacharel não se faça caso; dorme pouco e anda quasi fóra do siso ».

Referia-se a Ruy Falero.

O mesmo affirma Sebastiam Alvares, feitor de D. Manuel em Sevilha, em 18 de julho de 1519 [1]:

« Fallei com Ruy Falero duas vezes. Parece-me que tem o juizo movido; porém, se eu conquistasse Magalhães, elle o seguiria. »

* * *

Desta vez, Castella foi a Malaca; a America abriu passagem para o Pacifico. O destino havia de cumprir-se; um navegador portuguez devia realizar esse *desideratum* castelhano.

Mas o destino trazia no seu manto a paga da traição á patria. A gloria tinha de ficar com quem de direito; o grande facto da circumnavegação é indiscutivelmente um producto da sciencia nautica de Portugal. Quanto aos factores, cahiu sôbre elles a dobra do manto. Solis foi espatifado no Rio da Prata, quando engrilava para o ambicionado caminho; Magalhães passou o estreito, abriu as valvulas da desmedida ambição e sorveu os haustos lubricos da vingança, ao contemplar o novo mar, em que tinha agora a certeza de encontrar a realidade do seu sonho. . . Espatifaram-no os naturaes em Mactan...

Os naturaes... ou quem sabe?...

Não é logar asado para o investigar.

[1] Navarrete, tom. IV, doc. n. XV., pag. 153; Muñoz, cópia extrahida da Torre do Tombo.

Para aqui, apenas e insistentemente a affirmação de que Gonçalo Coelho não veiu á procura de Malaca, pelo sul da America, em 1503.

* * *

E a esta expedição se reduziu todo o serviço que D. Manuel prestou, de modo directo e official, á nova terra que lhe descobrira Cabral. Pelo menos, segundo as informações reaes que possuimos até hoje.

Por sua conta, não pensou em exploral-a. A India, era a sua fonte de ambições materiaes ; a Africa, a sua epopéa de glorias ; o Brazil, um osso, no seu modo de sentir.

Largou-o de mão aos aventureiros e aos piratas, nacionaes e estrangeiros.

Dahi a invasão, nos diversos pontos da costa, de navios, que vinham ao resgate do páo, dos bugios e dos papagaios. Portuguezes, com licença regia e pagando a maquia á corôa. Como especimen mais celebre, a náo *Bretôa*, em 1511, de que já fallámos. Francezes, em fórma de pirataria, em que já eram e foram ficando cada dia mais celebres. Não podiam ter de seus reis licença para explorar a terra, mas obtinham delles essa cousa verdadeiramente repugnante a todas as noções do direito, que lhes servia de equivalencia — a carta de marca, uma legalidade para o roubo e para a expoliação mais audaz !

Luiz 12º foi chamado o *pai do povo*, titulo que emparelha com o de *pai dos piratas*.

Francisco 1º, o *gros garçon*, aproveitou bem a lição do sogro. A renda do corsariado, na parte que tomava a corôa dos roubos feitos no mar, á sombra das cartas de marca, era uma parte essencial da receita com que Francisco 1º sustentava exercitos sobre exercitos, no seu duello com Carlos V.

D. João 3º, ligado por laços intimos de familia, por interesses respeitaveis, a seu cunhado e a Hespanha, foi de uma inepcia quasi incomprehensivel, levando a vida a ma-

rombar, encravado entre os dous rivaes, quando, se fosse outro ou melhor ilhargado, se teria convertido no fiel da balança, tornando-se juiz necessario entre os dous e crescendo, com essa sempre vantajosa posição, elle e o reino, que em má hora lhe cahiu nas mãos.

Ao contrario disso, soffria de ambos affrontas, ás vezes humilhantes; comprava a Carlos 5º a peso de ouro o que poderia altivamente defender e manter como seu. Dissesse ou podesse dizer ao imperador que Malaca lhe fôra legada por Affonso de Albuquerque; dissesse-o com a altivez e firmeza com que o diria D. João 2º, e não teria que comprar Malaca por 350 mil ducados!

Encostasse para dentro das aguas do Tejo a cafila dos Mandragons, que Francisco 1º trazia por todo o Atlantico a roubar para si e para elles, como fizera o Principe Perfeito por Vasco da Gama e seu pai D. Manuel por Duarte Pacheco.

Mas não. Era o homem da diplomacia, dessa droga sorada e traficante, que lhe custava mundos de dinheiro, e que não dava por fim outro resultado senão fazer a França quanto queria.

Facillimo, desde que tudo se reduzia a palavras de desculpa, promessas de não continuar, embora se não chegasse mesmo a interromper a serie infinita dos roubos e das depredações.

E' um periodo que não podemos olhar sem tristeza e tedio!

Em vez de se cuidar da integridade nacional, tão disseminada pelo mundo além e por isso tão carecedora de cohesão, de se manter o prestigio da dominação no oriente, obra tão collossalmente realizada por Affonso de Albuquerque, de se cuidar da civilisação africana, aquelle continente todo, alli á mão, a pedir a seus devassadores um pouco de luz e de humanidade, por mundos de riquezas e de serviços, de se povoar o Brazil, que estava affirmando desde então que pagaria generosamente quanto em seu beneficio se fizesse, gastam-se rios de dinheiro, o que se póde e o que

se não tem ; em Roma sustenta-se a immensuravel cubiça dos papas e dos cardeaes, para se obter, em salvação deste infeliz reino, a Bulla da Inquisição e a Companhia de Jesus !

Importavam-se justamente os dous elementos novos e unicos a que este povo, altivo e forte, não podia ser superior ; dous busanos a que não podia resistir o costado deste barco, que sobrenadava por cima de todos os mares, resistindo ás suas furias maiores !

Uma das drogas, dirigia-se ás consciencias ; havia de destruil-as ou avassalal-as ; a outra, acendia as fogueiras aos corpos que ousassem ter envergadura !

Em Sparta lançavam-se ao abysmo os aleijões ; os indios destruiam os filhos mal feitos. Selecção hedionda pela lei moral, mas comprehensivel pela lei biologica. D. João 3º fez no seu reino uma selecção inversa ; pela Inquisição e pela Companhia, era o bom que se eliminava.

* * *

Entretanto, Jacome Monteiro escrevia de França ao rei Fidelissimo, seu amo e senhor [1] : — « que, segundo informava Diogo Gouvêa, as reclamações para cobrança das prezas se podiam considerar inuteis, por ter sido o producto repartido havia muito tempo entre pessoas pouco propensas a restituirem o alheio, e muito mais ainda entrando na distribuição o proprio Francisco 1º e os seus almirantes e officiaes, que as tinham mandado vender publicamente e apropriando-se o rei da maxima parte do producto, sob pretexto de ter necessidade de dinheiro para as guerras de Italia e de Inglaterra ».

O cynismo do *gros garçon* chega a ser bello ! Em meio das palavras mais doces e amorosas para com os embaixadores de Portugal, escapavam-lhe phrases de espirito, como essa de pedir que lhe mostrassem o testamento de Adão

[1] Leite Velho — Relações Politicas e Diplomaticas, pag. 43.

e o artigo em que elle deixára o mundo partido ao meio como um queijo, legando uma metade a Hespanha e outra a Portugal.

Outras vezes, tomava ares de Salomão e decretava que os mares e suas conquistas eram de todos; era quando tinha assignado maior numero de cartas de marca.

Outras, levava a sua generosidade ao ponto de consentir que as reclamações fossem discutidas e julgadas. Assim se constituiu essa celebre commissão mixta de Bayona e Fontarabia, tribunal verdadeiramente carnavalesco, que nunca conseguiu resolver uma pendencia!

« Para obstar ás expedições planeadas, escreve um dos mais bellos burilistas de hoje [1], era preciso umas vezes subornar as autoridades, e por ellas impedir que fossem passadas as cartas de marca, outras, indemnisar os armadores pela importancia dos gastos, e até pela avaliação dos lucros provaveis. »

A carta de marca a João Ango era, segundo Frei Luiz de Souza, de 260.000 cruzados, por onde grande negocio era acabar com elle, que se contentasse com 12.000 cruzados, que lhe prometteu.

« Dest'arte, continua o primoroso escriptor a que nos referimos, a fraqueza do collosso portuguez provinha, como a do imperio romano, da sua propria grandeza; e, assim como este pagava os subsidios aos barbaros, que constantemente renovavam suas emprezas, assim os conquistadores do oriente desciam á ignominia de transacções semelhantes, com piratas, como João Ango.»

« Taes esforços, porém, foram sempre improficuos, porque a origem do mal residia toda na propria nação, cujas forças se esvahiam, como de um corpo, que pelas veias cortadas deixa jorrar o sangue em borbotões. »

*
* *

[1] João Lucio de Azevedo — Estudos de Historia Paraense, Pará, 1893.

Eis, a traços geraes, definida a situação, a cujo influxo e em cujo meio tinha que sujeitar-se o Brazil, no segundo periodo da sua historia.

O momento de Cabral fôra bellissimo! Assim tivesse sido aproveitado, seguido, nas suas linhas de incomparavel rectidão.

Cabral e Albuquerque têm esse traço de suprema valia: eram dous colonisadores, os unicos que comprehenderam o problema no seu justo processo.

Mas D. Manuel, nos vinte e um annos que sobreviveu, nada fez. Mandou Gonçalo Coelho verificar a costa, apalpar a força explorativa da terra; elle voltou-lhe com informações desanimantes, para quem pedia riquezas a todos que sahiam barra-fóra.

Páo de tinta, papagaios e bugios, era o que se podia trazer da terra da gente núa, miserrima, e uma costa aparcelada, de correntezas e ventanias abertas, grandemente difficil de navegar; o sertão, guardado por hordas de selvagens, de feras e de bicharia sem conta. E a India a desfazer-se em especiarias caras, em joias e pedrarias, alfaias e reliquias de civilisações velhas e adiantadas!...

A terra de Cabral foi deixada para ahi, á mercê, no resto deste reinado.

Entretanto, da França, principalmente da Normandia, de Diepe, de Honfleur, sahiam navios sem conta para o commercio do mar, armados por emprezarios ricos e ambiciosos. Eram verdadeiras quadrilhas, em grande parte dos casos abrigadas pela concessão regia para o roubo apparentemente legal, com cartas de marca, que apenas especificavam a quem podiam roubar e delimitavam o quantum.

Apurou o Visconde de Santarém [1] que as reclamações de D. João 3º, por 1550, montavam a tresentos navios portuguezes, capturados por piratas francezes, no valor de 500.000 cruzados.

[1] Quadro Elementar, tom. 2º, Introducção, pag. 80.

Estas emprezas, de origem particular, mas essencialmente nacionaes, porque, em regra, moviam-se com o bafejo real e constituiam para a França uma renda imprescindivel, sahiam, dos portos francezes, pelo Atlantico além. Estacionavam pela bocca do mediterraneo; desciam até a costa da Ethiopia, e, aqui ou além, em estações apropriadas, esperavam os galeões que dobravam o cabo, vindos da India pejados de fazendas caras.

Outros batiam para sudoeste; ancoravam pela costa brazileira, carregando-se do páo, que tinha na Europa bom preço.

Ahi temos a origem da civilisação para o indio; ahi o inicio da sua vida social com o europeu; ahi ainda o principio do povoamento pelo mesmo europeu; em cruzamento com o indio, originando o mameluco, mestiço que apparece, quasi simultaneamente, em todos os pontos da costa.

Em todos os portos, batidos pelos aventureiros francezes, ia ficando alguma cousa; senão uma feitoria regular e permanente, ao menos alguns dos interessados, seus criados ou escravos, que saltavam e ficavam em terra, se familiarisavam com os doceis e generosos indios e iam preparando e ageitando o commercio, em fórma permanente e regular.

Entre francezes e indios, todas estas relações tinham a exclusiva feição commercial, de lucro. A carga dependia essencialmente do indio; da sua permissão e do seu trabalho. Sabia-se bem que se praticava uma expoliação a quem lhes abandonára o que era seu; o indio era a unica garantia effectiva do negocio e do exito, na hypothese prevista da conflagração com o portuguez, que, no fim de contas, havia de acordar e havia de vir.

Dupla acção era preciso exercer sobre o mediador: — tratal-o com todas as marcas de carinho; captar-lhe a estima com bugigangas de vista, e preço nullo ou infimo; lisongear-lhe todos os appetites e inclinações, com a maior

dóse de hypocrisia; insinuar-lhe o odio contra o portuguez, preparando a alliança necessaria, no momento, sempre receioso, da conflagração.

* * *

Dahi o que succedeu realmente. Quando veiu emfim o portuguez, a tornar effectiva a sua posse, achou por toda a parte o indio, abraçado ao francez usurpador. Expulsou-o pela força e em luta sanguinolenta; a arma feria indistinctamente a um e outro, e o odio e a sêde de vingança ficavam accesos na alma do indigena, que via assim materialmente confirmada a opinião que lhe formaram os seus primeiros alliados.

A bella formula, a epopéa de Cabral, do primeiro momento da descoberta, perdeu-se totalmente, no que ella tinha de mais humano e fecundo: a colonisação portugueza nunca mais podia ter aquella feição doce e salutar de uma intima e confiante harmonia, como a iniciára o descobridor.

Foi este o funesto resultado da incuria, do abandono, em que ficou a terra por D. Manuel e, algum tempo, por seu filho D. João 3°.

* * *

E' devéras lamentavel que se não veja a esta luz, unica verdadeira e real, o problema da colonisação portugueza no Brazil.

Nas longas paginas que se occupam do assumpto, transpira uma apreciação, por tal fórma injusta e falsa contra a antiga metropole, e um tal vicio de generalisação de causas, que chega a inculcar proposito de deprimir.

O falso julgamento fez escóla e como se tornou em epidemia; não lhe escapam escriptores de grande autoridade e que não são infensos a Portugal.

Serve de exemplo a este numero, o emerito historiografo Candido Mendes de Almeida.

Fecha um longo e minucioso trabalho sobre o assumpto, com este periodo, illuminado pela sã consciencia da mais trivial justiça [1] :— « pois nessa litteratura (portugueza) estão esculpidos em aureos caracteres os feitos inimitaveis dos que nos construiram e legaram uma patria tão vasta, tão favoneada pela natureza e de tão esperançoso porvir ».

Não obsta, porém, que esse trabalho seja pejado das maiores injustiças de apreciação, que não podem, em tal escriptor, ser tidas por sincadas de leve exame.

« . . . e aos francezes que elles (indios) muito amavam pela jovialidade e trato ameno e que com razão julgavam superiores aos primeiros (portuguezes) em illustração, chamavam *Mair* [2]. »

Os indios amavam os francezes por outras e bem diversas razões, por nós mencionadas já.

A jovialidade, nem então, nem ainda hoje, já foi mais franceza que portugueza ; a mesma França o affirma, quando diz — *les portugais sont toujours gais*.

E quem o ignora ? Nem mesmo os indios, que, logo na primeira visita que lhes fez este povo, alegre ainda no meio dos maiores revezes, tinha visto Diogo Dias jogar a cabriola na areia e dançar com elles ao som da gaita de folles.

Quanto ao *trato*, concordamos em que fosse mais *ameno* o francez, sobrepondo-lhe a synonimia de *commercio explorador*. E' que, nesse primeiro periodo, entre Cabral e Martim Affonso de Souza, os francezes disfrutavam e os portuguezes dormiam.

Pelo que respeita á superioridade de illustração dos francezes, começaremos por suspeitar que não fosse, para os pobres e bons dos indios, positivamente esse o lado por onde fariam o cotejo.

Parece que a primeira condição para julgar da illustração alheia é tel-a, e o indio de 1500 pensava, a respeito

[1] Revista do Instituto Historico, tomo XLI, pag. 71.
[2] Idem, ibidem, pag. 76.

della, como o capitão-mór da Morgadinha de Valflori, a respeito das primeiras lettras!

Ora, deslocando a instancia, o julgamento é bem diverso.

O illustre historiografo affirmou, mais de palpite, do que de consciencia instruida pela verdade historica. As nações de D. Manuel de Portugal e de Luiz XII de França, cotejadas intellectualmente, equivalem-se ou dão sobras a Portugal; isto em camadas sociaes da mesma categoria.

* * *

Alguns traços geraes convencerão o leitor de que Portugal, nessa época notavel, em que o espirito humano resurgia por toda a parte, e em que esse pequeno paiz occidental tomava o primeiro logar, pela audacia com que domava todos os mares e descobria os pontos mais remotos da terra, não occupava logar humilde ou atrasado nas conquistas intellectuaes.

Esse ponto historico, que tem servido de assumpto a monografias especiaes e eruditas, entre as quaes citaremos com elogio um notavel livro de R. Francisque-Michel —« Les Portugais en France, les Français en Portugal, Paris, 1882 », póde ser estudado com proficiencia, de fórma a contrariar fundamentalmente a apoucada opinião do historiografo brazileiro. Mórmente, no confronto com França.

Leiria foi a quarta cidade da Europa onde se fundou a typografia, depois de Mayence, Bamberg e Subiaco. D. Manuel fez vir a Portugal o allemão João Cromberger impressor e cobriu-o de beneficios e privilegios, com o fim de animar a *arte de imprimissão*, como então se denominava o grande commercio do pensamento. Em data de 1508, assigna o rei um notavel alvará de especiaes concessões a Cromberger, e, em geral, a todos os *impressores de livros*. Este documento antecede de cinco annos o que Luiz XII de França publicou, em 1513, privilegiando os impressores e livreiros da universidade de Paris. Nesse alvará de D. Manuel a *arte de*

imprimissão é dignificada por tal arte, que todos os impressores que nos seus reinos e senhorios usassem a nobre arte da Impressão gosariam d'aquellas mesmas graças e privilegios, liberdades e honras que haviam e deviam haver os Cavalleiros de Sua Real Casa, por ella confirmados; posto que não tivessem armas, nem cavallos, nem outras regalias, segundo as Ordenações.»

Ainda hoje esta arte importante, a primeira alavanca da intellectualidade, não merece a consideração que lhe deu D. Manuel, n'aquelle reino que Candido Mendes imaginou tão embrutecido e atrasado, no principio do seculo XVI.

* * *

A cultura intellectual portugueza tornou-se celebre nos seculos XV e XVI. Michel, na obra citada, inculca, com bons fundamentos, que um tal Guilherme de Gouveia, que figura nas listas dos reitores da universidade de Pariz e que o foi por 1430, era de Beja. Este pronome Gouveia tem uma especial singularidade no seculo XVI, denominando uma numerosa familia de sabios portuguezes que alevantam á primeira categoria o nome portuguez no estrangeiro.

Diogo de Gouveia era chamado, em França, onde residia, para todas as commissões scientificas de importancia, como a da revisão das edições da Biblia de Roberto Estienne. Foi por muitos annos director do celebre collegio de Santa Barbara, sempre e até a actualidade, um dos mais considerados de França.

D. Manuel protegia com boas sommas o collegio Montaigu; Diogo de Gouveia aconselhou de Pariz ao rei venturoso que fizesse convergir a sua protecção para o collegio de Santa Barbara, e este collegio converteu-se, por assim o dizermos, em instituição official portugueza. Em 1526, D. João 3º creou nelle cincoenta pensões ou *bolsas*, para serem educados cincoenta estudantes pobres portuguezes.

Nessa data o collegio era portuguez, pelo dinheiro, pelos mestres, pelos methodos e não tinha, em parte alguma da Europa, outro, que se lhe avantajasse.

E, então, em França, estabelece-se uma colonia scientifica portugueza que, além de exaltar o nome patricio, concorre poderosamente para a cultura do espirito francez e d'outros paizes.

Podemos citar —Diogo de Gouveia, André de Gouveia e Antonio de Gouveia; Marcial, professor de rethorica em Santa Barbara e em Poitou; Diogo de Gouveia, o *moço*; Pedro Fernandes de Evora, professor de latim e humanidades em Pariz, por 1524; João Ribeiro, repetidor em Beauvais e professor de Santa Barbara; Diogo de Teive, professor em Pariz e Bordeaux; Antonio Leitão de Braga, professor de physica e philosophia e reitor de Santa Barbara, em 1553; Manuel de Teive, mathematico celebre, Antonio Pinheiro, bispo, João Baptista, poeta, João Ximenes, Melchior de Belliago, que foi lente em Coimbra; os dous reitores do Collegio de Guyenna, João Fernandes da Costa e padre Francisco Soares de Vilhegas; Salvador de Fernandina, lente da universidade de Bourges e emulo de Cujas, Jayme Aça, lente de direito na mesma universidade; lentes na universidade de Tolosa, frei Agostinho da Trindade, frei Manuel Ponsão e Francisco Sanches, o predecessor de Descartes, e tambem lente na universidade de Montpellier.

Alvaro da Fonseca foi nomeado reitor da universidade de Pariz, em 10 de outubro de 1547.

André de Gouveia foi chamado pela *jurade* de Bordeaux para a regencia do collegio de Guyenna. Deste collegio disse um dos seus discipulos, o grande Montaigne: — «En cela, Andreas Goveanus, nostre principal comme en toutes aultres parties de sa charge, feut sans comparaison le plus grand principal de France [1] ».

[1] Montaigne — *Essais*, Liv. 1º, cap. XXV; *De l'instutisse des enfants.*

Diogo de Gouveia, *o moço*, depois de substituir por alguns annos seu primo André, na reitoria de Santa Barbara, quando este foi para Guyenna, foi nomeado reitor da universidade de Pariz, em 1538.

Em todo o seculo XVI, Portugal, esse paiz, pequeno em extensão e em povoamento metropolita, se torna conhecido e respeitado, nos mesmos paizes mais adiantados e nas mesmas especialidades scientificas. Não era sómente o primeiro marinheiro, o primeiro soldado, o primeiro colonisador; era ainda dos primeiros na cultura intellectual.

Francisco Freire de Carvalho, no seu — « Primeiro ensaio » sobre historia litteraria de Portugal, dá provas documentadas e fartas deste asserto, com que contrariamos, na pessoa de Candido Mendes, tantos escriptores, que, por leveza ou paixão, são injustos com Portugal.

* * *

— « Os portuguezes, pelo modo barbaro por que, desde o principio da descoberta, se conduziam com os indigenas, escravisando os proprios amigos, eram por estes não amados, mas temidos e por todos detestados. »

« A não ser o auxilio que lhes prestou a heroica Companhia de Jesus, de immorredoura memoria, pelos beneficios com que dotou este abençoado torrão, jámais os portuguezes firmariam aqui o seu dominio [1]. »

O exagero rouba, *prima facie*, a autoridade a tão extranha these, e não deixa em bons lençóes o autor, entre estudiosos de boa consciencia.

Os portuguezes, tratando os indigenas de modo barbaro *desde o principio da descoberta*, isto é, desde a estadia de Cabral na região da bahia de Cabralia !

Quem ousará ahi subscrever tão clamorosa injustiça; diremos mais, tão feia e ignara calumnia ?!

[1] Logar citado, pag. 77.

Fôra preciso rasgar, queimar a Carta de Pero Vaz de Caminha e todas quantas construcções já andam por ahi em cima della.

Depois da descoberta? sim; houve violencias. Necessarias, em grande numero, talvez na maior parte dos casos; já o dissemos.

Mas, ainda assim, em lutas particulares de aventureiros. Quando officiaes, ou exercidas pelas armadas reaes, sempre em transgressão das ordens e instrucções régias que, nesse ponto, foram sempre de incomparavel magnanimidade.

Os factos são tantos e andam por tal fórma espalhados, que é quasi inacreditavel que haja quem de todo os desconheça e calumnie Portugal.

O Regimento da náo *Bretôa* [1], dado por D. Manuel aos seus armadores e capitão, reza, n'um dos seus itens:

— « Defenderes ao mestre e a toda a companha da dita náo que não faça nenhum mal nem dano á gente da terra etc.» (segue-se a penalidade para as transgressões); e, no fim do item: — « por ser mui necessario ao serviço del-Rey nosso Senhor e bem do dito resgate ser tratado por todos os melhores meios que se puder e sem nenhum escandalo pelo muito dano que disso se pode seguir.»

Noutro item [2]: — « Não trazeres em a dita náo em nenhuma maneira nenhuma pessoa das naturaes da terra do dito brazil que queiram cá vir viver ao reino, porque se alguns cá fallecem cuidam esses de lá que os matam para os comerem, segundo entre elles se costuma ».

Em carta de D. João 3º ao conde da Castanheira, de 21 de janeiro de 1533 [3], manda o rei que quatro indios que chegaram a Lisboa em náos francezas aprezadas por Martim Affonso de Souza, *sejam bem tratados e vestidos de seda*.

Portugal não permittiu que se apresassem indios no

[1] Revista do Instituto Historico, tomo XXIV, pag. 99.

[2] Idem, pag. 102.

[3] Frei Luiz de Souza — Annaes de D. João III, Memorias e Documentos, pag. 377.

Brazil, que, em caso algum, fossem levados, da sua terra ao reino, em barcos portuguezes ou por marinheiros reinicolas. Se, porém, chegavam lá, em barcos estrangeiros, apresados pelos navios reaes, mandavam-se *vestir de seda*. Neste quadro é que devem pôr os olhos os que quizerem julgar Portugal, como elle merece.

Porque os francezes, que com tanto carinho tratavam os indios e de quem estes tanto gostavam, iam-nos levando para França, vendendo-os como alfaias ás casas ricas e expondo-os a tanto por cabeça, como na feira de Rouen.

Não é este o logar de tratar o assumpto da colonisação portugueza ; interessa principios geraes, questões e estudos singulares dos complexos elementos que lhe foram factores, que tudo convém a obra especial.

A escravidão do indio e a influencia geral e particular da Companhia de Jesus, são pontos essenciaes que carecem d'uma analyse muito circumstanciada.

E' nosso intuito fazel-a, em trabalho subsequente, se nos restar tempo e coragem para isso.

Aqui, muito de passagem, como de passagem dada tambem ao trabalho a que nos estamos referindo, as considerações que se seguem:

A escravidão do indio nunca foi uma realidade official; ao contrario, a legislação portugueza acha-se cheia de medidas e providencias severas contra esse abuso, sempre officialmente reconhecido como tal.

Essa abusiva exploração do colono-aventureiro só póde ser realmente considerada como existente, em época muito adiantada, contemporanea da occupação da terra com caracter de permanencia (povoamento e lavoura) e na exploração do sertão, facto ainda posterior.

Não póde, sem grave erro, mencionar-se antes de 1532, quanto mais *desde o principio da descoberta.*

Esta instituição existia entre as mesmas tribus ; os vencidos e prisioneiros, na qualidade de escravos eram conduzidos e mantidos nas tribus vencedoras.

Estas, faziam com os colonos o commercio desses escravos, passando, em épocas posteriores, a ir pelos sertões fazer a caça para a venda.

E' já outra phase do problema; a mais condemnavel e em que o colono tem uma parte de responsabilidade effectiva, instigando esse trafico.

Mas tudo, em época muito posterior áquella, que Candido Mendes quer poluir com esse stygma.

A Companhia de Jesus lutou contra esse commercio, é facto; mas nem o extinguiu, nem tinha realmente esse fim.

O que era um crime ou um peccado para o colono, era uma virtude para a mesma Companhia, que explorava insaciavelmente o trabalho do indio nas suas terras e amplas propriedades.

O processo de catechese e de colonisação da Companhia de Jesus não é tão impeccavel, que lhe não vibrem golpes despiedados os seus mais fervorosos admiradores.

Isto por toda a parte; no proprio Candido Mendes, um dos maiores apologistas della, e no mesmo logar em que nos achamos.

Lê-se de facto ahi [1]: — « Os religiosos da Companhia de Jesus chegaram tarde ao nosso paiz. Já acharam os indigenas cheios de odios e de legitimas desconfianças. Por outro lado, querendo extirpar nelles a idolatria e os seus deshumanos costumes, cimentavam ainda mais nos selvagens essa desconfiança ».

A' penna do historiografo cahiu aqui na pura verdade, e traçou, talvez sem lhe medir o alcance, uma sentença de inapagavel justiça.

Por mais que se propenda, por indole e por educação, para o culto religioso do sobrenatural, é preciso moderar e regular esse culto, quando se cuida de colonisar e civilisar regiões habitadas por tribus atrazadas.

[1] Logar citado, pag. 77.

O culto é por essencia intransigente, e a catechese ha de, por essencia, começar por ser tolerante.

Eis uma das razões para sermos contra o processo da Companhia de Jesus.

Affonso de Albuquerque foi o grande Messias da colonisação civilisadora. Responde por elle, como dizia ao rei na hora da morte, a propria India. Erros e desconchavos de seculos ainda não conseguiram calar a bocca que brada em todo o oriente pela superioridade do seu processo.

Responde por elle todo o systema colonial inglez, que se reduz a uma imitação.

Albuquerque era um crente firme e intransigente na construcção subjectiva da sua lei religiosa.

Entretanto, os pagodes com as suas estranhas solemnidades eram por elle respeitados. Ao seu lado, levantava altares ao culto christão; as solemnidades desse culto eram feitas ahi, com toda a pompa e magestade. O confronto é que produzia na alma do gentio esse fundo abalo que trazia as fartas e fecundas conversões.

E quaes foram as causas principaes da quéda deste monumento de Albuquerque? A intolerancia que se seguiu, servida pelo baixo e estupido fanatismo do rei, pela luxuriosa ambição dos governadores e capitães, pela cega e destruidora raiva das duas fataes emprezas de D. João 3º — a Inquisição e a Companhia de Jesus.

Outro testemunho insuspeito, quanto ao processo desta Companhia, acha-se no marechal Raymundo José da Cunha Mattos, panegyrista inconvertivel da influencia civilisadora dos irmãos de Jesus [1].

« Esta exclusão talvez se generalisasse em os sertões do Brazil, se os jesuitas, assim como desejavam chamar ao gremio da Egreja Catholica as pessoas dos indios, não quizessem accumular em os seus thesouros os bens, ou os fructos da industria e do trabalho dos mesmos indios, que

[1] Revista do Instituto Historico, Tom. XXVI, pag. 132.

desgraçadamente viviam debaixo da mais rigorosa e arbitraria tutela.»

Podemos affoutadamente rematar, mesmo em caracter de passageira apreciação, com as seguintes affirmações, no consoante á conducta dos portuguezes com os indigenas :

1º, que Portugal póde orgulhar-se da sua superioridade, comparando-se, em todos os tempos e em todos os terrenos; 2º, que os erros commettidos nunca passaram de factos abusivos, condemnados pelas leis portuguezas e pelo governo da metropole; 3º, que, por maiores que possam ser os serviços da Companhia, não deixava esta de utilisar-se dos serviços do indio, escravisado ou governado, engordando em bens e em poder secular á custa delle.

* * *

A's fórmas iniciaes de feitorias, particulares e algumas officiaes, juntando alguns degradados que as primeiras expedições jogaram nas praias, onde tocaram, alguns naufragos ou desertores de armadas, que ou vinham ou tocavam pela costa brazileira, fica-nos tudo que essencialmente limita o primeiro povoamento.

Algumas concessões ou doações de D. Manuel e de seu filho nos primeiros annos do seu governo, quando têm caracter de colonisação e povoamento, ficam lettra morta; os Marchiones, capitalistas-emprezarios da época, não lhe pegam, por consideral-as emprezas ruinosas ou de problematico futuro.

Bem averiguado, bem real, fica-nos uma dominação viageira, commercial, exploradora, de aventureiros, pela maior parte francezes, em alliança de *ameno trato* com os Tupinambás, os indios mais espalhados nas costas que os mesmos francezes frequentavam.

O roubo era total; com a fazenda, com a riqueza natural do paiz, iam levando e seduzindo o coração do gentio. Roubo este do mesmo quilate, porque o indio começára

por ser portuguez de corpo e alma, e tanto, que, ainda depois, no mais acceso das lutas, o portuguez póde contar com a alma e com o corpo do Tupiniquin, que não esquecera e guardára na tradição a doçura e a generosidade dos primeiros abordantes da sua terra.

* * *

Ainda uma nota final sobre este assumpto.

O Brazil foi povoado em fórma ribeirinha ou de beira-mar; o sertão ficou por largos annos defeso á exploração. Pouco se fez, mesmo mais tarde, e esse pouco deve-se, em grande ou na maior parte, ás *bandeiras*, que, a seu turno, se filiam na exploração dos minerios.

Foi esse um dos grandes males da colonisação para o futuro do paiz. Outro, bem diverso, teria sido o progredimento, se a vasta região colonial, ao menos nas regiões primitivas, tivesse sido atacada, em fórma intensiva, da costa para o interior.

Tem-se procurado explicações a este facto negativo, todas concorrentes, mas sem caracter subordinante. Até, com manifesta injustiça, se tem appensado ás muitas accusações, feitas ao processo portuguez, mais este chamado erro desidioso.

Com melhor fé e mais verdade, cita-se a espessura das florestas, sem caminhos, nem aberturas, e allumia-se a illação com o facto primordial da entrada pelos campos de Piratininga, no sul.

Esta é uma razão fraca e no remate contraproducente. Fraca, no sentido de que não faltavam, nem faltam até hoje, optimos caminhos naturaes, na abundancia de rios que recortam maravilhosamente toda a região brazileira; contraproducente, no sentido de que o ataque da colonia de Ramalho para a borda dos Campos de Piratininga e dos Jesuitas para S. Paulo, é feita pelas picadas das temerosas florestas, que ainda hoje revestem a serra do Cubatão, começando em Paranapiacaba.

A razão essencial da impossibilidade ha de ir buscar-se ao estorvo creado pelas tribus que senhoreavam o sertão. Perdida, pela interferencia franceza, a fórmula de Cabral, e creado o odio dos Tupinambás contra a colonisação portugueza, a entrada pelo sertão só podia ser feita pelos francezes.

A mesma direcção dos centros coloniaes portuguezes para as ilhas do littoral, ou de principio ou por mudanças posteriores, como em Itamaracá, na Victoria, em Santa Catharina, estão materialmente attestando a difficuldade com que lutavam os portuguezes em se estabelecer na mesma costa, quanto mais no interior.

A accusação, a ter de caber a alguem, deverá toda dirigir-se aos francezes, unicos que podiam e não fizeram; que, não fazendo, crearam obstaculos invenciveis a quem positivamente desejava fazer.

Por que, no fim de contas, é essa a verdade meridiana. O portuguez foi sempre colonisador, pelo menos no sentido, mais directo e restricto, de se fixar no novo logar, com animo de residir, de criar, de conservar; qualidade que ainda hoje colloca este factor ethnico no primeiro logar, entre as raças dispersivas e fecundantes.

E a França, nem então, nem hoje, nunca conseguiu, sequer, tomar logar entre os povos colonisadores. O que possue fóra da metropole, com excepção da Algeria, que, pela lei das distancias, é um prolongamento, ahi está para confirmar este asserto.

CAPITULO XIV

A QUESTÃO DE MALACA

Estado geral do reino, quando D. João 3º subiu ao throno.— O conflicto diplomatico entre Hespanha e Portugal; Malaca: Solis e Magalhães.— Uma questão historiografica de muito interesse.— Christovam Jacques; sua ou suas viagens.

D. João 3º subia ao throno, quando o declinio parecia, por toda a parte, sitial-o. A empreza de Magalhães ia de vez realizar a ambição politico-geografica de Castella; D. Manuel, por orgulho, por incompetencia ou por cerrada impossibilidade, não conseguira evitar esse grande golpe. Uma ruina para os interesses materiaes portuguezes, mas a mais fecunda das conquistas geograficas do seculo XVI.

A empreza de Magalhães era a mais difficil das questões que D. João 3º herdára com o throno; motivava uma pendencia de interesses entre as duas corôas da peninsula, que destinava para a diplomacia uma quadra de laboriosa e atilada occupação. A questão de Malaca, absorpção essencial da politica hispano-portugueza na época, desenrola-se em vasto e accidentado quadro, por toda a década de 1520 a 1530, e ainda conserva vestigios em 1538, quando D. João de Castro, em solicitos estudos de sciencia nautica, dizia ao rei, de Moçambique [1]: — « tenho trabalhado quanto pude por entender miudamente a variação das agulhas, de que os pilotos tanto

[1] « Roteiro de Lisboa a Gôa », por D. João de Castro, edição de João de Andrade Corvo, 1882.

se queixam, e soube-a perfeitamente, e affirmo a V. A. que até agora não foi sabido nem imaginado algum segredo que nesta parte alcancei, o que faz muito ao caso para as differenças que houve entre V. A. e o imperador, e póde haver sobre a repartição do mundo ».

A conducta da França, introduzindo-se, em fórma de pirataria, nas conquistas, perturbando-lhes a orientação e saqueando-as com audacia crescente, tinha ascendido, na mesma época inicial deste reinado, a uma força tal, que accumulava serios receios, não só economicos, como até mesmo politicos, em volta do incipiente reinado.

As tendencias pessoaes do rei, deixado, por uma incapacidade intellectual que os mesmos biografos louvaminheiros não logram esconder, n'um estado de deseducação, excepcional em reis daquelle tempo, beato e supersticioso, apavorado por visões sobrenaturaes, corollario desse misero estado de espirito inculto e incapaz, arrastam o reino para uma nova e mais que todas ruinosa preoccupação.

A peso de ouro e em depauperação esterilisadora da riqueza do paiz, D. João logra esse seu estupido ideal de fazer-se o emprezario-mór da religiosidade catholica, antepondo-se á propria Curia na apreciação da virtude salvadora das almas, attribuida ás duas nascentes instituições—a Ordem de Loyola e a de S. Domingos. O ouro portuguez, já em época tão escassa e em que, perdidos e esvasiados os cofres reaes, se obtinha, em fórma deprimente, pelo imposto, pelo sequestro e pelo agio, que chega a ser de 25 %, consegue vencer as mesmas resistencias moraes de Roma, que lavava, como Pilatos, as mãos da responsabilidade, ao largar de si a mais grave das suas prerogativas.

São estes os tres eixos principaes, em volta dos quaes se constróe toda a época infeliz deste reinado, e a cujas direcções tem de referir-se todos os grandes factos, que se desenvolvem ante o historiador, por todo este seculo de agitação descommunal.

* * *

Da obra de Magalhães, diremos, por fim, que ella tinha de ser, e só por Hespanha podia realizar-se.

Portugal, na sua directriz natural para o oriente, tinha chegado a Malaca; marchava dahi ainda mais para leste; já chegára a Borneo.

Navegaria todo o Pacifico, e, naturalmente, viria tocar na costa occidental da America, e passar para o Atlantico pelo sul, ao inverso de Magalhães.

Nessa sua marcha invadia regiões, hespanholas segundo os tratados. O conflicto tinha de dar-se.

O conhecimento, adquirido por pilotos portuguezes desde 1508, das posições geograficas de Malaca, dava a consciencia geral aos marinheiros da época de que se andava por logares pertencentes a Hespanha. Não era esse facto um privilegio de excepção para Magalhães.

Já vimos que Solis o sabia e o affirmava, alguns annos antes, e que morreu na luta pela realização do mesmo problema, procurando a mesma solução geografica.

O que era preciso para a resolução, era um animo de revolta contra os interesses da patria, uma sufficiente dóse de egoismo, de ambição, para atirar, fosse quem fosse, da estrada normal, denunciando e negociando em Hespanha.

Porventura Affonso de Albuquerque ignorava que estava no hemispherio alheio?

Seria menos capaz do que Magalhães de resolver o problema?

Teria menores ambições de gloria?

Seriam inferiores os motivos de offensa do rei?

E Affonso de Albuquerque, cremol-o bem, nem sequer pensára, um momento da vida, em ir negociar em Hespanha empreza que prejudicava a sua patria.

Eis a grande differença de Magalhães para outros.

* * *

O *Victoria*, o unico barco restante dos cinco com que sahira Magalhães, em 17 de setembro de 1519, de San Lucar

de Barrameda, conseguira, emfim, o grande triunfo, voltando ao mesmo porto, em 7 de setembro de 1522.

Aportára a S. Thiago de Cabo Verde, em 6 de julho do mesmo anno, compellido pela fome, pela falta de tudo.

Foi bem recebido e hospedado, porque o governador da ilha imaginava, como diziam os hespanhóes, que o *Victoria* vinha das Antilhas.

Alguem deu á lingua; o governador soube a verdade e procurou prender o barco; os castelhanos, avisados a tempo, fugiram, não podendo salvar um bote com 13 homens, que deixaram nas mãos dos portuguezes.

O governador mandou-os presos a Lisbôa, com a noticia a D. João 3º do que sabia.

O rei enviou a Carlos V uma embaixada especial, a cargo de Luiz da Silveira, reclamando contra a usurpação castelhana, em terras da sua conquista, e ahi se originou a renovação d'essa pendencia diplomatica, que absorve grande parte das attenções politicas e administrativas de Portugal.

Ao passo que em Hespanha proseguiam activamente as negociações, que, por mais que se queiram inculcar por sabias, conduziram ao fiasco da escriptura assignada em Saragoça, aos 22 de abril de 1529, sendo João 3º obrigado a comprar o que bem podia sustentar como seu, ainda com a clausula de retrovenda, o rei de Portugal reconhecia, ou alguem por elle, a imperiosa necessidade de cuidar da costa americana, ponto forçado das armadas hespanholas, dirigidas pelo caminho aberto por Magalhães.

Eis uma das origens da armada de 1526, commandada por Christovam Jacques, dirigida como guarda-costas, aos mares brazileiros.

Eis a razão por que, ao contrario do que seria mais natural, a exploração da costa brazileira se dilata e adianta no sul e fica por muito tempo esquecida no norte, quando por esse lado se avizinhavam desde mais cedo as possessões dos dous paizes rivaes, quando a exploração local da terra

não offerecia menores vantagens pelo norte, quando as condições geograficas mesmo eram menos favoraveis pelo sul.

Malaca é um pólo de convergencia, de decisiva influencia, na exploração e colonisação brazileira, desde o seu inicio.

* * *

A França, como vimos e já mostrámos em diversos logares, entrára valentemente na exploração da costa brazileira, em diversos pontos. D. Manuel não fizera exploração alguma directa, depois de Gonçalo Coelho, mas dava concessões a particulares, recebendo a sua parte nos lucros dessas expedições de aventureiros, que sempre lhe rendiam alguma cousa. Collige-se de duas razões fortes — a França explorava do mesmo modo e a corôa dava-se tão bem com a exploração, que oppunha todas as resistencias ás reclamações diplomaticas de Portugal, que eram vivas e continuas; é natural que a corôa portugueza não tirasse lucros menores.

Pedro de Alcaçova Carneiro coordenou os apontamentos para serem apresentados ás côrtes de Almeirim, relatando o estado precario da fazenda real. Era uma especie de discurso da corôa, que tinha de justificar o pedido de dinheiro que D. João 3º ia fazer aos estados.

Pois acha-se ahi o seguinte periodo [1]:

« O Brazil não sómente não rendeu de 20 annos até agora o que soia, mas tem custado a defender e povoar mais de oitenta mil cruzados.»

Isto dito em 1544, significa que a renda do Brazil decahira, depois da morte de D. Manuel.

Pois o resultado desta outra e não menos activa influencia da preconisada diplomacia de D. João 3º, foi um fiasco não inferior ao de Saragoça.

O ouro escoava-se de Portugal, pelas mãos do rei perdulario e dos diplomatas, cuja maior e decisiva capacidade

[1] Frei Luiz de Souza — Annaes, Memorias e Documentos, pag. 416.

se reduzia, por este lado de França, a comprar, a troco de altas sommas, as ordenanças reaes, a caducidade de algumas, a interferencia das autoridades superiores e até (vergonha inaudita !) indemnisar piratas e seus parceiros pelos lucros provaveis. A final negociação Ango, em 1531, caracterisa esta phase politica de D. João 3º.

Entretanto, ao lado das negociações diplomaticas, era necessario tomar medidas repressivas mais directas contra os aventureiros francezes, que andavam por todo o Brazil.

Eis outra origem da expedição Christovão Jacques, de 1526.

* * *

Frei Luiz de Souza menciona esta armada, nos seguintes termos [1] :— « No mesmo anno (1526) despachou el-rei a primeira armada que foi em seu tempo ao Brazil ; capitão-mór Christovão Jacques. Foi correr aquella costa e alimpal-a de corsarios, que com teima a continuavam pelo proveito que tinham do páo brazil ».

« E eram os mais dos portos de França do mar oceano. »

Faltam-nos informações directas desta notabilissima expedição; não temos ainda, nem as instrucções que levou Jacques, nem os seus relatorios ao rei no tempo da sua missão. Temos, entretanto, bases para tirar algumas illações importantes.

A commissão era de dous annos para todos que iam nella. Collige-se de uma carta escripta por Diogo Leite a D. João 3º, em 30 de abril de 1528 [2].

Pede ao rei que o mande ir, visto ter findado o seu tempo, que tinha sido marcado em dous annos, contados do dia em que chegasse ao Brazil.

Varnhagen publica na sua Historia geral, pag. 105, uma ordenança de D. João 3º, com a data de 5 de julho de 1526,

[1] Annaes de D. João 3º, pag. 178.

[2] Torre do Tombo — Corp. Chronolog., parte primeira, maç. 39, Doc. 132 — R. do Inst., tom. VI, pag. 221.

dirigida a Christovão Jacques, dando-lhe instrucções para mandar para o reino um tal Pero Capico, que lhe tinha requerido essa graça.

Estes dous documentos não concordam sobre a data da sahida de Jacques.

Se, por este, parece ter sido depois de 5 de julho, pela carta de Leite parece ter sido antes de 30 de abril. Nesta conflagração, temos que conservar indefinida essa data, até melhores informações.

Por uma carta de Luiz Ramires [1], collige-se que havia uma feitoria real portugueza em Pernambuco, em principios de junho de 1526.

Pela carta de doação, a Pero Lopes de Souza, da capitania de Itamaracá, sabe-se que Christovão Jacques formou uma feitoria nesta ilha [2].

Será uma e a mesma, ou duas, fundadas em épocas differentes? Esta segunda hypothese é mais provavel.

Se vingasse o documento citado por Varnhagen, que assigna a Jacques uma sahida de Lisboa posterior a 5 de julho, não era sómente mais provavel a hypothese; era certa e indispensavel. Nós, porém, não damos, como dissemos, valor a esse documento, que é contestado por outro de maior valia. Tanto mais que ha uma maneira de harmonisar os dous.

Sabe-se, por diversos logares, que esta armada de Jacques andou quatro annos no Brazil.

Collige-se da declaração de frei Luiz de Souza [3]:

« Neste anno (1530) despachou Sua Alteza segunda armada para o Brazil, de que fez capitão-mór Martim Affonso de Souza. »

Esta declaração, combinada com a circumstancia de se achar em novembro de 1528 outro capitão-mór na armada de Jacques [4], um tal Antonio Ribeiro, prova que havia

[1] Revista do Instituto Historico, tom. XV. pag. 16.
[2] Souza — Provas da Hist. Genealogica, tom. VI, doc. 35, pag. 149.
[3] Annaes, pag. 283.
[4] Navarete, tom. V, pag. 313.

23

communicações, mais ou menos frequentes, entre a feitoria de Pernambuco, estação principal da armada, e o reino. Conseguintemente, Jacques podia ter sahido de Lisboa em principios de 1526, de sorte que estivesse em Pernambuco antes de 30 de abril (carta de Diogo Leite), e D. João 3º mandar o alvará de 5 de julho, referente á ida de Pero Capico, quando Jacques já estivesse no Brazil.

Ha mais. O alvará diz: — « Pero Capico, capitão de uma das capitanias do dito Brazil ».

Que capitania era esta, onde estava como chefe Capico? Certamente alguma feitoria real, talvez e muito naturalmente em Pernambuco.

Feitorias portuguezas na costa do Brazil, sabemos que as havia, no tempo de D. Manuel; bastará lembrar a de Cabo Frio, onde, em 1511, veiu resgatar a náo *Bretôa*. Era muito natural que outras coevas se formassem, na Bahia, em Pernambuco, em S. Vicente, Porto Seguro, etc. Não faltam mesmo vestigios da sua existencia.

* * *

O emerito professor Capistrano de Abreu, em nota á Historia de Salvador, pag. 55, pretende persuadir que Jacques veiu ao Brazil duas vezes, sendo a primeira no reinado de D. Manuel, ou antes de 1521. Isso com o fim de explicar suppostas contradicções. A feitoria, existente em Pernambuco em junho de 1526, se se lhe pozesse como condição ser fundada por Jacques e fosse certo que este sahira de Lisboa depois de 5 de julho, era a primeira contradicção que exigia a hypothese de Capistrano. Nem essa, porém, procede pela analyse que ahi fica, nem Capistrano lhe dá por fim grande importancia.

Vai buscar outra contradicção ou impossibilidade chronologica n'outros logares, onde da mesma fórma não existe para nós.

Pela carta de Luiz Ramires sabe-se que Sebastião Caboto encontrou na ilha de Santa Catharina uns 15 christãos que

alli ficaram da náo de D. Rodrigo de Acuña, pertencente á armada de Loaisa. Concorda perfeitamente com as declarações feitas nas cartas do mesmo D. Rodrigo de Acuña e mesmo com a justificação que elle deu em Pernambuco, em 2 de novembro de 1528, perante o capitão-mór Antonio Ribeiro. Encontrou mais ahi dous hespanhóes que escaparam da expedição de Solis de 1515, chamados Henrique Montes e Melchior Ramirez. Este ultimo disse a Caboto, no dia 20 de outubro de 1526, que tinha estado no rio Solis por lingua de uma armada de Portugal.

Em outro logar da carta de Ramirez, conta este que, no dia 6 de abril de 1527, a armada de Caboto chegara ao Porto de S. Lazaro, no rio Solis, onde encontrou outro hespanhol escapado do desastre de Juan Diaz, um tal Francisco del Puerto.

Em S. Lazaro deixou Caboto parte da sua armada, e, com outra, foi rio acima em exploração.

Em 28 de março de 1528, soube, em Sant'Anna, por indios, que tinham chegado tres navios a S. Lazaro e ancorado junto da sua armada.

Não dando importancia á informação, seguiu pelo rio Paraguay e Hepetin, onde teve novos avisos pelos indios da entrada das tres velas em S. Lazaro.

Foi então que Caboto [1]:— « acordó de bolver abajo, porque se temia que en la dicha armada benia Christoval Jacques, capitan del Rey de Portugal, que otra vez como tengo dicho avia benido á este rio de Solis y prometió al dicho Francisco Puerto que alli allamos que bolveria ».

Esta referencia nada tem com Santa Catharina nem com 20 de outubro, como suppoz Capistrano. Remonta a 6 de abril de 1527, a Francisco Puerto e a S. Lazaro.

Christovão Jacques tinha estado nesse logar, com aquelle castelhano e antes daquella data, e promettera voltar. Nada mais facil e verosimil do que ter estado em S. Lazaro, no

[1] Revista do Instituto Historico — tom. XV, pag. 37.

Rio da Prata, antes de 6 de abril de 1527, quem sahira de Lisboa, mesmo que fosse em julho de 1526.

De Santa Catharina e em 20 de outubro de 1526, temos apenas a referencia vaga de Melchior Ramirez a uma armada portugueza, depois e certamente muito proximo, de 1515, no mesmo Rio da Prata, da qual Melchior fôra lingua; dizemos muito proximo de 1515, porque Melchior Ramirez estava em Santa Catharina havia 13 ou 14 annos. Essa armada portugueza, nada autorisa a affirmar que fosse de Christovão Jacques, como suppoz Capistrano de Abreu.

Depois havia ainda outra razão para destruir a illação.

Collige-se rigorosamente das palavras de Luiz Ramirez que a esquadra de que Caboto se arreceiava, não era antiga, mas uma de Christovão Jacques, que alli estivera ha pouco e promettera voltar. Este voltar não significa nem permitte um intervallo de 13 ou 14 annos.

* * *

D. Rodrigo de Acuña, commandante da náo *S. Gabriel*, da expedição Loaisa, volveu do estreito de Magalhães açoitado pela tempestade.

Revoltou-se-lhe a guarnição pela altura de Santa Catharina e parte della ficou ahi; são os quinze *christianos* achados por Sebastião Caboto, em 20 de outubro de 1526.

Seguiu seu destino com os que lhe ficaram e foi assaltado pelos francezes, escapando n'um batel com sete companheiros e acolhendo-se na feitoria portugueza de Pernambuco, em outubro de 1526.

Verifica-se isto por uma carta que elle escreve a D. João 3º, datada da feitoria, aos 30 de abril de 1528 e onde diz que alli chegára havia 18 mezes [1]; e por uma justificação feita pelo mesmo D. Rodrigo, na feitoria, em vesperas de partir para a Europa [2].

[1] Navarrete, tom. V, doc. num. XIII, pag. 240.

[2] Idem idem, num. XV, pag. 313.

A petição começa deste modo: — « Señor. Antonio Ribeiro, caballero de la casa del Rey, é capitan mayor desta armada que anda en esta costa del Brasil: Don Rodrigo de Acuña, uno de los capitanes del Emperador, del armada que iba á Maluco por el estrecho de Magallanes, pido a V. M. porcuanto yo he aportado aqui á esta factoria de Pernambuco con siete personas en un batel destrozado de los franceses é desamparado de los mios habrá dos años poco mas ó menos, detenidos por Cristobal Jaques, capitan mayor que fue de esta armada, hasta ahora que su Alteza nos manda ir á dar pasaje para Portugal, etc. ». Tem a data de 26 de outubro de 1528.

Nessa petição lavrou o capitão-mór Antonio Ribeiro o despacho seguinte: — « Ao supplicante as testemuuhas que apresentarem por esta petição e com o dito das ditas testemunhas, passe-se o seu instrumento como se requer. Feito em Pernambuco, terra do Brazil, etc. ».

Conclue-se que a feitoria funccionava regularmente desde outubro de 1526, pelo menos; que já nessa data reconhecia o commando de Christovão Jacques; que este voltára a Portugal, passados os dous annos do seu governo; que fôra rendido, no commando da armada de guarda costas, por Antonio Ribeiro.

Muito naturalmente, este estivera até 1530, com a mesma armada trazida por Jacques, que fôra movimentada parcialmente nesses quatro annos; Martim Affonso de Souza veiu render Ribeiro e armada, trazendo comsigo a segunda, como diz Souza, que D. João 3º mandou ao Brazil.

* * *

Parece-nos legitimo affirmar que o systema inicial de D. João 3º, em relação ao Brazil, fôra uma imitação do que se empregava para o oriente, segundo a fórmula de D. Francisco de Almeida.

Estabeleceu um governo de dous annos, firmado n'uma armada mixta de commercio e guerra, como eram todas

então, que tinha o duplo fim de proteger o resgate nas feitorias reaes, defender as costas contra a invasão dos aventureiros, e vigiar as armadas hespanholas que iam a Malaca e tocavam ao sul das possessões portuguezas. Nascia ahi a celebre questão da posse do Rio da Prata, que levou alguns seculos a resolver e que teve a sua primeira crise com Martim Affonso de Souza.

Esta época será por nós denominada — *do resgate official*, seguida á de 1500 a 1526, em que apenas existe o *resgate aventureiro*.

* * *

Fechamos aqui o nosso modesto trabalho que, por extenso em demasia, nos não permitte maior delonga.

Se, como desejamos, viermos a proseguir, ha de ser com melhores documentos, que nos esforçaremos por obter. Em larga introducção apresentaremos todas as rectificações que esses novos documentos nos permittirem fazer a este periodo percorrido, e abriremos o novo trabalho com o periodo das capitanias hereditarias.

APPENDICE

DOCUMENTOS E NOTAS

N. 1

CARTA

DE PERO VAZ DE CAMINHA

Torre do Tombo, Gaveta 8ª, *maç.* 2º, *n.* 8.

SENHOR. — Posto que o capitão-mór d'esta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento d'esta vossa terra nova, que se ora n'esta navegação achou, não deixarei tambem de dar d'isso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que, para o bem contar e fallar, o saiba peior que todos fazer; porém tome Vossa Alteza minha ignorancia por boa vontade, a qual bem certo creio, que, por aformosentar nem afeiar, haja de pôr mais que aquillo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e singraduras do caminho, não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado; e, portanto, Senhor, do que hei de fallar começo e digo:

Que a partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira 9 de Março, e sabbado 14 do dito mez, entre as 8 e 9 horas, nos achamos entre as Canarias, mais perto da Gran-Canaria; e ahi andamos todo aquelle dia em calma, á vista d'ellas, obra de tres ou quatro leguas.

E domingo, 22 do dito mez, ás 10 horas pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, a saber: da ilha de S. Nicoláu, segundo dito de Pedro Escobar, piloto; e á noite seguinte, á segunda-feira, lhe amanheceu, se perdeu da frota Vasco de Ataide, com a sua náo, sem ahi haver tempo forte, nem contrario para poder ser; fez o capitão suas diligencias para o achar n'umas e n'outras partes, e não appareceu mais;

e assim seguimos nosso caminho por este mar de longo até terça-feira, oitava da Pascoa, que foram 21 de Abril, que topamos alguns signaes de terra, sendo a dita ilha, segundo os pilotos diziam, obra de seiscentas e sessenta ou setenta leguas, os quaes eram muita quantidade de hervas compridas, a que os mareantes chamam *botelho*, e assim outras, a que tambem chamam *rabo de asno*, e á quarta-feira seguinte, pela manhan, topámos aves, a que chamam *fura-buchos*, e n'este dia, á horas de vespera, houvemos vista de terra, a saber : primeiramente de um grande monte mui alto e redondo, e de outras serras mais baixas no sul d'elle, e de terra chan com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão pôz nome o *Monte Pascoal*, e á terra o de *Vera Cruz*. Mandou lançar o prumo : acharam vinte e cinco braças, e ao sol posto, obra de seis leguas de terra, surgimos ancoras em dezenove braças, ancoragem limpa. Alli ficamos toda aquella noite.

E quinta-feira, pela manhan, fizemos vela e seguimos direitos á terra, e os navios pequenos indo diante por dezesete, dezeseis, quinze, quatorze, treze, doze, dez e nove braças, até meia legua de terra, onde todos lançamos ancoras, em direito da boca de um rio. E chegariamos a esta ancoragem ás 10 horas, pouco mais ou menos. E d'alli houvemos vista de homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo os navios pequenos disseram, por chegarem primeiro alli. Lançamos os batéis e esquifes fóra; e vieram logo todos os capitães das náos a esta náo do capitão-mór, e alli fallaram, e o capitão mandou no batel em terra Nicoláu Coelho para ver aquelle rio; e tanto que elle começou para lá a ir, acudiram pela praia homens, quando dois, quando tres, de maneira que, quando o batel chegou á boca do rio, eram alli dezoito ou vinte homens pardos, todos nús, sem nenhuma cousa, que lhes cobrisse suas vergonhas; traziam arcos nas mãos e suas setas. Vinham todos rijos para o batel, e Nicoláu Coelho lhes fez signal, que puzessem os arcos, e elles os puzeram.

Alli não pôde d'elles haver falla, nem entendimento, que aproveitasse, pelo mar quebrar na costa. Sómente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho, que levava na cabeça, e um chapéo preto; e um d'elles lhe deu um sombreiro de pennas de aves compridas, com uma copasinha pequena de pennas vermelhas e pardas, como as de papagaio e outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas miudas, que querem parecer de aljaveira, as quaes peças creio, que o capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volveu ás náos, por ser tarde e não poder d'elles haver mais falla por causa do mar.

A' noite seguinte ventou tanto sueste com chuvaceiros, que fez cassar as náos, e especialmente a capitanea; e á sexta, pela manhan, ás 8 horas

pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o capitão levantar ancoras e fazer vela, e fomos de longo da costa com os batéis e esquifes amarrados por pôpa contra o norte, para vêr se achavamos alguma abrigada e bom pouso, onde jouvessemos para tomar agua e lenha, não por nos já minguar, mas por nos acertarmos aqui.

E quando fizemos vela, seriam já na praia assentados, junto com o rio, obra de sessenta ou setenta homens, que se juntaram alli, poucos e poucos.

Fomos de longo, e mandou o capitão aos navios pequenos, que fossem mais chegados á terra, e que, se achassem pouso seguro para as náos, amainassem; e sendo nós pela costa, obra de dez leguas d'onde nos levantamos, acharam os ditos navios pequenos um recife, com um porto dentro muito bom e muito seguro, com uma mui larga entrada; e metteram-se dentro e amainaram, e as náos arribaram sobre elle, e um pouco antes do sól posto amainaram obra de uma legua do recife, e ancoraram-se em onze braças. E sendo Affonso Lopes, nosso piloto, em um d'aquelles navios pequenos, por mandado do capitão, por ser homem vivo e destro para isso, metteu-se logo no esquife a sondar o porto dentro, e tomou em uma almadia dois d'aquelles homens da terra, mancebos e de bons corpos; e um d'elles trazia um arco, e seis ou sete setas, e na praia andavam muitos com seus arcos e setas, e não lhes aproveitaram. Trouxe-os logo, já de noite, ao capitão, onde foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição d'elles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos; andam nús, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas, e estão ácerca d'isso com tanta innocencia como têm em mostrar o rosto; traziam ambos o beiço de baixo furado, e mettido por elle senhos onos de osso, brancos, de compridão de uma mão travéssa, e de grossura de um fuso de algodão, e agudo na ponta como furador; mettem-nos pela parte de dentro do beiço, e o que lhe fica entre o beiço e os dentes é feito como roque de xadrez, e em tal maneira o trazem alli encaixado que lhes não dá paixão, nem lhes torva a falla, nem comer, nem beber. Os cabellos seus são corredios, e andavam tosquiados de tosquia alta, mais que de sobrepente, de boa grandura, e rapados até por cima das orelhas. E um d'elles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, para detraz, uma maneira de cabelleira de pennas de aves amarellas, que seria de compridão de um couto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas, a qual andava pegada nos cabellos penna e penna com uma confeição branda como cêra e não n'o era, de maneira que andava a cabelleira

mui redonda, e mui basta e mui igual, que não fazia mingua mais lavagem para levantar.

O capitão, quando elles vieram, estava assentado em uma cadeira, e uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e Sancho de Toar, e Simão de Miranda, e Nicoláu Coelho, e Ayres Corrêa, e nós outros que aqui na náo com elle imos, assentados no chão por essa alcatifa: accenderam tochas e entraram, e não fizeram nenhuma menção de cortezia nem de fallar ao capitão nem a ninguem; porém um d'elles pôz olho no collar do capitão, e começou de acenar com a mão para terra e depois para o collar, como que nos dizia' que havia em terra ouro; e tambem viu um castiçal de prata, e assim mesmo accenava para a terra e então para o castiçal, como que havia tambem prata; mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui o capitão traz; tomaram-n'o logo na mão e acenaram para a terra, como os havia ahi; mostraram-lhes um carneiro, não fizeram d'elle menção; mostraram-lhes uma gallinha, quasi haviam medo d'ella, e não lhe queriam pôr a mão, e depois a tomaram como espantados; deram-lhes alli de comer pão e pescado cosido, confeitos, fartes, mel e figos passados; não quizeram comer d'aquillo quasi nada, e alguma cousa, se a provavam, lançavam-a logo fóra; trouxeram-lhes vinho por uma taça; puzeram-lhes assim á boca tão a lá vez, e não gostaram d'elle nada, nem o quizeram mais: trouxeram-lhes agua por uma albarrada, tomaram d'ella senhos bocados, e não beberam; sómente lavaram as bocas e lançaram fóra; viu um d'elles umas contas de rosario brancas; acenou, que lhas dessem, e folgou muito com ellas e lançou-as ao pescoço, e depois tirou-as e embrulhou-as no braço, e acenava para a terra e então para as contas e para o collar do capitão, como que dariam ouro por aquillo; isto tomavamos nós assim pelo desejarmos; mas se elle queria dizer, que levaria as contas e mais o collar, isto não queriamos nós entender; porque l'ho não haviamos de dar; e depois tornou as contas a quem l'has deu, e então estiraram-se assim de costas na alcatifa a dormir, sem terem nenhuma maneira de cobrirem suas vergonhas, as quaes não eram fanadas, e as cabelleiras d'ellas bem rapadas e feitas; o capitão lhes mandou pôr ás cabeças senhos coxins; e o da cabelleira procurava assaz pôl-a não quebrar, e lançaram-lhes um manto em cima, e elles consentiram e jouveram e dormiram.

Sabbado pela manhan mandou o capitão fazer vela, e fomos demandar a entrada, a qual era mui larga e alta de seis a sete braças; e entraram todas as náos dentro, e ancoraram-se em cinco, seis braças, a qual ancoragem dentro é tão grande e tão formosa, e tão segura, que podem jazer dentro n'ella mais de duzentos navios e náos. E tanto que

as náos foram pousadas e ancoradas, vieram os capitães todos a esta náo do capitão-mór. E d'aqui mandou o capitão Nicoláu Coelho e Bartholomeu Dias, que fossem em terra, e levassem aquelles dois homens, e os deixassem ir com seu arco e setas, aos quaes mandou dar senhas camisas novas e senhas carapuças vermelhas e dois rosarios de contas brancas de osso, que elles levavam nos braços, e senhos cascaveis e senhas campainhas. E mandou com elles, para ficar lá, um mancebo degradado, criado de D. João Tello, a que chamam Affonso Ribeiro, para andar lá com elles, e saber de seu viver e maneira, e a mim mandou, que fosse com Nicoláu Coelho. Fomos assim de frecha direitos á praia; alli acudiram logo obra de duzentos homens, todos nús, e com arcos e setas nas mãos. Aquelles que nós levavamos acenaram-lhes, que se afastassem e puzessem os arcos e elles os puzeram e não se afastaram muito; abasta que puzeram os seus arcos; e então sahiram os que nós levavamos, e o mancebo degradado com elles; os quaes assim como sahiram, não pararam mais, nem esperava um por outro, senão a quem mais correria; e passaram um rio, que por ahi corre de agua doce, de muita agua, que lhes dava pela braga, e outros muitos com elles; e foram assim correndo, além do rio, entre umas moitas de palmas, onde estam outros, e alli pararam. E n'aquillo foi o degradado com um homem que, logo ao sahir do batel, o agazalhou e levou até lá. E logo o tornaram a nós, e com elle vieram os outros, que nós levamos; os quaes vinham já nús e sem carapuças; e então se começaram de chegar muitos, e entravam pela beira do mar para os batéis até que mais não podiam, e traziam cabaços d'agua; e tomavam alguns barris, que nós levavamos, enchiam-os de agua e traziam-os aos batéis, não que elles de todo chegassem a bordo do batel, mas, junto com elle, lançavam-o da mão e nós tomavamol-os, e pediam, que lhes dessem alguma cousa. Levava Nicoláu Coelho cascaveis e manilhas: e a uns dava um cascavel, e a outros uma manilha, de maneira que, com aquella encarva, quasi nos queriam dar a mão; davam-nos d'aquelles arcos e setas por sombreiros, e carapuças de linho, e por qualquer cousa, que lhes homem queria dar. D'alli se partiram os outros dois mancebos, que não os vimos mais.

Andavam alli muitos delles, ou quasi a maior parte, que todos traziam aquelles bicos de osso nos beiços, e alguns, que andavam sem elles, traziam os beiços furados, e nos buracos traziam uns espelhos de páu, que pareciam uns espelhos de borracha, e alguns delles traziam tres daquelles bicos, a saber: um na metade e os dous nos cabos; e andavam ahi outros quartejados de cores, a saber: delles a metade da sua propria côr, e a metade de tintura negra, maneira de azu-

lada, e outros quartejados de escaques. Alli andavam entre elles tres ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabellos mui pretos, compridos pelas espaduas, *e suas vergonhas tão altas e tão saradinhas, e tão limpas de cabelleiras, que de as nós muito bem olharmos não tinhamos nenhuma vergonha* [1]. Alli, por então, não houve mais falla nem entendimento com elles, por a barbaria delles ser tamanha, que se não entendia nem ouvia ninguem; acenamos-lhes, que se fossem; e assim o fizeram e passaram-se além do rio, e sahiram tres ou quatro homens nossos dos batéis, e encheram não sei quantos barris d'agua, que nós levavamos, e tornamo-nos ás náos; e, em nós assim vindo, acenaram-nos, que tornassemos; tornamos, e elles mandaram o degradado, e não quizeram, que ficasse lá com elles, o qual levava uma bacia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas, para dar lá ao senhor, se o ahi houvesse; não curaram de lhe tomar nada, e assim o mandaram com tudo; e então Bartholomeu Dias o fez outra vez tornar, que lhes dêsse aquillo em vista de nós áquelle que o da primeira vez agazalhou, e então veiu-se e trouvemol-o. Este que o agazalhou era já de dias, e andava todo por louçainha cheio de pennas pegadas pelo corpo, que parecia assetado, como S. Sebastião. Outros traziam carapuças de pennas amarellas, e outros de vermelhas e outros de verdes, e uma daquellas moças era toda tinta, de fundo á cima, daquella tintura, a qual certo era tão bem feita e tão redonda, *e sua vergonha, que ella não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra vendo-lhe taes feições fizéra vergonha, por não terem a sua como ella* [2]. Nenhum delles não era fanado, mas todos assim como nós; e com isto nos tornamos, e elles foram-se.

A' tarde sahiu o capitão-mór em seu batel, com todos nós, e com os outros capitães das náos, em seus batéis, a folgar pela bahia, a carão da praia; mas ninguem sahiu em terra pelo capitão não querer, sem embargo de ninguem nella estar. Sómente sahiu elle, com todos, em um ilhéo grande, que na bahia está, que de baixa-mar fica mui vasio; porém é de todas as partes cercado d'agua, que não póde ninguem ir a elle sem barco ou a nado. Alli folgou elle, e todos nós outros bem uma hora e meia; e pescaram ahi, andando marinheiros com um chinchorro e mataram pescado miudo, não muito, e então volvemo-nos ás náos já bem noite.

Ao domingo de Pascoela, pela manhan, determinou o capitão de ir ouvir missa e prégação naquelle ilhéo, e mandou a todos os capitães,

[1] Estas palavras faltam na edição da Corographia Brazilica.

[2] Estas palavras faltam na edição da Corographia Brazilica.

que se corregessem nos batéis e fossem com elle, e assim foi feito. Mandou naquelle ilhéo armar um esparavel, e dentro nelle alevantar altar mui bem corrigido, e alli, com todos nós outros, fez dizer missa, a qual disse o padre Fr. Henrique, em voz entoada, e officiada com aquella mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, que alli todos eram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção.

Alli era com o capitão a bandeira de Christo, com que saiu de Belém, a qual esteve sempre alta da parte do Evangelho. Acabada a missa, desvestiu-se o padre, e pôz-se em uma cadeira alta e nós todos lançados por essa arêa, e prégou uma solemne e proveitosa prégação da historia do Evangelho, e em fim della tratou da nossa vinda e do achamento desta terra; conformando-se com o signal da cruz, sob cuja obediencia vimos a qual veiu muito a proposito e fez muita devoção.

Emquanto estivemos á missa e á prégação seriam na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como os de hontem, com seus arcos e setas, os quaes andavam folgando e olhando-nos, e assentaram-se. E depois de acabada a missa, assentadcs nós á prégação, alevantaram-se muitos delles, e tangeram corno ou bozina, e começaram a saltar e dansar um pedaço; e alguns delles se metteram em almadias, duas ou tres que ahi tinham, as quaes não são feitas como as que eu já vi; sómente são tres traves atadas juntas; e alli se mettiam quatro ou cinco, ou esses que queriam, não se afastando quasi nada da terra, senão quanto podiam tomar pé.

Acabada a prégação, moveu o capitão e todos para os batéis, com nossa bandeira alta, e embarcamos, e fomos assim todos contra terra, para passarmos ao longo, por onde elles estavam, indo Bartholomeu Dias em seu esquife, por mandado do capitão, com um páo de uma almadia, que lhes o mar levára para lh'o dar, e nós todos, obra de tiro de pedra, atraz delle.

Como elles viram o esquife de Bartholomeu Dias, chegaram-se logo todos á agua, mettendo-se nella até onde mais podiam; acenaram-lhes, que puzessem os arcos, e muitos delles os iam logo pôr em terra, e outros os não punham; andava ahi um, que fallava muito aos outros que se afastassem, mas não já que me assim parecesse, que lhe tinham acatamento, nem medo.

Este que os assim andava afastando, trazia o seu arco e setas e andava tinto de tintura vermelha pelos peitos e espaduas, e pelos quadris, coxas e pernas até baixo; e os vasios, com a barriga e estomago, eram de sua propria côr, e a tintura era assim vermelha que a agua lh'a não comia

nem desfazia; antes quando sahia da agua, era mais vermelho. Sahiu um homem do esquife de Bartholomeu Dias, e andava entre elles, sem elles entenderem nada nelle quanto para lhe fazerem mal, senão quanto lhe davam cabaços de agua e acenavam aos do esquife, que sahissem em terra; com isto se volveu Bartholomeu Dias ao capitão, e viemos ás náos a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem lhes dar mais oppressão, e elles tornaram-se a sentar na praia, e assim por então ficaram. Neste ilhéo, onde fomos ouvir missa e pregação, espraia muito a agua, e descobre muita arêa e muito cascalho.

Foram alguns, em nós ahi estando, buscar marisco, e não o acharam; e acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quaes vinha um muito grande camarão e muito grosso, que em nenhum tempo o vi tamanho; tambem acharam cascas de brigões e de ameijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira. E tanto que comemos, vieram logo todos os capitães a esta náo, por mandado do capitão-mór, com os quaes se elle apartou, e eu na companhia, e perguntou assim a todos, se nos parecia ser bem mandar a nova do achamento d'esta terra a Vossa Alteza, pelo navio dos mantimentos, para a melhor mandar descobrir, e saber d'ella mais do que agora nós podiamos saber por irmos de nossa viagem. E entre muitas fallas, que no caso se fizeram, foi por todos, ou a maior parte, dito, que seria muito bem; e n'isto concrudiram, e tanto que a conclusão foi tomada, perguntou mais, se seria bom tomar aqui por força um par d'estes homens para os mandar a Vossa Alteza, e deixar aqui por elles outros dois d'estes degradados. A isto acordaram, que não era necessario tomar por força homens, porque geral costume era dos que assim levavam por força, por alguma parte, dizerem, que ha ahi todo o que lhe perguntam e que melhor e muito melhor informação da terra dariam dois homens d'estes degradados, que aqui deixassem, do que elles dariam, se os levassem, por ser gente que ninguem entende, nem elles tão cedo aprenderiam a fallar para o saberem tambem dizer; que muito melhor estes outros não digam, quando cá Vossa Alteza mandar; e que portanto não curassem aqui de, por força, tomar ninguem, nem fazer escandalo, para os de todo mais amançar e apacificar; senão somente deixar aqui os dois degradados, quando d'aqui partissemos. E assim por melhor parecer a todos ficou determinado.

Acabado isto, disse o capitão, que fossemos nos batéis em terra, e ver-se-hia bem o rio quejando era, e tambem para folgarmos. Fomos todos nos batéis em terra, armados, e a bandeira comnosco; elles andavam alli na praia, á boca do rio, onde nós iamos, e antes que chegassemos, do ensino que d'antes tinham, puzeram todos os arcos, e acenavam, que sahis-

semos ; e tanto que os batéis puzeram as prôas em terra, passaram-se logo todos além do rio, o qual não é mais ancho que um jogo de mangual ; e tanto que desembarcamos, alguns dos nossos passaram logo o rio e foram entre elles, e alguns aguardavam e outros se afastavam ; porém era a cousa de maneira que todos andavam misturados ; elles davam d'esses arcos, com suas setas, por sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer cousa que lhes davam ; passaram além tantos dos nossos, e andavam assim misturados com elles, que elles se esquivavam e afastavam-se, e hiam-se d'elles para cima, onde outros estavam. E então o capitão fez-se tomar ao collo de dois homens, e passou o rio e fez tornar todos. A gente, que alli era, não seria mais que aquella que soia, e tanto que o capitão fez tornar todos, vieram alguns d'elle a elle, não pelo conhecerem por senhor ; cá me parece, que não entendem, nem tomavam d'isso conhecimento, mas porque a gente nossa passava já para aquem do rio, alli fallavam e traziam muitos arcos, continhas d'aquellas já ditas, e resgatavam por qualquer cousa, em tal maneira que trouveram d'alli para as náos muitos arcos, setas e contas ; e então tornou-se o capitão aquem do rio, e logo acudiram muitos á beira d'elle. Alli verieis galantes pintados de preto e vermelho, e quartejados assim pelos corpos, como pelas pernas, que certo pareciam assim bem ; tambem andavam entre elles quatro ou cinco mulheres moças, assim núas que não pareciam mal, entre as quaes andava uma com uma conxa, do giolho até o quadril e nadega, toda tinta d'aquella tintura preta, e o al todo da sua propria côr ; outra trazia ambos os giolhos com as curvas assim tintas, e tambem os collos dos pés, es uas vergonhas tão nùas, e com tanta innocencia descobertas, que não havia ahi nenhuma vergonha [1]. Tambem andava ahi outra mulher moça com um menino ou menina, no collo, atado com um panno, não sei de que, aos peitos, que lhe não parecia senão as perninhas ; mas as pernas da mãi e o al não trazia nenhum panno. E depois moveu o capitão para cima, ao longo do rio, que anda sempre a carão da praia, e alli esperou um velho, que trazia na mão uma pá d'almadia ; fallou, estando o capitão com elle, perante nós todos sem o nunca ninguem entender, nem elles a nós, quantas cousas que lhe o homem perguntava do ouro, que nós desejavamos saber, se o havia na terra. Trazia este velho o beiço tão furado, que lhe caberia pelo furado um dedo polegar ; e trazia mettido na furado uma pedra verde ruim, que cerrava por fóra aquelle buraco, e o capitão lh'a fez tirar, e elle não sei que diabo fallava, e ia com ella para a boca do capitão, para lh'a metter. Estivemos sobre isso um pouco rindo

[1] Palavras faltas na edição da *Corographia Brazilica (P. S.)*

e então enfadou-se o capitão e deixou-o. E um dos nossos deu-lhe pela pedra um sombreiro velho; não por ella valer alguma cousa, mas por mostra, e depois a houve o capitão, creio, para com as outras cousas a mandar a Vossa Alteza.

Andámos por ahi vendo a ribeira, a qual é de muita agua e muito boa; ao longo d'ella ha muitas palmas, não muito altas, em que ha muito bons palmitos; colhemos e comemos d'elles muitos. Então tornou-se o capitão para baixo, para a boca do rio, onde desembarcamos; e além do rio andavam muitos d'elles, dansando e folgado, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos, e faziam-no bem.

Passou-se então além do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavem, que é homem gracioso e de prazer, e levou comsigo um gaiteiro nosso, com sua gaita, e metteu-se com elles a dansar, tomando-os pelas mãos, e elles folgavam e riam, e andavam com elle mui bem, ao som da gaita; depois de dansarem, fez-lhe alli, andando no chão, muitas voltas ligeiras e salto real, de que se elles espantavam e riam, e folgavam muito; e com quanto os com aquillo muito segurou e afagou, tomavam logo uma esquiveza, como montezes e foram-se para cima, e então o capitão passou o rio, com todos nós outros, e fomos pela praia de longo, indo os batéis assim a carão de terra; e fomos até uma lagôa grande de agua doce, que está junto com a praia, porque toda aquella ribeira do mar é apaúlada por cima, e sahe a agua por muitos lugares. E depois de passarmos o rio, foram uns sete ou oito d'elles andar entre os marinheiros, que se recolhiam aos batéis, e levaram d'alli um tubarão, que Bartholomeu Dias matou e levava-lh'o e lançou-o na praia, abasta que até aqui como quer que se elles em alguma parte amansassem, logo de uma mão para a outra se esquivavam, como pardaes de cevadouro, e homem não lhes ousa de fallar rijo por se mais não esquivarem, e tudo se passa como elles querem pelos bem amansar.

Ao velho, com quem o capitão fallou, deu uma carapuça vermelha, e com toda a falla, que com elle passou e com a carapuça, que lhe deu, tanto que se expediu, que começou de passar o rio, foi-se logo recatando, e não quiz mais tornar do rio para aquem. Os outros dois que o capitão teve nas náos, a que deu o que já dito é, nunca aqui mais pareceram; de que tiro ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assim esquivos; elles porém com tudo andam muito bem curados e muito limpos, e n'aquillo me parece ainda mais, que são como aves ou alimarias montezes, que lhes faz o ar melhor penna e melhor cabello que as mansas; porque os corpos seus são tão limpos, e tão gordos e tão formosos, que não póde mais ser, e isto me faz presumir, que não têm casas nem moradas, em

que se colham, e o ar, a que se criam, os faz taes. Nem nós ainda até agora não vimos nenhumas casas nem maneira d'ellas.

Mandou o capitão áquelle degradado Affonso Ribeiro, que se fosse outra vez com elles, o qual se foi e andou lá um bom pedaço, e á tarde tornou-se, que o fizeram elles vir e não o quizeram lá consentir, e deram-lhe arcos e setas, e não lhe tomaram nenhuma cousa do seu; antes disse elle, que lhe tomara um delles umas continhas amarellas, que elle levava, e fugia com ellas; e elle se queixou, e os outros foram logo após elle, e lh'as tomaram, e tornaram-lh'as a dar, e então mandaram-no vir; disse elle, que não vira lá entre elles senão umas choupaninhas de rama verde e de fetos, muito grandes, como dentre Douro e Minho; e assim nos tornamos ás náos, já quasi noite, a dormir.

A' segunda-feira, *depois de comer* [1], sahimos todos em terra a tomar agua; alli vieram então muitos, mas não tantos como as outras vezes, e traziam já muito poucos arcos, e estiveram assim um pouco afastados de nós, e depois, poucos e poucos, misturavam-se comnosco, e abraçavam-nos e folgavam,e alguns destes se esquivavam logo. Alli davam alguns arcos por folhas de papel, e por alguma carapucinha velha e por qualquer cousa, e em tal maneira se passou a cousa, que bem vinte ou trinta pessoas das nossas se foram com elles onde outros muitos delles estavam com moças e mulheres, e trouveram de lá muitos arcos e barretes de pennas de aves, delles verdes e amarellos, de que creio, que o capitão ha de mandar amostra a V., A. e segundo diziam esses que lá foram, folgavam com elles. N'este dia os vimos de mais perto, e mais á nossa vontade, por andarmos todos quasi misturados e alli delles andavam daquellas tinturas quartejados, outros de metades, outros de tanta feição como em pannos de armar, e todos com os beiços furados, e muitos com os ossos nelles, e delles sem ossos. Traziam alguns delles uns ouriços verdes de arvores [2], que na côr queriam parecer de castanheiros, senão quanto eram mais e mais pequenos; e aquelles eram cheios de uns grãos vermelhos pequenos, que, esmagando-os entre os dedos, fazia tintura muito vermelha, do que elles andavam tintos; e quanto se mais molhavam, tanto mais vermelhos ficavam; todos andam rapados até acima das orelhas, e assim as sobrancelhas e pestanas; trazem todos nas testas, de fonte á fonte, tintas da tintura preta, que parece uma fita preta ancha de dois dedos; e o capitão mandou áquelle degradado Affonso Ribeiro, e a outros dois degradados, que fossem andar lá entre elles, e

1 Faltam estas tres palavras na *Corographia Brazilica (P. S.)*

2 Sem duvida d'urucú *(P. S.)*

assim a Diogo Dias, por ser homem ledo, com que elles folgavam; e aos degradados mandou, que ficassem lá esta noite.

Foram-se lá todos e andaram entre elles; e, segundo elles diziam, foram bem uma legua e meia a uma povoação de casas, em que haveria nove ou dez casas, as quaes diziam, que eram tão compridas, cada uma, como esta náo capitanea, e eram de madeiras, e das ilhargas de taboas e cobertas de palha, de razoada altura, e todas em uma só casa, sem nenhum repartimento; tinham de dentro muitos esteios, e, de esteio a esteio, uma rêde atada pelos cabos em cada esteio, altas, em que dormiam; e debaixo para se aquentarem, faziam seus fogos; e tinha cada casa duas portas pequenas, uma em um cabo e outra no outro; e diziam, que em cada casa se colhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os achavam, e que lhes davam de comer daquella vianda, qne elles tinham; a saber: muito inhame e outras sementes, que na terra ha, que elles comem e como foi tarde fizeram-nos logo todos tornar, e não quizeram que lá ficasse nenhum; e ainda, segundo elles diziam queriam vir com elles. Resgataram lá por cascaveis e por outras cousinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos, e carapuças de pennas verdes, e um panno de pennas de muitas cores, maneira de tecido, assaz formoso, segundo Vossa Alteza todas estas cousas verá; porque o capitão vôl-as ha de mandar, segundo elle disse; e com isto vieram, e nós tornamo-nos as náos.

A' terça-feira, depois de comer, fomos em terra dar guarda de lenha e lavar roupa. Estavam na praia, quando chegámos, obra de sessenta ou setenta, sem arcos e sem nada. Tanto que chegámos, vieram-se logo para nós, sem se esquivarem, e depois acudiram muitos que seriam bem duzentos, todos sem arcos, e misturaram-se todos tanto comnosco, que nos ajudavam delles a acarretar lenha e metter nos bateis, e tratavam com os nossos e tomavam muito prazer, e, emquanto nós faziamos a lenha, faziam dois carpinteiros uma grande cruz. de um páo, que se hontem para isso cortou; muitos d'elles vinham alli estar com os carpinteiros, e creio, que o faziam mais por verem a ferramenta de ferro, com que a faziam, que por verem a cruz; porque elles não têm cousa, que de ferro seja, e cortam sua madeira e páos com pedras feitas como cunhas, mettidas em um páo, entre duas talas mui bem atadas, e por tal maneira que andam fortes, segundo os homens, que hontem ás suas casas, diziam, porque lh'as viram lá. Era já a conversação delles comnosco tanta, que quasi nos estorvava ao que haviamos de fazer; e o capitão mandou a dois degradados e a Diogo Dias, que fossem lá á aldêa, e a outras, se houvessem dellas novas, e que em toda maneira não se viessem a dormir ás náos, ainda que os elles mandassem, e assim se foram.

Emquanto andavamos nesta mata, a cortar a lenha, atravessavam alguns papagaios por essas arvores, delles verdes e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece, que haverá nesta terra muitos; porém eu não veria mais que até nove ou dez; ontras aves então não vimos; sómente algumas pombas seixas, e pareceram-me maiores, em boa quantidade, que as de Portugal. Alguns diziam, que viram rolas, mas eu não as vi; mas, segundo os arvoredos, são mui, muitos e grandes, e de infindas maneiras; não duvido, que por esse sertão haja muitas aves; e ácerca da noite nos volvemos para as náos com nossa lenha.

Eu creio, Senhor, que não dei ainda aqui conta a Vossa Alteza da feição de seus arcos e setas. Os arcos são pretos e compridos, e as setas compridas e os ferros dellas de cannas aparadas, segundo Vossa Alteza verá por alguns, que creio, que o capitão a ella ha de enviar.

A' quarta-feira não fomos em terra, porque o capitão-mór andou todo o dia no navio dos mantimentos a despejal-o, e fazer levar ás náos isso que cada uma podia levar. Elles acudiram á praia muitos, segundo das náos vimos, que seriam obra de tresentos, e segundo Sancho de Toar, que lá foi, disse. Diogo Dias e Affonso Ribeiro, o degradado, a que o capitão hontem mandou, e que em toda maneira lá dormissem, volveram-se já de noite por elles não quererem, que lá dormissem, e trouveram papagaios verdes e outras aves pretas, quasi como pêgas, senão quanto tinham o bico branco e os rabos curtos. E quando se Sancho de Toar recolheu á náo, queriam se vir com elle alguns; mas elle não quiz senão dois mancebos dispostos e homens de prol. Mandou-os essa noite mui bem pensar e curar, e comeram toda a vianda, que lhes deram, e mandou-lhes fazer cama de lençóes, segundo elle disse, e dormiram e folgaram aquella noite, e assim não foi mais este dia que para escrever seja.

A' quinta-feira, derradeiro de Abril, comemos logo, quasi pela manhan, e fomos á terra por mais lenha e agua; e em querendo o capitão sahir, chegou Sancho de Toar, com seus dois hospedes, e por elle não ter ainda comido puzeram-lhe toalhas, e veiu-lhe vianda e comeu; os hospedes assentaram-n'os em senhas cadeiras, e de todo o que lhes deram comeram mui bem, e especialmente cação cosido frio e arroz; não lhes deram vinho por Sancho de Toar dizer, que não bebiam bem. Acabado o comer mettemo-nos todos no batel, e elles comnosco. Deu um grumete a um delles uma armadura grande de porco montez, bem revolta, e tanto que a tomou metteu-a logo no beiço; e porque se lhe não queria ter, deram-lh'o uma pequena, de cêra vermelha, e elle corregeu-lhe detraz seu adereço para se ter, e metteu-a no beiço, e assim revolta para cima, e vinha tão contente

com ella, como se tivéra uma grande joia. E tanto que sahimos em terra, foi-se logo com ella, que não pareceu ahi mais.

Andariam na praia, quando sahimos, oito ou dez delles, e d'ahi a pouco começaram de vir, e pareceu-me, que viriam quatrocentos ou quatrocentos e cincoenta. Traziam alguns d'elles arcos e setas, e todos os deram por carapuças e por qualquer cousa, que lhes davam. Comiam comnosco do que lhes davamos, e bebiam alguns delles vinho, e outros o não podiam beber; mas parece-me, que se lh'o avezassem, que o beberiam de boa vontade. Andavam todos tão dispostos, e tão bem feitos e galantes com suas tinturas, que pareciam bem. Acarretavam dessa lenha quanta podiam, com mui boa vontade, e levavam-n'a aos bateis, e andavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós andavamos entre elles. Foi o capitão, com alguns de nós um pedaço por este arvoredo até uma ribeira grande e de muita agua, que a nosso parecer era esta mesma que vem ter á praia em que nós tomámos agua. Alli jouvemos um pedaço, bebendo e folgando ao longo della, entre esse arvoredo, que é tanto e tamanho, e tão basto e de tantas plumagens, que lhe não póde homem dar conta.

Ha entre elles muitas palmas, de que colhemos muitos e bons palmitos.

Quando sahimos do batel, disse o capitão, que seria bom irmos direitos á cruz, que estava encostada a uma arvore, junto com o rio, para se pôr de manhan, que é sexta-feira, e que nos puzessemos todos em giolhos e a beijassemos, para elles verem o acatamento, que lhe tinhamos; e assim o fizemos, e estes dez ou doze, que ahi estavam, acenaram-lhes, que fizessem assim, e foram logo todos beijal-a. Parece-me gente de tal innocencia, que se os homens entendessem e elles a nós, que seriam logo christãos; porque elles não têm nem entendem em nenhuma crença, segundo parece; e, portanto, se os degradados, que aqui hão de ficar, aprenderem bem a sua falla e os entenderem, não duvido, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, fazerem-se christãos e crerem na nossa santa fé, á qual praza a Nosso Senhor, que os traga, porque certo esta gante é boa e de boa simplicidade, e imprimir-se-ha ligeiramente nelles qualquer cunho, que lhes quizerem dar; e logo Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, e elle, que nos por aqui trouve, creio, que não foi sem causa. E, portanto, Vossa Alteza, pois tanto deseja accrescentar na santa fé catholica, deve entender em sua salvação, e prazerá a Deus, que com pouco trabalho será assim. Elles não lavram, nem criam, nem ha aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem gallinha, nem outra nenhuma alimaria, que costumada seja ao viver dos homens; nem comem senão desse inhame, que aqui ha

muito, e dessa semente e fructos, que a terra e as arvores de si lançam; e com isto andam taes, e tão rijos e tão nedios, que o não somos nós tanto com quanto trigo e legumes comemos. Emquanto alli este dia andaram, sempre ao som de um tamborim nosso, dansaram e bailaram com os nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus: se lhes homem accnava se queriam vir ás náos, faziam-se logo prestes para isso, em tal maneira que, se os homens todos quizera convidar, todos vieram; porém não trouvemos esta noite ás náos senão quatro ou cinco, a saber: o capitão-mór dois, e Simão de Miranda um, que trazia já por pagem, e Ayres Gomes outro assim pagem. Os que o capitão trouve era um delles um dos seus hospedes, que a primeira, quando aqui chegamos, lhe trouveram, o qual veiu hoje aqui vestido na sua camisa, e com elle um seu irmão, os quaes foram esta noite mui bem agazalhados, assim de vianda, como de cama, de colchões e lençóes, pelos mais amansar.

Hoje, que é sexta-feira, primeiro dia de Maio, sahimos pela manhan em terra, com nossa bandeira, e fomos desembarcar acima do rio, contra o sul, onde nos pareceu, que seria melhor chantar a cruz para ser melhor vista; e alli assignou o capitão onde fizessem a cova para a chantar. E, emquanto a ficaram fazendo, elle, com todos nós outros fomos pela cruz, abaixo do rio, onde estava. Trouvêmol-a dalli, com esses religiosos e sacerdotes diante, cantando, maneira de procissão. Eram já ahi alguns delles, obra de setenta ou oitenta; e quando nos assim viram vir, alguns delles se foram metter debaixo della a ajudar-nos. Passámos o rio, ao longo da praia, e fomol-a pôr onde havia de ser, que será do rio obra de dous tiros de bésta. Alli, andando nisto, viriam bem cento e cincoenta ou mais.

Chantada a cruz, com as armas e divisa de Vossa Alteza, que lhe primeiro pregaram, armaram altar ao pé della, e alli disse missa o padre Fr. Henrique, a qual foi cantada e officiada por esses já ditos. Alli estiveram comnosco a ella obra de cincoenta ou setenta delles, assentados todos em giolhos, assim como nós; e quando veiu ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, elles se levantaram comnosco e alçaram as mãos, estando assim até ser acabada; e então tornaram-se a assentar como nós; e quando levantaram a Deus, que nos puzemos de giolhos, elles se puzeram todos, assim como nós estavamos, com as mãos levantadas, e em tal maneira assocegados, que certifico a Vossa Alteza, que nos fez muita devoção. E estiveram assim comnosco até acabada a communhão, e depois da communhão commungaram esses religiosos e sacerdotes, e o capitão com alguns de nós outros. Alguns, por o sol ser grande, em nós estando commungando, alevantaram-se, e

outros estiveram e ficaram. Um delles, homem de cincoenta ou cincoenta e cinco annos, ficou alli com aquelles que ficaram; aquelle, em nós assim estando, ajuntava aquelles que alli ficaram, e ainda chamava outros. Este, andando assim entre elles, fallando-lhes acenou com o dedo para o altar, e depois mostrou o dedo para o céo, como quem lhes dizia alguma cousa de bem, e nós assim o tomámos. Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima e ficou na alva, e assim se subiu, junto com o altar, em uma cadeira, e alli nos prégou do Evangelho e dos apostolos, cujo dia hoje é, tratando em fim da prégação deste vosso proseguimento tão santo e virtuoso, que nos causou mais devoção. Esses, que á pregação sempre estiveram, estavam, assim como nós, olhando para elle, e aquelle que digo chamava alguns, que viessem para alli. Alguns vinham e outros iam-se. Acabada a prégação, trazia Nicoláo Coelho muitas cruzes de estanho, que lhe ficaram ainda da outra vinda, e houveram por bem, que lançassem a cada um sua ao pescoço, pela qual cousa se assentou o padre Fr. Henrique ao pé da cruz, e ahi a um e um lançava a sua, atada em um fio ao pescoço, fazendo-lh'a primeiro beijar e alevantar as mãos. Vinham a isso muitos, e lançaram-as todas, que seriam obra de quarenta ou cincoenta, e isto acabado era já bem uma hora depois do meio-dia. Viemos ás náos comer, onde o capitão trouxe comsigo aquelle mesmo que fez aos outros aquella mostrança para o altar e para o céo, e um seu irmão com elle, ao qual fez muita honra e deu-lhe uma camisa mourisca, e ao outro uma camisa d'est'outras. E, segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhe fallece outra cousa para ser toda christan que entenderem-nos, porque assim tomavam aquillo que nos viam fazer como nós mesmos, por onde pareceu a todos, que nenhuma idolatria nem adoração têm; e bem creio, que se Vossa Alteza aqui mandar quem mais entre elles devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza. E para isso, se alguem vier, não deixe logo de vir clerigo para os baptizar, porque já então terão mais conhecimento da nossa fé pelos dous degradados, que aqui entre elles ficam, os quaes ambos hoje tambem commungaram. Entre todos estes, que hoje vieram, não veiu mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre á missa, á qual deram um panno, com que se cobrisse, e puzeram-lh'o ao redor de si; porém ao sentar não fazia memoria de o muito estender para se cobrir; assim, Senhor, que a innocencia desta gente é tal, que a de Adão não seria mais quanta em vergonha. Ora, veja Vossa Alteza, quem em tal innocencia vive, ensinando-lhe o que para a sua salvação pertence, se se converterão ou não. Acabado isto, fomos assim perante elles beijar a cruz, e despedimo-nos e viemos comer.

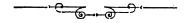
Creio, Senhor, que com estes dous degradados, que aqui ficam, ficam mais dous grumetes, que esta noite se sahiram desta náo, no esquife, fugidos, os quaes não vieram mais ; e cremos, que ficarão aqui, porque, de manhan, prazendo a Deus, faremos daqui nossa partida.

Esta terra, Senhor, me parece, que da ponta que mais está contra o sul vimos até outra ponta, que contra o norte vem, de que deste porto houvemos vista, será tamanha, que haverá nella vinte ou vinte cinco leguas por costa ; traz ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, dellas vermelhas e dellas brancas, e a terra por cima toda chan, e muito cheia de grandes arvoredos de ponta em ponta : é toda praia parma, muito chan e muito formosa ; pelo sertão nos pareceu do mar muito grande, porque a estender olhos não podiamos ver senão terra e arvoredos, que nos parecia mui longa terra. Nella até agora não podemos saber se haja ouro nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro, nem lh'o vimos ; porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados, como os d'entre Douro e Minho, porque n'este tempo de agora assim os achavamos como os de lá : as aguas são muitas, infindas ; em tal maneira é graciosa, que, querendo-a aproveitar, dar-se-ha nella tudo por, bem das aguas, que tem ; porém o melhor fructo, que n'ella se póde fazer, me parece, que será salvar esta gente, e esta deve ser a principal semente, que Vossa Alteza em ella deve lançar ; e que ahi não houvesse mais que ter aqui esta pousada, para esta navegação de Calecut, bastaria, quanto mais disposição para nella cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber : accrescentamento da nossa santa fé.

E n'esta maneira, senhor, dou aqui a Vossa Alteza do que nesta vossa terra vi, e, se algum pouco alonguei, ella me perdôe, que o desejo, que tinha de vos tudo dizer, m'o fez assim pôr pelo miudo.

E pois que, Senhor, é certo, que assim n'este carrego, que levo, como em outra qualquer cousa, que de vosso serviço fôr, Vossa Alteza ha de ser de mim muito bem servido, a ella peço, que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Thomé Jorge de Soyro, meu genro, o que d'ella receberei em muita mercê. Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro da vossa ilha da Vera Cruz, hoje sexta-feira 1º dia de Maio de 1500. — *Pero Vaz de Caminha.*

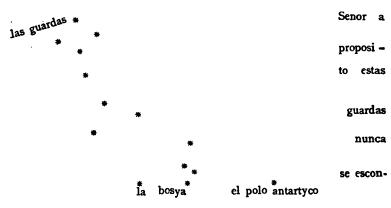
N. 2

CARTA

DE MESTRE JOÃO PHYSICO D'ELREI, PARA O MESMO SENHOR

Torre do Tombo, Corpo Chronolog. Part. 3.ª, Maç. 2, Doc. 21; apud Revista do Instituto Historico Brasileiro, tom. V, pag. 364; in fide Varnhagen.

De Vera Cruz ao 1º de maio de 1500.

Senor.— O bacharel mestre Johan fisico e cirurgyano de vosa alteza beso vosas reales manos senor porque de todo lo aca pasado largamente escrivieron a vosa alteza asy arias correa como todos los otros solamente escrevire dos puntos senor ayer segunda feria que fueron 27 de abril descendymos en terra yo e el pyloto do capytan moor e el pyloto de Sancho de tovar e tomamos el altura del sol al medyo dya e fallamos 56 grados e la sonbra era septentrional por lo qual segund las reglas del estrolabio jusgamos ser afastados de la equinocial por 17 grados e por consyguiente tener el altura del polo antartico en 17 grados segund que es magnifiesto en el espera e esto es quanto alo uno por lo qual sabra vosa alteza que todos los pylotos van adyante de my en tanto que pero escolar va adyante 150 leguas e otros mas e otros menos pero quien dyse la verdad non se puede certyficar fasta que en boa ora allegemos al cabo de boa esperança e ally sabremos quien va mas cierto ellos con la carta o yo con la carta e con el estrolabio, quanto senor al sytyo desta terra mande vosa alteza traer un mapamundy que tyene pero vaaz bisagudo e por ay podra ver vosa alteza el sytyo desta terra en pero a quel mapamundy non certyfica esta terra ser habytada o no es mapamundy antiguo e ally fallira vosa alteza escrita tan

byen la myna, ayer casy entendymos por aseños que esta era ysla e que eran quatro e que de otra ysla vyenen aqui almadyas a pelear con ellos e los llevan catyvos, quanto Senor al otro puncto sabra vosa alteza que cerca de las estrellas yo he trabajado algo de lo que he podydo pero non mucho a cabsa de una pyerna que tengo mui mala que de una cosadura se me ha fecho una chaga mayor que la palma de la mano, e tanbyen a cabsa de este navio ser mucho pequeno e mui cargado que non ay lugar pera cosa ninhuna solamente mando a vosa alteza como estan situadas las estrellas del, pero en que grado esta cada una non lo he podydo saber, antes me paresce ser inpossible en la mar tomerse altura de ninguna estrella porque yo trabaje mucho en eso e por poco que el navio enbalance se yerran quatro o cinco grados de guisa que se non puede fazer synon en terra e otro tanto casy dygo de las tablas de la Indya que se non pueden tomar con ellas sy non con mui mucho trabajo, que sy vosa alteza supiese como desconcertavan todos en las pulgadas reyria dello mas que del estrolabio por que desde lisboa ate as canarias unos de otros desconcertavan en muchas pulgadas que unos desyan mas que otros tres e quatro pulgadas e otro tanto desde las canarias até as yslas de cabo verde e esto resguardando todos que el tomar fuese a una misma ora de guisa que mas jusgavan quantas pulgadas eran por la quantydad del camino que les parescia que avyan andado quenon el camino por las pulgadas, tornando

Senor a proposito estas guardas nunca se esconden antes syenpre andan en de redor sobre el orizonte, e a aun esto dudoso que no se qual de aquellas dos mas baxas sea el polo antartyco, e estas estrellas principalmente las de la crus son grandes casy como las del carro e la estrella del polo antartyco o sul es pequena como la del norte e mui clara, e la estrella que esta en riba de toda la crus es mucho pequena,

non quiero mas alargar por non ynportunar a vosa alteza salvo que quedo rogando a noso senor jhesu christo la la vyda e estado de vosa alteza acresciente como vosa alteza desea. fecha en vera crus a primero de maio de 500. pera la mar mejor es regyrse por el altura del sol que non por ninguna estrella e mejor con estrolabio que non con quadrante din conotro ningud estrumento.

do criado de vosa alteza e voso leal servidor

Sobrescrito : A el Rey noso senhor.

N. 3

CARTA

DEL REY D. MANUEL DE PORTUGAL Á LOS REYES CATÓLICOS, DANDOLES CUENTA DE TODO LO SUCEDIDO EN EL VIAGE DE PEDRO ALVAREZ CABRAL POR LA COSTA DE AFRICA HASTA EL MAR ROJO

(EXISTIA EN ZARAGOZA EN EL ARCHIVO DE LA ANTIGUA DIPUTACION DE ARAGON, DESTRUIDO EN LA GUERRA DE LA INDEPENDENCIA. COPIA SACADA POR D. JOAQUIN TRAGGIA).

Apud Navarrete, Docum. de los viages menores; tom. III, pag. 94.

29 de julio de 1501.

Muy altos y muy excelentes y muy poderosos Príncipes Señores padre y madre: estos dias pasados, despues que la primera nueva de la India llegó, no escribí luego á vuestras Señorías las cosas de allá, porque no era aun venido Pedro Alvarez Cabral mi capitan mayor de la flota que allá tenia enviada; y despues de su llegada sobreseí en ello, porque no eran aun venidas dos naos de su compañía, de las cuales la una tenia enviada á Zofala, que es mina de oro que nuevamente se halló, no para rescatar sino solamente para hacer verdadera informacion de las cosas de allá, porque de dos náos que para ello iban una de ellas se perdió en la mar, é otra se apartó de la flota con tiempo fortunoso, é no fué la dicha. Y despues de llegadas las dichas naos é estando para notificarlo todo à VV. SS., Pero Lopez de Padilla me dijo que folgábades de saber las nuevas de cómo las cosas de allá sucedieron; las cuales de como todo sumariamente pasó son estas.

El dicho mi capitan con trece naos partió de Lisboa á nueve de Marzo del año pasado. En las octavas de la pascua siguiente llegó á una tierra que nuevamente descubrió, á la cual puso nombre de Santa Cruz, en la cual halló las gentes desnudas como en la primera inocencia, mansas y pacíficas ; la cual parece que nuestro Señor milagrosamente quiso que se hallase, porque es muy conveniente y necesaria para la navegacion de la India, porque allí reparó sus navíos é tomó agua ; y por el camino grande que tenia por andar no se detuvo para se informar de las cosas de la dicha tierra, solamente me envió de allí un navío á me notificar como la halló, e fizo su camino la via del cabo de Buena-Esperanza; en el cual golfo, antes de llegar á ella, pasó grandes tormentas, en que en un solo dia se anegaron juntamente á su vista cuatro naos de que no escapó persona alguna ; siendo á este tiempo desaparecida dél otra nao de que hasta agora no he habido noticia, y la en que en el iba con las otras que quedaron pasaron grande peligro, é así fué su via para aportar al reino de Quiloa, que es de moros, debajo de cuyo señorío está la dicha mina de Zofala, porque para el Rey dél llevaba mis cartas y recaudos para con él asentar la paz, y trató acerca del rescate é negocio de la dicha mina. E antes de llegar al dicho reino halló dos naos con gran suma de oro, las cuales tomó en su poder, y porque eran del dicho rey de Quiloa, faciéndoles mucha honra, las dejó ir. Del cual Rey fué muy bien recibido, viniendo en persona á verse con el dicho mi capitan á la mar, y entró con él en su bajel, y le envió presentes y despues de haber visto mis cartas y recaudos asentó el trato, y porque las naos que para la dicha mina iban dirigidas eran de las que se perdieron, no se comenzó por entónces allí ningun rescate porque la mercadería que las otras llevaban, no era conforme à la que para aquella tierra convenia. E partióse de allí é fuese á otro reino Melinde, para donde llevaba tambien mis cartas y recaudos para el Rey dél, que asimismo es moro, y tenia fechas buenas obras á D. Vasco, que fué el primero allá á descubrir, el cual Rey asimismo se vió con él en la mar, y le envió tambien presentes y con él firmó y asentó amistad é paz, é le dió los pilotos que le convenian para su viage. Los cuales reinos son de la mar Bermeja para acá : de la parte de la tierra confinan con gentiles, los cuales gentiles confinan con él Preste Joan, que ellos allá llaman Coavixi, que en su lengua quiere decir ferrados, porque de hecho lo son, y se fierran por señal que son bautizados en agua. E de allí se partió para Calecut, que es mas allá setecientas leguas, la cual ciudad creemos que ya terneis sabida es de gentiles que adoran muchas cosas y creen que hay un solo Dios, y de muy gran pueblo, y hay en ella muchos moros que hasta agora siempre trataron en

ella de especería, porque ella es así, como Brujas en Flandes. Está la principal de las cosas de la India que de fuera viene á ella, y en ella no hay sino cañafistola y gengibre, á la cual ciudad llegó habiendo cinco meses que era partido de Lisboa, y fué del Rey muy honradamente recibido, veniénde á hablar á una casa junto á la mar, con todos sus grandes y mucha otra compañía, é allí le dió mis recaudos y asentó mi paz y concierto, del cual asiento el dicho Rey mandó facer una carta escrita en pasta de plata, con su señal de *tauxía* dorada, por ser así el costumbre en su tierra en las cosas de grande instancia, é otras cartas escritas en fojas de unos árboles que parecen palmas en que acordadamente escriben, y de estos árboles y de su fruto se hacen estas cosas que se siguen : azucar, miel, aceite, vino, agua, vinagre, carbon y cuerdas para navíos, é para toda otra cosa é esteras, de que hacen algunas velas de naos, é se sirven de ellas en todo lo al que les cumple, y el dicho fruto allende de aquello que de él así se hace es grande mantenimiento suyo, principalmente en la mar ; y despues del asiento así fecho con el dicho Rey puso mi fator con toda la casa ordenada que para la dicha fatoría enviaba en tierra, é comenzó luego de tratar sus mercaderías, é de cargar las naos de especería ; y en este medio tiempo envió el Rey de Calecut á decir á mi capitan que una nao muy grande é muy armada de otro rey, su enemigo, le habia enviado á decir que pasaba por ante su puerto sin ningun miedo suyo, é que ya otras veces le tenia enojado que le rogaba mucho que le mandase tomar, encareciéndoselo como cosa que tocaba mucho á su estado é honra. Y el dicho mi capitan viendo el tratamiento que él y el dicho fator comenzaban á recibir del dicho Rey por mas confirmar mi paz é amistad, acordó de lo facer y por le mostrar la fuerza de nuestra gente en navíos é artillería, envió solamente á ella el mas pequeño navío que tenia con una lombarda gruesa é alcanzóla dentro en el puerto de otro Rey su vecino, é á vista del é de toda su gente la tomó y la trujo á Calecut con cuatrocientos hombres arteros é alguna artillería é con siete elefantes enseñados de guerra dentro de ella que allá valdrian 30$ cruzados, porque por uno de ellos solo daban 5$ cruzados, é con otra mercadería de especiería, la cual nao le envió á presentar. é se la dió con todo lo que en ella venia, é él la vino á ver á la ribera, por ser á ellos muy grande espanto tan pequeño navío con tan pocos hombres tomar una tamaña nao, é con tanta gente, é á recebir el recaudo que el dicho capitan sobre ella le enviaba, viniendo con todo su estado é fiesta. Y estando así en esta concordia é amistad siendo ya dos naos de especiería, los moros, principalmente los de Meca que allí estan estantes, por ver el gran daño que se les seguia, buscaban todos los modos que podian para

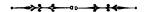
25

poner discordia entre mi fator y el rey, y pusieron la tierra en alboroto por estorbar el trato ; y porque todas las mercaderías estaban en manos de los moros, escondíanlas y enviábanlas secretamente para otras partes; y sabiendo esto el dicho capitan envió á decir al rey de Calecut quejándose y pídiéndole que cumpliese lo que con él tenia asentado, que era que dentro de veinte dias se le daria mercadería de que cargase las dichas naos é que hasta ser ellas cargadas no daria lugar que ningunas otras cargasen, y el rey le respondió que toda la mercadería que hubiese en la tierra le mandaria luego dar. é que si alguna se cargase en su puerto sin saberlo sus oficiales, que él le daba lugar é poder para que la detuviese fasta que él enviase los dichos sus oficiales para que en ello hubiesen de proveer para se la entregar ; é en sabiendo esto los moros acordaron, con grande diligencia, de cargar una nao públicamente, dando aún mayor diligencia en esconder la mercadería de lo que ántes solian, y esto para dar cauza á que el escándalo se comenzase, porque son poderosos y la ciudad es de muchas nacionaes y de extendida poblacion, y en que elrey mal puede proveer á los alborotos del pueblo. E viendo mi fator como la nao se cargaba, requirió al capitan que la detuviese como con el rey tenia asentado, y el dicho capitan, recelando el escándalo, dudó de lo hacer, y el dicho fator tornó á le requerir que todavía la detuviese, diciendo que los principales de los moros, é así algunos gentiles, le decian que se la dicha nao no era detenida, en ninguna manera podria cargar sus naos, y segun lo que se siguió parece que lo hacian á fin de dar causa al dicho escándalo. Y mi capitan despues de lo dudar muchas veces, recelando lo que se seguió, envió á decir á la gente de aquella nao, por el poder que para ello tenia, que no se partiese, y ellos no lo quisieron facer, y entónces fué necesario de la mandar retener, y mandó á sus bajeles que la metiesen de dentro del puerto donde estuviese segura de no poder partir sin su placer. Y luego que esto vieron los moros, como era el fin que ellos deseaban, en aquel mismo instante vinieron luego con todo el otro pueblo, que ya ántes tenian alborotado sobre el dicho fator y casa combatiéndolo ; y él con esos pocos que consigo tenia se defendió por algun espacio, y se salió de la casa veniéndose recojiendo á la mar. Y el mi capitan, que entónces estaba doliente, luego que le fué dicho del alboroto, que habia en tierra, envió todos sus bajeles á le socorrer, y puesto que la mar estaba muy brava, todavía recogió alguna parte de la gente, mataron al fator, y con él se perdieron cincuenta personas entre muertos y cativos, y esto así fecho, viendo el dicho capitan como el rey á esto no acudia, é viendo que no le enviaba ningun recaudo, ántes se proveía de algunos aparejos recelando guerra, y que

asimismo estaba apoderado de mi hacienda que quedóe n tierra, sobreseyendo un dia por ver si se hacia emmienda del dicho caso, cuando vió que ningun recaudo le enviaba, temiéndose que armase gruesamente, como despues fizo, para que le pudiese impedir la vinganza que en aquel tiempo podia tomar, acordó de lo poner luego en obra, é tomóle diez naos gruesas que en el puerto estaban, y mandó poner á espada toda la gente que en ellas habia, salvo alguna que quedó escondida, la cual despues no quiso matar, y me la trujo cativa, y mandó quemar las dichas naos delante del dicho puerto, que fué al dicho rey é á la gente de tierra grande espanto, en las cuales estaban tres elefantes que allí murieron, y en esto gastó todo aquel dia, y luego que fué noche se fué con todas las naos, é se puso lo mas en tierra que pudo al luengo la ciudad, y en amaneciendo le comenzó á tirar con artillería, é le tiró hasta la noche principalmente á las casas del rey, en la cual le fizo mucho daño é le mató mucha gente, como despues supo, é le mató un hombre principal que estaba con él,por lo cual él se salió luego fuera de la ciudad por parecerle que en toda ella no estaba seguro. De allí fizo vela, y se fué á otro puerto suyo que se llama Fandarene, en que tambien le fizo enojo con artillería, é le mató gente, é de allí fizo vela la via del reino Chochim, que es aquella parte donde viene la especiería treinta leguas mas allá de Calecut, y en el camino halló otras dos naos de Calecut, que tambien tomó é mandó quemar, é llegado á Cochim, despues de haber hecho saber al rey lo que habia pasado en Calecut, fué de él muy bien recibido, é asentó con él su trato de la manera que lo tenia asentado en Calecut, é puso luego mi fator é ciertos hombres con él en tierra, para lo cual le dieron rehenes de hombres honrados que le trujiese, y le cargaron las naos en diez y seis dias, y la mercadería le traian en sus bateles á ellas con tanto mas amor é seguridad que parece que Nuestro Señor permitió el escándalo de Calecut, porque se acertase este otro asiento que es de mucho mas provecho é seguridad, porque es mucho mejor puerto, é de mucha mas mercadería, porque cuasi toda la mercadería que va á Calecut mucha de ella hay en aquella tierra, y las otras primero van allí que no á Calecut: en la cual ciudad de Cuthin hay muchas naos, y supo que dos mercaderes solamente tenian cincuenta naos. En aquel reino hay muchos cristianos verdaderos de la conveusion de Santo Tomás, y los sacerdotes de ellos siguen la vida de los apóstoles con mucha estrechura, no teniendo propio sino lo que les dan de limosnas, y guardan enteramente castidad, y tienen iglesias en que dicen misas, é consagran pan zenceño é vino que hacen de pasas secas con agua, porque no pueden hacer otro: en las iglesias no tienen imágenes

sino la cruz, é todos los cristianos traen los vestidos apostólicos con sus barbas y cabellos sin los nunca hacer. Y allí halló cierta noticia donde yace el cuerpo de Santo Tomás que es ciento y cincuenta leguas de allí en la costa de la mar, en una ciudad que se llama Mailapur, de poca poblacion, y me trujo tierra de su sepultura, y todos los cristianos, é así los moros é gentiles por los grandes milagros que hace van á su casa en romería, y así nos trujo dos cristianos, los cuales vinieron por su placer é con licencia de su perlado para que los enviasemos á Roma é Hierusalem, é viesen las cosas de la iglesia de acá, porque tienen que son mejor regidas por ser ordenadas por San Pedro, que ellos creen que fué la cabeza de los apóstoles, por ser ellos informados de ellas. Y tambien supe nuevas ciertas de grandes gentes de cristianos, que son allende de aquel reino de Chochim, los cuales vienen en romería á la dicha casa de Santo Tomás, y tienen reyes muy grandes, los cuales obedecen á uno solo y son hombres blancos y de cabellos loros, é habidos por fuertes, é llámase la tierra Malchima, de donde vienen las porcelanas é asmisle é ámbar é ligno aloe, que traen del rio Gange, que es acuende de ellos, y de las porcelanas hay vasos tan finos que uno solo vale allá cien cruzados. Y estando en este reino de Chochim con el trato ya asentado y las naos cargadas, le vino recaudo del rei de Cananor é del rei de Colum, que son allí comarcanos, requiriéndole que se pasase á ellos porque le harian el trato mas á su provecho, y por tener ya el asiento fecho se escusó de ir. En este tiempo, estando para partir de Chochim, le envió el mismo rey á decir como una armada gruesa de Calccut venia sobre él, en que venian hasta quince mil hombres, con la cual á mi capitan no le pareció bien de pelear por tener sus naos cargadas, y tener poca gente, y no le pareció tiempo ni necesidad de aventurar por tener recelo que le matarian ó heririan alguna della por la largueza del camino que tenia de andar, que eran cuatro mil leguas de aquí ; pero fízose á la vela con ellas no dejando su camino, y ellos no osando de se alargar á la mar se tornaron recelando de ir sobre ellos, y de allí fizo su camino por el reino de Cananor uno de aquellos reyes que lo mandaron requerir, é pasando luego que de tierra hubieron vista dél le mandó otro recaudo, rogándole que pasase por allí. porque queria enviar con él á mí su mensagero, el cual mi trujo, y en un solo dia que allí estuvo le mandó traer tanta especiería á las naos que las cargara del todo si vinieran vacías, y se la daban que la trujese de gracia en presente á mí por cobrarme amistad, é así vinieron todos sus grandes á mí capitan, diciendo de parte del rey que por allí veria que seria allí de otra ma-

nera tratado que fué en Calecut, que le ayudarian é iria él en persona por tierra, é toda su armada por mar : y despues de se lo mucho agradecer de mi parte, se despidió dél díciéndole que en esta otra armada que luego habia de enviar, le enviaria mi respuesta de todo. E se vino por su camino, y en el medio de aquel traves tomó una muy grande nao cargada de mercaderías, pareciéndole que seria de las de Meca, que entónces havian de venir de Calecut, é hallando que la dicha nao era del rey de Cobaía, la dejó, enviando por ella á decir al dicho rey que la dejava porque no iba á facer guerra á nenguno, solamente la tenia fecha á aquellos que le faltaron de la verdad que con el en mi nombre tenian asentada : y siguiendo mas adelante se le perdió una de las naos que traia cargada porque de noche fué á dar en tierra, y salvóse la gente, y mandó quemar la nao porque no se podia sacar salva, y desta *parado*?... envió el navio á haber nuevas de la mina de Zofala, como ya detras está dicho, el cual es ya venido, y me trujo informacion cierta de allá y así del trato y mercadería de la tierra, y de la gran cantidad del oro que allí hay, y allí halló nuevas que entre los hombres que traen el oro allí á cuestas, vienen muchos que tienen cuatro ojos, dos delante y dos detras, y son hombres pequeños de cuerpo é bermejos, y diz que son crueles é que comen los hombres con quien tienen guerra, y que las vacas del rey traen collares de oro gruesos al pescuezo. Y cerca de esta mina hay dos islas en que cogen mucho aljófar é ámbar. Y de allí se vino el dicho mi capitan, y llegó á Lisboa á tiempo que hacia diez y seis meses del dia que della partió, y bendito sea Nuestro Señor en todo este viage no le murieron de dolencia mas de tres hombres, é todos los otros vienen sanos é en buena disposicion. Agora nos vino cierto recaudo como uno de los navíos que iba para Zofala que tenia por perdido, viene é será un dia de estos aquí, el cual dicen que entró en la mar Bermeja, y que trae della alguna plata, é así alguna informacion de las cosas de allá, puesto que ya de la dicha mar Bermeja estábamos largamente informados por el dicho mi capitan, y por muchas vias fuí de ello sabidor. Las otras particularidades deste negocio á Pero Lopez las remito, que á todo fué acá presente. Muy altos y muy excelentes é muy poderosos príncipes señores Padre é Madre. Nuestro Señor haya vuestra vida y Real Estado en su santa guarda. Escrita en Santaren á veinte é nueve de Julio. EL REY.

N. 4

DOAÇÕES DA ILHA DE S. JOÃO A FERNANDO DE NORONHA E SEUS DESCENDENTES

I

Torre do Tombo, Chanc. de D. João 3º, Liv. 37, fol. 152; apud Revista do Instituto Historico Brazileiro, tom. XXIV, pag. 79, in fide Varnhagen.

Dom Joam etc. fazemos saber que por parte de fernam de loronha cavaleiro de nosa casa nos foy apresemtada huma carta delRei meu Senhor e padre que Samta gloria ajaa de que o teor tall he — Dom Manuell per graça de Deus Rey de portugall e dos allgarves daquem e dalem mar em afriqua senhor de guinee e da comquista navegaçam comercio detiopia arabia persya e da Imdia. A quantos esta nosa carta vyrem fazemos saber que avemdo nos Respeito aos serviços que fernam de noronha cavaleiro de nosa casa nos tem feitos e esperamos ao diamte dele Receber e queremdo lhe por isso fazer graça e merce Temos por bem e nos praz que vimdo se a povoar em allgum tempo a nosa Ilha de sam Joam que ele ora novamente achou e descobrio 50 leguoas alamar da nosa terra de samta Cruz lhe darmos e fazermos merce da Capitania della em vida sua e de hum seu filho baram lidimo mais velho que dele ficar ao tempo de seu falecimento e quando esto asy for lhe mamdaremos fazer sua Carta em forma em a qual lhe daremos os direitos e Jurdição que com a dita Capitania ade ter segundo que nos emtão bem parecer. E por firmeza delo e sua guarda lhe mandamos dar esta Carta per nos asynada e asellada do noso Sello pemdemte a quall prometemos de se lhe comprir e guardar imteiramente como se nella comtem por quamto asy hee nosa merce dada em a nosa cidade de lixboa a 16 dias de Janeiro

francisco de matos a fez ano do nacimento de noso Senhor Jesu Christo de 1504 — Pedimdonos o dito francisco de loronha por merce que lhe confirmasemos a dita carta e visto per nos seu dizer querendo lhe fazer graça e merce temos por bem e lha comfirmamos e avemos por confirmada asy e na maneira que se nella comtem e queremos e mamdamos que asy lhe seja comprida e guardada dada em a nosa cidade de lixboa a 3 dias de março pero fragoso a fez ano de noso Senhor Jesu Christo de 1522.

II

Torre do Tombo, Chanc. de D. João 3°, Liv. 37, fol. 152, v; apud Revista do Instituto Historiço Brazileiro, tom. XXIV, pag. 80, in fide Varnhagen.

Dom Joham &.ª fazemos ssaber que por parte de fernam de loronha caualeiro de nossa cassa nos foi apresentada hûa carta del Rey meu senhor e padre que santa groria aja de que ho teor he—dom manuell per graça de deos Rey de portugall e dos alguarues daquem e dalem mar em afryca senhor de guine e da comquista navegacam comercyo typopia arabia percia e da Imdia a quantos esta nossa carta virem fazemos saber que havemdo nos Respeitos aos seruiços que fernam de noronha caualeiro de nossa cassa nos tem feitos e esperamos dele ao diamte receber e queremdo-lhe fazer graça e mercê temos por bem e lhe fazemos doaçam e merce daqui em diamte pera em todollos dias de sua vida e de hum seu filho barão lidimo mais velho que dele ficar ao tempo de seu falecymento da nosa jlha de sam joham que ele hora novamente achou e descubryo 50 legoas alla mar da nossa terra de samta cruz que lhe temos aremdada a qual Ilha lhe asy damos pera nella lamcar gado e a romper e aproueitar segumdo lhe mais aprouer com tall entemdimento e decraração que de todo perveeito que na dita Ilha ouuer asy agora como ao diante per quallquer modo e maneira que seja tiramdo espycearia drogaria e coussas de tintas que pera nos reeseruamos e de todo ho mais nos dara e pagara e asy ho dito seu filho o quarto e dizimo soomente ssem mais outro nenhuum direito. — E porem mandamos aos veadores de nosa fazemda oficiaes de nosa casa de guyne e Imdia que hora sam e Ao diante forem e a quaesquer outros nossos oficiaes e Juizes e Justiças a que esta nosa carta for mostrada e o

conhecimento della pertemcer que Imteiramente lha cumpram e guardem e facam comprir e guardar ssem lhe niso em nenhû tempo que seja a ele fernam de loronha nem ao dito seu filho em suas vydas ser a ello posto duvida nem ouutro embargo algum por que asy he nossa merce e por firmeza delo lhe mandamos dar esta per nos assynada e aselada do noso selo pemdemte dada em a nosa Cydade de lixboa a vinte e quatro dias de Janeiro francisco de matos a fez anno do nacymento de nosso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos e quatro — e pedimdo-nos o dito fernam de loronha por merce que lhe confirmasemos a dita carta e visto por nos seu dizer queremdo-lhe fazer graça e merce temos por bem e lha confirmamos e havemos por confirmada queremos e mandamos que asy se lhe cumpra e guarde dada em a çidade de lixboa a tres dias de março pero fargoso a fez anno do nacimento de nosso senhor jesu christo de mill quinhentos e vinte e dois.

III

NOTA

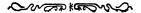
Logar citado

De outros livros e logares vemos as successivas confirmações desta doação, e rectificamos ser a mesma ilha chamada hoje — de Fernão (ou Fernando) de Noronha.— Aqui os apontamos :

Do Liv. 9 fol. 272 v. da Chancellaria de elrei D. Sebastião se vê que em data de 20 de Maio de 1559 foi confirmada em Fernão de Loronha, filho de Diogo Loronha, neto de Fernão de Loronha, a doação que fora feita a este ultimo seu avô por elrei D. Manuel (e o Alvará acima de D. João 3.º) da ilha de S. João, que *está* (diz a carta de doação) *sessenta legoas ao mar do cabo de S. Roque da terra do Brasil.*

Do Liv. 3.º f. 100 de D. Pedro 2.º se vê a confirmação de elrei da doação da mesma ilha por successão a João Pereira Pestana, filho de João Pereira Pestana e neto de Fernão Pereira Pestana de Loronha *donatario que foi da ilha de S. João.* Esta carta de confirmação é datada de 8 de Janeiro de 1693.

Esta ilha ficou pertencendo sempre ao dominio de Portugal, e chegando a ella piratas no seculo passado partiu a expulsa-los, a 7 de Setembro de 1738, D. Manuel Henriques, que ali chegou a 23 de Outubro (Hist. Geneal. Tom. 8.º p, 243).

N. 5

SOLIS E CHRISTOVÃO JACQUES [1]

O livro *Juan Diaz de Solis*, do Sr. José Toribio Medina, serviu de base a uma excellente *Memoria Historica*, publicada no *Jornal do Commercio*, no dia 24 de janeiro, deste anno. O autor dessa *Memoria*, sobejamente reconhecido por quantos mourejam em historia nacional, pensou lograr, no alludido livro, uma prova melhor do que as que já tem adduzidas, de que Christovão Jacques andára pelo Brazil em tempo de D. Manuel, antes da sua missão de governador da costa, em 1526, por ordem de D. João 3º. Por muito que nos mereça a autoridade do emerito professor, parece-nos que a razão, vinda da carta de *Juan de Çuñiça*, vale tanto ou menos do que as antigas, isto é, as que já tinham sido apresentadas.

* * *

Direi primeiro, de Solis, que tenho por equivoca a biografia do Sr. Toribio, partilhada pelo autor da *Memoria* e já antes por Varnhagen.

Nada do que se tem publicado até hoje, de meu conhecimento, autorisa a incorporar no mesmo individuo — *Juan Diaz*, piloto, llamado *Bofes de Bagazo*, natural do reino de Portugal (Navarrete, tom. III, pag. 505, doc. n. XXXIII), e *Juan Diaz de Solis*, Piloto maior de Hespanha, successor, nesse cargo, de Americo Vespucio, e assassinado pelos indios do Rio da Prata.

Se Juan Diaz de Solis podesse incarnar em *Juan Diaz*, ficaria muito melhor em um outro de que nos dá noticia Navarrete (tom. III, pag. 475, doc. n. V), em uma provisão real, assignada em Jerez de la Frontera, em 11 de outubro de 1477. São ambos moradores (vecinos) de Lepe, e dados a assumptos do mar.

[1] Nota do Auctor.

Não tenho Solis por portuguez. Sabe-se pela 2ª carta de João Mendes de Vasconcellos, que Solis tinha sido piloto portuguez, — « mas com coanto lhe disse daquele piloto portuguez, nunca me disse que não iria ». Ser piloto, portuguez ou hespanhol, não entende com a nacionalidade.

Pela primeira carta do referido embaixador (30 de agosto de 1512), collige-se mesmo que Solis não era portuguez. Fallando de Juan Diaz e de um tal Anriques, seu companheiro, que elle tratou de seduzir para deixarem o serviço da Hespanha e voltarem a Portugal, remata por indicar ao rei a sua opinião, de que o Anriques voltará, « porque elle e a mulher são portuguezes». Logo, Solis não era.

Mais. Vespucio, para ser nomeado piloto-mór, foi naturalisado com todas as formalidades que exigia a lei do tempo. Por onde anda a carta de naturalisação de Juan Diaz de Solis, successor de Vespucio no cargo ?

* * *

Vamos, porém, ao principal. Possuo uma cópia da carta escripta por Juan de Çuñiça, de Evora, em 27 de junho de 1524 : differe um pouco da que é agora publicada pelo Sr. Toribio, apud Memoria. De uma ou de outra, não vejo como incarnar o navegante, a que nellas se allude, no marinheiro official de D. Juan 3º, por elle escolhido para governador da costa do Brazil !

Contrariarei o autor da *Memoria*, dizendo, de minha lavra, — « que ha serios motivos para affirmar que *não* foi Christovão Jacques». Chamemos X ao navegante alludido por Çuñiça. Obteve licença de D. Manuel para ir a descobrir pela costa do Brazil. Era, pois, uma expedição particular, licenciada pelo rei, como tantas de que temos noticia do tempo do venturoso.

Como quer o autor da *Memoria* que este X fundasse a feitoria real, a que é citada por Luiz Ramirez ?

Feitorias reaes fundavam-se por expedições reaes. X achou nove homens companheiros de Solis, que estavam casados alli e quizeram que elle os trouxesse —« o que elle não ousou por *ser castelhano*». Se X era castelhano, como ha de chrismar-se em Christovão Jacques ? !

X, desavindo com D. Manuel, ou mais provavelmente, com seu filho D. João 3º, porque lhe não fizeram a mercê que ambicionava, offerecia-se, por intermedio de Çuñiça, a ir servir o rei de Hespanha, desde que lhe garantissem 50 mil maravedis por anno, que tanto lhe rendiam os reguengos que possuia em Portugal.

Como harmonisar este mesmo homem, descontente e traidor, com aquelle que D. João 3º escolhe, dous annos mais tarde, para missão tão responsavel, como a de seu primeiro governador da costa do Brazil ? !

* * *

Isto pelas razões que vieram agora com a carta de Çuñiça. Vamos ver as antigas, que o autor da *Memoria* reproduz de novo e que já conheciamos de outro logar.

Por ora, se o autor não possue melhores documentos, não se sabe o dia e o mez em que Jacques foi despachado para o Brazil, o dia e o mez em que partiu de lá, o dia e o mez em que cá chegou. Sabe-se, por Frei Luiz de Souza (Annaes, pag. 178, edição Herculano), que a armada de Christovão Jacques foi a primeira despachada por D. João 3º para o Brazil ; foi ou partiu, em 1526 ; era de *limpa e guarda costas*.

Em provisão datada de 5 de julho de 1526 (Varnhagen, *Historia Geral*, pag. 105), D. João 3º ordena a Chistovão Jacques que mande para o reino um tal Pero Capico, que lhe tinha requerido essa graça. Esta ordem podia ser dada em Lisbôa, antes da sahida de Jacques, como podia ser mandada a Pernambuco, aonde já estivesse ou para aonde já tivesse partido o Capitão-mór. Sabe-se que os navios se cruzavam com carga e ordens.

A idéa de collocar a viagem de Jacques depois de 5 de julho de 1526 e leval-a mesmo a chegar a Pernambuco em maio ou junho seguinte (1527), é muito forçada.

As cartas citadas de Rodrigo d'Acuña e Diogo Leite não dão tanto.

A carta de Rodrigo d'Acuña, de 15 de junho de 1527, diz que o signatario está em Pernambuco ha 7 mezes ; — « até que veiu aqui uma armada del Rei de Portugal » ; que pediu passagem ao Capitão-Mór, n'uma náo que ia para o Reino, carregada de brazil e que lh'a negou. Se essa armada era a de Jacques, decorre que este chegou á feitoria em junho de 1527, mas não que tivesse vindo directamente de Portugal. Jacques tinha por missão correr a costa ; em junho de 1527 chegaria a Pernambuco, vindo do sul.

A carta de Diogo Leite, de 30 de abril de 1528, essa prova ás avessas. Rodrigo d'Acuña escreve no mesmo dia ao rei e falla nos 18 mezes de sua estadía em Pernambuco. Pois, 15 de junho de 1527 e 30 de abril de 1528, apenas, por esses papeis, se póde affirmar que são dias de sahida de correio, de Pernambuco para Lisboa.

O que diz Diogo Leite ao rei nesta data? Pede-lhe que o mande ir, porque não quer servir mais do que os dous annos pelos quaes foi contractado, contados do dia da chegada ao Brazil.

Dado mesmo que os dous annos da chegada ao Brazil não tivessem corrido e que ainda faltasse o tempo preciso para um navio ir e voltar, de Pernambuco a Lisboa, poderiamos levar a chegada de Jacques para julho ou agosto de 1526, mas nunca para 1527.

A feitoria de Pernambuco, quanto á data da sua fundação, não obriga Jacques a uma viagem anterior a 1526. Existia, di-lo Luiz Ramirez, em junho de 1526; Jacques fundou uma feitoria em Itamaracá, dil-o a doação desta capitania a Pedro Lopes de Souza. Que concluir dahi?

Que Jacques viera antes de 1526, para fundal-a?

E dahi a precisão da tal primeira viagem!

Fora preciso dar curso a este estranho sillogismo: — Existia uma feitoria antes de 1526; mas Jacques fez uma feitoria; logo, Jacques veiu antes de 1526.

Havia feitoria em diversos pontos da costa, desde o tempo de D. Manuel, desde a descoberta de Cabral, em todos os logares onde se fazia o resgate. Houve uma em Pernambuco, que foi destruida pelos francezes e que Jacques restabeleceu em 1526, ou mais tarde. Luiz Ramirez passou por lá antes da chegada de Jacques e encontrou uma feitoria. Aonde a necessidade de ser essa fundada por Jacques?

Aonde se encontra mesmo a prova de que a feitoria real, referida por Luiz Ramirez, seja ou estivesse no mesmo logar daquella onde Jacques fez centro da sua administração e onde Antonio Ribeiro officiou em 1528?

* * *

Aquillo que da viagem de Caboto se prende com a estada de Jacques no Rio da Prata é perfeitamente harmonisavel com a viagem official de 1526.

Caboto achou Puerto no Rio da Prata, em abril de 1527, e soube por elle que Jacques tinha estado alli e promettera voltar. Exactamente. Jacques sahira de Lisboa em 1526, antes ou depois de julho; correra a costa de norte para sul, como era sua instrucção; chegára ao Rio da Prata, onde esteve com Puerto, e voltára ao longo da costa, promettendo a Puerto que voltaria alli. Um anno, mais ou menos, para isto, é demasiado tempo.

As razões citadas, para afastar esta explicação, não têm valor. O estado do tempo é relativo; podia ser contrario para Caboto, em Pernambuco, e de

feição para Jacques na sua rota ; o desencontro das esquadras, naturalissimo, principalmente no rio, desde que lá estiveram em tempos diversos, Jacques antes de Caboto.

O tom em que Puerto se refere á esquadra indica, justamente que ella lá tinha estado de fresco. «Fulano esteve aqui e prometteu voltar »; isto não póde intercallar seis ou mais annos, como seria preciso ao autor da *Memoria*.

Quanto á ligação de Jacques com Ramirez, em Santa Catharina, é que não passa de uma creação.

Em Outubro de 1526, Caboto soube, da bocca de Ramirez, que este estivera no rio de Solis, por lingua de uma armada de Portugal.

Aonde a obrigação de ser essa armada a de Jacques ? E' um facto totalmente estranho á questão.

INDICE

Pags.

INTRODUCÇÃO

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

APPENDICE

17°
5'
13'
41°10'